

UM EDIFÍCIO DEVOLVIDO À CIDADE

PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NO ANTIGO HOSPITAL MILITAR DE BELÉM

Maria Azevedo Mendes Horák

Projeto final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura com especialização em interiores e reabilitação do edificado

Orientação científica:

Professor Doutor José Maria Lobo de Carvalho

Professor Doutor Nuno Miguel Arenga Reis

Júri:

Presidente: Doutor(a) Maria Dulce Costa de Campos Loução

Vogal: Doutor Nuno Miguel Gomes Arenga da Cruz Reis

Vogal: Doutor António José Damas da Costa Lobato dos Santos

Documento Definitivo

Janeiro de 2023



RESUMO

O presente Projeto Final de Mestrado consiste no desenvolvimento de uma proposta de intervenção para o antigo Hospital Militar de Belém, inserido numa antiga zona histórica da cidade de Lisboa, a Ajuda.

Como ponto de partida, a área de intervenção contempla um edifício notável, o antigo Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, de origem setecentista e que hoje apresenta significativo valor histórico e patrimonial, associado ao seu carácter tipológico original e enquanto lugar de memória. A sua expressão ambiciona preservar a essência conventual, não se tratando apenas de olhar para o futuro, mas igualmente refletir acerca da ideia de que «o edifício não terá chegado a ser o que queria ser».

A presente proposta estrutura um conjunto de estratégias que visam permeabilizar e reenquadrar a área de intervenção no território urbano envolvente da Ajuda e reabilitar um espaço público pertencente à cidade e desvanecido pelo tempo.

É sobretudo a cumplicidade entre a intemporalidade do edifício e a adaptação a novas funcionalidades que o tornam um lugar apelativo para o desenvolvimento de um conteúdo programático multifuncional e cultural (Centro de Artes Criativas), que o tornará um lugar integrador da cidade e das suas vivências.

Perante as questões e objetivos propostos, pretende-se fazer uma investigação acerca dos conteúdos teóricos que visa adquirir conhecimento e satisfazer as exigências ligadas aos princípios de intervenção e defesa do património construído.

PALAVRAS-CHAVE | Convento, Boa Hora, Memória, Património, Reabilitação

ABSTRACT

This Final Master Project consists of developing an intervention proposal for the old Hospital Militar de Belém located in one of the oldest areas of the city of Lisbon, Ajuda.

As a starting point, the intervention area contemplates a remarkable building, the former Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, which today presents heritage values associated with its original typological character and as a place of memory. Its expression aims at preserving the conventual essence, not only looking to the future, but also reflecting on the idea that "the building will not have become what it wanted to be".

The present proposal structures a set of strategies that aim to permeabilize and reframe the area of intervention in Ajuda territory and to rehabilitate a public space belonging to the city and faded by time.

It is above all the complicity between the timelessness of the building and the adaptation to new functionalities that make it an appealing place for the development of a multifunctional and cultural programmatic content (Creative Arts Centre), which will make it an integrating place of the city and its experiences.

In view of the proposed questions and objectives, it is intended to make an investigation about the theoretical contents that aim to acquire knowledge and satisfy the demands related to the principles of intervention and defense of the built heritage.

KEYWORDS | Convent, Boa Hora, Memory, Heritage, Rehabilitation

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores, professor Nuno Arenga e professor José Maria Lobo de Carvalho agradeço o acompanhamento e entrega ao longo do desenvolvimento do meu projeto final de mestrado.

À minha família, por fazer sentir presente o espírito de família e por transmitirem valores éticos que conduziram ao meu conhecimento pessoal e profissional.

Aos meus amigos e ao Pedro, pelo afeto e compreensão e por ambicionarem o meu percurso académico, para me tornar arquiteta.

Ao professor António Lobato dos Santos pela disponibilidade nas mais variadas matérias que contribuíram para o aprofundamento do trabalho.

ÍNDICE

RESUMO	IV
ABSTRACT	V
AGRADECIMENTOS	VI
01 INTRODUÇÃO	1
1.1 Enquadramento e Motivações	3
1.2 Objetivos	4
1.3 Metodologia	5
1.4 Estrutura	6
02 O TERRITÓRIO DA AJUDA	10
2.1 Enquadramento da História Urbana	10
2.2 Situação atual da Freguesia	13
2.3 Contexto Social	15
03 CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA BOA HORA	19
3.1 Localização e História do Lugar	19
3.2. Identificação do Conjunto	22
3.3 Caracterização do Edifício	23
3.3.1 Análise Tipológica	26
3.3.1.1 Tipologia Conventual	26
3.3.1.2 Tipologia Hospitalar	28
3.4 Condição Atual	29
3.4.1 Estado de Conservação do edifício	29
3.5 Teoria de Valor	33
04 ENQUADRAMENTO TEMÁTICO	38
4.1 Critérios de Conservação e Reabilitação	38
4.2 A Reintegração no espaço público	40

4.3	Relações do Programa no local	43
4.4	Noções de Pátio e Claustro	45
4.5	Casos de Referência	48
4.5.1	El Hospital de San Sebastián	48
4.5.2	Museu Internacional de Escultura Contemporânea	50
4.5.3	Recuperação Urbana no Bairro do Chiado	52
05	 NOVO CENTRO DE ARTES DA BOA HORA	55
5.1	Estratégia interventiva na pré-existência	55
5.1.1	Programa Funcional.....	57
5.1.2	Encontros e Circulações.....	60
5.1.3	O Pátio.....	63
5.1.4	Ambientes do Programa	64
5.2	Estratégia Urbana	67
5.2.1	Permeabilidades.....	70
5.2.2	Vivências do Espaço Público.....	74
5.2.2.1	Novo volume do Auditório.....	74
5.2.2.2	Edifício residencial para estudantes.....	76
06	 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	85
	ANEXOS	89

ÍNDICE DE FIGURAS

Imagens das capas:

Ilustração da porta principal do Hospital Militar de Belém, Autora 2022 | I

Vista do rio Tejo sobre a Ajuda, Autora 2022 | p.9

Hospital Militar de Belém, Autora 2022 | p.18

1. A Ermita de Nossa Senhora da Ajuda, 1587 | p.10

Fonte: <https://www.jf-ajuda.pt/freguesia/parouquia/1> | Consultado a 15.05.2022

2. Pormenor da Real Barraca no cimo da colina da Ajuda, 1763 | p.10

Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal | Consultado a 25.09.2022

3. Fachada principal do Palácio Nacional da Ajuda, 2019 | p.11

Fonte: DGPC | Consultado a 09.09.2022

4. Calçada do Mirante à Ajuda, 1939 | p.12

Fonte: Atas Colóquio | Consultado a 27.09.2022

5. Imagem aérea da freguesia da Ajuda, 2022 | p.14

Fonte: Google earth, realizado pela Autora

6. Chafariz da Boa Hora, 1966 | p.15

Fonte: Atas Colóquio, autor: Augusto de Jesus Fernandes | Consultado a 27.09.2022

7. Cartografia histórica de Lisboa, 1807, Duarte Fava | p.19

Fonte: Lisboa interativa, Câmara Municipal de Lisboa | Consultado a 06.12.2022

8. Cartografia histórica de Lisboa, 1812, Duque Wellington | p.19

Fonte: Lisboa interativa, Câmara Municipal de Lisboa | Consultado a 06.12.2022

9. Cartografia histórica de Lisboa, 1911, Silva Pinto | p.19

Fonte: Lisboa interativa, Câmara Municipal de Lisboa | Consultado a 06.12.2022

10. Cartografia histórica de Lisboa, 1950 | p.20

Fonte: Lisboa interativa, Câmara Municipal de Lisboa | Consultado a 06.12.2022

11. Cartografia histórica de Lisboa, 1970 | p.20

Fonte: Lisboa interativa, Câmara Municipal de Lisboa | Consultado a 06.12.2022

12. Cartografia histórica de Lisboa, 1987 | p.20

Fonte: Lisboa interativa, Câmara Municipal de Lisboa | Consultado a 06.12.2022

13. Linha cronológica da vida útil do edifício do Hospital Militar de Belém, 2022 | p.21

Fonte: realizado pela Autora

14. Identificação da parcela correspondente à área de intervenção, 2022 | p.22

Fonte: Google earth, realizado pela Autora

15. Piso térreo do edifício | cota 42.85 | p.24

Fonte: realizado pela Autora

16. Piso 1 do edifício | cotas 46.10 e 46.40 | p.24

Fonte: realizado pela Autora

17. Piso 2 do edifício | cota 50.70 | p.24

Fonte: realizado pela Autora

18. Esquema cronológico das plantas históricas e respetivas tipologias, 1852-2022 | p.25

Fonte: realizado pela Autora

19. Esquema das circulações no interior, piso 1, 2022 | p.26

Fonte: realizado pela Autora

20. Esquema das circulações no interior, piso 2, 2022 | p.26

Fonte: realizado pela Autora

21. Primeira representação conhecida da fachada do antigo Convento, 1833 | p.27

Fonte: *Monumentos Sacros*, Luiz Gonzaga Pereira, 1833 | Consultado a 15.05.2022

22. Alterações na fachada do Hospital Militar de Belém, 2022 | p.27

Fonte: realizado pela Autora

23. Porta de acesso na ala sul, ao Hospital Militar de Belém, 2019 | p.28

Fonte: Fotografia tirada por antigos alunos

24. Paineis de azulejos na entrada sul do Hospital Militar de Belém, 2019 | p.28

Fonte: Fotografia tirada por antigos alunos

25. Vista do Pátio, 2019 | p.29

Fonte: Fotografia tirada por antigos alunos

26. Portão junto às habitações já existentes, 2022 | p.29

Fonte: Fotografia tirada pela Autora

27. Anomalias da fachada principal do edifício, 2022 | p.29
Fonte: Fotografia tirada pela Autora
28. Plantas da Ala Norte - piso térreo, 1 e 2, 2022 | p.30
Fonte: realizado pela Autora
29. Ala Norte – Compartimento N3.1, 2019 | p.30
Fonte: Fotografia tirada por antigos alunos
30. Ala Norte – Compartimento N2.1, 2019 | p.30
Fonte: Fotografia tirada por antigos alunos
31. Ala Norte – Compartimento N1.1, 2019 | p.30
Fonte: Fotografia tirada por antigos alunos
32. Plantas da Ala Este – Piso térreo, 1 e 2, 2022 | p.31
Fonte: Fotografia tirada por antigos alunos
33. Ala Este – Compartimento E1.2, 2019 | p.31
Fonte: Fotografia tirada por antigos alunos
34. Ala Este – Compartimento E2.1, 2019 | p.31
Fonte: Fotografia tirada por antigos alunos
35. Ala Este – Compartimento E3.1, 2019 | p.31
Fonte: Fotografia tirada por antigos alunos
36. Plantas da Ala Sul – Piso térreo, 1 e 2, 2022 | p.32
Fonte: Fotografia tirada por antigos alunos
37. Ala Sul – Compartimento S2.1, 2019 | p.32
Fonte: Fotografia tirada por antigos alunos
38. Ala Sul – Compartimento S1.1, 2019 | p.32
Fonte: Fotografia tirada por antigos alunos
39. Ala Sul – Compartimento S0.1, 2019 | p.32
Fonte: Fotografia tirada por antigos alunos
40. Exemplo da tabela de classificação para a análise de valores, 2022 | p.33
Fonte: realizado pela Autora
41. Piso térreo, análise de valores, 2022 | p.35
Fonte: realizado pela Autora

42. Piso 1, análise de valores, 2022 | p.35

Fonte: realizado pela Autora

43. Piso 2, análise de valores, 2022 | p.35

Fonte: realizado pela Autora

44. Vista do espaço público, localizada em frente ao Hospital Militar de Belém, 2022 | p.42

Fonte: Fotografia tirada pela autora

45. Formas de contacto visual. *A vida entre edifícios*, Jan Gehl, 2017 | p.42

Fonte: *A vida entre edifícios*, Jan Gehl, 2017 | Consultado a 05.06.2022

46. Tabela comparativa de casos de referência com programas funcionais semelhantes, 2022 | p.44

Fonte: realizado pela Autora

47. Ilustração do pátio do Hospital Militar de Belém, 2022 | p.45

Fonte: realizado pela Autora

48. Planta de casas na cidade de Delos, século II e III a.C. | p.46

Fonte: *La Arquitectura del Patio*, Antón Capitel, 2005 | Consultado a 12.12.2021

49. Planta da casa XXIII, em Priene | p.46

Fonte: *La Arquitectura del Patio*, Antón Capitel, 2005 | Consultado a 12.12.2021

50. Pátio interior (1), 2021 | p.48

Fonte: <https://www.archdaily.cl/cl/983383/recuperacion-del-antiguo-hospital-de-san-sebastian-jose-maria-sanchez-garcia> | Consultado a 20.05.2022

51. Corredor (2), 2021 | p.48

Fonte: <https://www.archdaily.cl/cl/983383/recuperacion-del-antiguo-hospital-de-san-sebastian-jose-maria-sanchez-garcia> | Consultado a 20.05.2022

52. Fachada principal do hospital, 2021 | p.48

Fonte: <https://www.archdaily.cl/cl/983383/recuperacion-del-antiguo-hospital-de-san-sebastian-jose-maria-sanchez-garcia> | Consultado a 20.05.2022

53. Planta e corte com demolições e adições, 2021 | p.49

Fonte: <https://www.archdaily.cl/cl/983383/recuperacion-del-antiguo-hospital-de-san-sebastian-jose-maria-sanchez-garcia> | Consultado a 20.05.2022

54. Planta e corte da proposta, 2021 | p.49

Fonte: <https://www.archdaily.cl/cl/983383/recuperacion-del-antiguo-hospital-de-san-sebastian-jose-maria-sanchez-garcia> | Consultado a 20.05.2022

55. MMAP, entrada para o novo edifício pela rua, 2012 | p.50

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmmap-alvaro-siza-plus-eduardo-souto-de-moura> | Consultado a 15.07.2022

56. MMAP, acesso principal do novo edifício, 2012 | p.50

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmmap-alvaro-siza-plus-eduardo-souto-de-moura> | Consultado a 15.07.2022

57. Museu Municipal Abade Pedrosa, 2012 | p.50

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmmap-alvaro-siza-plus-eduardo-souto-de-moura> | Consultado a 15.07.2022

58. Planta e corte do piso 0 do Museu, 2012 | p.51

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmmap-alvaro-siza-plus-eduardo-souto-de-moura> | Consultado a 15.07.2022

59. Planta e corte do piso -1 do Museu, 2012 | p.51

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/788825/miec-plus-mmmap-alvaro-siza-plus-eduardo-souto-de-moura> | Consultado a 15.07.2022

60. Imagem aérea da intervenção, 2015 | p.52

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/954498/recuperacao-urbana-no-bairro-do-chiado-carlos-castanheira-plus-alvaro-siza-plus-clara-bastai> | Consultado a 20.07.2022

61. Ligação pedonal, 2015 | p.52

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/954498/recuperacao-urbana-no-bairro-do-chiado-carlos-castanheira-plus-alvaro-siza-plus-clara-bastai> | Consultado a 20.07.2022

62. Ligação pedonal, 2015 | p.52

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/954498/recuperacao-urbana-no-bairro-do-chiado-carlos-castanheira-plus-alvaro-siza-plus-clara-bastai> | Consultado a 20.07.2022

63. Plantas da proposta de intervenção, 2015 | p.52

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/954498/recuperacao-urbana-no-bairro-do-chiado-carlos-castanheira-plus-alvaro-siza-plus-clara-bastai> | Consultado a 20.07.2022

64. Piso térreo, vermelhos e amarelos da proposta, 2022 | p.56

Fonte: realizado pela Autora

65. Piso 1, vermelhos e amarelos da proposta, 2022 | p.56

Fonte: realizado pela Autora

66. Piso 2, vermelhos e amarelos da proposta, 2022 | p.56

Fonte: realizado pela Autora

67. Esquema de distribuição funcional, 2022 | p.57

Fonte: realizado pela Autora

68. Axonometria dos usos do programa funcional, 2022 | p.59

Fonte: realizado pela Autora

69. Esquema das circulações no interior propostas, piso 1, 2022 | p.60

Fonte: realizado pela Autora

70. Esquema das circulações no interior propostas, piso 2, 2022 | p.60

Fonte: realizado pela Autora

71. Plantas do piso 1 e 2 dos acessos a norte, vermelhos e amarelos, 2022 | p.61

Fonte: realizado pela Autora

72. Corredor de circulação da ala sul, 2014 | p.61

Fonte: Património Cultural, Lx Conventos | Consultado a 07.04.2022

73. Corredor de circulação da ala norte, 2014 | p.61

Fonte: Património Cultural, Lx Conventos | Consultado a 07.04.2022

74. Ambientes cromáticos dos acessos da ala norte, 2022 | p.62

Fonte: realizado pela Autora

75. Proposta cromática para as salas de exposição temporária e corredor da ala este, 2022 | p.62

Fonte: realizado pela Autora

76. Vista da galeria exterior a norte, 2014 | p.63

Fonte: Fotografia tirada por antigos alunos

77. Corte da galeria exterior, proposta a oeste, 2022 | p.63

Fonte: realizado pela Autora

78. Planta do piso 1, da proposta do pátio, 2022 | p.63

Fonte: realizado pela Autora

79. Biblioteca da Universidade de Aveiro, 2022 | p.64

Fonte: <http://opac.ua.pt/> | Consultado a 09.11.2022

80. Rabi' Artist Studio, 2022 | p.66

Fonte: <https://www.archdaily.com/988759/rabi-artist-studio-studio-bo> |
Consultado a 15.10.2022

81. Hawthorn Studio, 2021 | p.66

Fonte: <https://www.archdaily.com/> | Consultado a 15.10.2022

82. Ambientes cromáticos dos ateliês e oficinas de trabalho, 2022 | p.66

Fonte: realizado pela Autora

83. Princípios de intervenção na proposta urbana, 2022 | p.68

Fonte: realizado pela Autora

84. Planta geral de implantação da intervenção e respetivo contexto urbano envolvente, 2022 | p.69

Fonte: realizado pela Autora

85. Esquema das ligações propostas na envolvente urbana, 2022 | p.70

Fonte: realizado pela Autora

86. Corte da proposta de intervenção, 2022 | p.72

Fonte: realizado pela Autora

87. Planta do piso térreo e piso 1, do novo volume do auditório, 2022 | p.74

Fonte: realizado pela Autora

88. Corte dos acessos no auditório, 2022 | p.75

Fonte: realizado pela Autora

89. Corte dos acessos exteriores ao auditório, 2022 | p.75

Fonte: realizado pela Autora

90. Planta geral do bloco hospitalar, 1963 | p.76

Fonte: GEAMEM | Consultado a 14.02.2022

91. Planta do piso térreo para a residência de estudantes, 2022 | p.77

Fonte: realizado pela Autora

92. Planta do piso 1 para a residência de estudantes, 2022 | p.77

Fonte: realizado pela Autora

93. Plantas do piso térreo, 1 e 2 do novo volume a norte, 2022 | p.78

Fonte: realizado pela Autora

1.1 Enquadramento e Motivações

O Projeto Final de Mestrado desenvolve-se, tirando partido do exercício realizado na unidade curricular de Laboratório de Arquitetura V, no 4º ano do Mestrado Integrado em Arquitetura com Especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado (2019/2020) e procura operar sobre duas narrativas: a reabilitação do antigo Convento de Nossa Senhora da Boa Hora (mais tarde Hospital Militar de Belém) e a requalificação urbana do lugar.

Atualmente, o Convento encontra-se bastante descaracterizado, dado que ao longo de quase dois séculos foi programaticamente reajustado para funcionar como hospital militar, no seguimento da extinção das ordens religiosas em Portugal.

Dar importância ao desenvolvimento destes temas, permitiu aprofundar novos valores arquitetónicos e urbanos, sem cair no erro de desvalorizar o passado.

Na sua génese, a proposta consiste em recuperar a memória tipológica do edifício original, enquanto interlocutor de um período da história da cidade de Lisboa e para o qual o corpo edificado foi construído, e definir um novo programa funcional adaptado às configurações da preexistência.

A estratégia de requalificação do local, nomeadamente no caso do bloco hospitalar de 1972 e na ligação dos vários pontos de encontro, é igualmente discutida, uma vez que confere a este fragmento urbano (onde estão inseridos a igreja, o corpo do convento e o bloco hospitalar), a criação de ambientes interativos no contexto da freguesia da Ajuda, que anteriormente não acontecia, devido à existência da cercal conventual, que fechava esta área. A proposta permite ainda, ao local, desfazer-se da interrupção história e urbana presente face ao contexto e devolver o edifício novamente à cidade.

1.2 Objetivos

O presente trabalho visa uma proposta de reabilitação do antigo Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, entretanto Hospital Militar de Belém, que atualmente se encontra devoluto. A proposta foca-se predominantemente, na ativação do edifício, considerado património histórico e, conseqüentemente em reenquadrar a zona onde se insere no contexto da freguesia da Ajuda.

Assim na concepção do projeto, ao alocar um novo programa – um **Centro de Artes Criativas** inter-relacional e versátil aos espaços e escalas pré-existentes, torna-se possível valorizar e incentivar o interesse da comunidade pela cultura, e simultaneamente salvaguardar a memória do convento. A vertente artística apresentada procura dar voz às novas gerações, através da oferta de zonas de trabalho como ateliês, oficinas e galerias que visam alimentar a carreira de jovens artistas.

Apesar das inúmeras transformações a que o edifício foi sujeito, e que o levaram a um desgaste e descontinuidade extrema, pretende-se desenvolver uma estratégia de intervenção participativa e contemporânea, de forma a transformá-lo num local de encontro de diferentes gerações.

Torna-se igualmente imprescindível, rejuvenescer o espaço envolvente ao Convento, de forma a contribuir para o desenvolvimento da freguesia, ao mesmo tempo que despromove os vazios urbanos e o abandono de antigos edifícios. Dessa forma permite dinamizar e aproximar a população. Nesse sentido, a proposta incide sobre a afluência de novos espaços públicos (comércio, praças, espaços verdes, lazer e convívio) e a definição de um programa voltado para os jovens universitários, no edifício hospitalar dos anos 70, que esteja em concordância com o Centro e seja capaz de dar resposta a uma melhor qualidade de vida dos habitantes e, tornar esta área independente e permeável.

1.3 Metodologia

A metodologia adotada no desenvolvimento do trabalho reparte-se em 3 fases.

A primeira fase, incide maioritariamente sobre a compreensão e estudo do lugar, a partir da recolha e organização de registos fotográficos e documentos históricos. Num primeiro momento, foram realizados levantamentos rigorosos de sobreposição e evolução dos desenhos das plantas desde 1852 a 2022, que visam entender cronologicamente as transformações tipológicas e estruturais que o edifício abarcou. De igual forma, permitiu percorrer e dar a conhecer-se o edifício, uma vez que não foi possível a visita ao edifício, por encontrar-se restringido apenas aos militares.

De seguida, no processo de caracterização do edifício foi realizado um diagnóstico da condição atual, baseado em fotografias, para definir o estado de conservação em que este se encontra. Para a análise do local, foram utilizados estudos sobre as cartografias atuais, realizados anteriormente, no âmbito da unidade curricular de Laboratório de arquitetura VI (2019/2020) e estudos de caracterização socioeconómico e funcional da freguesia, por antigos alunos (Sofia Pinheiro e Margarida Nogueira), que identificassem os usos e o contexto social atual da freguesia da Ajuda.

Na segunda fase, são estudados os princípios teóricos aplicados ao projeto. Nesta fase são identificadas referências de edifícios, que melhor se enquadram no contexto da intervenção e requalificação em património. São também analisados, ao nível do conteúdo programático proposto, casos de referência, que viabilizem um programa funcional adequado a este local.

A terceira fase, centra-se na conceção da proposta de reabilitação do antigo convento e da intervenção urbana. Para este fim, o projeto trabalha nas escalas 1:1000 e 1:500, para a análise urbana e 1:200 no convento e no edifício hospitalar de 1972.

Numa fase avançada, são produzidos desenhos de detalhe construtivo de alguns compartimentos relevantes, à escala 1:50 e 1:20.

1.4 Estrutura

O trabalho organiza-se em 6 capítulos.

O capítulo 1, aborda a introdução do trabalho, a origem e o que motivou à escolha do tema, as condicionantes e dificuldades que surgiram nas várias fases de trabalho.

O capítulo 2, pretende analisar o território da Ajuda, histórica e demograficamente, a situação atual da freguesia e o respetivo contexto social.

O capítulo 3, analisa o Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, a sua natureza tipológica (conventual e hospitalar), a condição atual do edifício e uma proposta de valor cultural.

O capítulo 4, enquadra os princípios de intervenção, bem como os casos de referência de edifícios tipologicamente semelhantes e de exemplos de boas práticas de intervenção no património e reconversão funcional, que foram reconhecidos para o desenvolvimento do trabalho.

O capítulo 5, desenvolve a proposta de intervenção no novo Centro de Artes Criativas da Boa Hora. São abordados os temas do programa funcional, os encontros e circulações no espaço interior, os ambientes e permeabilidades do espaço público envolvente e a importância da praça como lugar de permanência neste local.

O capítulo 6, apresenta as considerações finais juntamente com as referências bibliográficas e anexos.



02 | O TERRITÓRIO DA AJUDA

2.1 Enquadramento da História Urbana

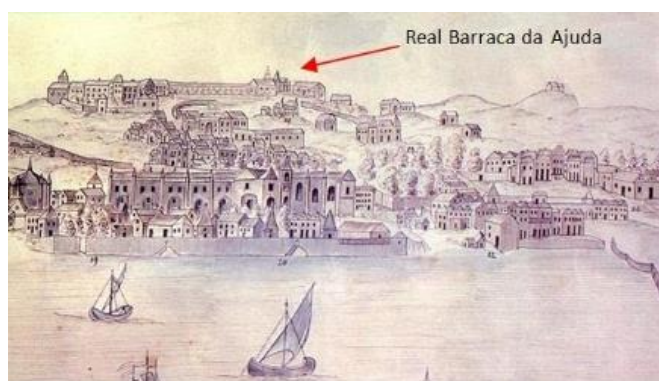
A freguesia da Ajuda localiza-se a ocidente da cidade de Lisboa, limitada pelas zonas de Alcântara (a nascente), Monsanto (a norte) e Belém (a sul, onde entre 1852 e 1885 fez parte do concelho).

Segundo a cartografia histórica de Lisboa, a representação topográfica da cidade estaria apenas assinalada até Alcântara, admitindo haver pouca informação gráfica desta zona. Anteriormente, pertencera ao reguengo de Algés, terrenos agrícolas que compreendiam as zonas entre a ribeira de Alcântara e a Cruz Quebrada. Entretanto estes terrenos terão sido doados e repartidos por D. Dinis, dando origem aos reguengos do Restelo, Monsanto e Alcolena.

A sua ocupação dá-se no século XVI com a presença da Ermida de Nossa Senhora da Ajuda, um lugar de peregrinação e devoção sobre uma imagem encontrada por um pastor numa gruta, construído na interceção do atual Largo da Ajuda com a esquina da Travessa da Ajuda. Esta adoração, ao tomar uma proporção bastante notável, da qual a Rainha D. Catarina, mulher do Rei Dom João III, fazia parte, deu origem à construção da igreja de Nossa Senhora da Ajuda. Com a sucessão de acontecimentos precedentes ao terramoto de 1755, o alto da Ajuda, por ser considerado um local elevado e ter sofrido pouca destruição, adquire relevância ao acolher a corte e conseqüentemente a nobreza, através da construção da Real Barraca (na sequência da destruição do centro da cidade).



1. A Ermita de Nossa Senhora da Ajuda, 1587



2. Pormenor da Real Barraca no cimo da colina da Ajuda, 1763



3. Fachada principal do Palácio Nacional da Ajuda, 2019

A abertura da Calçada da Ajuda foi um dos principais eixos que fortemente contribuiu para o alargamento da Ajuda no século XVIII. Isto deve-se à presença da corte e ao facto de localizar-se num ponto da cidade de baixo risco sísmico, relativamente próximo do centro de Lisboa. Este destaca-se pela variedade de edifícios militares, nomeadamente, o Quartel dos Lanceiros 2 e o Paço Velho da Ajuda (hoje quartel da G.N.R), bem como o jardim botânico e o picadeiro real.

Até ao final do século XVIII, a Ajuda teria um dos polos urbanos mais importantes com um acrescido núcleo populacional que veio trazer vida e dinâmica. Em 1795, a Real Barraca dá lugar ao atual Palácio Nacional da Ajuda (após um incêndio que destruiu o edifício), e no entanto devido às guerras francesas, a família real foi obrigada a fugir para o Brasil, tendo sido apenas ocupado pelo Rei D. Carlos em 1861. Na zona da Ajuda, é cada vez mais notável um crescimento populacional bastante significativo, devido à construção de novos edifícios (de apoio à corte).

No início do século XX, são instaurados vários bairros sociais, a ocidente da freguesia, no seguimento dos programas Casas Económicas em 1933 e Casas para as famílias pobres em 1955 (Atas Colóquio, 2018). Primeiramente o da Boa-Hora e mais tarde do Camarão, do Alto da Ajuda e do Casalinho da Ajuda.

Todos estes aspetos (o crescimento do fluxo populacional, a construção de habitações, a criação e alargamentos de ruas, entre outros), contribuíram para a afluência da freguesia da Ajuda, e para que ficasse marcada como sendo uma área posicionalmente, que dispõe diversos setores e património nacional.



4. Calçada do Mirante à Ajuda, 1939

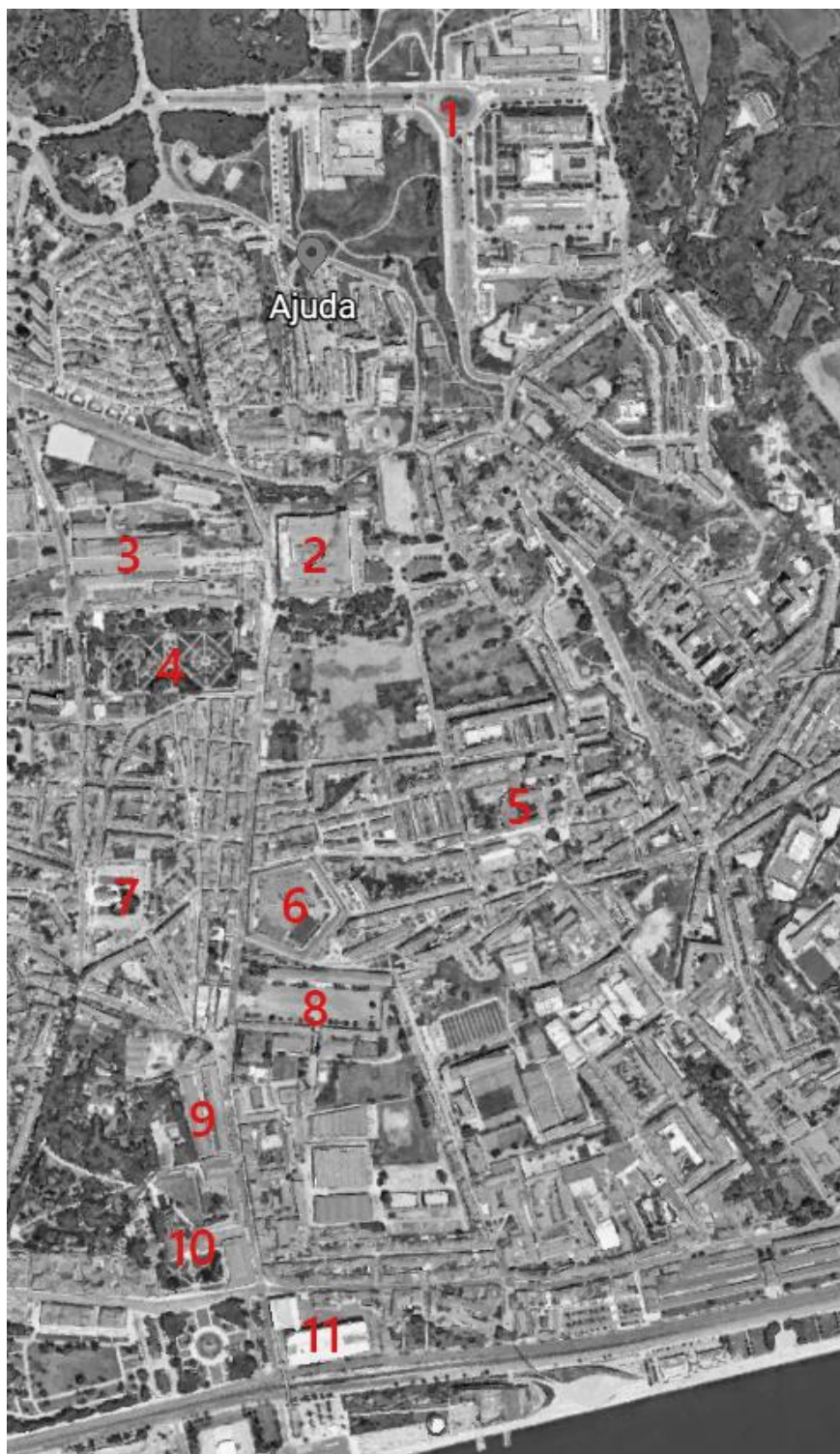
2.2 Situação atual da Freguesia

Na Ajuda está inserida uma parte do património Militar, como ilustra a figura 5, fruto de tantas gerações que por ali passaram. A freguesia oferece vários serviços e atividades que dinamizam e enriquecem o contexto social. A nível cultural, a freguesia dispõe de museus e academias recreativas, no setor da saúde, são oferecidos serviços de farmácia, centros de saúde e hospitais e, na educação, existem instalações que abrangem desde a pré escolar até ao ensino superior (com base na recolha de dados em tabelas realizadas por antigos alunos). São também vários os equipamentos disponíveis de comércio e lazer e, a nível rodoviário, esta área oferece um conjunto de transportes públicos (elétricos e autocarros), que permitem percorrer toda a freguesia e a ligam a outros pontos da cidade.

No entanto, é possível reconhecer que existe uma forte e incoerente degradação urbana no local de estudo, em grande parte por consequência das transformações urbanas (pela ação humana), de vazios urbanos e do abandono e desqualificação dos espaços existentes na freguesia. Isto decorrente do processo construtivo de várias épocas e do impulsionador desenvolvimento populacional no século XVIII, que veio agravar as carências do local, bem como uma descontinuidade dos arruamentos, dos quarteirões e dos espaços exteriores.

Atualmente, os edifícios habitacionais encontram-se desatualizados, com pouco espaço para receber famílias e jovens trabalhadores. Este fator contribui para a de das fachadas e para a deslocação da comunidade para outros pontos da cidade com maior fluxo populacional. A diminuição do comércio é cada vez mais insustentável para os moradores, o que por sua vez prejudica o crescimento desta área.

É necessário revitalizar a freguesia, criar um maior número de espaços públicos, de multiusos, zonas verdes de convívio, uma maior rede de transportes públicos, entre outros. Trata-se de chamar a população mais jovem a habitar este lugar, enaltecido pelo património, variedade de equipamentos e pela proximidade com o centro da cidade.



- 1| Polo Universitário da Ajuda
- 2| Palácio Nacional da Ajuda
- 3| Quartel da GNR
- 4| Jardim Botânico da Ajuda
- 5| Antigo Hospital Militar
- 6| GNR- antigo Forte do Conde de Lippe
- 7| Igreja da Memória
- 8| Regimento de Lanceiros nº2
- 9| Picadeiro Henrique Calado
- 10| Palácio Nacional de Belém
- 11| Museu Nacional dos Coches

5. Imagem aérea da freguesia da Ajuda, 2022



6. Chafariz da Boa Hora, 1966

A freguesia da Ajuda, como foi referido, é uma antiga freguesia da cidade de Lisboa. Atualmente, contém uma área de 2,86km² e uma população que ronda os **16 875 habitantes** (INE, censos 2021).

Segundo o Diagnóstico Social de Lisboa de 2011 (INE, censos 2011), verifica-se que a população residente na Ajuda ocupa um dos valores mais baixos do concelho. Em relação a 2001 observa-se uma perda populacional de 13,22% e um ínfimo crescimento comparativamente a 2021. Consta também que a freguesia contém uma população consideravelmente envelhecida, uma vez que 29% da população está acima dos 65 anos. Este fator identifica uma das problemáticas sociais mais comuns - o crescimento de situações de isolamento e solidão dos idosos.

Relativamente ao nível de escolaridade presente nesta freguesia, 55% da população possui o ensino básico, com uma percentagem acima da média da cidade de 67% e 14% completou o ensino superior. A taxa de analfabetismo ronda os 4,78%, um dos lugares mais altos em relação ao concelho, e o nível de abandono escolar é de 3,36%.



03 | CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA BOA HORA

3.1 Localização e História do Lugar

O Convento de Nossa Senhora da Boa Hora é construído em 1758 na freguesia da Ajuda, numa das terras doadas por D. José e apadroadas por D. Mariana Vitória, para acolher os religiosos do Convento da Boa-Hora de Lisboa. A igreja de Nossa Senhora da Boa Hora, anexada ao Convento, é construída em 1766. Ambos os edifícios são fundados pela Congregação dos Agostinhos Descalços, dependente da Ordem de Santo Agostinho, instituída a 1254 em Itália.

O Convento é um edifício barroco integrado na arquitetura religiosa pombalina de acordo com o plano do arquiteto Eugénio dos Santos. A cartografia de 1807 manifesta a existência de uma cerca que se desenvolve a norte até à Travessa do Guarda-jóias, a nascente até à calçada do Guarda-jóias e a poente até à Rua de Dom Vasco. A norte nota-se a presença de talhões de cultivo de usufruo e sustento próprio do Convento e, a nascente encontram-se um conjunto de casas, que todavia foram modificadas, possivelmente da época do terramoto. Estas são acedidas por um estreito portão no Largo da Boa-Hora.

7. Cartografia histórica de Lisboa, 1807, Duarte Fava

8. Cartografia histórica de Lisboa, 1812, Duque Wellington

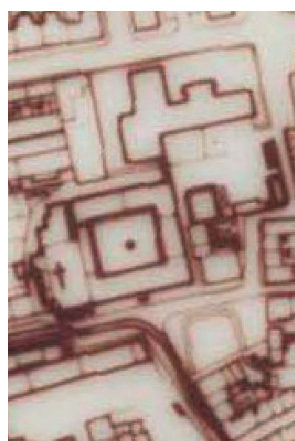
9. Cartografia histórica de Lisboa, 1911, Silva Pinto



Com a extinção de todos os conventos, mosteiros e casas religiosas executada pela Comissão da Reforma Geral do Clero, no âmbito da Reforma Geral Eclesiástica em 1834, o edifício deixa de servir os religiosos.

Permanece inabitado até 1852, quando é adaptado para servir como hospital Regimental da Infantaria nº1, entretanto designado Hospital Militar de Belém. A igreja mantém a sua função de culto, no entanto, vinculada à paróquia da freguesia de Nossa Senhora da Ajuda. A poente da igreja, é arrendando à Fazenda Nacional, o terreno de sequeiro e oliveiras e é aberta uma nova rua, a Travessa de Dom Vasco, que dá frente a dois edifícios de habitação.

Em 1911, a norte do terreno, são construídas 3 enfermarias para doenças infectocontagiosas, que mais tarde são demolidas para dar lugar ao novo hospital e como só é possível observar na cartografia de 1950. Em 1972, é construído o novo hospital que se organiza em 6 pisos, tendo o primeiro piso, na cozinha, ligação ao refeitório do hospital militar e os restantes pisos, serviços de internamento. Os armazéns a poente, que fecham a Travessa Nova de Dom Vasco, terão sido construídos para receber a morgue (armazenamento e preparação dos corpos), com saída (à parte e distante do restante complexo), pela travessa do Guarda-Jóias.

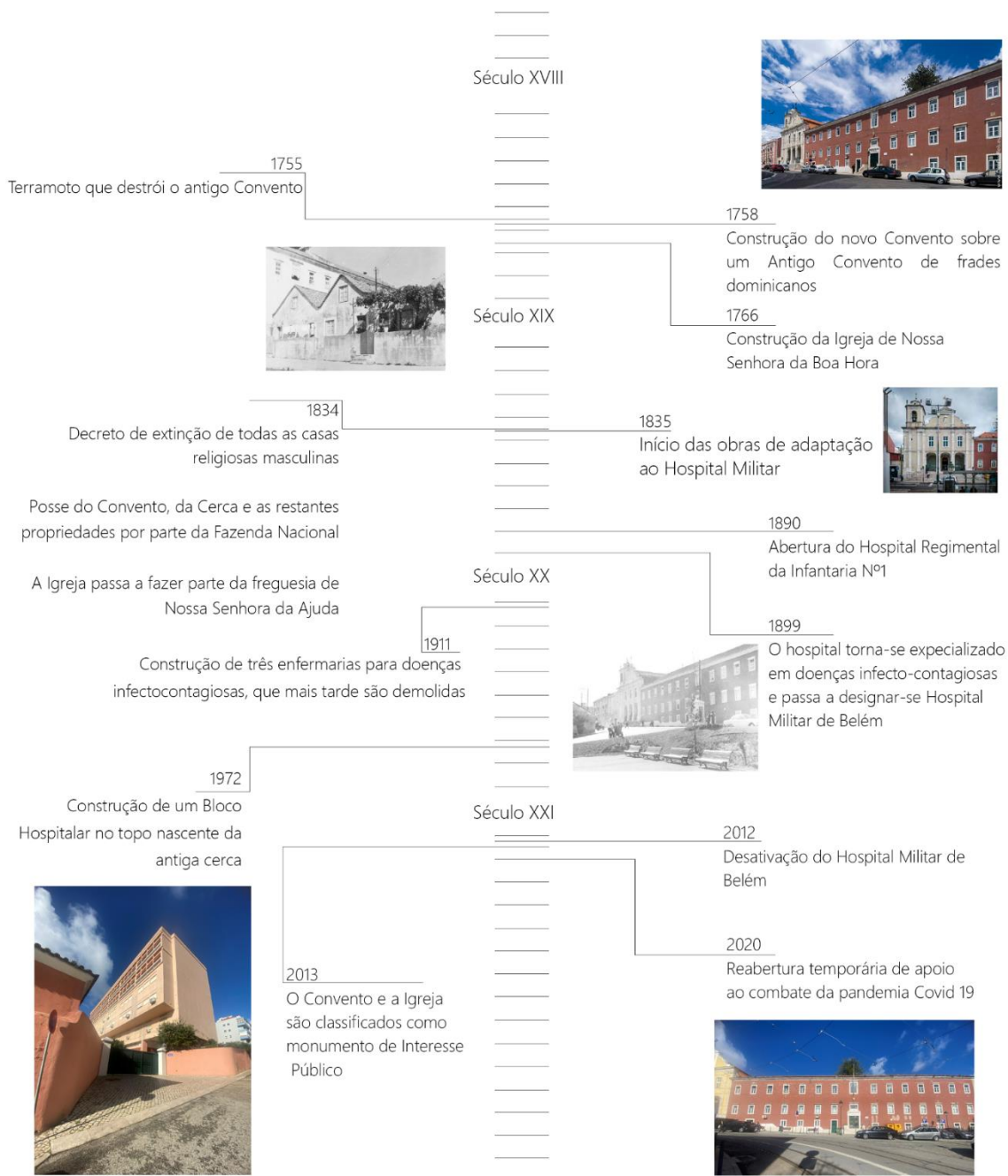


10. Cartografia histórica de Lisboa, 1950

11. Cartografia histórica de Lisboa, 1970

12. Cartografia histórica de Lisboa, 1987

O Hospital é desativado em 2013 e o Convento deixa de reunir condições para se manter em uso. Atualmente está classificado como Monumento de Interesse Público (Portaria nº177/2013, DR, 2.ª série, n.º 67 de 05 abril 2013). Recentemente em 2020 o bloco hospitalar dos anos 70, reabriu parcialmente para apoiar o serviço nacional de saúde no combate à pandemia recebendo doentes covid19.



1 Hospital Militar de Belém, 2014

2 Habitações pré-existentes ao terramoto, 1964

3 Fachada da Igreja de Nossa Senhora da Boa-Hora de Belém, 2014

4 Convento de Nossa Senhora da Boa Hora

5 Entrada para o bloco hospital de 1972

6 Fachada do Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, 2022

13. Linha cronológica da vida útil do edifício do Hospital Militar de Belém, 2022

3.2 Identificação do Conjunto



14. Identificação da parcela correspondente à área de intervenção, 2022

Atualmente a parcela do Hospital Militar de Belém, contempla a delimitação segunda a imagem 14. Esta área caracteriza-se pela presença de inúmeros quarteirões de habitações ao seu redor. O acesso principal ao edifício dá-se pela Travessa da Boa Hora à Ajuda e o acesso ao antigo bloco hospitalar dá-se pela Rua do Guarda-Jóias.

A Igreja de Nossa Senhora da Boa Hora, adjacente ao hospital, demarca o limite poente da área do conjunto edificado. Os acessos são feitos igualmente pela Travessa da Boa Hora à Ajuda, sendo que o acesso secundário acontece através de um portão do lado esquerdo, que dá entrada às traseiras da Igreja e ao restante complexo. O acesso às habitações, a nascente do hospital, acontecem ainda na Travessa da Boa Hora à Ajuda e fecham assim a sul a fachada da cerca.

Os armazéns de apoio com ligação direta e independente para a Travessa do Guarda-Jóias e o bloco hospital, fecham o limite a norte.

3.3 Caracterização do Edifício


Durante os séculos XVIII e XIX, o Convento de Nossa Senhora da Boa Hora desempenha sucessivamente funções de **diferente valor tipológico**: o Convento, o Hospital Regimental da Infantaria nº 1 e o Hospital Militar de Belém. Assim sendo, o edifício é submetido a uma sucessão de adaptações, comprovado pelo facto de apresentar uma diferente organização espacial interior, entre alas.


A fim de compreender a natureza do objeto de estudo, ao longo da sua vida útil, foi elaborada uma análise cronológica e histórica. Partindo do princípio da caracterização do edifício, esta análise pretende **identificar as alterações realizadas no edifício, ao longo dos diferentes usos**. Do mesmo modo, procura enumerar as diferentes morfologias, para assim caracterizar e diferenciar os elementos que fazem parte da tipologia conventual e da tipologia hospitalar.


A seguinte análise, ao longo do desenvolvimento da proposta de reabilitação, permitiu que se estabelecessem normas que respeitassem o edifício e respondessem às suas necessidades no seu estado atual – **adaptar a proposta ao edifício e não, o edifício à proposta**.


A análise é concebida primeiramente, através da vetorização e sobreposição das plantas de 1852, 1895, 1834, 1997 e das atuais de 2013. Seguidamente são realizadas duas abordagens: a primeira, como ilustram as figuras 15,16 e 17, enumera cronologicamente a estrutura original e secundária do edifício, com base numa matriz cromática, e a segunda, como ilustra a figura 18, organiza as plantas por piso, data e tipologia.


LEGENDA:

 1852: presumível estrutura original do edifício pertencente ao antigo convento de 1758;

 1895: a estrutura secundária sofre alterações por parte dos militares. Parte do desenho do edifício começa a aparecer nas plantas;

 1934: enquanto hospital militar, os compartimentos do piso 2 e a galeria na ala este sofrem adaptações;

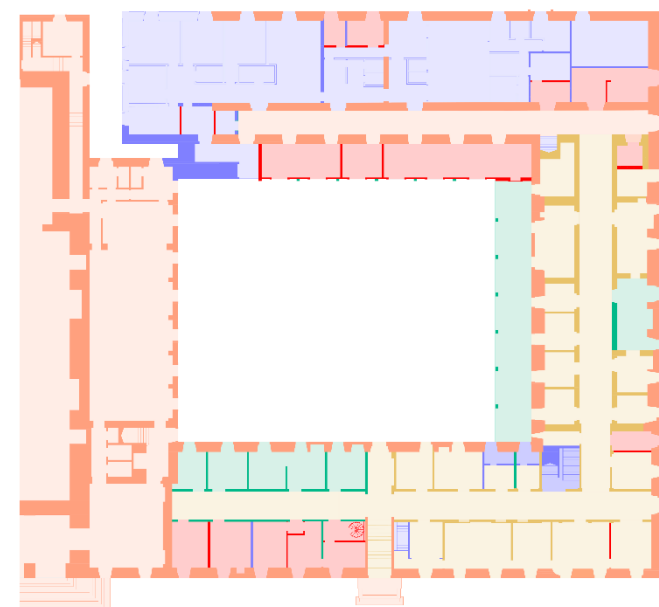
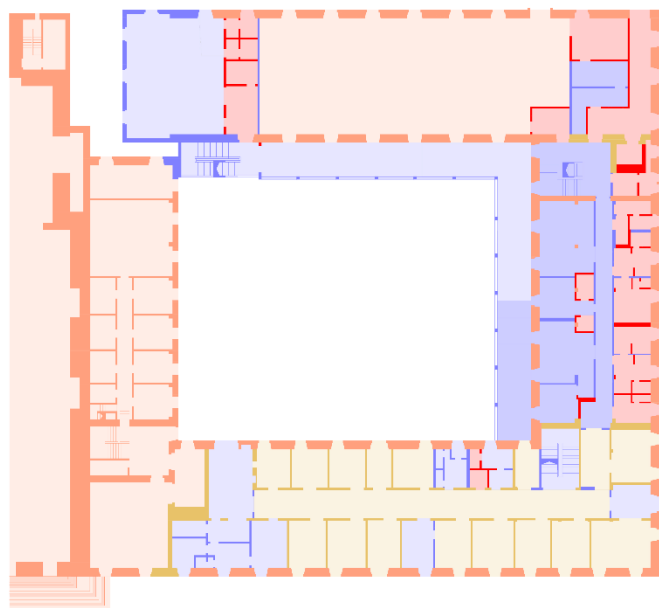
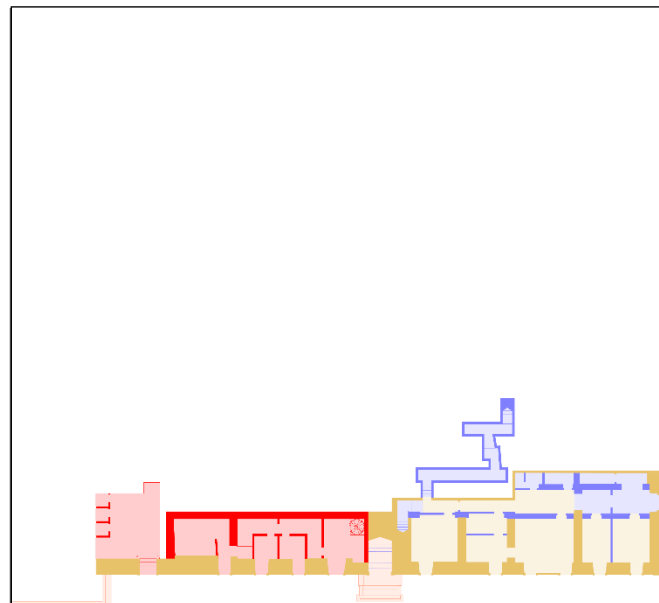
 1997: mantendo a tipologia hospital, o edifício passa por bastantes alterações, com destaque para a ala norte do piso 2 e a ala este no piso 1;

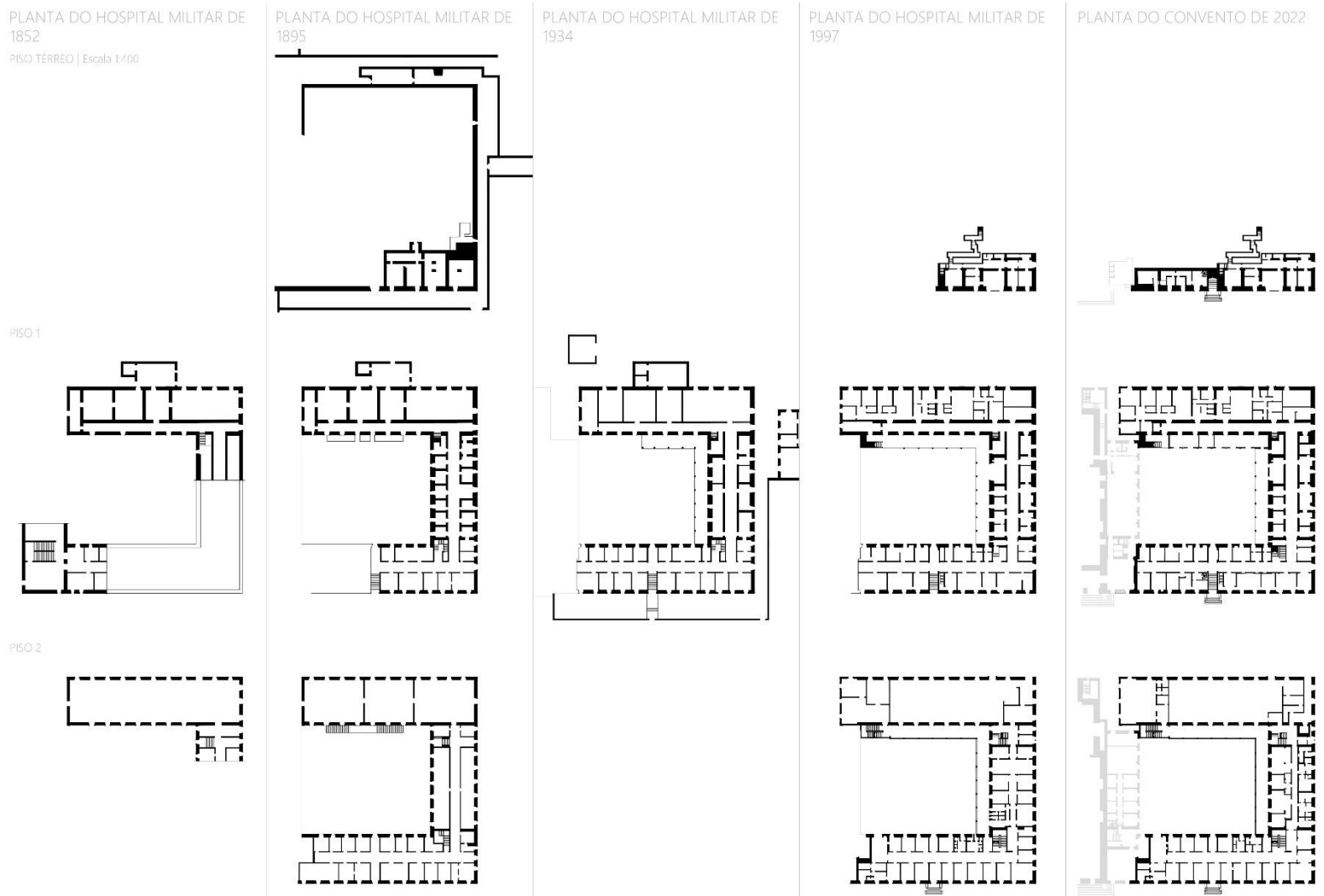
 2022: estado atual da estrutura do edifício hospitalar;

15. Piso térreo do edifício | cota 42.85

16. Piso 1 do edifício | cotas 46.10 e 46.40

17. Piso 2 do edifício | cota 50.70





18. Esquema cronológico das plantas históricas e respetivas tipologias, 1852-2022

Pôde-se concluir que, a ala Norte e a ala Este são as duas zonas mais alteradas na posse dos militares. A ala Sul mantém uma métrica semelhante na organização dos compartimentos, podendo afirmar ter sido a original do convento da Boa Hora. Na ala Este, a intenção de manter o corredor ao eixo torna-se pouco valorizada, uma vez que aos espaços adjacentes, é-lhes dado parte da área de circulação.

O mesmo sucede na ala norte, piso 2 e o corredor desaparece por completo. A galeria exterior é aumentada em área e perde a sua funcionalidade, uma vez que a norte são alocados compartimentos para gabinetes, alguns com acesso ao pátio.

De forma sucinta, esta primeira abordagem possibilita ao edifício dar-se a conhecer e percorrê-lo de uma forma atípica, através da história que contam os elementos e registos históricos. Permite também entender as questões arquitetónicas tomadas noutros tempos e conjugá-las com uma proposta mais contemporânea, consciente e com atenção ao passado.

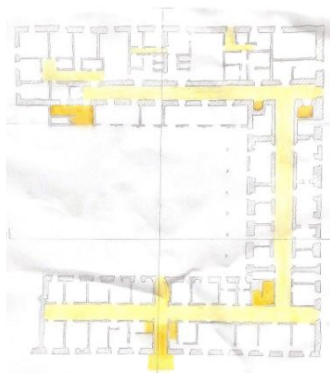
3.3.1 Análise Tipológica

3.3.1.1 Tipologia Conventual

O convento de Nossa Senhora da Boa Hora, ainda que não constem nos registos históricos as plantas originais, assenta numa tipologia conventual: a igreja e o corpo do convento. Para melhor compreender a tipologia do conjunto e fazer uma aproximação às plantas e fachadas de 1758, foi realizada uma investigação sobre antigos conventos do século XVIII (ver anexo B14), pertencentes à ordem de Santo Agostinho, e que identificam os espaços associados a este programa.

O Convento da Boa Hora apresenta uma planta quadrada com três pisos, repartida em três alas retangulares em forma de “U” que são fechadas pelo corpo da igreja e criam um claustro ao centro. As alas nascente e sul compõem-se por compartimentos “tipo cela”, que terão sido os dormitórios dos monges, e a ala norte organiza espaços de maior dimensão, onde estariam localizados o refeitório, a biblioteca, a enfermaria e restantes áreas comuns.

19. Esquema das circulações no interior, piso 1, 2022



20. Esquema das circulações no interior, piso 2, 2022



Os acessos verticais surgem nos extremos norte e sul, junto da fachada interior da ala nascente, através de escadarias e, os corredores de circulação organizam-se ao eixo, à exceção da ala norte. A ala sul é a que melhor mantém a sua estrutura original até à atualidade. As paredes são da época (gaiola pombalina), em alvenaria mista de pedra e madeira, e no corredor são apresentados azulejos figurativos do século XIX¹.

¹ “Espaço de vida para estudantes universitários”, Hannah de Abreu Loio, 2019

A fachada principal encontra-se de frente para a Travessa da Boa Hora à Ajuda e não assemelha à fachada do atual hospital Militar, tendo sofrido alterações, como identifica a figura 21. O corpo do Convento desenvolve-se a nascente da igreja e os vãos organizam-se numa métrica regular. O acesso ao Convento é feito pela porta do lado esquerdo, que também dá acesso à igreja. Em frente, é visível um muro em pedra que delimita o complexo.

O corpo retangular da Igreja distribui-se numa única nave em dois pisos, que dão acesso à capela-mor e o acesso ao exterior é feito através de uma escadaria monumental ao centro. No interior, são destacados os painéis de azulejos da segunda metade do século XVIII - que descrevem passagens da vida de Santo Agostinho.

A cor do convento e da igreja foi, segundo os poucos registos fotográficos conhecidos, alterado, pois as fachadas demonstram um tom claro em relação às cantarias. Mais tarde, foram alteradas para um tom avermelhado.



21. Primeira representação conhecida da fachada do antigo Convento, 1833



22. Alterações na fachada do Hospital Militar de Belém, 2022

3.3.1.2 Tipologia Hospitalar

Com a adaptação para Hospital Regimental de Infantaria nº 1, o edifício é submetido a um conjunto de transformações pouco respeitadoras em relação ao anterior programa conventual.



23. Porta de acesso na ala sul, ao Hospital Militar de Belém, 2019

Segundo a planta de 1895 (José Maria de Vasconcellos e Sá), o edifício apresenta um novo piso térreo, bem como o rasgo de cinco portas, quatro de acesso aos respetivos compartimentos (ver anexo B11) e uma de acesso ao piso 1.

A planta de 1934 (Direção do serviços das obras e propriedades militares do governo militar de Lisboa) legenda a distribuição dos espaços a nível programático, verificando-se não haver uma significativa alteração aos compartimentos a sul e a nascente, dividindo o piso 1 em espaços de apoio a médicos e funcionários e o piso 2 em espaços dedicados ao internamento de pacientes.

Na ala norte é onde se dá a maior modificação a nível tipológico e estrutural, o telhado é aumentado em relação ao restante edifício e são aqui alocadas enfermarias e salas de assistência. Na posse dos militares acrescentado o piso 3, através de uma estrutura em betão assente na existente. A entrada para o Hospital passa a ser feita a nascente, uma vez que, a sul, a ala estaria destinada a serviços administrativas.



24. Painel de azulejos na entrada sul do Hospital Militar de Belém, 2019

A presença de uma exuberante araucária no centro do pátio consta no desenho da fachada principal de 1953, da mesma forma que é parcialmente visível na cartografia de Filipe Folque (1856-58) e de Silva Pinto (1911). Constata-se, segundo uma estimativa da idade a partir do diâmetro do tronco à altura do peito, que a araucária terá entre 140 e 180 anos, ou seja, terá sido plantada entre 1890 e 1950.

Inevitavelmente a fachada principal segue o mesmo rumo e sofre algumas alterações. Na figura 22, apresenta-se um estudo tipológico dos vãos acrescentados (vermelho) e alterados/demolidos (amarelo) no edifício ao longo da sua vida útil e que é analisado para a proposta de desenho das fachadas.

3.4 Condição Atual

3.4.1 Estado de Conservação do edifício

Uma vez que não foi possível realizar uma visita ao interior do Convento, a análise do estado de conservação atual do edifício é elaborada com base nos trabalhos de antigos alunos (Sofia Pinheiro e Carolina Barreira), na unidade curricular de Laboratório de arquitetura VI (2019/2020) e nos respetivos levantamentos fotográficos disponibilizados. Encontrando-se devoluto, o edifício apresenta indícios de adulteração e desgaste decorrentes do seu “abandono”. A seguinte análise (primeiramente exterior e seguidamente interior) pretende reconhecer o estado em que se encontra e identificar as fragilidades e potencialidades que edifício poderá vir a abraçar.

O Convento apresenta um estado de conservação razoável. As fachadas apresentam um bom estado de conservação, é identificado essencialmente desgaste da cor original, nomeadamente na fachada principal, onde se nota também o aparecimento de machas escuras e eflorescências junto aos vãos e às cantarias. Os vãos encontram-se num estado razoável, tendo as caixilharias de madeira alguma deterioração.

O telhado demonstra estar num estado de conservação razoável, apresentado alguma sujidade, desgaste e telhas partidas, devido às ações naturais a que está exposto. A fissuração é anomalia estrutural igualmente visível, derivada das cargas verificadas no acréscimo do piso 3, que, por sua vez, geraram um aumento das cargas nas fundações e um enfraquecimento do convento. O pátio, como se observa na figura 26, não apresenta sinais de pavimento, a não ser na galeria de circulação exterior.

A presença de um aglomerado de vegetação interfere com restante complexo, na medida em que incentiva ao crescimento de vegetação e colonização biológica.



26. Portão junto às habitações já existentes, 2022



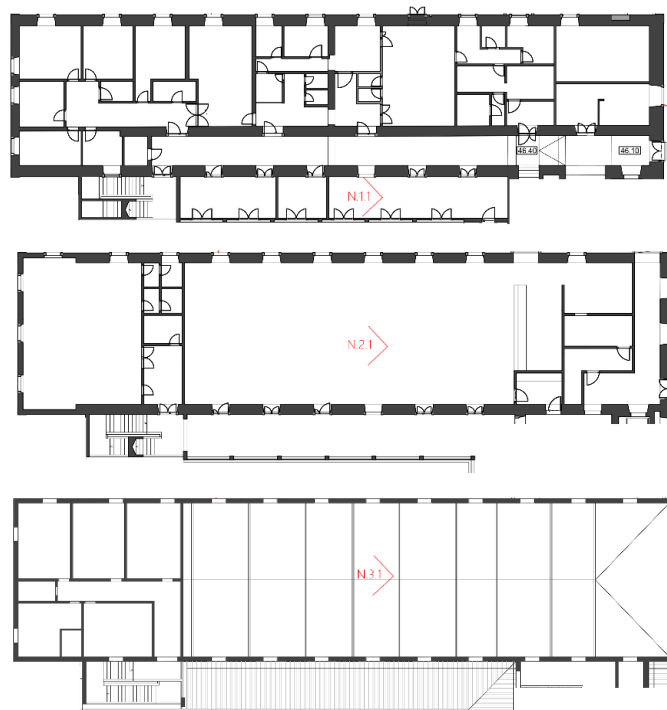
27. Vista do Pátio, 2019



25. Anomalias da fachada principal do edifício, 2022

Ala Norte

A ala norte, na sua organização espacial, não é compartimentada e terá sofrido bastantes alterações. Enquanto hospital, é desenvolvido um terceiro piso com paredes de betão armado sobre a estrutura de madeira da cobertura no piso 1, já existente. Como ilustra a imagem 29, a estrutura da cobertura de madeira encontra-se à vista, existem sinais de tetos falsos em estanque, com os seus pendurais em crina de cavalo, que foram mais tarde demolidos para reduzir a carga presente na laje. Não apresenta um mau estado de conservação, as anomalias presentes nesta ala são maioritariamente superficiais (envelhecimento dos materiais) derivadas da ausência de manutenção.



28. Plantas da Ala Norte - piso térreo, 1 e 2, 2022



29. Ala Norte – Compartimento N3.1,
2019

30. Ala Norte – Compartimento N2.1,
2019

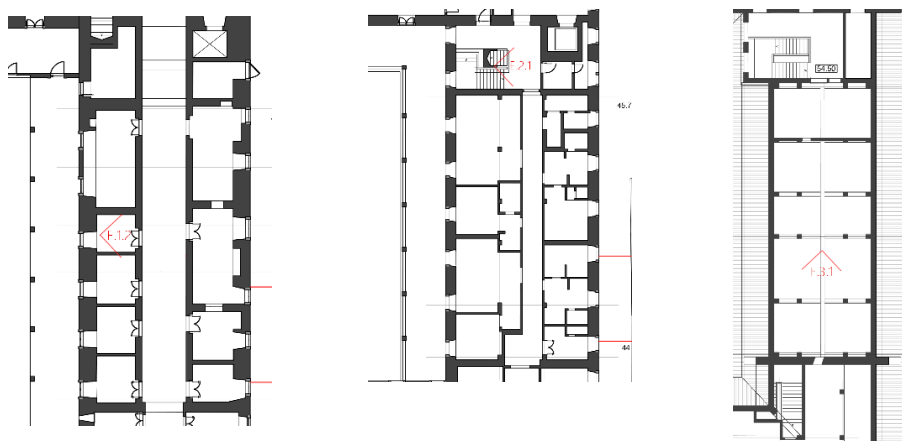
31. Ala Norte –
Compartimento N1.1,
2019

Ala Este

A ala este foi bastante alterada. É introduzida uma estrutura em betão armado, são destruídas paredes interiores e acrescentadas paredes divisórias. A galeria de circulação ao eixo no piso 2 é comprimida para dar espaço aos compartimentos, perdendo assim o seu valor tipológico.

Relativamente ao estado de conservação desta ala, notam-se algumas anomalias, com destaque aos vãos interiores, no qual as cantarias demonstram apresentar fendas e as carpintarias, alguns rasgos nas madeiras e desgaste da cor.

A galeria de circulação no exterior, apresenta fissuras nos pavimentos e o aparecimento de colonizações biológicas derivadas da vegetação. Nas paredes interiores, alguns azulejos estão em falta. No cimo dos tetos verificam-se manchas escuras de humidade e destacamento da tinta branca.



32. Plantas da Ala Este – Piso térreo, 1 e 2, 2022



33. Ala Este – Compartimento E1.2, 2019
34. Ala Este – Compartimento E2.1, 2019
35. Ala Este – Compartimento E3.1, 2019

Ala Sul

Na ala sul, a estrutura original é praticamente mantida, tendo sido reforçadas as paredes interiores, em frontal, com betão armado. Segundo as figuras 37 e 39, é visível o desgaste e mau estado dos revestimentos desta ala.

Na maioria desta ala, os tetos e as paredes apresentam destacamento da tinta, fissuras e a acumulação de manchas escuras como consequência de eflorescências e humidade. As madeiras presentes nos revestimentos e nas portadas encontram-se descascadas e o acesso vertical, como mostra a figura 37, esta praticamente inacabada.



36. Plantas da Ala Sul – Piso térreo, 1 e 2, 2022



37. Ala Sul – Compartimento S2.1, 2019

38. Ala Sul – Compartimento S1.1, 2019

39. Ala Sul –
Compartimento S0.1,
2019

3.5 Teoria de Valor

Como ponto de partida, numa fase de aferição do processo de intervenção no edifício histórico, é realizada **uma análise de valores (histórico, tipológico e decorativo**, com base numa análise de valor da autoria do Professor José Maria Lobo de Carvalho), sobre as plantas atuais, **com base em cinco níveis de classificação**. São eles: sem valor, valor reduzido, com interesse, importante e muito importante (ver anexo B13 - tabelas).

Os níveis **sem valor e valor reduzido** representados pela cor bege e cor de laranja, traduzem elementos sem interesse e que podem ser substituídos. Estes elementos podem ser condicionantes na leitura histórica do objeto e podem provocar danos à estabilidade do edifício.

Com interesse são elementos que apresentam valor, mas que devem ser substituídos ou reenquadrados para assegurarem o seu lugar qualitativo no processo de reabilitação.

Os níveis **importante e muito importante** compreendem elementos de índole patrimonial, identitários e exemplares da tipologia, morfologia, processos construtivos, materiais, revestimentos, ou elementos arquitetónicos que, pelo seu valor, devem ser preservados.

TABELA DE CLASSIFICAÇÃO	VALOR	COMPARTIMENTO																OBSERVAÇÕES	
		Piso Térreo																	
	Histórico	0.1	0.2	0.3	0.4	0.5	0.6	0.7	0.8	0.9	0.10	0.11	0.12	0.13	0.14	0.15	0.16		0.17
	Convento																		
	Hospital Regimental Inf. Nº1																		
	Hospital Militar de Belém																		
	Tipológico																		
	Estrutura Principal																		
	Estrutura Secundária																		
	Estrutura do Pátio																		
	Estrutura Corredores Circ.																		
	Acessos Verticais																		
	Cobertura																		
	Decorativo																		
	Paredes																		
	Pavimentos																		
	Tetos																		
	Vãos - Portas																		
	Vãos - Janelas																		
	TOTAL																		

TABELA DE CLASSIFICAÇÃO	
0 - 10	Elementos que comprometam a leitura identitária e histórica do conjunto. Estes elementos devem ser demolidos/substituídos.
11 - 20	Elementos sem valor Patrimonial, material ou estético. Podem ser demolidos ou substituídos.
21 - 30	Elementos com valor estético, material ou construtivo, mas que necessitam de outro enquadramento. Podem ser removidos, substituídos ou reenquadrados.
31 - 40	Elementos considerados de índole patrimonial. Devem ser preservados na sua situação atual.

TABELA DE CLASSIFICAÇÃO	
1. Sem valor	
2. Valor reduzido	
3. Com interesse	
4. Importante	
5. Muito importante	

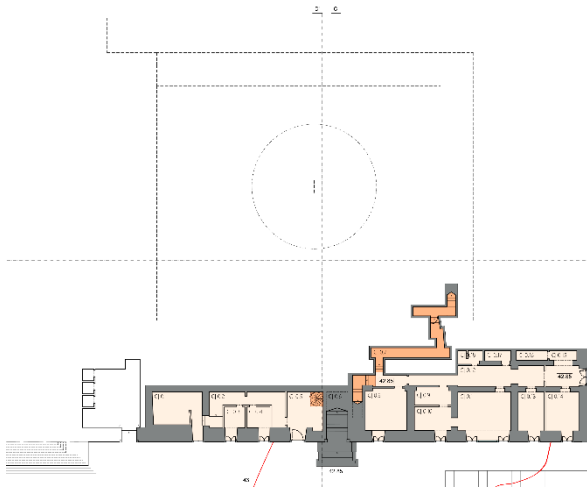
40. Exemplo da tabela de classificação para a análise de valores, 2022

Relativamente aos valores analisados, o valor **histórico** considera as três funções que o edifício serviu e, os valores **tipológico** e **decorativo** abordam os elementos estruturantes e decorativos do edifício, destacando a estrutura principal (original do convento) e a estrutura secundária (entretanto adicionada) que têm efetivamente maior relevância.

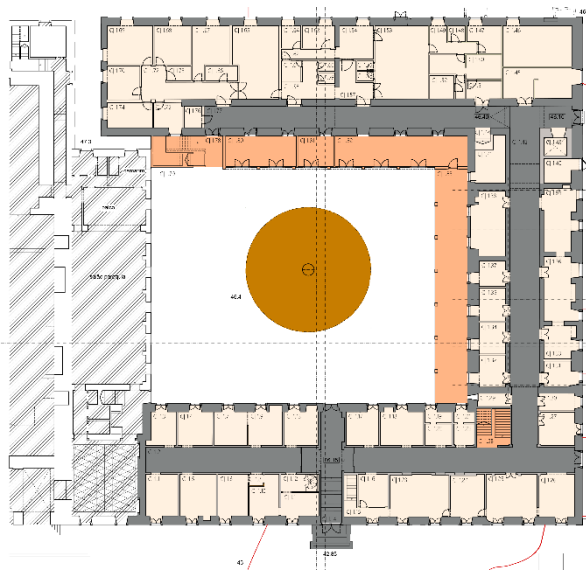
A soma dos três valores em cima referidos identifica o nível de importância de cada compartimento, através de uma escala numérica de 0 a 40, em que 0 são zonas que podem ser alteradas/removidas e 40 são zonas do edifício que têm maior valia e, por isso devem ser preservados.

Pôde-se concluir, segundo as figuras abaixo, que nos três pisos **toda a estrutura principal do edifício, assim como a estrutura secundária**, que define os corredores de circulação, **devem ser mantidas**. O piso térreo, não tem valor histórico que justifique a sua preservação, uma vez que apresenta graves problemas de conservação por falta de manutenção. O piso 3 segue o mesmo rumo, uma vez que foi imposto pelos militares sem olhar para a organização espacial pré-existente.

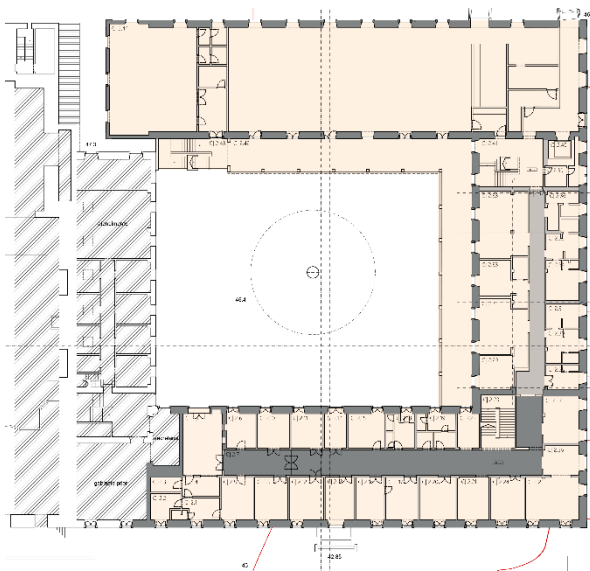
É de salientar ainda, que o edifício enquanto convento, com base na análise de valor e, independentemente das inúmeras intervenções que posteriormente suprimiram o edifício da sua tipologia original, apresenta um **valor arquitetónico e histórico intemporal**, que não deve ser ignorado (independentemente da função ou da época a que está sujeito).



41. Piso térreo, análise de valores, 2022



42. Piso 1, análise de valores, 2022



43. Piso 2, análise de valores, 2022

LEGENDA:

- Sem valor
- Valor reduzido
- Com interesse
- Importante
- Muito importante

04 | ENQUADRAMENTO TEMÁTICO

4.1 Critérios de Conservação e Reabilitação

Os termos «conservar» e «reabilitar» são entendidos como ferramenta-chave no desenvolvimento do trabalho, na medida em que o objeto de estudo faz parte de uma herança deixada e marcada pela história e por isso deve ser conservada. As práticas de conservação, restauro e reabilitação procuram estabelecer princípios que preservem o sentido de memória do lugar e que sejam capazes de traçar um diálogo coerente no *processo de desenhar e projetar com o, e no, património*². Como tal, terá sido relevante perceber a natureza de conservar e restaurar edifícios históricos, bem como o seu processo evolutivo até à atualidade.

Conservar ou reaproveitar templos é pouco admitido nas civilizações antigas e quando o é, é mais benéfico numa primeira instância, destruí-los. Qualquer edifício desempenha uma função até que a sua condição o permita. Quando o inverso acontece este é demolido e substituído por algo mais útil para a comunidade.

Com o Renascimento, o restauro assume uma nova postura, especialmente na cidade de Roma. Encarada como *um museu urbano, vivo, numa fonte de inspiração*³, uma vez que apresenta vestígios de monumentos clássicos da antiguidade, a cidade consciencializa-se para a proteção e conservação dos valores dos seus edifícios históricos. É uma época que procura trazer uma visão mais contemporânea tanto à salvaguarda como à construção de edifícios.

Com a revolução francesa, é introduzido o termo «monumentos históricos» por Aubin-Louis Millin. Este intercede pela preservação dos valores históricos do estado, no seguimento da intenção de destruir basílicas e antigas igrejas com grande valor histórico, para cobrir despesas civis e equipamentos militares.

² *Edificar no Património*, Pedro Vaz, 2019, p.7

³ *Idem*, p.40

No século XIX, segundo uma carta redigida por Montalivet, os monumentos históricos devem ser classificados por grau de importância, o que dá a entender os níveis de conservação e/ou restauro admitidos num edifício. John Ruskin e Viollet-le-Duc, foram dois críticos do século XIX, que defendem teorias opostas sobre a prática de conservação.

Viollet-le-Duc, que defendeu a preservação dos edifícios, tendo estes sido adicionados ou reparados, considera o restauro como uma *«atividade moderna (...) não era apenas manutenção, reparação nem refazer partes caídas (...) era sim estudar, compreender, depreender o objeto que existe (...) conduzi-lo a um estado completo»*⁴.

A conduta de John Ruskin segue uma diretriz diferente. Tendo sido, em Inglaterra, um dos teóricos do século XIX, afasta a restauração como ato de construir, da arquitetura e portanto, qualquer edifício deve manter-se no seu estado mais puro e original, *(...) não temos o direito de lhes tocar seja onde for. Eles não são nossos. Eles pertencem em parte àqueles que os construíram»*⁵.

No século XX, é apresentada a Carta de Atenas (1932) e na qual é estabelecida a doutrina da conservação dos edifícios. Desta carta, destaca-se o respeito pelos valores históricos ou artísticos existentes, a necessidade de manter os edifícios funcionais, garantindo a sua continuidade e, *recomenda respeitar, na construção dos edifícios, o carácter e a fisionomia das cidades, sobretudo na vizinhança dos monumentos antigos, cuja proximidade deve ser objeto de cuidados especiais (Carta de Atenas, 1932).*

A carta de Veneza (1964) terá revelado ser o documento mais impactante na história dos critérios aplicado às disciplinas de conservação e restauro. Cada caso, cada edifício tem uma leitura própria e daí deve ser interpretado de maneira diferente, sem omitir que são monumentos e

⁴ *Edificar no Património*, Pedro Vaz, 2019, p.146

⁵ *Idem*, p.164

merecem não esquecer o seu valor de autenticidade. Ainda hoje muitos destes princípios são válidos e não existe uma única e certa definição de como atuar diante de um monumento ou num simples edifício.

Perante um antigo Convento e Hospital Militar e com base na leitura acima, foi possível entender a importância de ser sensível aos valores que um objeto contém por pertencer ao passado e que não devem ser em qualquer circunstância ignorados e destruídos.

4.2 A Reintegração no espaço público

O ato de reintegrar é um aspeto importante no planeamento e desenho urbano, na medida em que pretende dar a um determinado espaço ou elemento a possibilidade de voltar a fazer parte de um todo, admitindo-lhe uma nova função. No decorrer da presente proposta urbana, com o desvincular da cerca conventual e a abertura do local por via de vários novos percursos, existe a intenção de devolver esta parcela à malha da cidade e aferir-lhe qualidades de um espaço público que promove a interação social.

As oportunidades para encontros e atividades diárias nos espaços públicos de um cidade (...) permitem estar entre, ver e ouvir outros, permitem experienciar as outras pessoas agindo em várias situações⁶. Os espaços públicos fazem parte da estrutura de uma cidade (são vazios expressivos que se destacam na massa construída) e são criados para que as pessoas os possam usufruir, individualmente ou em sociedade. São lugares de encontro e contacto (direto ou indireto), que promovem não só a socialização, como criam um sentido de comunidade.

É entendido por Jan Gehl no livro *A vida entre edifícios*, que a afluência de atividades num espaço exterior, depende da qualidade desse mesmo

⁶ *A vida entre edifícios*, Jan Gehl, 2017, p.15

espaço. Se as condições que um espaço exterior apresenta não o favorecem, a probabilidade das atividades e vivências não existirem é bastante elevada. A maneira como um espaço comum exterior é desenhado (estrutura física), pode interferir ou não como tipo de contacto que é feito (estrutura social). A estrutura física baseia-se na criação de praças, arruamentos, edifícios residenciais ou comerciais e espaços verdes, no qual a estrutura social se vai apoiar e gerar uma dinâmica de interação entre as pessoas.

O sucesso destes espaços públicos dá-se atendendo a um conjunto de elementos, utilizados para criar espaços que sejam funcionais, esteticamente agradáveis e acolhedores para todos. Destacam-se por isso, alguns que procuram influenciar o desenvolvimento dos espaços públicos no presente projeto urbano.

Jan Gehl distingue a importância de reunir ou dispersar acontecimentos e pessoas num espaço. Nem todos os espaços devem levar à reunião de algo. Isto permite haver uma maior e mais equilibrada distribuição de diferentes espaços, ou seja, a existência de espaços mais sossegados, quando não se concentram um grande número de pessoas e de espaços mais amplos, qual a afluência é maior e mais conveniente. Importa mencionar, que a escala espacial com que estes espaços trabalham, define igualmente o tipo experiência e usufruo que as pessoas irão ter.

No projeto, este fator é tido em conta na medida em que, na conceção dos vários patamares que colmatam a variedade entre cotas, são propícios os espaços que levam à dispersão e perda de um sentido que justifique a criação desses mesmos espaços. E por isso, é necessário haver um equilíbrio, que pode ser apoiado, segundo Gehl, pelo desenho dos edifícios e pelas ligações que podem surgir entre ambos (posicionamento das entradas, as frentes de comércio, acessibilidades, vários níveis, entre outros).

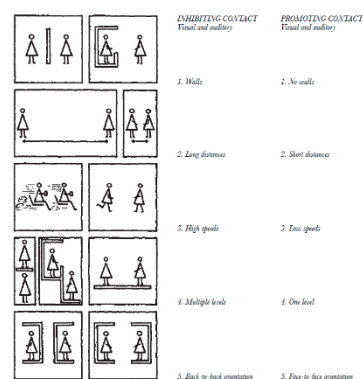
Seguindo a lógica de distribuição de espaços, o tráfego é considerado relevante, pois hierarquiza zonas que abrangem ou não peões, automóveis,

e bicicletas e define o tipo de transições/atividades dentro e fora de um espaço. Abdicar de estradas rodoviárias, em zonas centrais ou que não justificam a sua existência, para dar lugar às ruas pedonais, permite haver mais espaços de permanência e haver maior prática de atividades sociais. Para além disso incentiva ao uso do transporte público, uma alternativa que procura ter mais em conta a gestão de circulação dos espaços e procura integrar-se na vida da cidade.

A presença de espaços que visam passar, parar e permanecer são cruciais para o carácter da vida exterior e para o encontro de diferentes grupos etários num só lugar (...) *realça o quão importante é para os espaços públicos de áreas residenciais que haja não só oportunidades para se andar e se sentar, mas também oportunidades para agir, para fazer coisas, para se envolver em atividades*⁷. Devem ser espaços que tornam acolhedor o seu aproveitamento, que contenham jardins e praças, que as ruas sejam largas e extensas para caminhar livremente (os pavimentos têm influência na forma como as pessoas os percorrem), espaços onde se possa sentar, ler, conversar, observar as vistas, entre outras oportunidades ao ar livre.



44. Vista do espaço público, localizado em frente ao Hospital Militar de Belém, 2022



45. Formas de contacto visual. *A vida entre edifícios*, Jan Gehl, 2017

Os sentidos humanos (olfato, audição e visão) procuram ser também fundamentais no planeamento urbano. Segundo Hall são distinguidos dois

⁷ *A vida entre edifícios*, Jan Gehl, 2017, p.120

grupos de sentidos: os recetores à distância (olhos, ouvidos e nariz) e os recetores imediatos (pele, membranas e músculos)⁸.

Os recetores à distância tem maior relevância com as situações que acontecem no projeto. Relacionam-se com o campo de visão, na medida em que estas se dão perante o espetador e relacionam-se com a audição e o olfato, na medida em que as situações podem-nos levar ao encontro de espaços, apenas alcançáveis pelo ruído e odores.

4.3 Relações do Programa no local

A inserção de um programa no antigo Convento da Boa Hora tem como atitude projetual, não condicionar o edifício a uma função que não tem capacidade de receber. Numa segunda intenção, pretende eleger um programa que, atendendo às fragilidades e ausência de serviços na freguesia da Ajuda, possa envolver a comunidade num só espaço. O novo programa pretende promover a cultura e a arte, integrar espaços de lazer e convívio e alimentar as relações urbanas envolvente ao edifício.

No desenvolvimento de um programa que possa estar direcionado para a cultura e para a arte desperta desde já, uma clara distinção entre dois lugares: um **centro de artes** e um **centro cultural**. Esta distinção move-se fundamentalmente pela capacidade de espaços úteis que cada um oferece. Para tal é elaborada uma análise de casos de referência, como ilustra a tabela 46, que arruma estes mesmos espaços úteis em quatro categorias:






- espaços administrativos (azul): gabinetes, salas e corredores;
- espaços de apoio (verde): zonas técnicas, armazéns e dispensas, recolha e carregamentos;
- espaços comuns (amarelos e vermelhos): átrio, acessos, receção, I.S., cafetaria, loja e livraria,

⁸ *A vida entre edifícios*, Jan Gehl, 2017, p.64

-espaços de programa (cinzentos e castanho): galerias de exposição, oficinas de trabalho e ateliês, auditório;

Deste estudo pôde-se concluir que, olhando para os espaços que o antigo convento atualmente dispõe, o programa de centro de artes

enquadra-se melhor e de uma maneira menos invasiva na organização interior do edifício. Isto verifica-se pois o centro cultural requer de um conjunto de espaços mais amplos, com dimensões bastante mais favoráveis e não tão compartimentadas como o edifício apresenta. O centro de artes dispõe de uma acrescida liberdade de espaços que têm mais em conta a tipologia atual do antigo convento.

CONVENTO DE SÃO FRANCISCO	HOSPITAL DE SAN SEBASTIAN	MUSEU MUNICIPAL ABADE PEDROSA	ARQUIPÉLAGO CENTRO DE ARTES	CENTRO GRAÇA MORAIS
ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO LOCAL	ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO LOCAL	ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO LOCAL	ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO LOCAL	ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO LOCAL
Século XVII / 2016 Coimbra	Século XVIII / 2021 Espanha	Século XVIII Santo Tirso	2014 Açores	XVII / 2004 Bragaça
AUTOR	AUTOR	AUTOR	AUTOR	AUTOR
Vicenzo Cazale / João Carrilho da Graça	Nicolás de Morales / José María Sánchez García	Frei Cipriano da Cruz / Eduardo Souto Moura	João Mendes Ribeiro	Eduardo Souto Moura
PROJETO	PROJETO	PROJETO	PROJETO	PROJETO
Centro Cultural e de Congressos	Centro	Museu Contemporâneo	Centro de Artes Contemporâneas	Centro de Arte Contemporânea
ASPETOS ARQUITETÓNICOS	ASPETOS ARQUITETÓNICOS	ASPETOS ARQUITETÓNICOS	ASPETOS ARQUITETÓNICOS	ASPETOS ARQUITETÓNICOS
A intervenção teve em conta a inserção do edifício na cidade e a manutenção do mesmo	A intervenção procurou como base a compreensão do antigo Hospital enquanto espaço urbano capaz de manter a actividade da cidade no interior do edifício	O edifício no qual está instalado o Museu apresenta uma planta rectangular, de desenvolvimento longitudinal	A intervenção procura unir as diferentes escalas e memórias das suas partes	O projeto consiste na recuperação e ampliação de um antigo edifício solarengo do século XVII
Avanço da fachada principal	Conservação da morfologia da fachada principal e dos espaços interiores	Os objetivos principais da intervenção foram preservar as características arquitetónicas do edifício existente e repor os elementos que devolvam a sua composição original	As construções existentes são marcadas pela alvenaria de pedra vulcânica e os novos edifícios são caracterizados por uma forma abstrata	O edifício é composto por três corpos distintos: o 1º o Solar já existente foi em parte demolido, o 2º faz a ligação entre o solar e a principal sala de exposições, e o 3º é uma construção de raiz e corresponde à principal nave de exposições temporárias
O espaço exterior foi repensado e redesenhado em dois níveis, de forma a responder ao novo programa	As fachadas e volumes originais são inteiramente preservados. Nas áreas interiores, os volumes existentes das salas abobadadas são recuperados	A definição do novo volume proposto resultou da intenção de delimitar o Largo de acesso ao novo e simultaneamente ao Antigo Museu	O novo programa reinventa o edifício existente, tornando-se um espaço significativo numa região periférica no meio do Oceano Atlântico	
Estrutura original do convento	As instalações rectangulares, dispostas em torno dos pátios, permitem uma fácil utilização, gerando um tecido dinâmico em que tanto o mercado gourmet como os espaços polivalentes emergem			
O novo volume localizado a norte de forma rectangular				
DESENHOS TÉCNICOS	DESENHOS TÉCNICOS	DESENHOS TÉCNICOS	DESENHOS TÉCNICOS	DESENHOS TÉCNICOS
				
LEGENDA:				
A Espaços Administrativos	B Espaços de Apoio	C Espaços Comuns	D Espaços de Programa	ESCALA DOS DESENHOS 1:400
A1. Gabinetes e salas	B1. Carregamento/Recolha	C1. Átrio	D1. Galerias de Exposição	
A2. Corredor Administrativo	B2. Armazém/Dispensa	C2. Acessos	D2. Auditório	
	B3. Zona Técnica	C3. Recepção	D3. Ateliês/Oficinas de trabalho	
		C4. Instalação Sanitária		
		C5. Bar/Café		
		C6. Loja/Livraria		
		C7. Corredor Administrativo		

46. Tabela comparativa de casos de referência com programas funcionais semelhantes, 2022

4.4 Noções de Pátio e Claustro



47. Ilustração do pátio do Hospital Militar de Belém, 2022

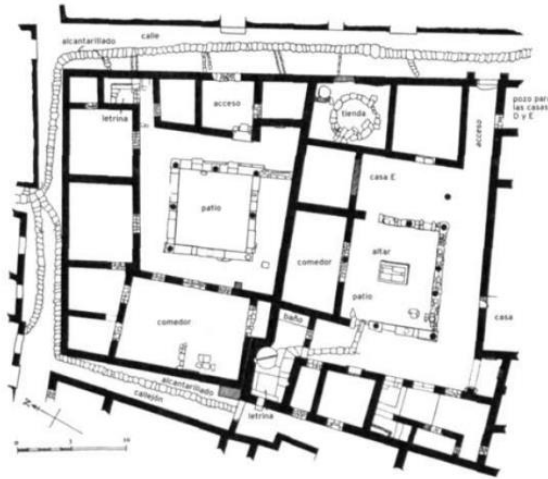
O pátio do latim *Pac* (aberto, amplo) protagoniza um momento singular na organização espacial do Convento da Boa Hora. Segundo Antón Capitel *"es la base de un verdadero sistema de composición (...) es un arquetipo sistemático y versátil, capaz de cobijar una gran cantidad de usos, formas, tamaños, estilos y características diferentes."*⁹

Com base na leitura do livro *La Arquitectura Del Patio*, de Antón Capitel, é analisado o progresso aferido ao Pátio na arte de construir desde a Grécia antiga à modernidade do século XX.

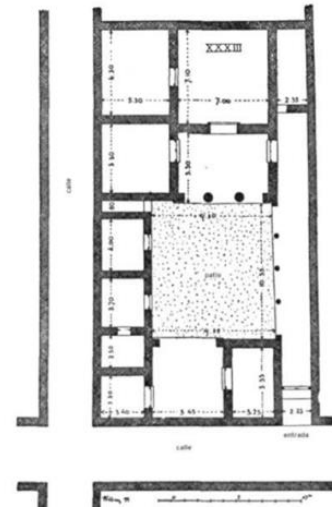
Convencionalmente os edifícios organizam-se em torno de um espaço, tomado como um centro de um universo unitário, que gera no ser humano o sentimento de resguardo e proteção.

Na Antiguidade clássica, a presença da casa pátio faz-se sentir na maioria das civilizações gregas e romanas. Na cidade de Delos, como ilustra a imagem 48, as casas são consideradas casas defensoras, na medida em que as fachadas apenas desenham as portas e desde já, não assumem as vivências do interior. O único momento de destaque é o pátio, a quem é permitida a entrada de luz natural .

⁹ *La Arquitectura Del Patio*, Antón Capitel, 2005, p.6



48. Planta de casas na cidade de Delos, século II e III a.C.



49. Planta da casa XXIII, em Priene

Destaca-se a casa XXIII em Priene, na figura 49, por intensificar a ideia de casulo que qualifica um pátio, já referida. A casa encontra-se aberta para exterior, negando-lhe o acesso por fora uma vez que na fachada não são rasgadas portas ou janelas. O pátio procura a centralidade face à forma convencional do todo, ainda que não demostre ser um quadrado perfeito e não permita a entrada de luz natural em determinados compartimentos.

Esta conceção torna consciente o ponto de equilíbrio que este elemento procura eleger, quando na presença da irregularidade, o pátio procura recuperar a forma regular e ou quando necessário torna-se irregular sem perder a sua natureza.¹⁰A mesma ideologia remete para as **casas pátio** desenvolvidas nas cidades romanas. As casas apresentam-se em blocos irregulares e evidenciam a importância da galeria como sistema de circulação.

As casas tradicionais de Sevilha são igualmente identificadas como casas de patio, na medida em que o pátio está localizado no centro e as galerias compõem a forma em U. Estes espaços são úteis pois permitem a entrada de luz natural e a ventilação dos espaços.

¹⁰ *La Arquitectura del Patio*, Antón Capitel, 2005

Le Corbusier foi um dos mais radicais modernistas do século XX que revolucionou o padrão típico da casa-pátio, quando o elemento pátio pareceu perder carácter e estaria a ser substituído.

A casa pátio abraça a modernidade e a planta configura a forma em L em torno de um pátio. Uma nova perspetiva sobre a arquitetura introduz-se através da Villa Savoye (1928), uma residência concebida sob a síntese dos cinco pontos da arquitetura defendida pelo autor, que pretende assumir a matriz de uma nova arquitetura. O pátio encontra-se elevado no primeiro piso e toma-se como um espaço de permanência e contemplação da paisagem, distanciado do solo e da envolvente artificial.

Alvar Aalto, bem como Arne Jacobsen, Jorn Utzon e Josep Lluís Sert são igualmente figuras líder na concepção da doutrina do pátio nos tempos modernos.

Na mesma linha de pensamento, o **claustro**, *espaço que permite o encontro de diversas funções*¹¹, é uma peça basilar na ramificação da narrativa arquitetónica. Na idade média, pertence ao sistema espacial das catedrais e mosteiros, definido com uma individualidade e autonomia muito própria em relação ao restante conjunto. Surge como elemento exterior de transição entre espaços, sem nunca comprometer a essência do pátio.

Paradoxalmente às catedrais e hospitais, os mosteiros não conferem ao traçado do claustro o devido valor e, ainda que mantenham ordem na geometria dos edifícios, estes descartam a sua identidade e admitiram-no como parte da estrutura do todo.¹²

¹¹ *O lugar Conventual como memória arquitetónica*, Mónica Bajanca, 2014, p.41

¹² *La Arquitectura del Patio*, Antón Capitel, 2005,

4.5 Casos de Referência

4.5.1 El Hospital de San Sebastián



50. Pátio interior (1), 2021

51. Corredor (2), 2021

52. Fachada principal do hospital, 2021

A intervenção do antigo Hospital de São Sebastião, localizado em Badajoz, Espanha é um projeto da autoria do arquiteto José María Sánchez García em 2021 que tem como finalidade a recuperação e reabilitação parcial do edifício para dar lugar a um espaço cultural, "El Hospital Centro Vivo". A proposta é desenvolvida com o propósito de trazer ao interior do hospital as vivências da cidade "Um edifício como uma cidade". O edifício funciona como hospital católico de 1694 até 2003, tendo sido mais tarde transferidos os serviços e funcionários para o Hospital Perpétuo Socorro.

O piso térreo surge como um mediador urbano que integra um conjunto de salas e pátios polivalentes capazes de receber distintas atividades sociais de carácter pontual ou temporal nas mais variadas áreas de turismo, cultura, gastronomia entre outras.

No desenho das plantas do piso térreo os espaços interiores adaptam-se à contemporaneidade do edifício, integrando um conjunto de salas e pátios polivalentes que recebem variadas atividades sociais de carácter pontual ou temporal nas áreas de turismo, cultura, gastronomia entre outras. Todos os compartimentos retangulares dispostos em torno dos

pátios permitem uma fácil utilização de um determinado programa, podendo este vir a ser alterado.

Os corredores de circulação transforma-se em ruas e os tetos são assinalados pela harmoniosa sucessão de arcos e abobadas que marcam o movimento deste espaço. Os corredores emergem para os pátios e mantem a mesma ligação das ruas com as praças, gerando um espaço unitário de encontro. No projeto original, como ilustra a figura 5, as aberturas, os núcleos de acessos verticais são removidos e as instalações sanitárias são adicionadas.

São preservados todos os elementos de valor histórico, anteriormente presentes no edifício original, que enaltecem a reabilitação tais como as volumetrias e as fachadas neoclássicas de desenho simples com dois pisos. No interior, a cor predominante é o branco, os espaços abobadados são recuperados, o conceito de “compartimentação” é evitado bem como todos os tetos suspensos.



53. Planta e cortes com demolições e adições, 2021

54. Planta e cortes da proposta, 2021

4.5.2 Museu Internacional de Escultura Contemporânea



55. MMAP, entrada para o novo edifício pela rua, 2012

56. MMAP, acesso principal do novo edifício, 2012

57. Museu Municipal Abade Pedrosa, 2012

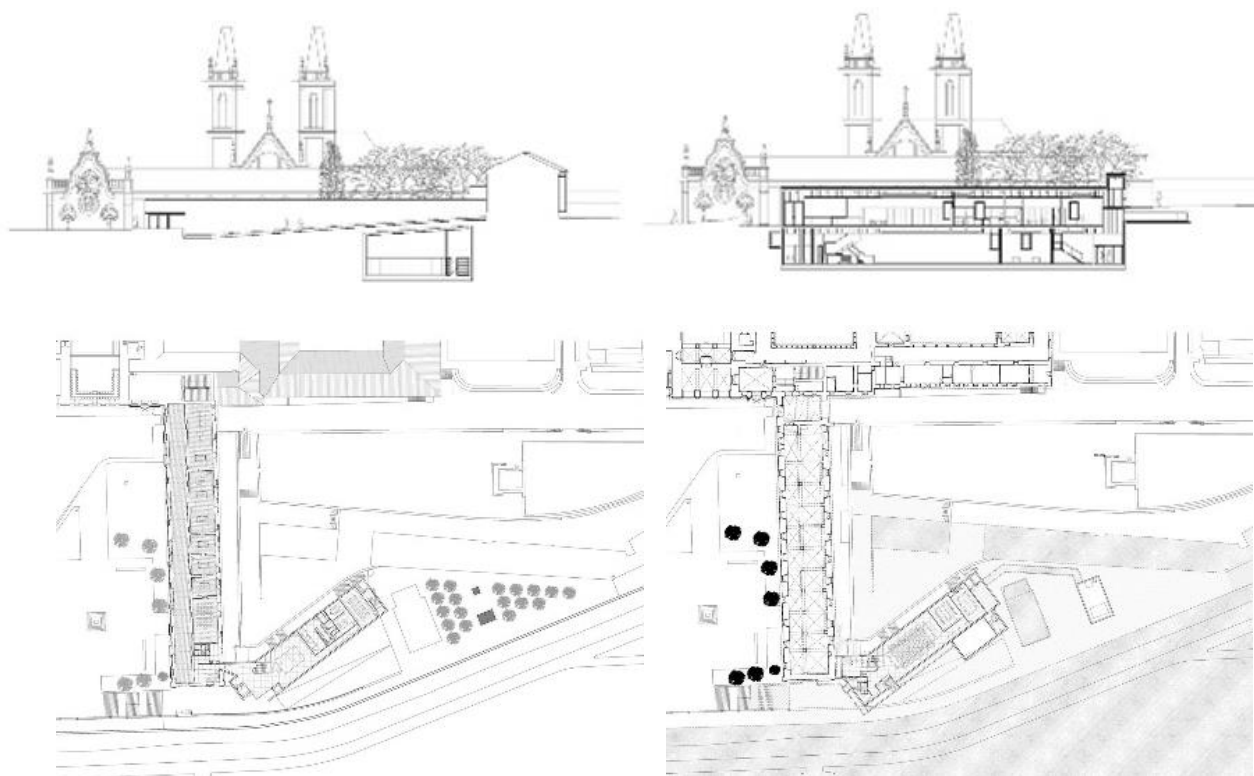
Integrado no Museu Municipal Abade Pedrosa (MMAP), em Santo Tirso, Portugal, o Museu Internacional de Escultura Contemporânea (MIEC) é projeto em 2012 pelos arquitetos Álvaro Siza e Eduardo Souto e Moura. No seguimento da requalificação do Mosteiro e do contexto envolvente, a proposta de intervenção consiste na construção de um novo edifício adjacente ao MMAP para albergar o MIEC.

O projeto mantém uma ligação entre os dois edifícios, no entanto permite que cada qual protagonize uma linguagem e forma própria. Esta ligação assenta na criação de uma entrada comum aos edifícios, através do novo volume e assim fundir os dois programas. A intervenção procura manter o cuidado em atender às necessidades do local da intervenção bem como às condicionantes já presentes. Adicionalmente pretende preservar as características arquitetónicas do mosteiro, de modo a repor elementos que possam devolver a sua composição original.

A definição do novo volume paralelepípedo nasce do encontro com o limite inferior da cornija do Mosteiro como a sua cota máxima, de modo a não perturbar nem a sobrepor-se a este edifício histórico, com o qual terá de estabelecer uma relação de continuidade física. Este posiciona-se obliquamente ao corpo do mosteiro, paralelamente ao muro existente a norte e no extremo oposto da capela do Senhor dos Passos.

O muro que envolve todo o complexo procura “resolver várias questões, destacando a transição de cotas, a reposição da ligação entre a rua da Misericórdia de Santo Tirso e a avenida Unisco Godiniz e a criação de um caminho de emergência contra incêndios desde o piso -1 à via pública. Este ainda permite desenvolver um percurso que acompanha o desnivelamento da fachada norte do novo edifício.

As cotas de pavimento do interior do volume têm continuidade com as do Mosteiro e, portanto, a partir da entrada principal é possível aceder ao átrio comuns dos dois museus que tem ligação à receção e aos acessos verticais. O piso térreo dispõe de espaços referentes à loja, a zona administrativa (gabinetes, salas de reuniões e instalações sanitárias) e à cafetaria (copa e instalações sanitárias). No piso -1 desenvolve-se três áreas de exposição temporárias e atividades performativas, todas elas servidas por luz natural. Estão ainda neste piso localizadas áreas de estudo e lazer, instalações sanitárias e zonas técnicas e de arquivo que acede ao piso térreo através de um monta-cargas. A cor predominante do edifício é o branco e apresenta por um lambrim de granito de forma a dar continuidade à materialidade visível nos edifícios existentes.



58. Planta e corte do piso 0 do Museu, 2012

59. Planta e corte do piso -1 do Museu, 2012

4.5.3 Recuperação Urbana no Bairro do Chiado



60. Imagem aérea da intervenção, 2015

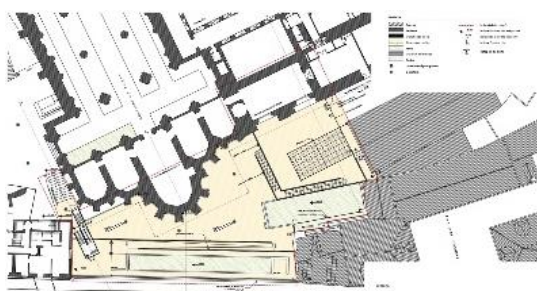
61. Ligação pedonal, 2015

62. Ligação pedonal, 2015

63. Plantas da proposta de intervenção, 2015

Tendo sido parte do plano de reestruturação da zona antiga do Chiado e anteriormente destruída parcialmente em 1988 por um incêndio, a zona da igreja e Largo do Carmo, em Lisboa, Portugal protagonizam o projeto de intervenção dos arquitetos Álvaro Siza Vieira e Carlos Castanheira em 2015. A proposta contribui para o enriquecimento do "coração cidade", para a qualificação dos espaços públicos e para a atenuação de zonas degradadas, consequentes do abandono/catástrofes.

A requalificação pretende criar um percurso pedonal do pátio B ao Largo do Carmo e aos terraços do Carmo, fortemente acentuada pela diferença de cotas do Largo até à rua do Carmo. Faz também parte da intervenção a área junto ao Palácio Valadares de modo a urbanizar e relacionar as vivências do lugar. O sistema de passagem dá-se através de rampas e escadarias e um elevador público integrado no edifício Leonel, também reabilitado que atualmente encadeia o acesso em ponte desde e para o elevador de Santa Justa.



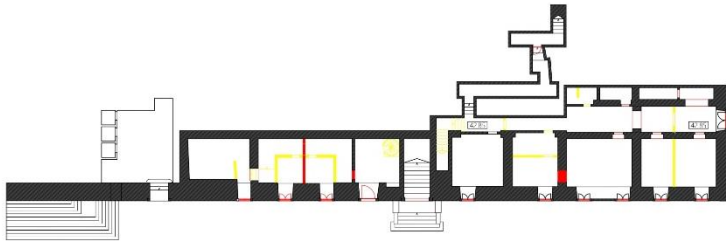
05 | NOVO CENTRO DE ARTES DA BOA HORA

5.1 Estratégia interventiva na pré-existência

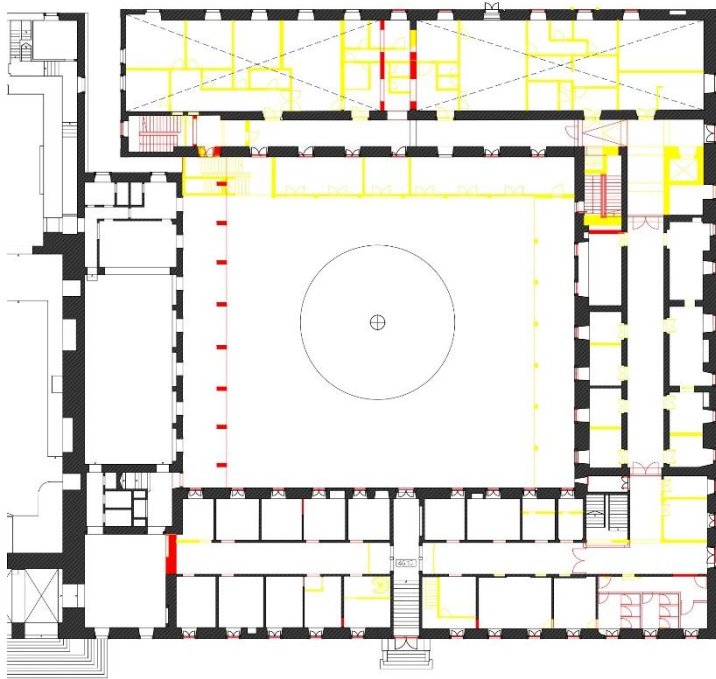
A estratégia de intervenção adotada incide sobretudo, na reabilitação do edifício do antigo Hospital Militar de Belém. A proposta pretende primeiramente acolher historicamente e arquitetonicamente o edifício, a fim de preservar o valor patrimonial existente e posto isto, repensar num propósito que o saiba respeitar no seu estado mais recente.

Contudo é abraçando a memória e resgatando a fisionomia do antigo Convento do século XVIII, ainda que este seja parcialmente desconhecido, que se é desenvolvida objetivamente uma ideia concetual para este lugar. Assim sendo, parte da construção alterada no edifício anteriormente, na posse das forças militares é anulada, pois mantém uma incompatibilidade com o que o edifício quis ser e, entretanto, assumiu.

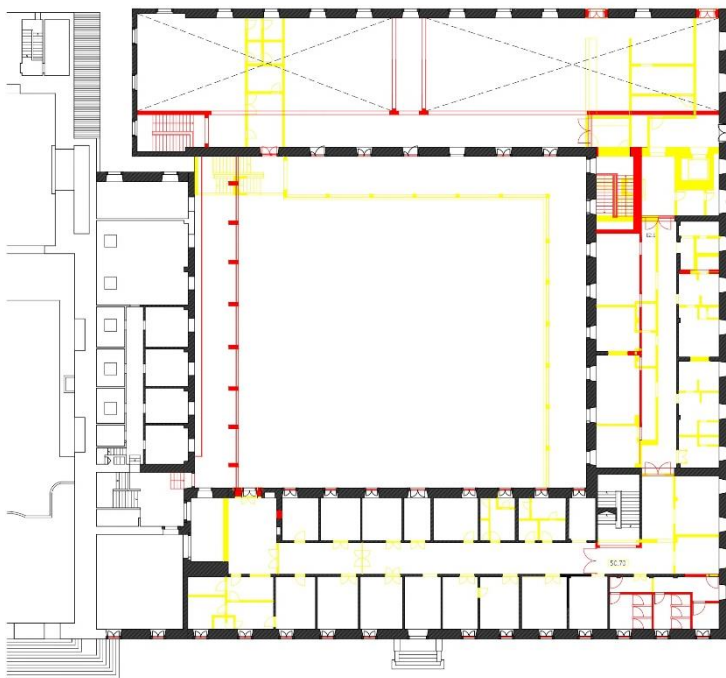
A projeção de uma nova imagem deste lugar para a cidade é também intenção, e dá-se através da contemporaneidade dos espaços e ambientes explorados (materialidade, dimensão, organização dos elementos, entre outros). É de ressaltar o papel apaziguador que o projeto procura desempenhar, entre a linguagem do antigo convento e hospital militar, e o novo centro de artes criativas. Quer isto dizer, que a nova matriz do centro se esforça para entender as decisões projetuais gerais, tomadas anteriormente, e quando atua sobre uma nova tipologia, consegue perceber o que é mais benéfico manter e/ou retirar do edifício atual para que a nova função aconteça da forma correta.



64. Piso térreo, vermelhos e amarelos da proposta, 2022



65. Piso 1, vermelhos e amarelos da proposta, 2022



66. Piso 2, vermelhos e amarelos da proposta, 2022

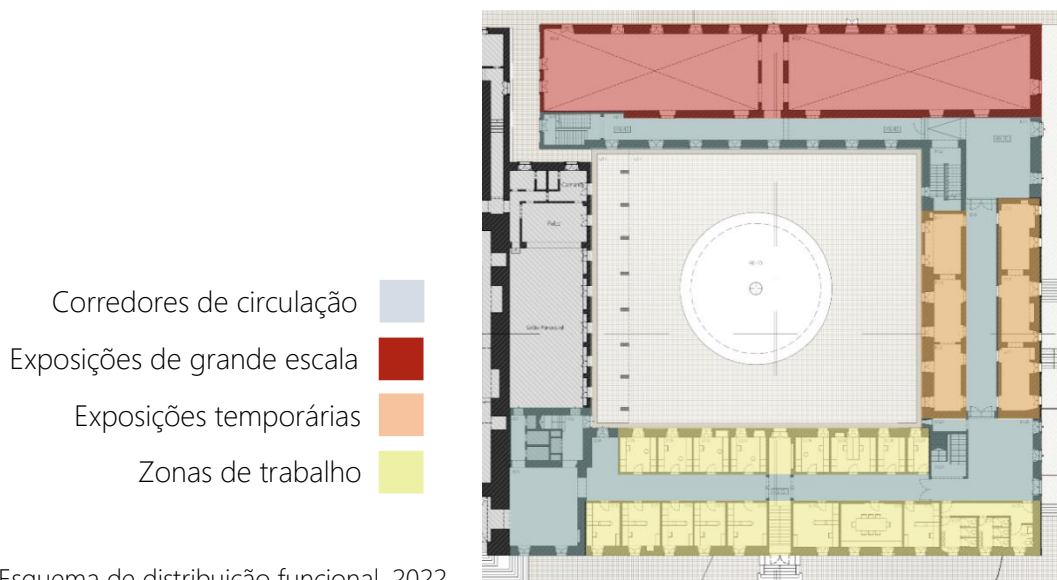
5.1.1 Programa Funcional

A definição do programa neste projeto, tenciona ter em vista os diferentes usos que a freguesia oferece e aqueles que estão em falta, de forma a contribuir positivamente da vida da comunidade e no desenvolvimento do local em estudo.

Com isso, o programa pretende encarar a tipologia aproximada do antigo convento, ou seja, adaptar o programa à organização interior da estrutura conventual pré-concebida, através de um Centro de Artes Criativas da Boa Hora. Esta nova função permite que haja uma variedade e versatilidade no carácter de cada espaço e torna possível a convivência entre o antigo e o novo.

O centro simultaneamente, possibilita o usufruo por parte das várias faixas etárias nos mesmos espaços, promove e abre caminho ao cultivo da arte, bem como torna atrativo este lugar, do ponto de vista cultural, social e turístico. A implementação do programa de um centro de artes criativas potência a ligação pretendida entre o edifício e a cidade, pois permite abri-lo não só a quem o habita como também à restante comunidade.

Posto isto, distributivamente, segundo a figura 67, o centro oferece três usos principais, dispostos pelas três alas: **as zonas de trabalho, as exposições temporárias e as exposições de grande escala.**



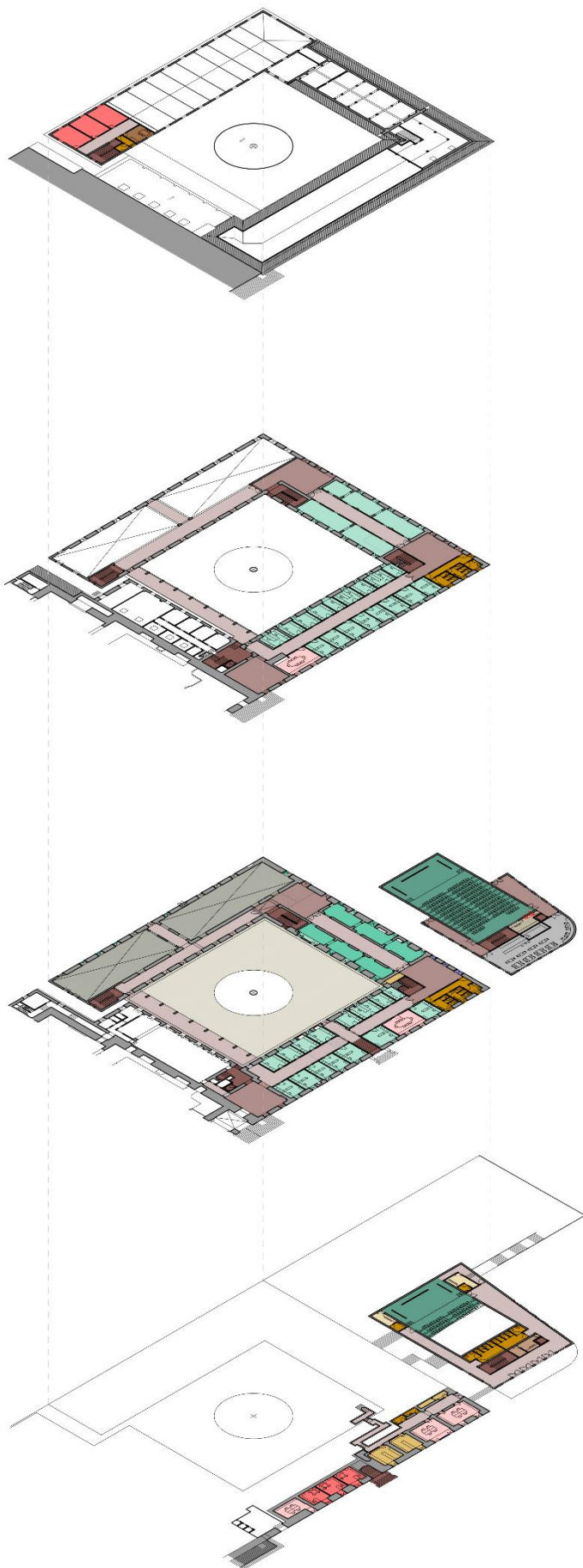
67. Esquema de distribuição funcional, 2022

Na ala sul (amarelo) no piso 1, os compartimentos organizam-se entre oficinas de trabalho e ateliês. Ambos se distanciam pela sua tipologia. As oficinas de trabalho procuram, no âmbito do trabalho artístico, interagir substancialmente mais com o público e portanto, são espaços com maior dimensão e que funcionalmente subdividem-se em zona de trabalho e zona de exposição de trabalho. Os ateliês destinam-se ao trabalho individual, ainda que possa haver em determinados compartimentos, a partilha do mesmo espaço. Estes, mesmo estando fechados, permitem espreitar através dos vãos e ficar a conhecer o ambiente, logo não são criados para se afastarem do restante programa.

O piso térreo, nesta mesma ala, concentra uma área direccionada para os trabalhadores do centro, no qual se dispõem gabinetes administrativos, salas de reuniões e zonas de arrumação.

Na ala este (cor de laranja), os compartimentos de exposições temporárias apresentam-se enquanto áreas de grande amplitude e dimensão, uma vez que os elementos aqui expostos estão em constante mudança e rotatividade. As salas ao manterem configurações semelhantes proporcionam a continuidade de “percurso museu”, percurso que salta de sala em sala, sem necessitar de atravessar um corredor ou átrio, ou seja, qualquer compartimento dá acesso ao compartimento logo a seguir.

A ala norte (vermelho), é dividida em duas galerias de exposição que permitem a disposição de elementos de maior escala. A presença de duplo pé direito em toda a ala, enfatiza a espontaneidade das peças a expor e causa maior impacto aos visitantes, quando as observam.



DISTRIBUIÇÃO PROGRAMÁTICA

A.Espaços Administrativos

- Gabinetes
- Sala de reuniões

B.Espaços de Apoio

- Arrumos
- Zona técnica
- Copa
- Camarins

C.Espaços Comuns

- Acessos
- Átrio
- Corredores de circulação
- Instalações sanitárias
- Recepção e Bengaleiro
- Cafeteria

D.Espaços do Programa

- Auditório
- Salas de exposição de grande escala
- Salas de exposição temporária
- Ateliês e Oficinas de trabalho
- Pátio

5.1.2 Encontros e Circulações

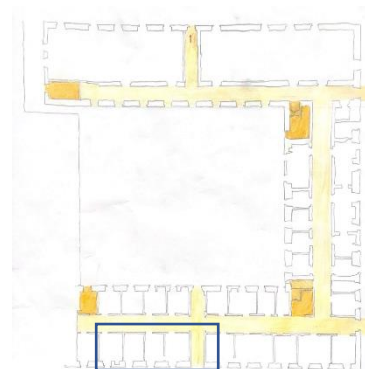
No âmbito de repensar e conseqüentemente reconstruir uma função para o edifício, o tema encontros e circulações reflexe acerca do sistema de acessibilidades estabelecido. Partindo da organização espacial do convento, segundo o qual, por norma a métrica dos corredores de circulação ocorre ao eixo, a proposta passa por um conjunto de hipóteses que têm em vista recuperar este mesmo valor arquitetónico e tipológico.

A primeira figura traça as linhas principais do sistema de circulação, que por sua vez definem o funcionamento das alas e das comunicações com o espaço exterior. Esta intenção explora não só a simetria, ao trazer um corredor ao centro a norte, como também volta a reinserir esta mesma ala na composição tipológica do convento, que anteriormente foi excluída por parte do hospital militar.

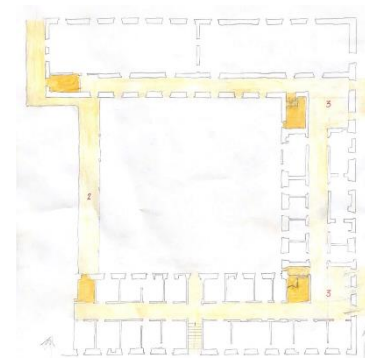
São acrescentados dois núcleos de escadas no lado oeste do edifício, que unem a ala norte à ala sul, através de uma galeria exterior. Isto permite ligar as quatro alas umas em relação às outras e facilitar a gestão de circulação do espaço. Para além disso, esteticamente determina uma nova configuração do pátio.

Na segunda figura, de uma forma atípica, são rasgadas nos extremos do lado direito da ala sul dois átrios, com o propósito de gerar dois espaços de encontro, relativamente centrais que possibilitam ao programa respirar e definir dois pontos de encontro.

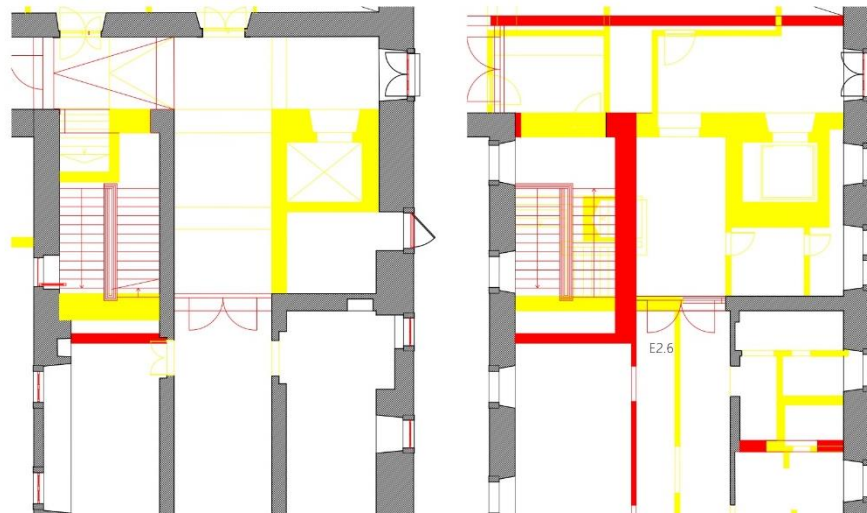
Relativamente ao piso térreo, a ala sul, sofre apenas alguns ajustes nos compartimentos. Desta forma, foi proposta o redesenho da fachada principal (lado oeste), permitindo que os compartimentos desta zona, como ilustra a imagem 69, no piso 1, fossem acedidos diretamente pelo exterior. Todos os restantes espaços, são acedidos por uma porta, ao fundo do corredor de circulação (que existe atualmente). Esta porta segue o mesmo alinhamento (vertical) que o vão do átrio no piso 1.



69. Esquema das circulações no interior propostas, piso 1, 2022



70. Esquema das circulações no interior propostas, piso 2, 2022



71. Plantas do piso 1 e 2 dos acessos a norte, vermelhos e amarelos, 2022

A formalização dos espaços dos acessos verticais, dos átrios e corredores de circulação, organiza-se segundo uma matriz que pretende dar continuidade à matriz da ala este. Cada espaço procura destacar-se, através da sua organização, dos elementos presentes e da sua integração com os espaços envolventes. No entanto, uma vez que desempenham funções relacionadas e pretendem que a transição de espaços seja menos impactante, utilizam as mesmas tonalidades e materialidades.

As escadas que ligam o piso 1 e o piso 2, dispõem da forma em "U", apresentam um patamar intermédio e um sistema de guarda e corrimão metálica que acompanha a subida degrau a degrau. Por questões de ventilação e separação de espaços, os átrios na ala este, dispõem de duas portas cada um, que os separa dos corredores de circulação da ala sul e da ala norte.

72. Corredor de circulação da ala sul, 2014



73. Corredor de circulação da ala norte, 2014



O pavimento materializa-se em pedra lioz. Este revestimento apresenta uma uniformidade da cor bege, grande resistência e fácil manutenção, fatores que influenciam a durabilidade destes espaços de constante passagem. Os degraus das escadas materializa-se igualmente em pedra lioz, de forma a garantir a mesma homogeneidade no espaço.

As paredes e tetos são revestidos a tinta branca com a cor S 0500-N , porém é definida uma faixa com 1 metro de altura, a 30 cm acima do chão, com a cor S 1505-R20B e a cor S 4020-Y70R, relativamente às comunicações verticais e aos corredores/átrios. A escolha deste cromatismo procura familiarizar estes dois espaços de entrada com a cor atual da fachada do edifício.



74. Ambientes cromáticos dos acessos da ala norte, 2022



75. Proposta cromática para as salas de exposição temporária e corredor da ala este, 2022

5.1.3 O Pátio

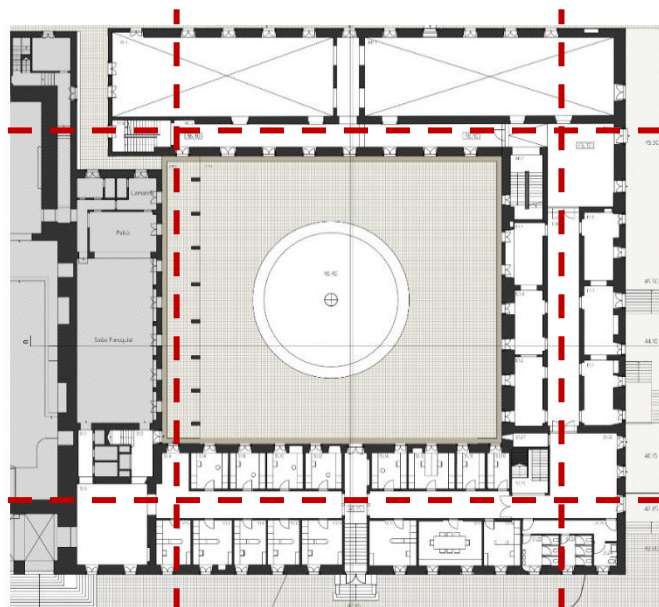
O pátio sendo um espaço que contempla um **valor intrínseco** neste edifício, tenha este qualquer função, procura assumir uma nova abordagem, “percorrer e ser percorrido”. Quer isto dizer, que pretende integra-se no edifício como um espaço de permanência, oferecido pelo programa e criar uma ligação com a igreja. Pretende ser percorrido, na medida em que também o novo centro volte a trazer vida a este pátio, com a ampliação de espaços de exposição ao ar livre, entre outras atividades lúdicas que queiram mantêm este espaço em constante movimento.

A decisão de redesenhar uma galeria no pátio e remover a galeria que se encontra no lado este do edifício, tem como objetivo recriar um percurso que faça com as quatro alas no mesmo piso e com os restantes pisos. A galeria ao ser desenhada pelo exterior, torna-se integrante do pátio e do espaço público e com isso assume ser um elemento contemporâneo, de destaque e que convida a habitar este espaço.

76. Vista da galeria exterior a norte, 2014

77. Corte da galeria exterior, proposta a oeste, 2022

É de notar, que o pátio deixa de se fechar para si mesmo, o que intensifica a intenção, anteriormente referida, de que este espaço não deseja viver enclausurado, mas que esteja aberto à envolvente e à população em geral.



78. Planta do piso 1, da proposta do pátio, 2022

5.1.4 Ambientes do Programa

São pensados para os espaços abrangidos pelo programa, ambientes que possam voltar a **trazer vida e bem estar ao convívio neste lugar**. Isto torna-se possível desenvolvendo compartimentos e salas que tenham em atenção a dinâmica da luz, da cor, da espacialidade e da contemporaneidade que todos estes elementos geram em conjunto. Assim sendo, as galerias ou salas de exposição, como anteriormente referido, dividem-se em duas alas e em dois moldes de exposição: **grandes escalas e temporárias**.

Nas salas de exposições temporárias, uma vez que são espaços mais compartimentados, o pavimento é em madeira carvalho e as paredes têm de acabamento a cor S 1002-Y20R. Os tetos têm de acabamento a cor S 0500-N. Nestes espaços não existem portas, apenas aberturas pontuais de passagem, pois não deve existir nenhum elemento que obstrua a visão do percurso museu.

As salas de exposição de grande escala, enquadram-se em dois compartimentos com pé direito duplo (à semelhança da biblioteca da universidade de Aveiro, figura 79) o que no piso 2, os corredores de circulada da ala norte, possibilitam observar as peças, expostas no piso inferior, num outro nível. Da mesma maneira que acontece nas salas de exposição temporária, os dois compartimentos não apresentam portas entre cada sala e entre cada sala e corredor de circulação.



79. Biblioteca da Universidade de Aveiro, 2022

Relativamente aos revestimentos, o pavimento utiliza um mosaico cerâmico cinza S 1001-G, com peças de 80x20cm e as paredes e tetos têm

de acabamento a cor S 0500-N, um tom branco que procura dar maior grandeza ao espaço e destaque às peças produzidas.



80. Rabi' Artist Studio, 2022



81. Hawthorn Studio, 2021

As oficinas de trabalho e os ateliês **procuram ser espaços interativos e eficientes para trabalhar**. A intenção desde o início é que estes espaços sejam capazes de se adaptar à organização tipo cela já existente e se “privatizem” das restantes áreas. **Os ateliês** são espaços que pretendem estabelecer maior intimidade e conforto para que os artistas trabalhem individualmente (à semelhança do Rabi' Artist Studio, figura 80), em comparação com as oficinais. Apresentam menor dimensão, pé direito reduzido e os vãos dos compartimentos estão orientados para o Pátio.

As oficinas de trabalho estão orientadas para a fachada principal. Como já foi assinalado, estas relacionam-se mais com o público e portanto, especialmente organizam-se (à semelhança do Hawthorn Studio, figura 81) de forma que haja um espaço comum, de mão de obra (junto aos vão da fachada) e de apresentação das peças (junto ao corredor). Assim permitem que os visitantes façam parte do processo artístico e possam também eles participar em workshops e atividades. Ambos os espaços dispõem de uma parede com mobiliário de arrumação e mesas de trabalho. As paredes têm de acabamento a cor S 0601-Y e os tetos a cor S 0500-N. Em relação aos pavimentos, os ateliês são revestidos a madeira carvalho e as oficinas, cerâmico castanho mate S 2005-Y50R 60x60 cm.



82. Ambientes cromáticos dos ateliês e oficinas de trabalho, 2022

5.2 Estratégia Urbana

O desenho urbano projetado para a unidade que atualmente está delimitada pela cerca conventual, no qual se integram a igreja e o antigo Convento de Nossa Senhora da Boa Hora, o bloco hospitalar dos anos 70, os armazéns geminados e as habitações pré-terramoto, propõe **abrir este lugar e permeabilizar um conjunto de novos percursos**, a fim de reintegrá-los no traçado da cidade. Consiste por outro lado, em criar espaços amplos e espaços verdes de usufruo próprio da população da freguesia da Ajuda.

Conciliar todos estes novos percursos com os percursos existentes, terá sido possível com a criação de plataformas e de comunicações verticais (escadarias e rampas pedonais) que procuram compensar a inclinação do terreno presente neste local e assegurar a circulação entre cotas.

As plataformas tendem a aproximar-se de um miradouro, ou da sensação que este transmite no lugar, um ponto alto que procura ilustrar a vista privilegiada da cidade e que concretamente na proposta, permite respirar, parar e dar ao visitante conta do seu posicionamento em relação à restante envolvente.

São propostos volumes para receber funções de apoio ao novo centro de artes e ao edifício dos anos 70. A configuração de ambos surge da necessidade de se manterem em constante diálogo com o passado (através da continuidade das formas) e com o local onde se inserem (através da cor, materialidade e dimensão).

O projeto agrega diversas zonas que fomentam inter-relações e alargam o leque de usos comerciais e de lazer, para assim colmatar as fragilidades do local. Os ambientes gerados pela dinâmica dos acessos, praças, cantos e percursos, promovem diferentes experiências e atividades ao ar livre, definindo este espaço, não só como lugar de passagem, mas também como um lugar de permanência.

A implementação da presente estratégia urbana, admite ainda que futuramente tanto o bloco hospitalar dos anos 70, ao qual é admitida a função de residências para estudantes, como o lado poente, onde se dispõe os armazéns referentes à antiga casa mortuária, possam ser intervindos e reintegrados na proposta de reabilitação



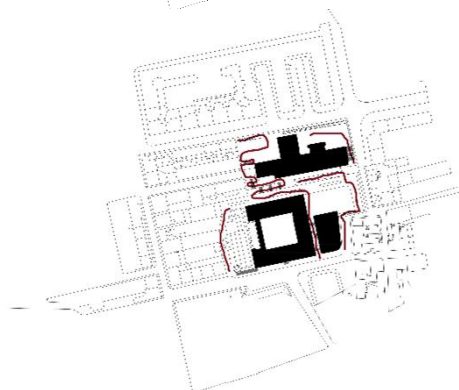
Proposta de demolição dos edifícios no local de estudo (ver anexo B – fichas de caracterização)



Criação de ligações e percursos que visam abrir este lugar



Proposta de novas inter-relações que a área de intervenção pode vir a oferecer

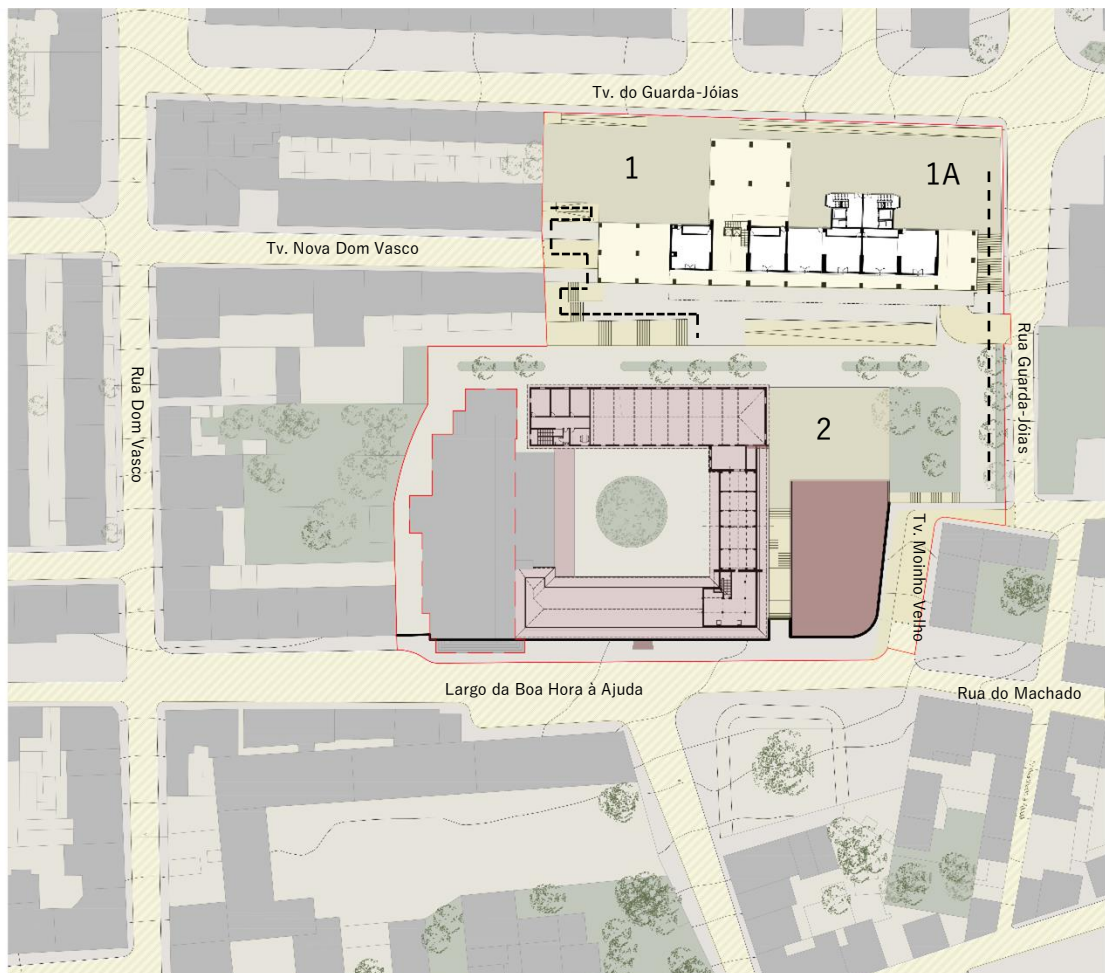


Proposta de intervenção

5.2.1 Permeabilidades

O plano para as comunicações neste local, tem como princípio potencializar novas ligações públicas maioritariamente pedonais, abrir mão da retirada da cerca e tornar todas as zonas de transição úteis e agradáveis de atravessar. Tem igualmente como intenção, tirar partido da demolição dos edifícios e zonas desqualificados e gerar novas áreas articuladas com os restantes arruamentos.

Objetivamente o plano traduz-se na **concepção de um percurso pedonal sinuoso**, ou seja, que não é sempre homogéneo e circule desfasadamente, desde a cota 42.00 à cota 56.00, trajeto esse **que liga a Travessa da Boa Hora à Ajuda à Travessa do Guarda-Jóias**.

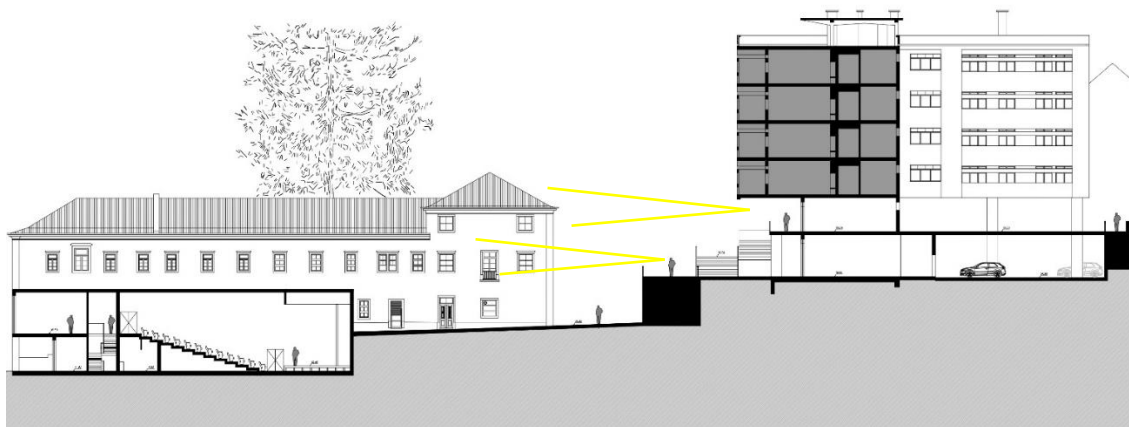


85. Esquema das ligações propostas na envolvente urbana, 2022

Dessa forma, as permeabilidades propostas no local descrevem-se da seguinte forma, como é demonstrado na figura acima:

- I. **na abertura da Travessa Nova Dom Vasco a poente:** que pudesse passar entre o edifício dos anos 70 e estabelecesse continuidade com a restante envolvente e arruamentos;
- II. **na demolição do muro que dá frente à Travessa do Guarda Jóias a norte:** é construída uma frente de acesso à praça (1) – plataforma ao nível do piso 1 do edifício dos anos 70;
- III. **na demolição do portão geminado ao antigo convento a sul:** permite ligar diretamente o largo da Boa Hora à Ajuda à praça (2) e restantes espaços propostos – da cota 42.00 à cota 45.70;
- IV. **na remoção dos edifícios junto à Igreja:** permite integrar a igreja no contexto urbano proposto e criar uma ligação secundária entre a zona sul e a zona norte - até ao século XIX, década de 70, estes edifícios não existiam;
- V. **na requalificação da Travessa do Moinho Velho:**
 - é criado de um acesso direto que vence o intervalo entre as cotas 43.10 e 47.70;
 - fecho da rua de forma a priorizar a circulação pedonal (reduzir o número de automóveis) - o percurso rodoviário entre a Travessa da Boa Hora à Ajuda e a Rua do Guarda-Jóias passa a acontecer diretamente pela Travessa Machado à Ajuda e pela Rua do Machado;

Para que as ligações acima mencionadas aconteçam – ligação entre a Travessa do Guarda-Jóias e o Largo da Boa Hora à Ajuda (que é igualmente a ligação do centro ao edifício residencial para estudantes), a proposta desenvolve a norte duas plataformas à cota 51.00 e à cota 55.30, respetivamente ao nível do piso térreo e piso 1 do bloco hospitalar.



86. Corte da proposta de intervenção, 2022

A frente da plataforma 51.00, contempla dois amplos e expressivos acessos. Ambos (a rampa e o corpo de escadas) prolongam-se de uma ponta à outra, de forma a introduzir uma nova cota e convidar a subir um piso, que acede e contempla novos espaços e ambientes. À cota do piso 1, do edifício dos anos 70, são dispostos, a poente, acessos que permitem transitar entre cotas e, a nascente, um outro acesso de escadaria, que acompanha o movimento da rua e alinha com o percurso até à Travessa Moinho Velho. As cotas da plataforma, ao nível do piso 1 do edifício, tem continuidade com as da Travessa do Guarda-Jóias, podendo aceder diretamente aos restantes pisos do edifício, através do átrio comum ao centro. É de salientar, no seguimento da criação de zonas de miradouro, e segunda a figura 86, que a definição da volumetria e dimensionamento, do piso 1, do novo volume do auditório, nasce da intenção de não haver interferência com o campo de visão (paisagem urbana), proporcionado pelas duas plataformas.

O projeto contempla dois momentos que pretendem aproximar-se da configuração da praça, ou seja, espaços com identidades semelhantes que introduzem uma zona ou que definem um ponto de encontro, no qual todos os percursos vão dar.

Quer isto dizer, que a estratégia urbana cria 2 largos recintos, como apresenta a figura 85. A praça que se encontra à cota 55.30 **(1 e 1A)**, enquadra a chegada ao local, por meio da Travessa do Guarda-Jóias e, a praça entre as cotas 47.00 e 45.70 **(2)**, intercede relações de acesso aos edifícios e ligações de vários pontos.

Ambas as praças têm como intenção, gerar um fluxo de atividades e dinâmicas sociais (ao ar livre), que potencializam o usufruo e visita desta unidade, bem como a permanência desde espaço (admitindo não ser apenas um lugar de passagem).

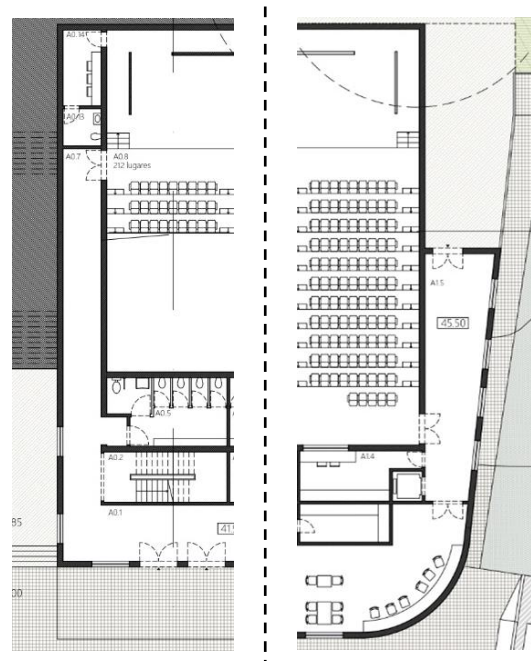
5.2.2 Vivências do Espaço Público

No desenvolvimento do projeto, é admitido ao edifício do antigo convento e ao antigo bloco hospitalar, a adição de novos volumes. Esta adição visa contribuir para as necessidades do novo centro de artes criativas e para as necessidades do programa que o bloco dos anos 70 possa vir a abraçar. No entanto, cada um protagoniza uma linguagem e forma diferente.

5.2.2.1 Novo volume do Auditório

A construção do edifício do auditório nasce da intenção de receber um auditório com a capacidade de 200 lugares, uma vez que, após a distribuir do programa, o antigo convento não dispõem de uma área suficientemente ampla para a dimensão deste espaço.

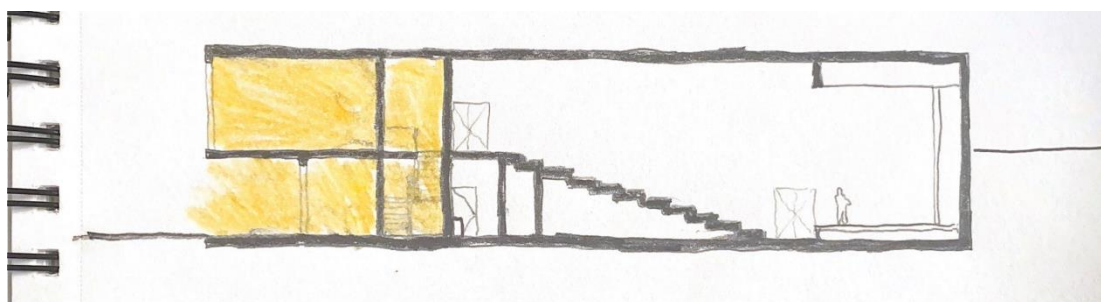
O volume está localizado a nascente da área de intervenção e encerra a fachada principal da Travessa da Boa Hora à Ajuda. A forma do edifício surge da fisionomia e inclinação do terreno e está distribuído em dois pisos.



87. Planta do piso térreo e piso 1, do novo volume do auditório, 2022

O piso térreo, dispõe de um átrio de entrada onde agrega a receção, o bengaleiro, dois acessos verticais (escadas e elevador) que dão para piso 1 e as instalações sanitárias.

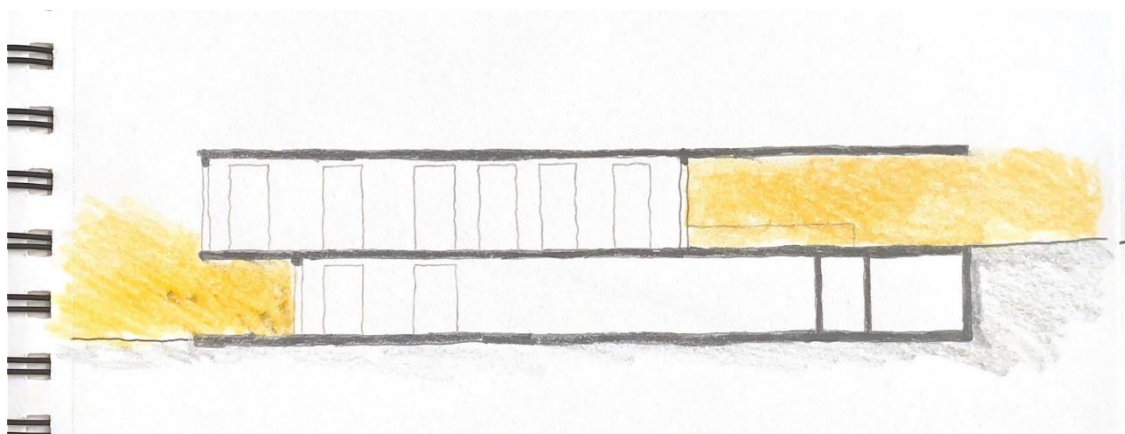
O piso 1, dispõe do bar, dos respetivos acessos verticais, de uma zona técnica e de duas entradas para o edifício. Centralmente localiza-se a sala de auditório. Esta é acedida por quatro laterais, duas portas na parte inferior junto ao palco e duas portas na parte superior junto à zona técnica.



88. Corte dos acessos no auditório, 2022

As entradas pelo piso 1 estão recuadas em relação ao restante corpo, no entanto são marcadas por uma pala que dá continuidade à forma interior do piso térreo e alinha com a curvatura do terreno a este.

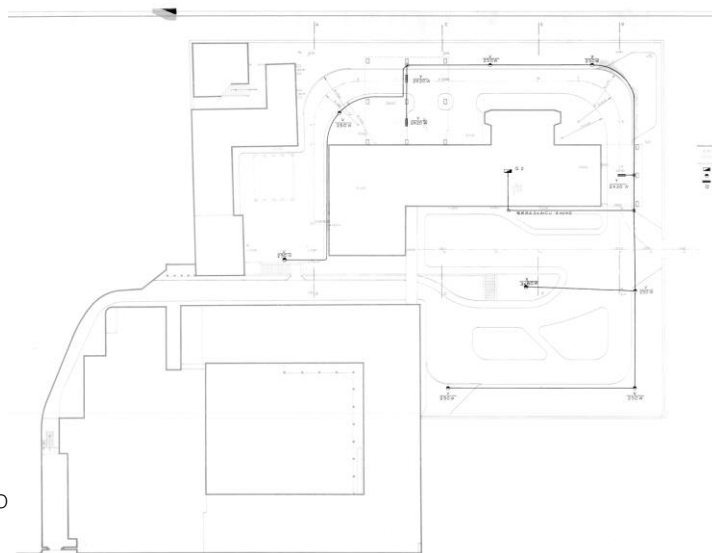
As fachadas do edifício procuram reproduzir o mesmo alinhamento que a fachada do centro de artes criativas. O piso térreo é recuado em relação ao restante volume, de forma a dar maior importância ao átrio de entrada e a possibilitar um compasso de espera entre o interior do edifício e a rua, dando a sensação de que há um alargamento da rua em frente (potencializar as zonas de passeio).



89. Corte dos acessos exteriores ao auditório, 2022

Em relação às acessibilidades, o edifício pode ser acedido a norte pela praça (2), por dois acesso que vão dar ao piso 1 e a sul pela entrada principal que dá acesso ao piso térreo.

5.2.2.2 Edifício residencial para estudantes

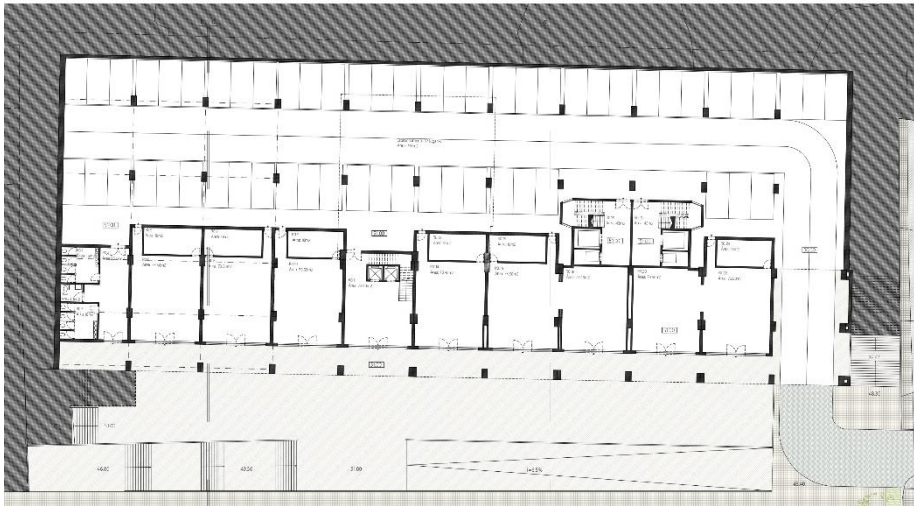


90. Planta geral do bloco hospitalar, 1963

A proposta para o antigo bloco hospital pretende assumir o programa funcional de residência para estudantes. Dessa forma incentiva que este lugar concentre em parte, a população mais jovem e se torne um lugar mais rico e chamativo.

O projeto propõe o desenvolvimento dos dois primeiros pisos, em espaços comerciais e de apoio à comunidade, dando total abertura para que mais tarde seja desenvolvido uma ideia concetual para os restantes pisos. O edifício organiza 7 pisos no total, está localizado a norte e é acedido pela Travessa do Guarda-Jóias no piso 1 e pela frente do piso térreo. Relativamente à forma retangular, o edifício mantêm-na, no entanto nos dois pisos a fachada principal é recuado para criar, na extensão de todo a frente do edifício, galerias de circulação enquadradas no sistema de pilares.

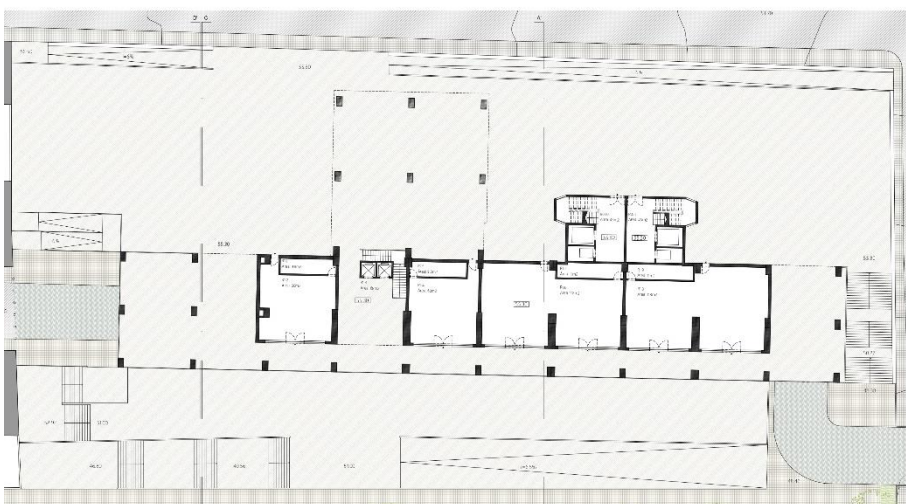
No piso 1, seguindo o mesmo sistema de pilares, parte de uma zona do edificio é removida, para dar lugar à dinâmica de circulação e novamente, enfatizar a entrada entre a plataforma e a Travessa do Guarda-Jóias.



91. Planta do piso térreo a residência de estudantes, 2022

Centralmente um dos compartimentos (6) é aberto, não só para que seja possível a passagem de um lado do edifício para o outro sem que seja preciso dar a volta, como também para permitir a circulação entre todos os pisos, através de um novo acesso vertical.

As comunicações verticais já existentes no edifício são mantidos para dar acesso direto às residências e não colidir com os pisos comerciais.

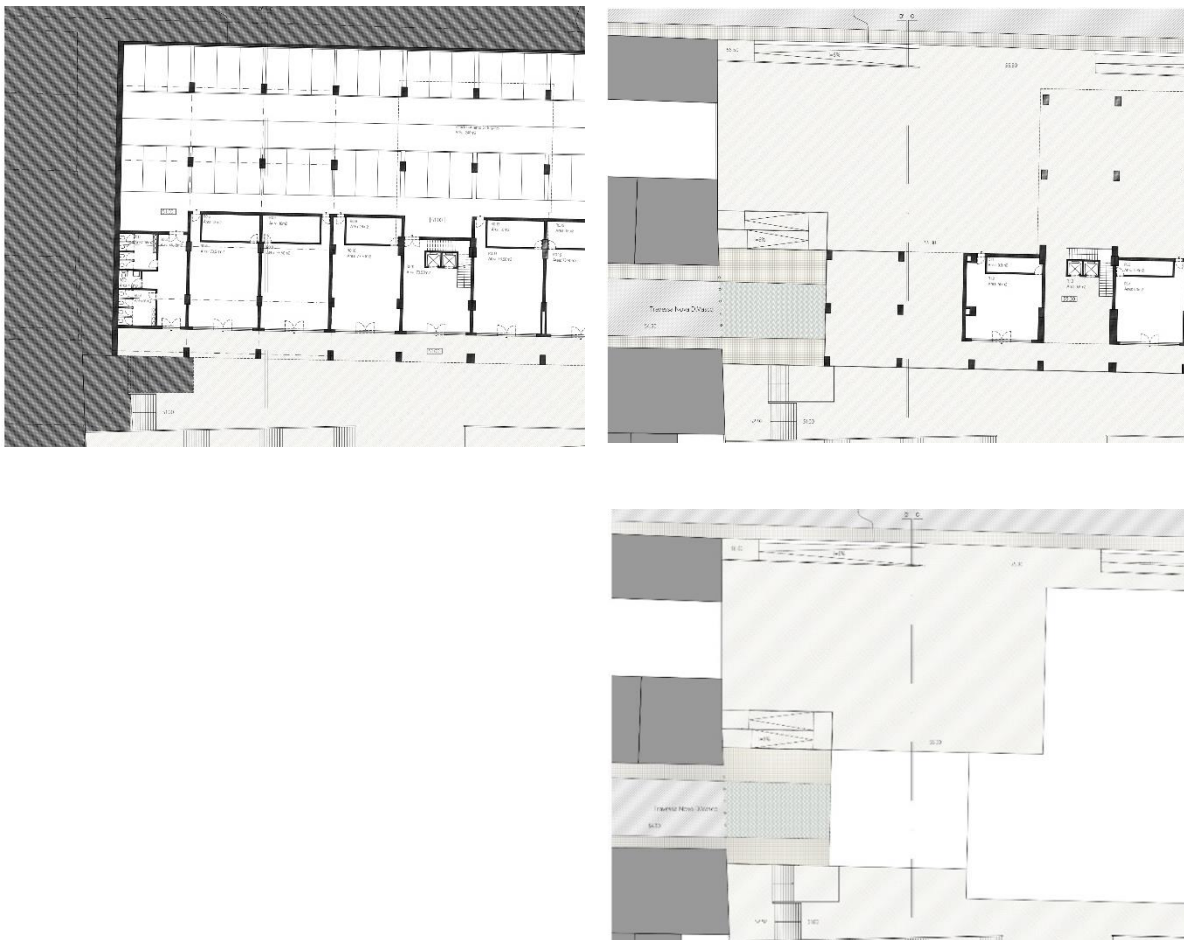


92. Planta do piso 1 da proposta para a residência de estudantes, 2022

O projeto para esta zona, lança para além da intervenção no interior do edifício, a construção de um novo corpo, com 1 piso, como ilustra a figura 92, que dá continuidade à forma e alinhamento do edifício residencial.

Este tem como intenção, fechar a frente até ao limite do começo da Travessa nova de Dom Vasco. Em termos programáticos, o volume reúne um conjunto de espaços comerciais, instalações sanitárias e acesso ao estacionamento.

No piso 1, assente na plataforma 55.30, a forma do volume tem continuidade em relação ao piso térreo, através de uma pala assente no sistema de pilares anteriormente estipulado, para acomodar atividades ao ar livre e enriquecer, na transição de zonas, espaços cobertos e não cobertos



93. Plantas do piso térreo, 1 e 2 do novo volume a norte, 2022

O estacionamento, localiza-se nas costas dos dois volumes presentes, ao nível do piso térreo. Dispõe de 57 lugares e a organização dos mesmos respeita o sistema de pilares pré-estabelecido, tendo sido adicionados pilares com as mesmas diretrizes. O acesso ao estacionamento mantém-se pelo lado direito, uma vez que este espaço se desenrola para o interior do edifício de uma forma subtil.

As fachadas dos dois pisos, sofrem alterações e enquadram uma nova organização de vãos que permitem a entrada de luz, a ventilação do ar e o movimento constante de entrada e saída de pessoas.

06 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho pretendeu **desenvolver uma proposta de reabilitação e requalificação do antigo hospital militar de Belém**, num contexto histórico e arquitetónico pré-existente, que não ficasse à margem da cidade. A escolha do objeto de estudo provém do facto de se tratar de um edifício histórico, construído após o terramoto de 1755, (para receber o Convento da Nossa Senhora da Boa Hora e, mais tarde, após a extinção das ordens religiosas em 1834, um hospital militar), com grande presença na freguesia da Ajuda e atualmente fechado.

A análise prévia do imóvel, permitiu identificar as várias adulterações (tipológicas e construtivas) que o edifício sofreu e que levaram à sua progressiva desvalorização. O levantamento e caracterização do edifício nas várias fases da sua vida (através de uma análise histórica e programática, de um levantamento da condição atual e de uma proposta de valor), permitiu definir as diretrizes principais para a intervenção. O estudo dos princípios de intervenção, no património construído, complementaram esta mesma diretriz, na medida em que procuraram definir os critérios de atuação no processo de Conservação, Reabilitação e Restauro. Dessa forma, conclui-se como princípio fundamental deste trabalho, **a recuperação da autenticidade (histórica e tipológica) do antigo convento**, bem como a recuperação do seu valor social, que deve ser mantido e conservado pelas gerações futuras.

O processo de adaptação de uma nova função para o antigo Hospital Militar de Belém, passou pela **apropriação de um programa, onde a morfologia dos espaços interiores se assemelhasse e evidenciasse o espaço conventual original** (estrutura em cela, eixo ao centro, ligação com o corpo da igreja), e respeitasse a essência tipológica do edifício. Foi tida em consideração, a implementação de um programa com espaços e zonas versáteis, que aglomerassem a comunidade da Ajuda, permitisse a inclusão social, o desenvolvimento de diversas atividades artísticas e mantivesse viva a memória histórica do edifício.

A procura de um programa funcional para o antigo convento, pretendeu seguir uma relação, com o contexto exterior que **viabilizasse diversas permeabilidades e constituísse um lugar de encontro** entre gerações e diferentes públicos.

Posto isto, a estratégia passou por desenvolver uma proposta, que não se concentrasse apenas no objeto (o antigo convento), mas que fosse ao encontro das qualidades e necessidades da freguesia da Ajuda. Dessa forma, foi estudada e concebida **uma nova abordagem, alargada à escala urbana da cidade**, tendo sempre em consideração os edifícios presentes (com destaque para o edifício conventual) e, que pudessem estabelecer ligações entre: o centro de artes criativas, o edifício residencial para estudantes, a igreja, o novo volume do auditório, o espaço envolvente e a restante freguesia.

A criação de sistemas pedonais (de atravessamento), permitiu uma maior cumplicidade com o restante contexto urbano, e explorar novas ligações que fomentassem a interação e o sentido de comunidade. Gerar espaços de qualidade entre os edifícios (praças, becos, acessos entre níveis, entre outros) contribuiu para o bem-estar da população, enquanto espaços públicos que convidam as pessoas a habitá-los.

A proposta urbana, incidiu sobretudo **na vontade de reintegrar a área de estudo**, anteriormente limitada pela cerca conventual, **no restante contexto da freguesia da Ajuda**. A abertura deste local, através da demolição de muros e alguns edifícios construídos à volta do antigo convento e do bloco hospitalar dos anos 70, e do redesenho/reabertura de vias e passeios, permitirá contribuir para a dinamização da sociedade local. A construção de um novo auditório e a refuncionalização do edifício do antigo bloco hospitalar de 1972 (construído para dar apoio ao hospital militar) procurou criar diferentes espaços públicos, na medida em que agregam atividades e funções para além do programa do centro e, vincular novamente este local ao seu contexto social e urbano.

Em suma, com este trabalho foi entendida a importância de olhar e atuar com um sentido crítico para o ato de projetar e tomar decisões, de forma a desenvolver **uma proposta urbana viável e permeável enquadrada neste lugar**, bem como dar uma nova vida e **voltar a colocar este edifício na história e paisagem da cidade.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, José (2002) *Cor e cidade histórica*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.

BAJANCA, M. (2014) *O Lugar Conventual Como Memória Arquitetónica*. Tese de Mestrado em Reabilitação e Arquitetura de Interiores; Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa.

BRANDI, C. (1977) *Teoria del Restauro*. Roma: Einaudi.

CAPITEL, A. (1992) *Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración*. Madrid, Alianza.

CAPITEL, A. (2005) *La Arquitectura del Patio*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, SA.

CHOAY, F. (2008) *Alegoria do Património*. Lisboa, Edições 70.

Guerra, L. (2017) *Masterplan do eixo da Calçada da Ajuda - O estudo de uma nova urbanidade*. Lisboa, Universidade Lusíada, Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em Arquitetura

GEHL, J. (2017) *A vida entre edifícios*. Lisboa, Ciclodá.

PINHEIRO, Sofia (2021) *Proposta de reabilitação do Convento da Boa-hora à Ajuda. Um ponto de encontro na encosta*. Lisboa, Universidade de Lisboa, projeto final de mestrado para obtenção do grau de mestre em arquitetura com especialização em interiores e reabilitação do edificado

TAVARES, P. (1831) "Notícia Histórica das ordens religiosas e congregações". Lisboa, na tipografia de Bulhões. pp.4-10.

RIJO, D.; MOREIRA, F. (2018) *AJUDA: "O espaço, O tempo e A sociedade"*. Lisboa, Atas Colóquio. pp.21-76

ROSA, I. (2006) "Ajuda. Evolução Histórico-Urbana". *Artitextos 2*, Lisboa. pp.129-133

SCRUTON, Roger (1983) *Estética da Arquitetura*. Lisboa, Edições 70

VAZ, P. (2019) *Edificar no Património. Pessoas e Paradigmas na conservação e restauro*. Lisboa, Edições 70

WESTON, R (2006) *100 Ideias que mudaram a arquitetura*. Londres, Laurence King Publishing.

ZEVI, Bruno (1996) *Saber Ver a Arquitetura*. São Paulo, Martins Fontes.

ZUMTHOR, Peter (2006) *Thinking Architecture*. Basel, Birkhäuser.

Documentos Digitais

CML (1948) Evolução do Planeamento Urbano de Lisboa
<https://www.lisboa.pt/cidade/urbanismo/planeamento-urbano/evolucao>
[Consultado a 13 de setembro]

CML (2021) Delimitação da Unidade de execução da Ajuda. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=IOSBT_aNUYI [Consultado a 13 de maio de 2022]

GARCÍA, José María Sánchez (2021) Recovery of the old Hospital of San Sebastian
https://divisare.com/projects/461249-jose-maria-sanchez-garcia-roland-halbe-recovery-of-the-old-hospital-of-san-sebastian?utm_campaign=journal&utm_content=image-project-id-461249&utm_medium=email&utm_source=journal-id-840 [Consultado a 22 de junho de 2022]

MOURA, Eduardo Souto; VIEIRA, Álvaro Siza (2012) Museu Internacional de Escultura Contemporânea <http://miec.cm-stirso.pt/> [Consultado a 11 de outubro de 2022]

RTP2 (1994) Chiado Renascido: Siza Vieira.
<https://arquivos.rtp.pt/conteudos/chiado-renascido-siza-vieira/>
[Consultado a 19 de outubro de 2022]

VIEIRA, Álvaro Siza; CASTANHEIRA, Carlos (2015) Recuperação Urbana no bairro do Chiado. <https://www.archdaily.com.br/br/954498/recuperacao-urbana-no-bairro-do-chiado-carlos-castanheira-plus-alvaro-siza-plus-clarabastai> [Consultado a 11 de outubro de 2022]

CML (2015-2016) II Diagnóstico Social de Lisboa, Retrato da Freguesia da Ajuda. Lisboa.

https://observatoriolisboa.eapn.pt/ficheiro/DIAGN%C3%93STICO_SOCIAL_SINOPSE.pdf [Consultado a 22 de setembro de 2022]

DGCP - Direção Geral do Património Cultural, (1964) Carta de Veneza – II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos.

<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf> [Consultado a 5 de agosto de 2022]

DGCP - Direção Geral do Património Cultural, (1931) Carta de Atenas sobre o - Escritório Internacional dos Museus.

<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf> [Consultado a 5 de agosto de 2022]

DGCP - Direção Geral do Património Cultural.

<https://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/>

SIPA – Sistema de Informação para o Património Arquitetónico.

http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SitePageContents.aspx?id=08a335ea-db85-4fdd-862b-fe6e623e44a8

CML- Património Cultural – LxConventos. <https://patrimoniocultural.cm-lisboa.pt/lxconventos/>

Documentos e registos disponibilizados pelo Professor António Lobato Santos, acerca do antigo Convento de Nossa Senhora da Boa Hora

ANEXOS

Anexo A. Território da Ajuda

Anexo B. Convento de Nossa Senhora da Boa Hora

Anexo C. Novo Centro de Artes Criativas da Boa Hora

Anexo D. Maquetes

Anexo E. Painéis Finais

Anexo A. Território da Ajuda

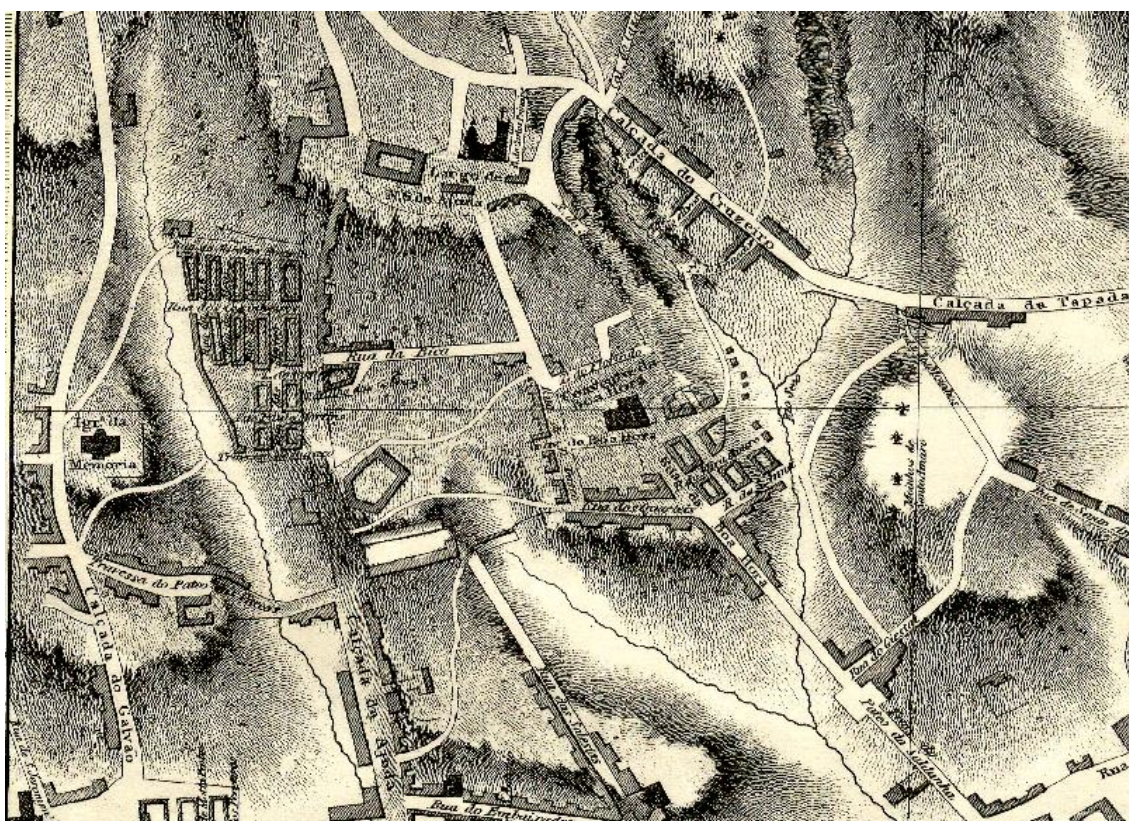
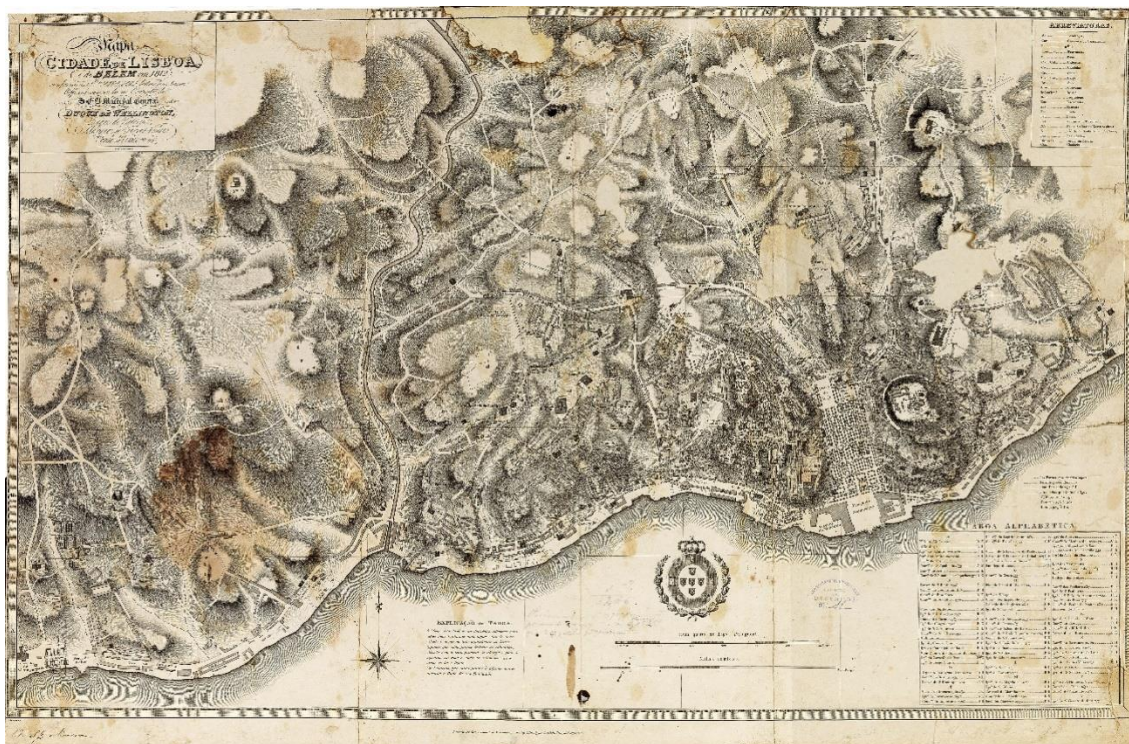
Anexo A1. Cartografia Histórica | 1807-1826 Duarte Fava

Fonte: Lisboa interativa, Câmara municipal de Lisboa



Anexo A2. Cartografia Histórica | 1812 Duque Wellington

Fonte: Lisboa interativa, Câmara municipal de Lisboa



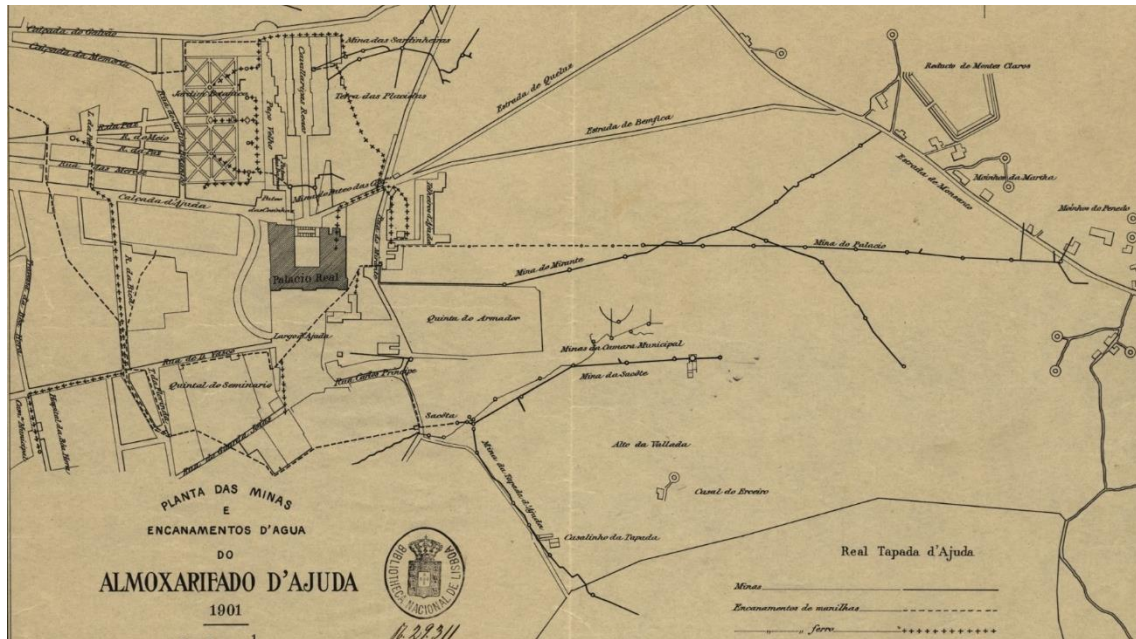
Anexo A3. Cartografia Histórica | 1856-1858 Filipe Folque

Fonte: Lisboa interativa, Câmara municipal de Lisboa



Anexo A4. Cartografia Histórica | Planta das minas e encanamentos de água do Almoarifado da Ajuda 1901

Cartografia disponibilizada pelo GEAEM (Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar)



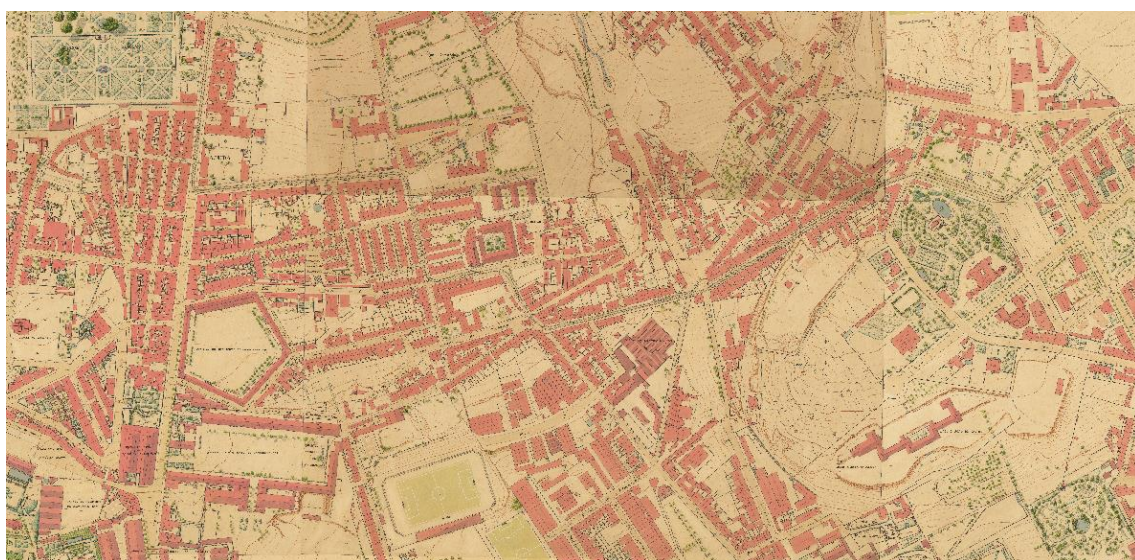
Anexo A5. Cartografia Histórica | 1911 Silva Pinto

Fonte: Lisboa interativa, Câmara municipal de Lisboa



Anexo A6. Cartografia Histórica | 1950

Fonte: Lisboa interativa, Câmara municipal de Lisboa



Anexo A7. Cartografia Histórica | 1970

Fonte: Lisboa interativa, Câmara municipal de Lisboa

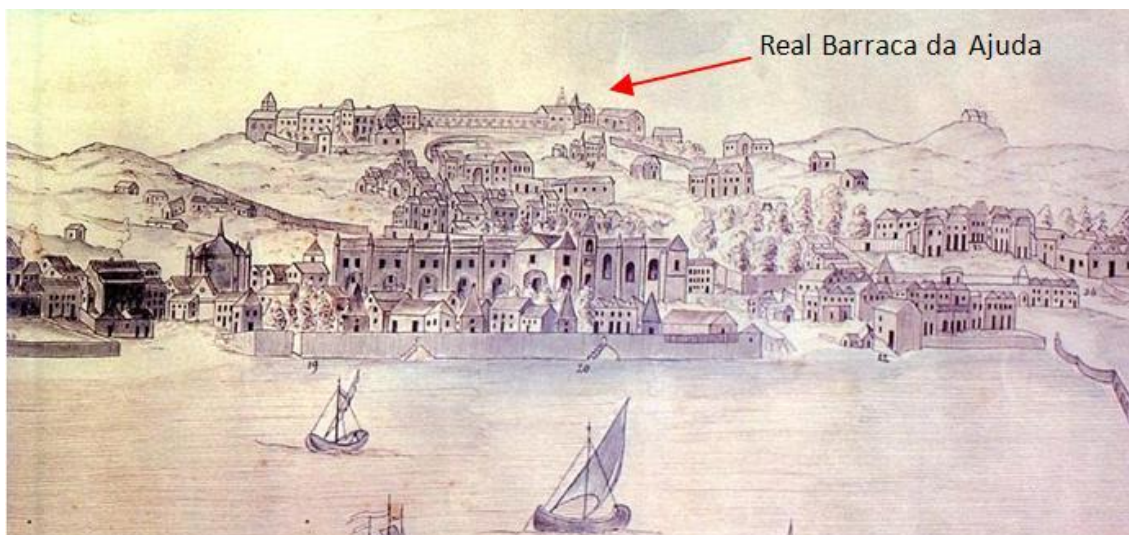


Anexo A8. Cartografia Histórica | 1987 Freguesias

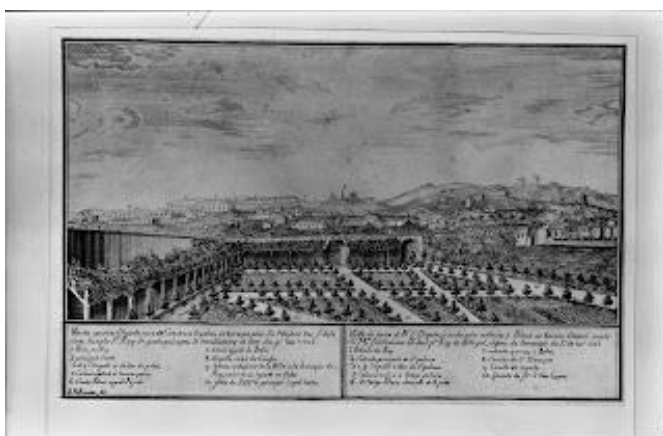
Fonte: Lisboa interativa, Câmara municipal de Lisboa



Anexo A9. Registo Fotográficos da Freguesia da Ajuda



Pormenor da Real Barraca no cimo da colina da Ajuda, numa vista panorâmica de Lisboa desenhada em 1763. Biblioteca Nacional de Portugal



Gravura do Alto da Ajuda, Real Barraca e Torre Sineira, 1699, disponibilizada pelo GEAM (Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar)



Vista sobre o Palácio da Ajuda, 1940, junta de Freguesia da Ajuda



Vista entre Alcântara e Belém, Forte da Junqueira. Gravura de Pierre-Charles Canot, 1756, Lisboa Museu de Lisboa



Vista da Rua da Torre. Fotografia de Eduardo Portugal, Junta de Freguesia da Ajuda,

Anexo A10. Levantamento Cartográfico da Freguesia da Ajuda realizado na cadeira de Laboratório de Arquitetura VI no ano letivo 2021/2022, Autora



I. EVOLUÇÃO DA HISTÓRIA URBANA

1/2500

1807 | Cartografia Duarte Fava
1856 | Cartografia Filipe Folque

1911 | Cartografia Silva Pinto
2021 | Atualidade

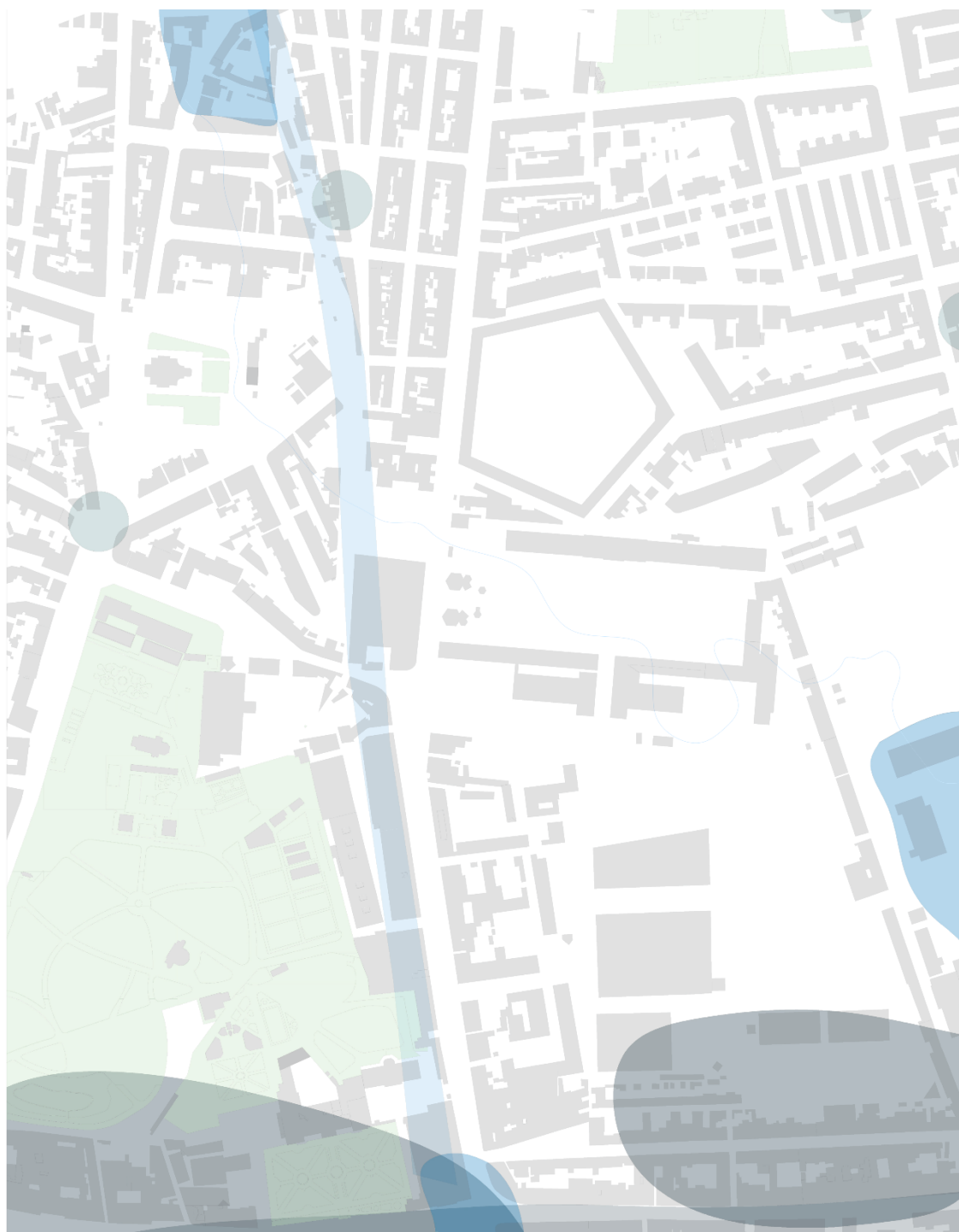
Anexo A11. Levantamento Cartográfico da Freguesia da Ajuda realizado na cadeira de Laboratório de Arquitetura VI no ano letivo 2021/2022, Autora



II. TOPOGRAFIA E TRAÇADO

1/2500

- Traçado Urbano
- Espaços Construídos



III. ZONAS VERDES E SISTEMA HÍDRICO

1/2500

- | | | |
|---------------------|------------------|----------------------------------------------|
| Espaços Verdes | Pontos de Água | Inundação moderada elevada muito elevada |
| Espaços Construídos | Rede Hidrológica | |

Anexo A13. Levantamento Cartográfico da Freguesia da Ajuda realizado na cadeira de Laboratório de Arquitetura VI no ano letivo 2021/2022, Autora



IV. CHEIOS E VAZIOS

1/2500

- Cheio
- Vazio

Anexo A14. Levantamento Cartográfico da Freguesia da Ajuda realizado na cadeira de Laboratório de Arquitetura VI no ano letivo 2021/2022, Autora

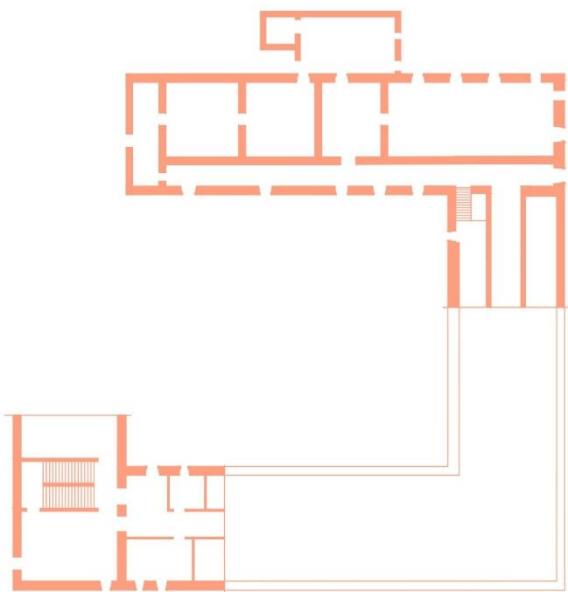
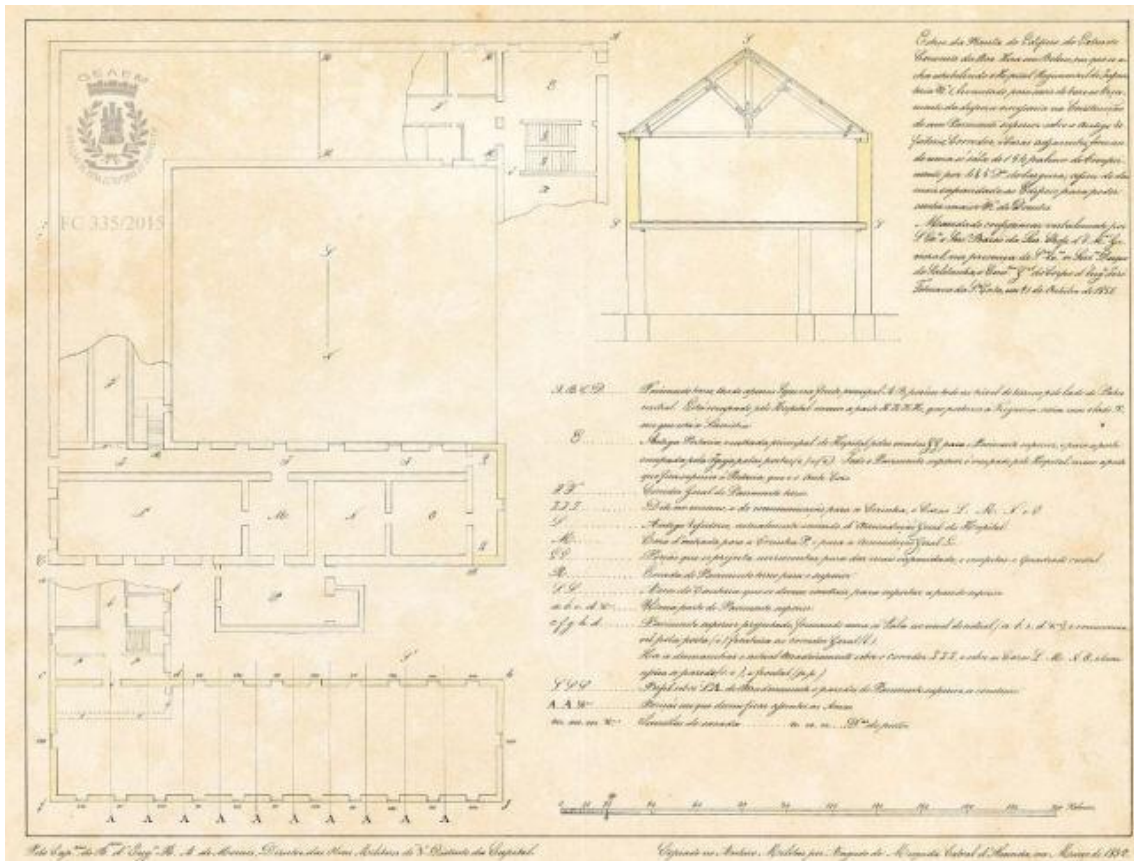


Anexo A15. Levantamento Cartográfico da Freguesia da Ajuda realizado na cadeira de Laboratório de Arquitetura VI no ano letivo 2021/2022, Autora

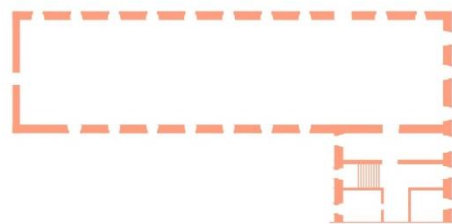


Anexo B. Convento de Nossa Senhora da Boa Hora

Fonte: Plantas disponibilizadas pelo GEAEM (Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar)

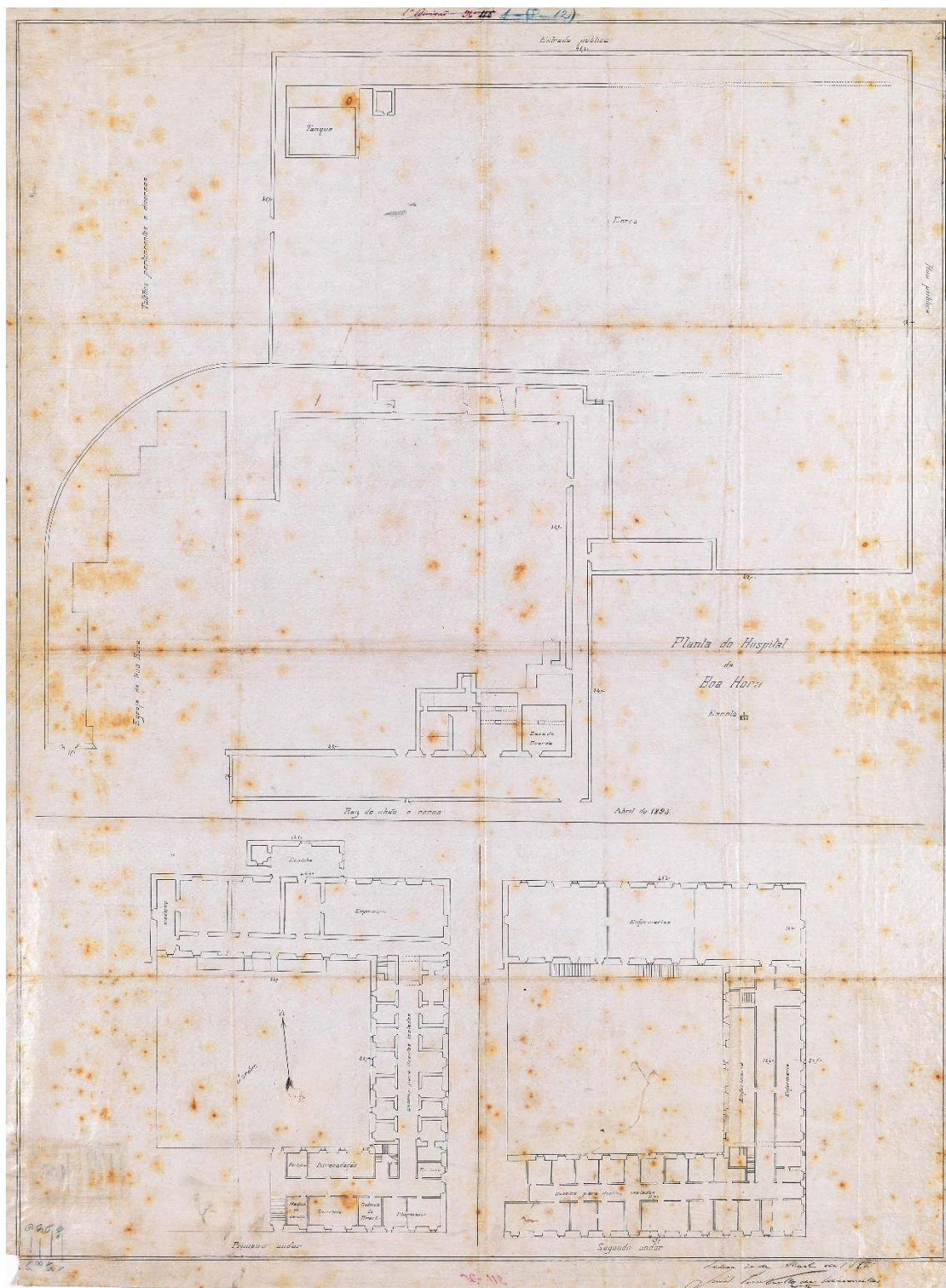


Fonte: Autora, 2022, Piso 1



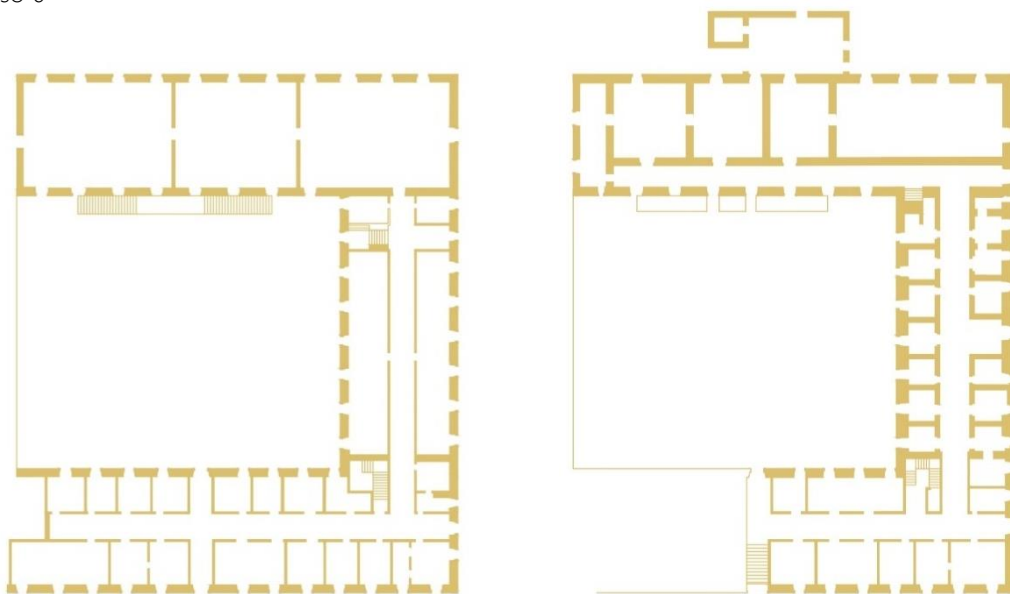
Piso 2

Fonte: Plantas disponibilizadas pelo GEAM (Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar)





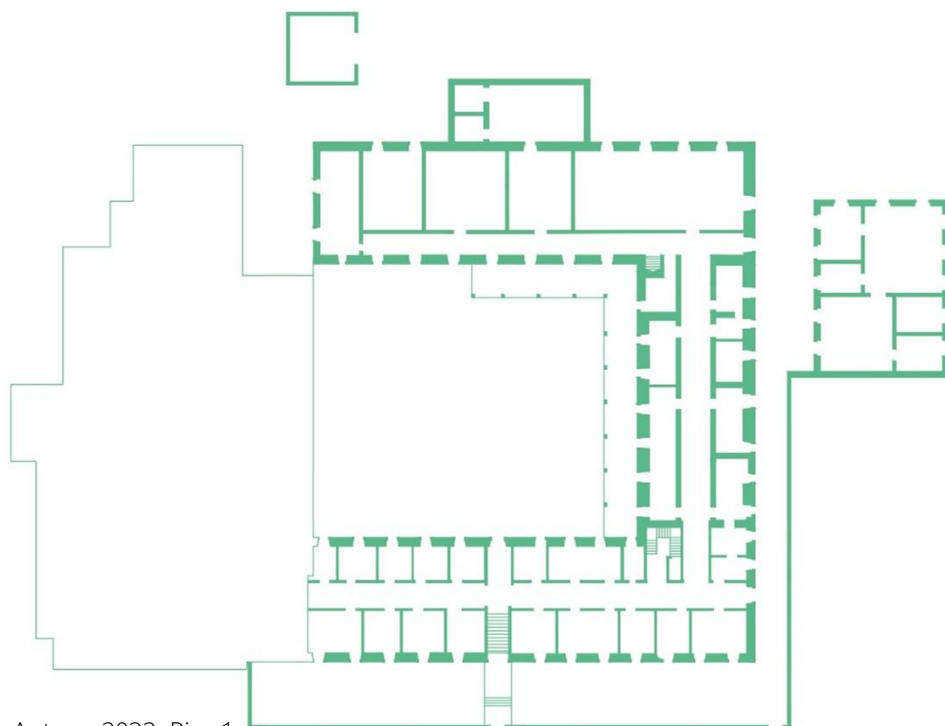
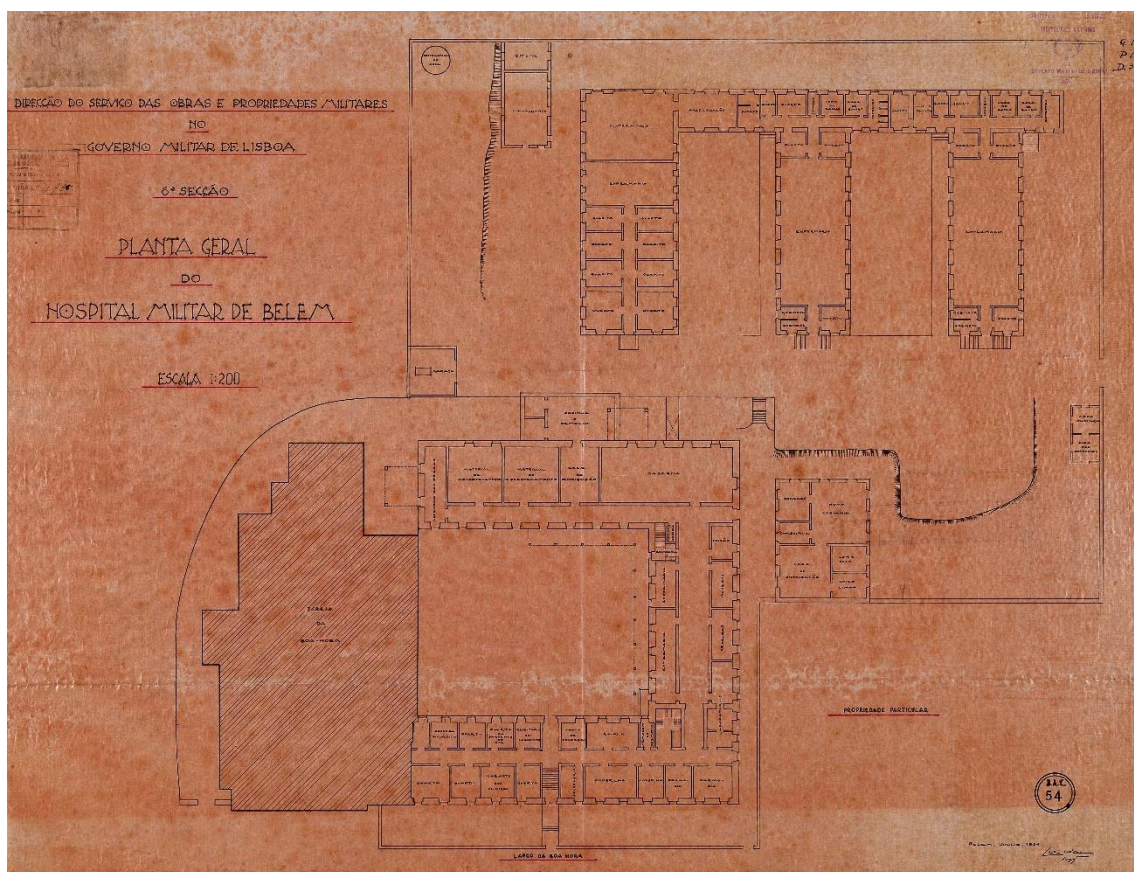
Piso 0



Fonte: Autora, 2022, Piso 1

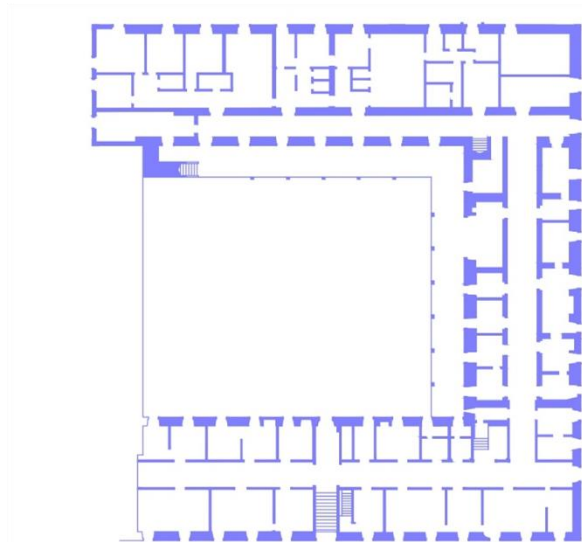
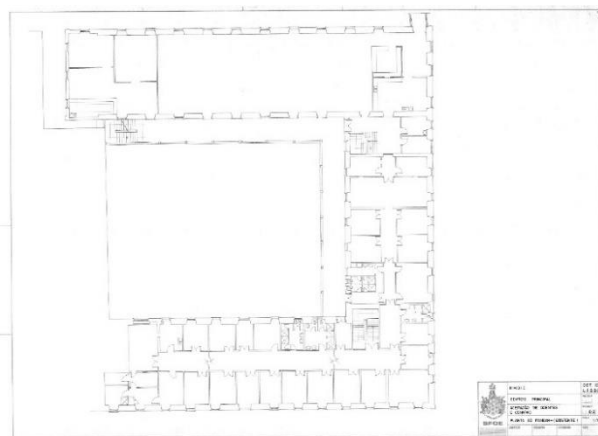
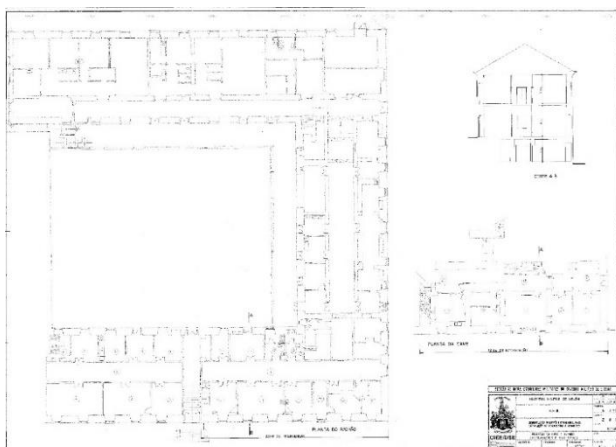
Piso 2

Fonte: Plantas disponibilizadas pelo GEAE (Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar)



Fonte: Autora, 2022, Piso 1

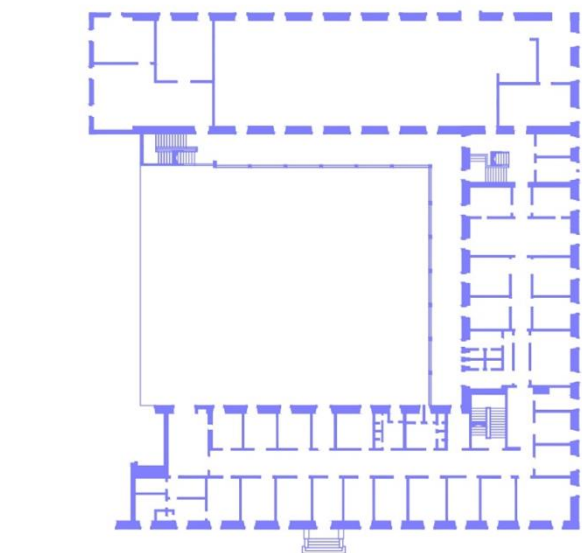
Fonte: Plantas disponibilizadas pelo GEAEM (Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar)



Piso 1



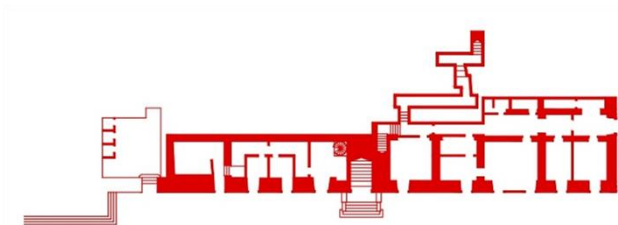
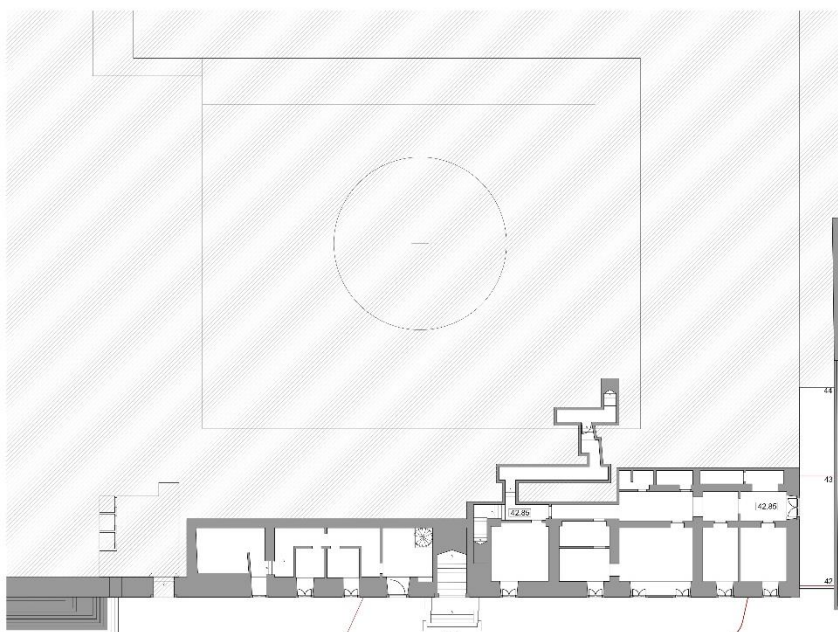
Piso 0



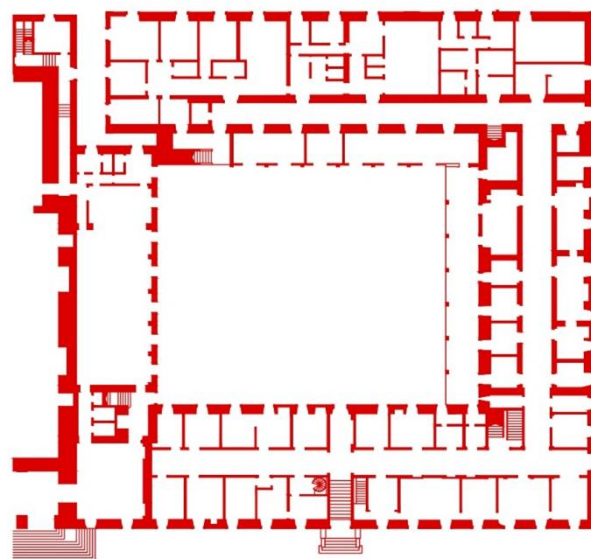
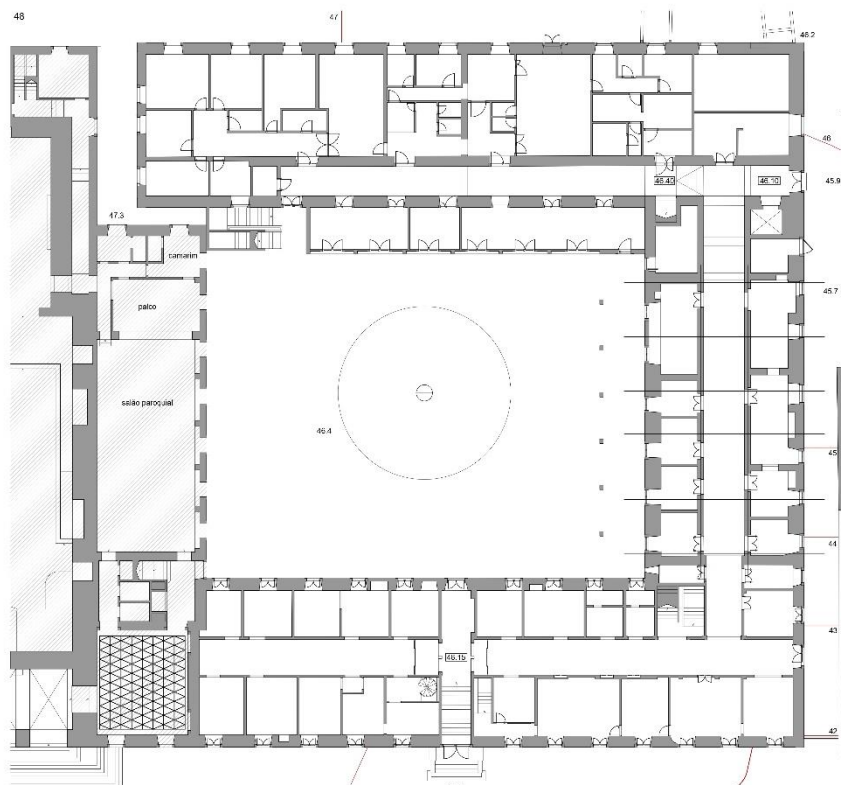
Fonte: Autora, 2022, Piso 2

Anexo B5. Plantas Históricas | 2022

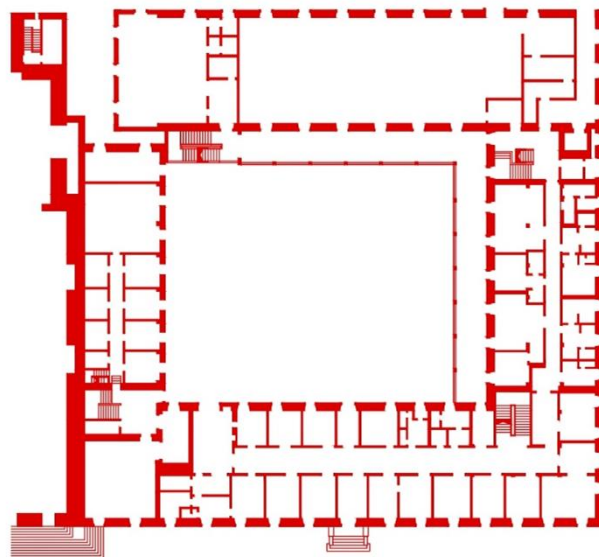
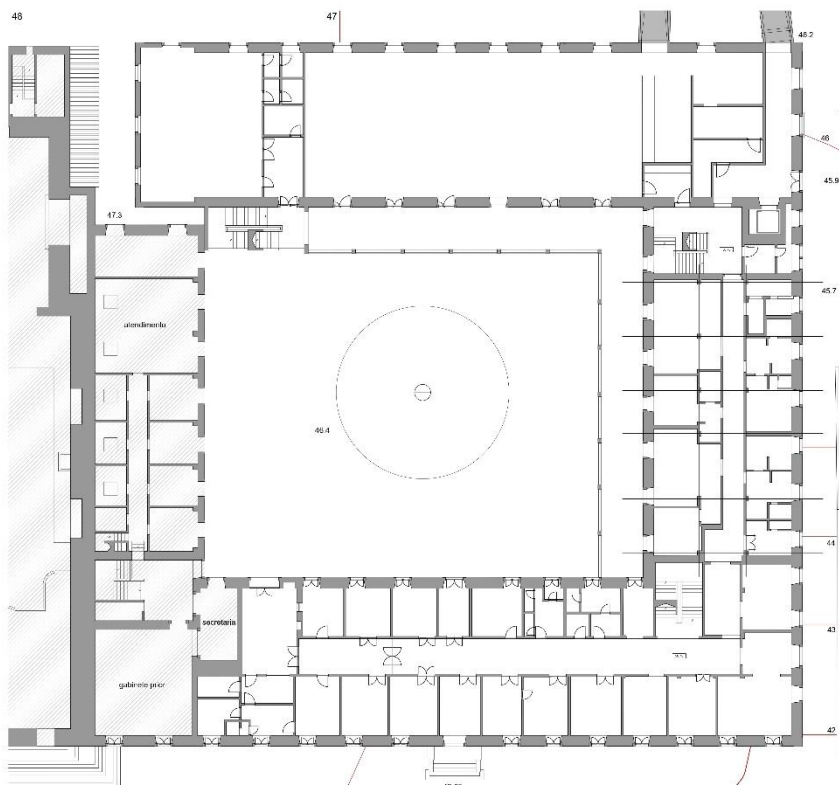
Fonte: Plantas disponibilizadas pelo GEAEM (Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar)



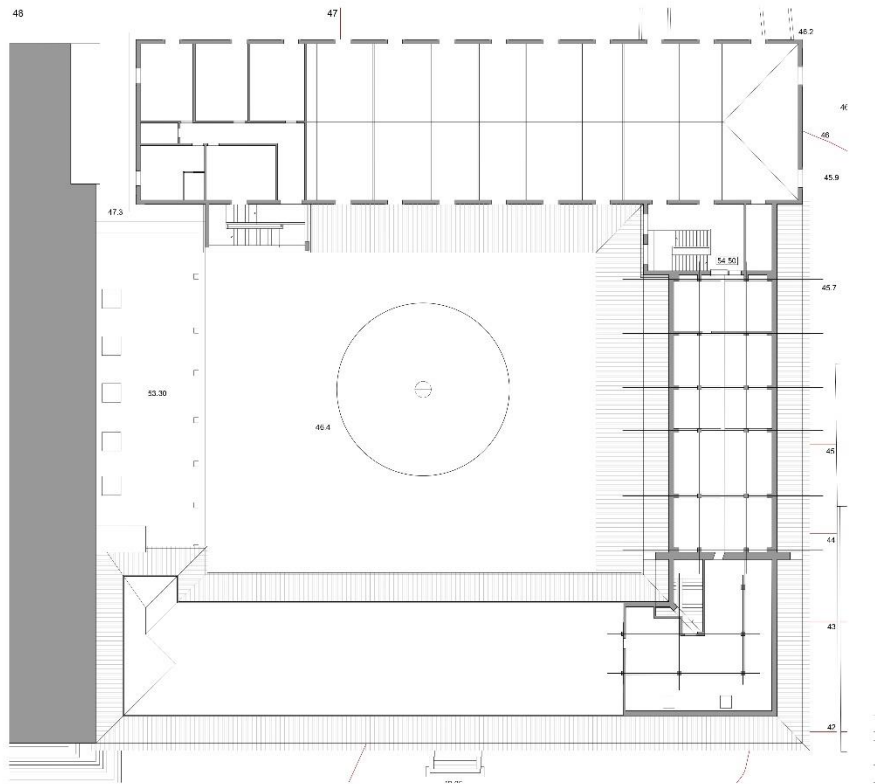
Fonte: Autora, 2022, Piso 0



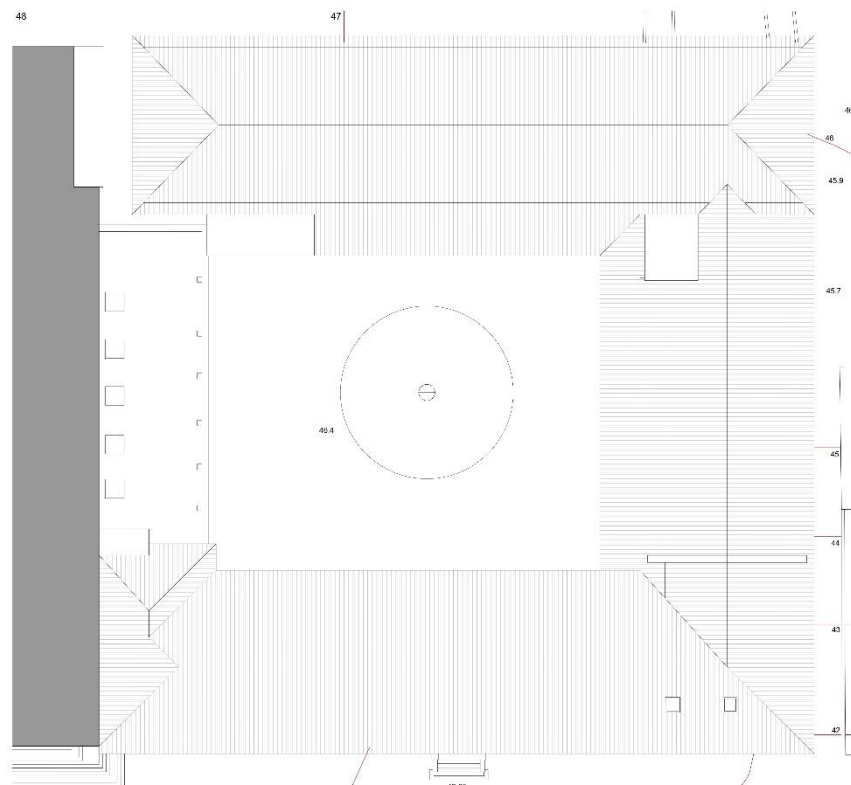
Fonte: Autora, 2022, Piso 1



Fonte: Autora, 2022, Piso 2



Piso 3



Planta de cobertura

Anexo B6. Sobreposição das Plantas Históricas | 1852 e 1895

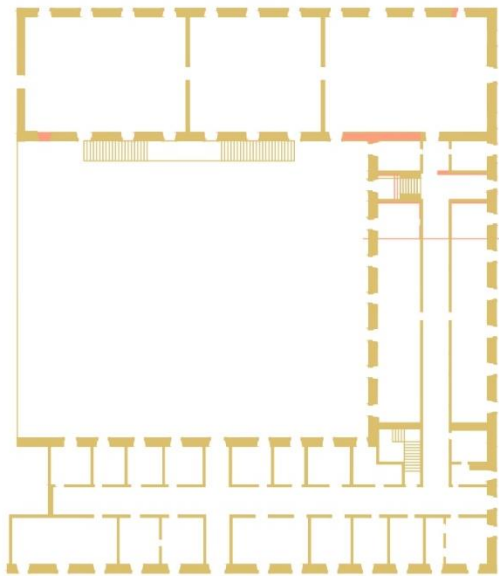
Fonte: Autora, 2022



Piso 0



Piso 1



Piso 2

Anexo B7. Sobreposição das Plantas Históricas | 1895 e 1934

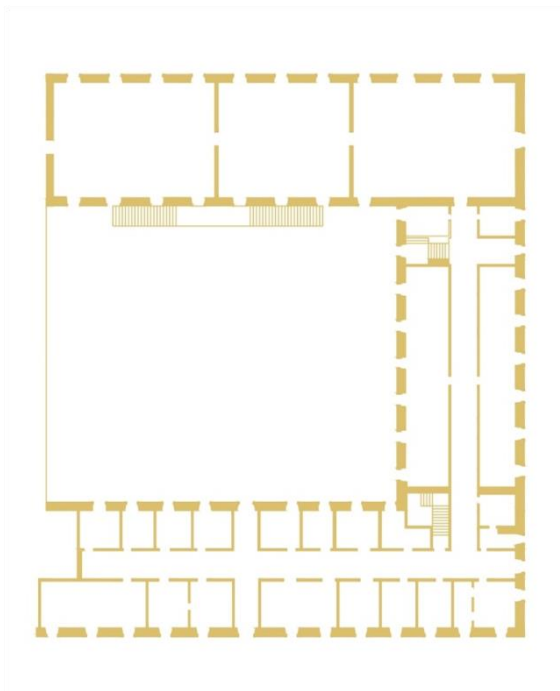
Fonte: Autora, 2022



Piso 0



Piso 1



Piso 2

Anexo B8. Sobreposição das Plantas Históricas | 1934 e 1997

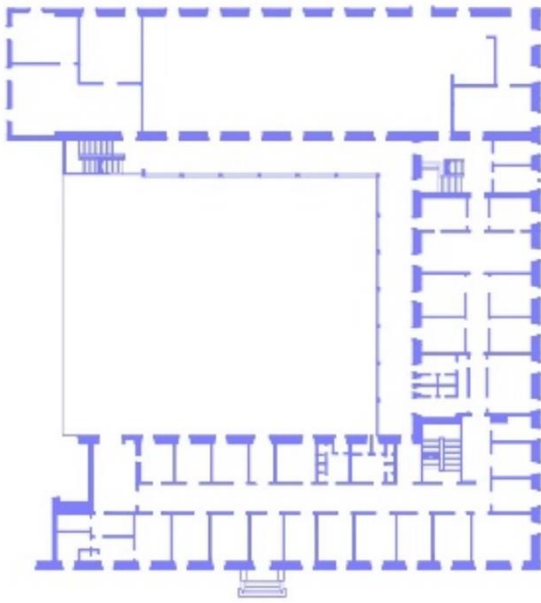
Fonte: Autora, 2022



Piso 0



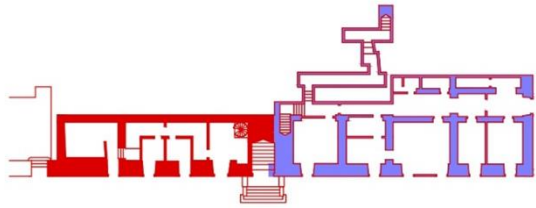
Piso 1



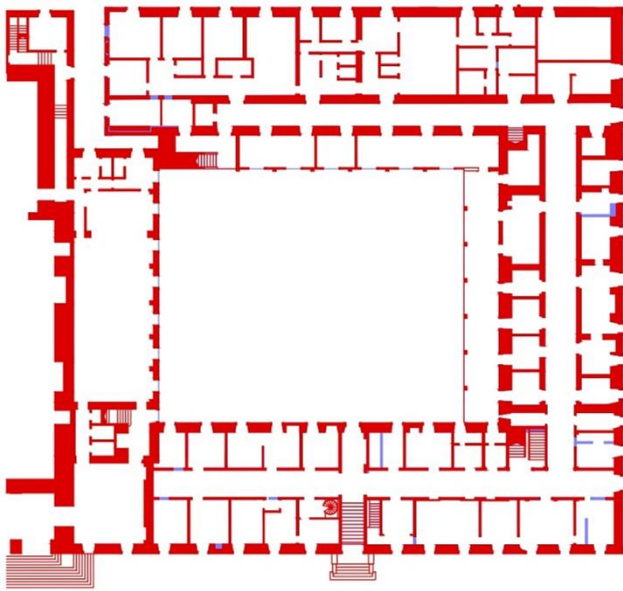
Piso 2

Anexo B9. Sobreposição das Plantas Históricas | 1997 e 2022

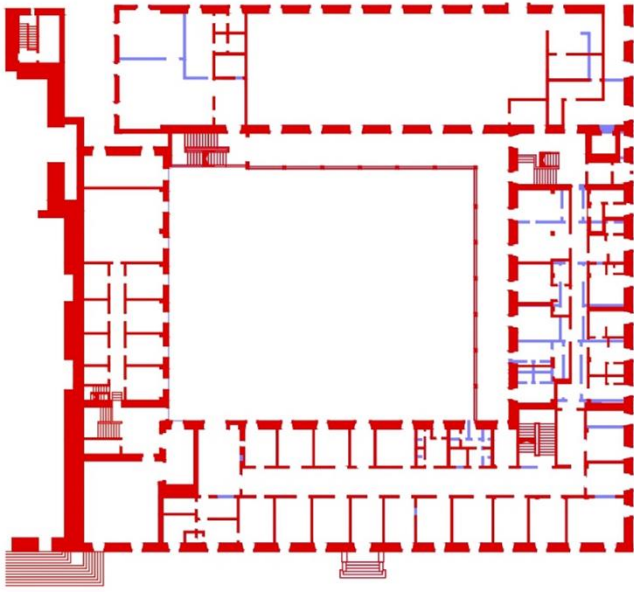
Fonte: Autora, 2022



Piso 0



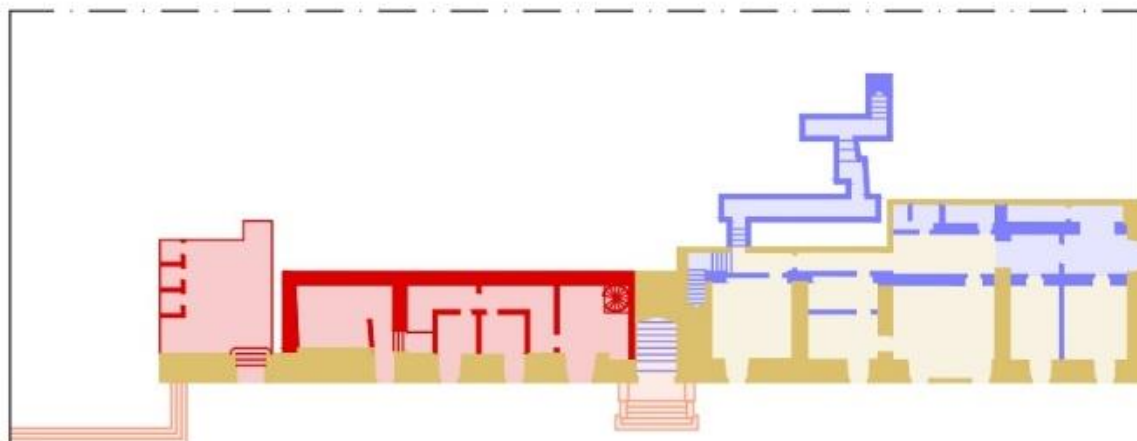
Piso 1



Piso 2

Anexo B10. Sobreposição da estrutura histórica | 1852 a 2022

Fonte: Autora, 2022



Piso 0

LEGENDA:

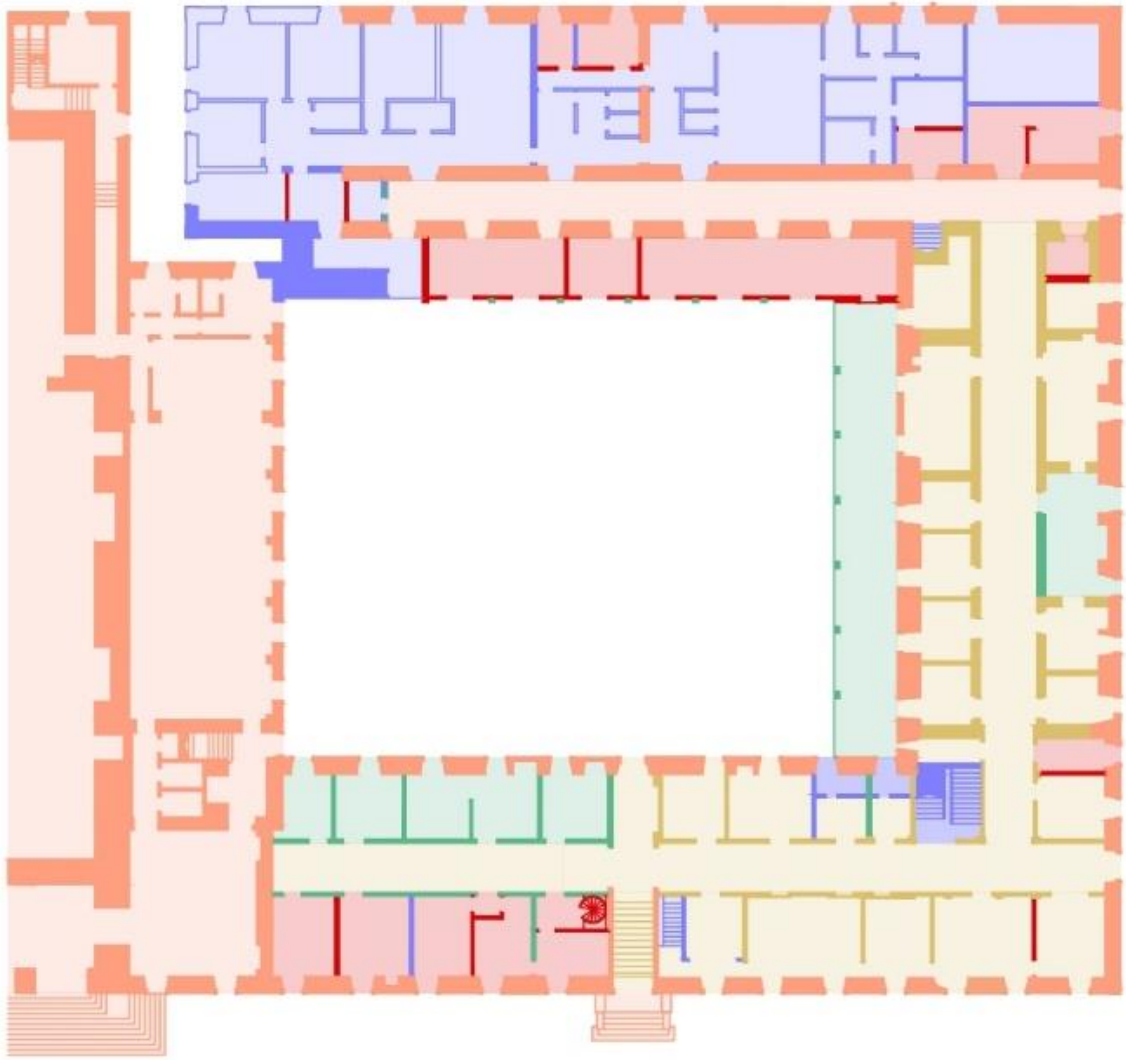
1852: presumível estrutura original do edifício pertencente ao antigo convento de 1758;

1895: a estrutura secundária sofre alterações por parte dos militares. Parte do desenho do edifício começa a aparecer nas plantas;

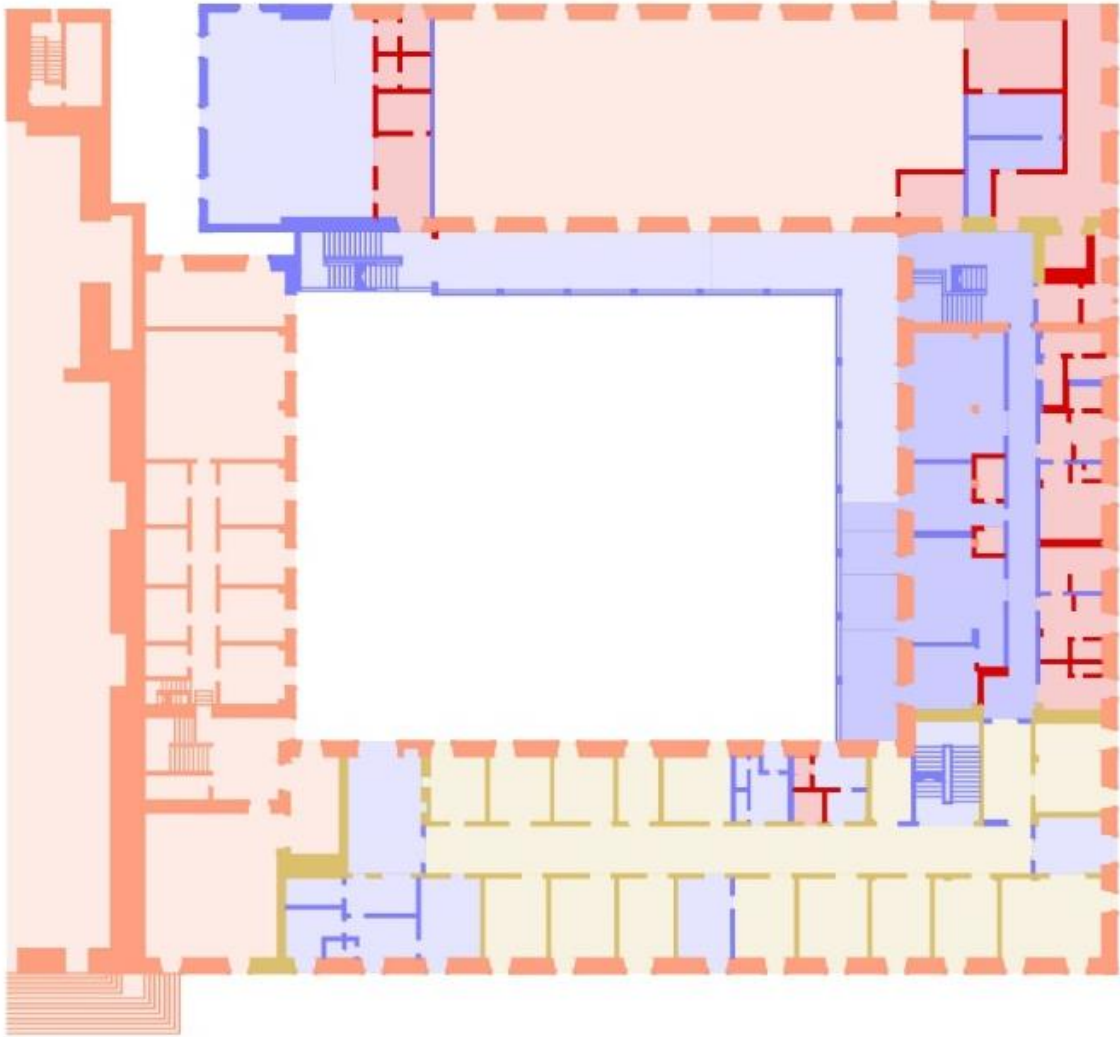
1934: enquanto hospital militar, os compartimentos do piso 2 e a galeria na ala este sofrem adaptações;

1997: mantendo a tipologia hospital, o edifício passa por bastantes alterações, com destaque para a ala norte no piso 2 e a ala este no piso 1;

2022: estado atual da estrutura do edifício hospitalar;



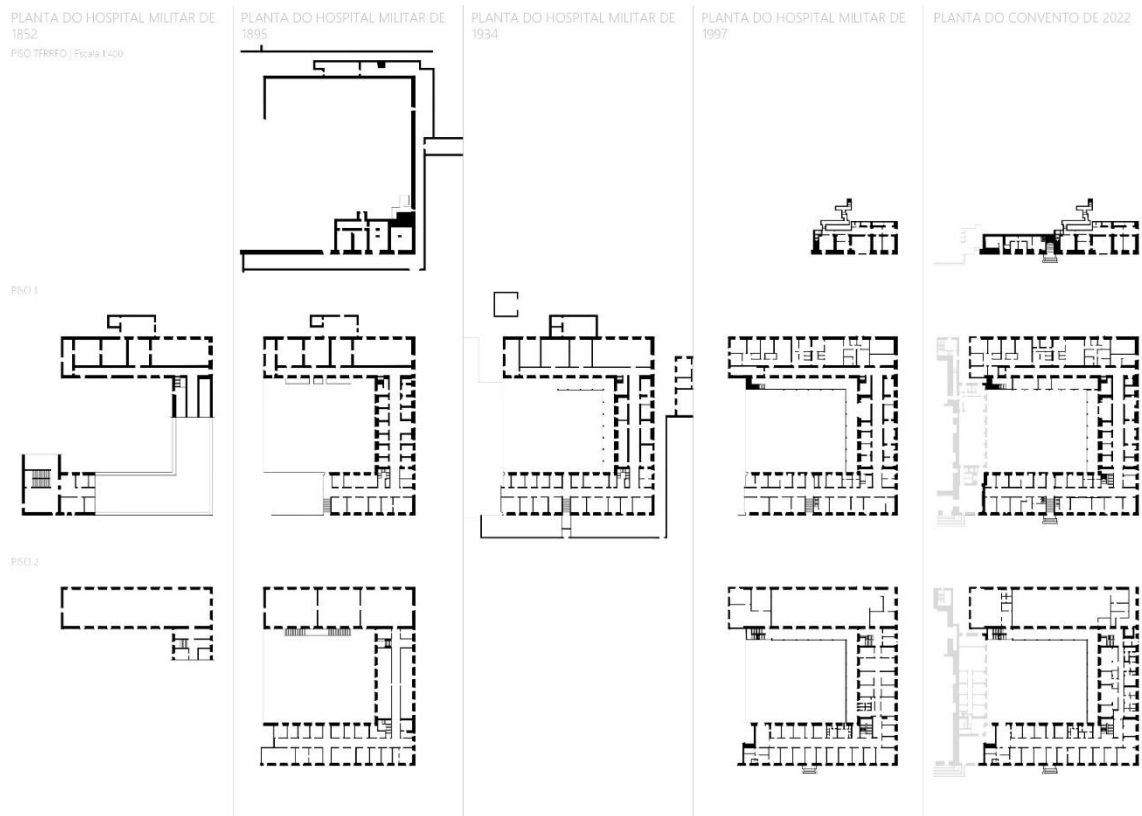
Piso 1



Piso 2

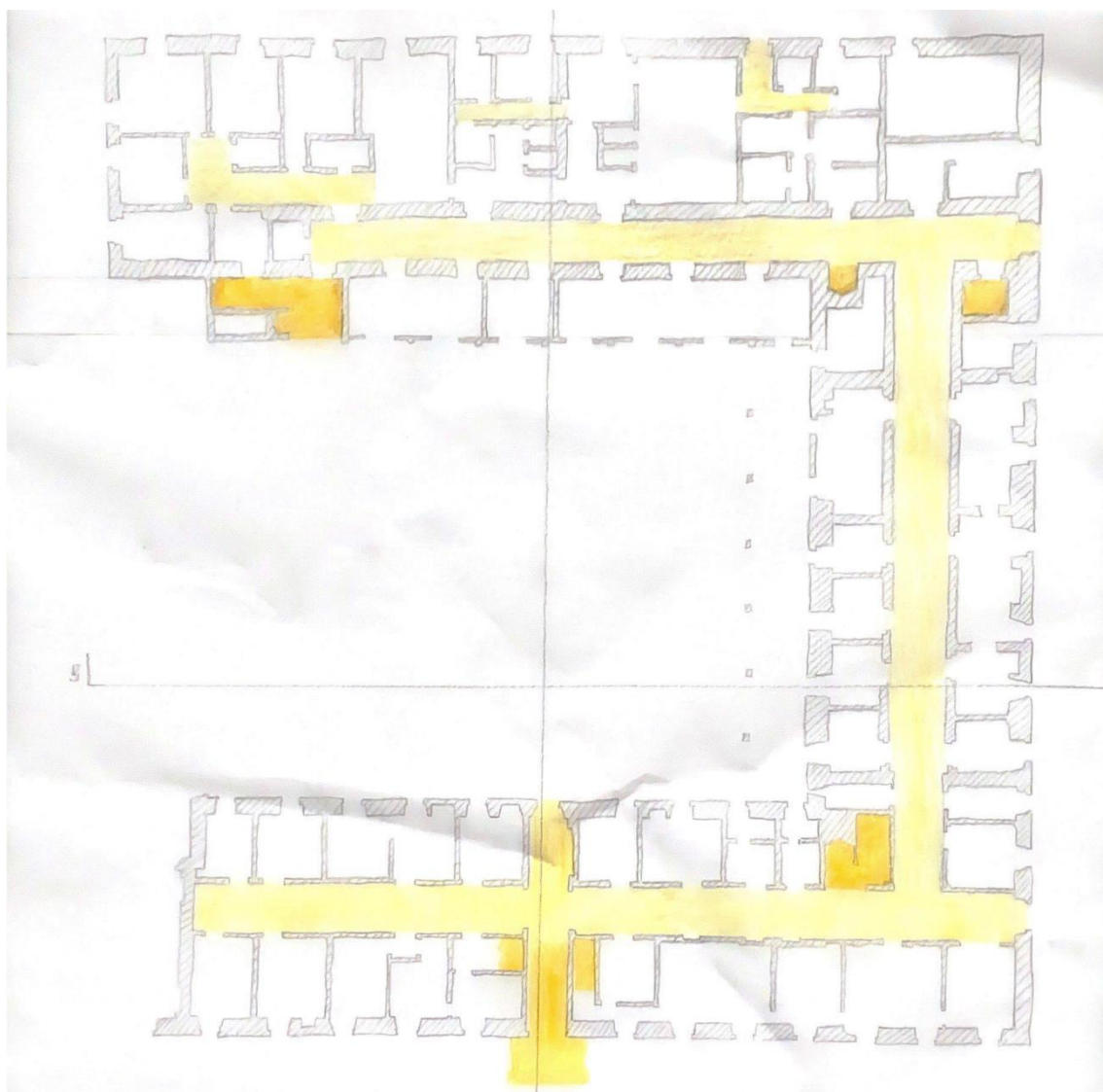
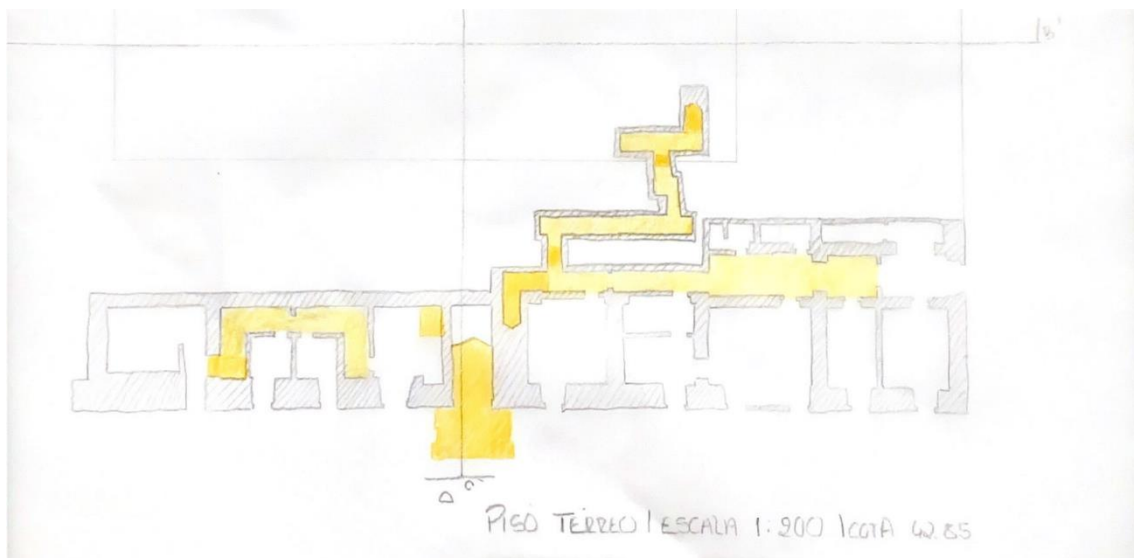
Anexo B11. Esquema cronológico e tipológico das plantas históricas | 1852 a 2022

Fonte: Autora, 2022



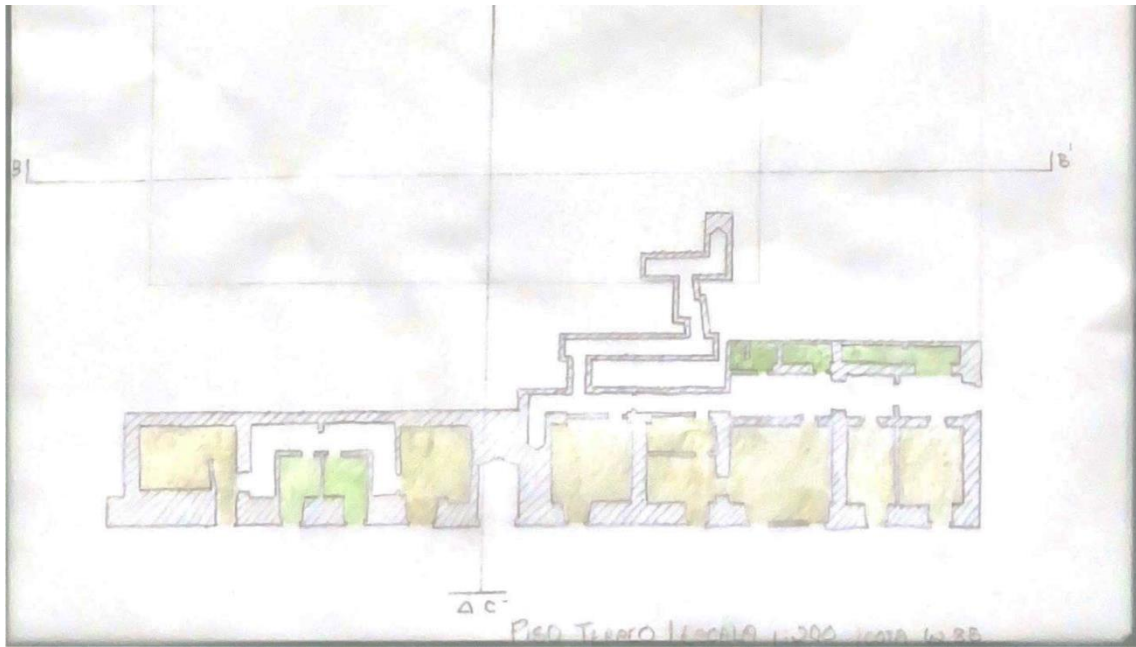
Anexo B12. Estudo da disposição dos espaços interiores dos pisos e perfis

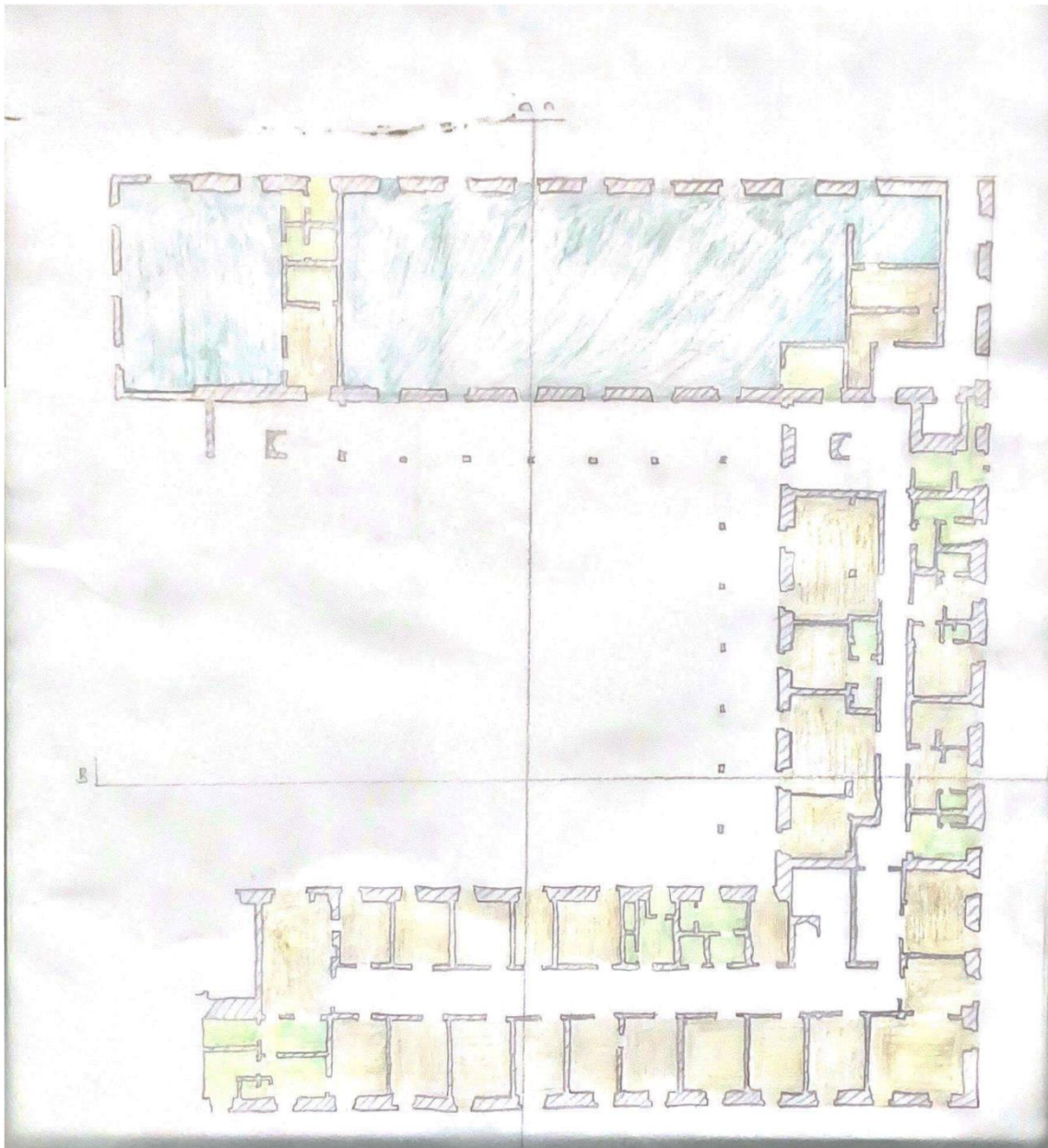
Fonte: Autora, 2022

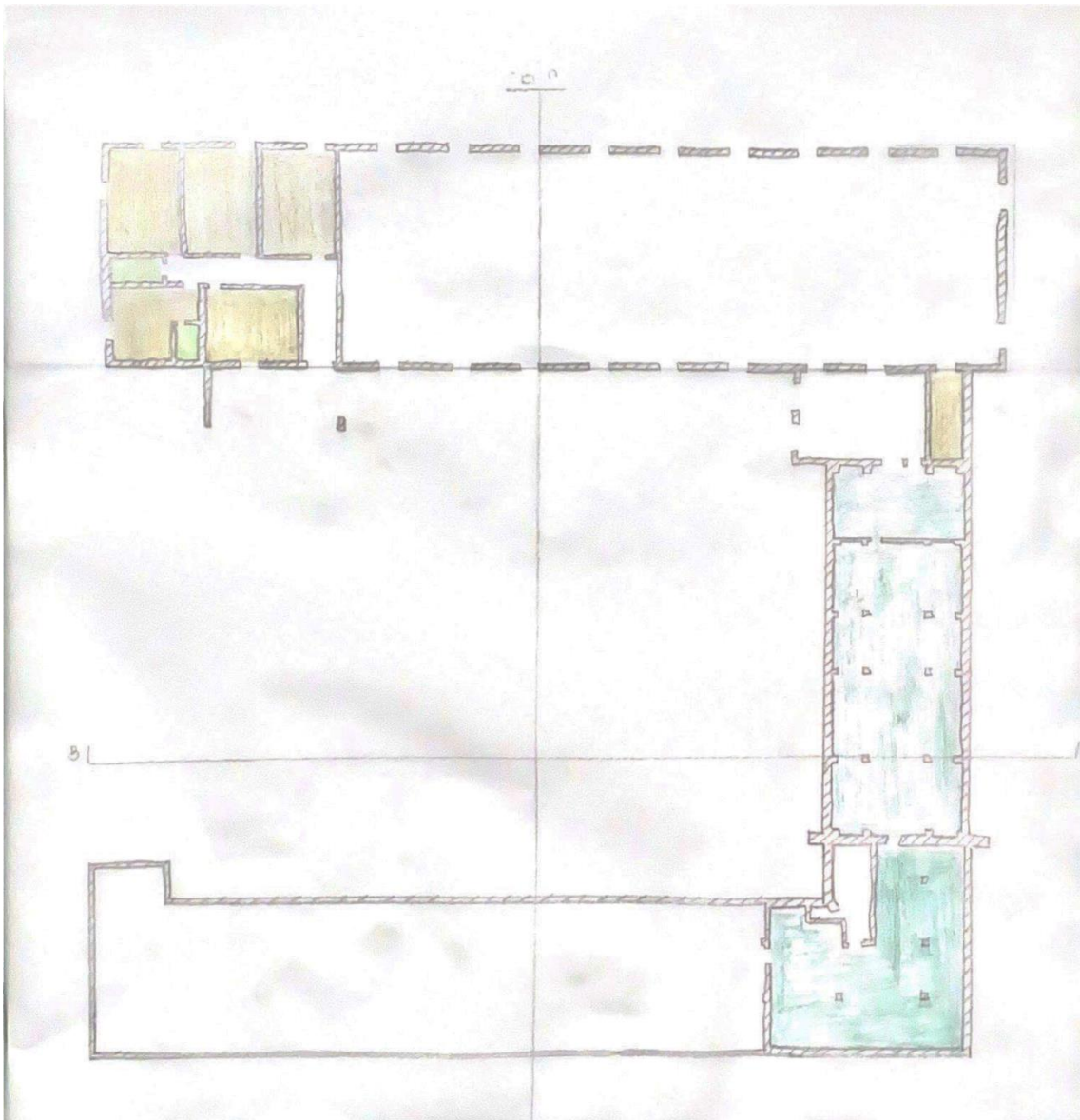


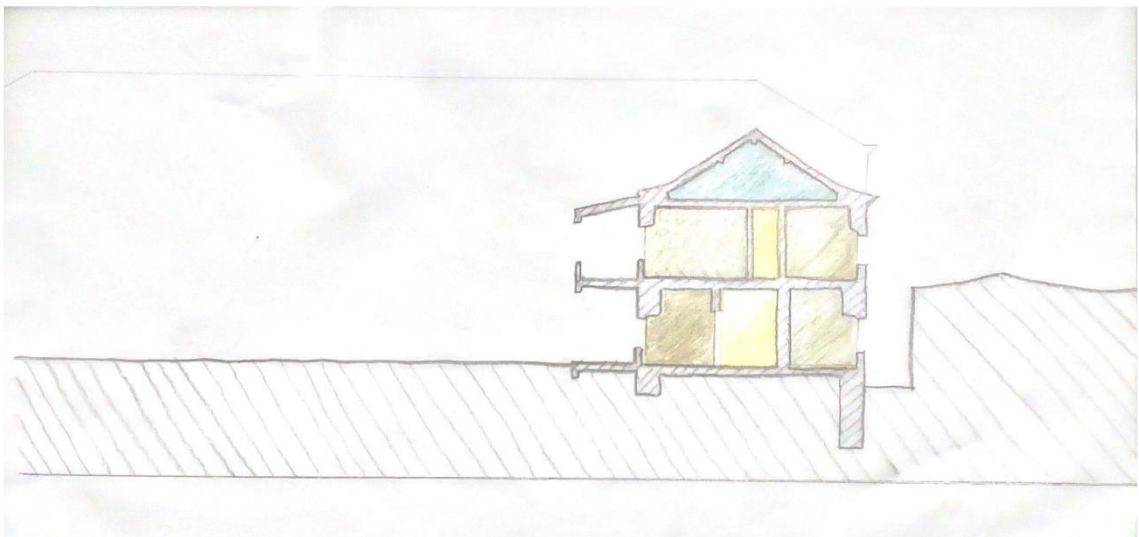
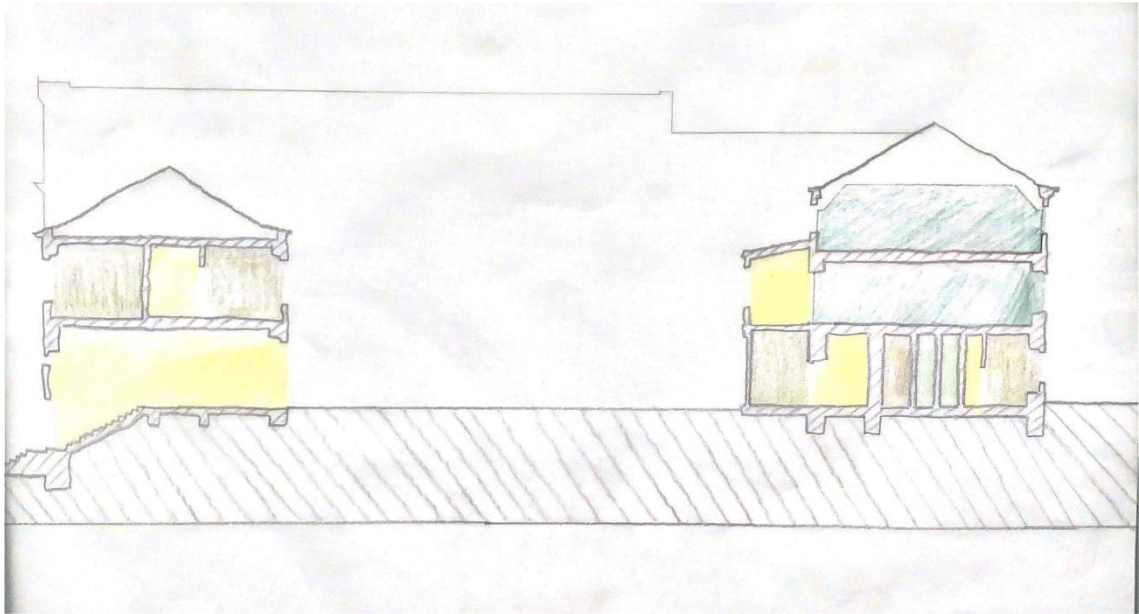
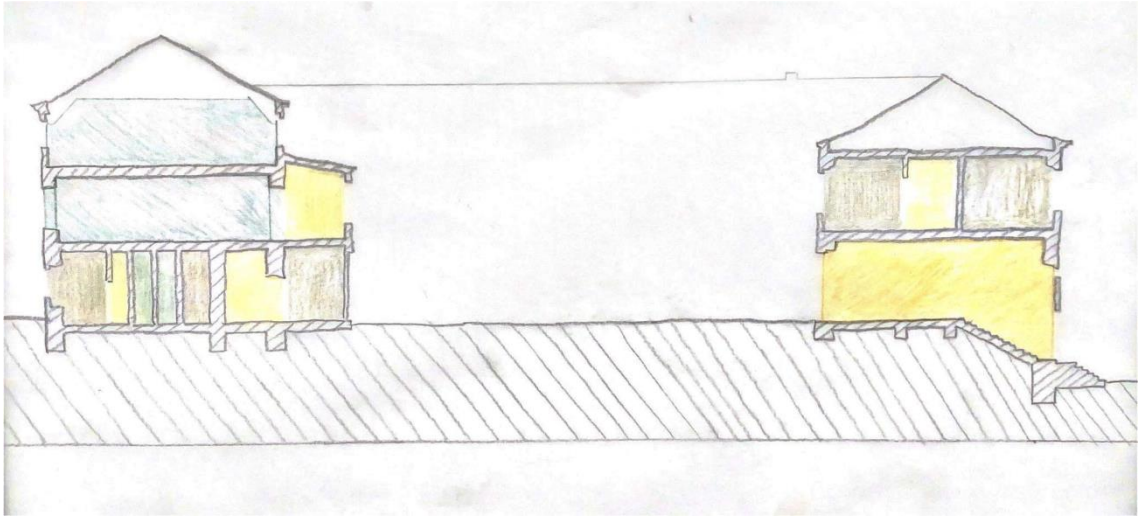












Anexo B13. Análise de Valores

Fonte: Autora, 2022

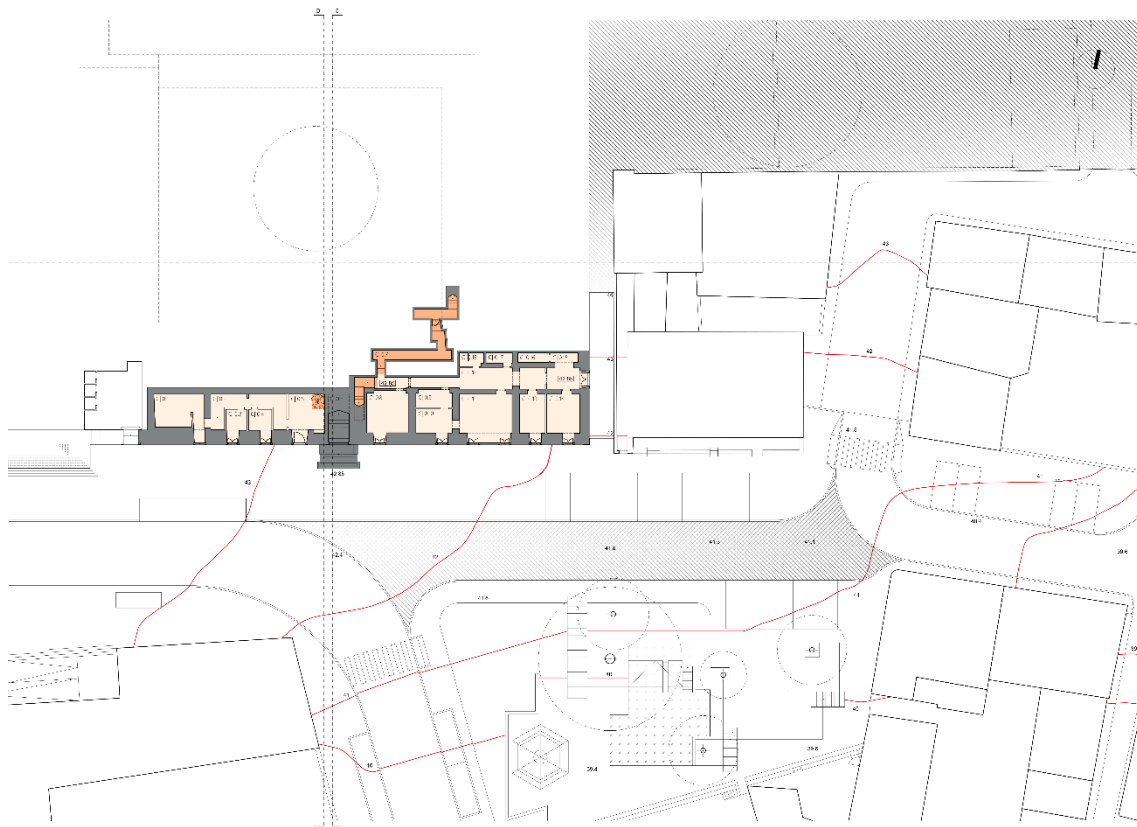
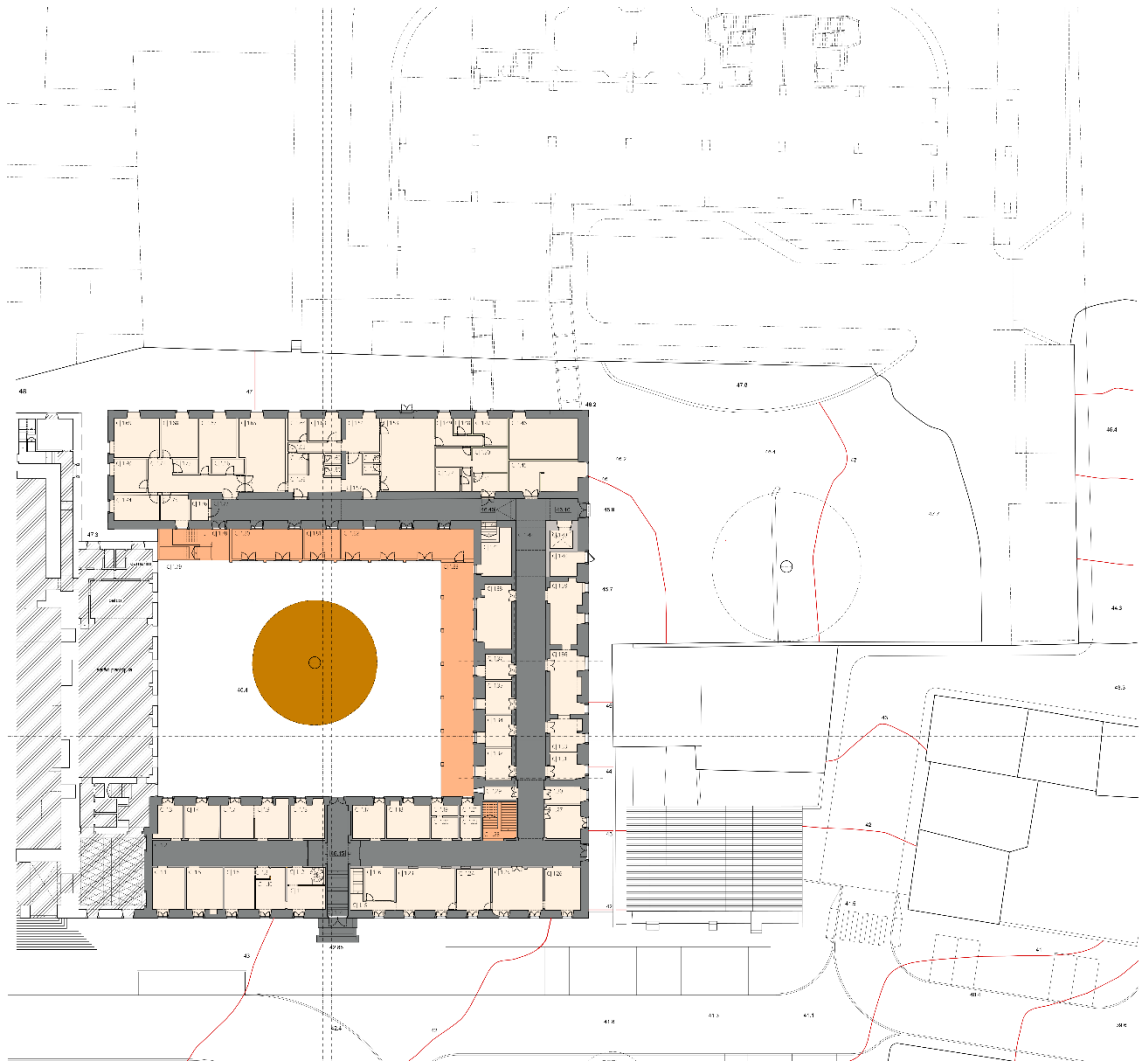


TABELA DE CLASSIFICAÇÃO	VALOR	COMPARTIMENTO																		OBSERVAÇÕES
		Piso Térreo																		
		0.1	0.2	0.3	0.4	0.5	0.6	0.7	0.8	0.9	0.10	0.11	0.12	0.13	0.14	0.15	0.16	0.17	0.18	
Histórico																				
Convento																				
Hospital Regimental Inf. Nº1																				
Hospital Militar de Belém	1	1	1	1	1	5	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
Tipológico																				
Estrutura Principal	4	4	4	4	4	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5		
Estrutura Secundária	1	1	1	1	1				1		1	1	1					1		
Estrutura do Pátio																				
Estrutura Corredores Circ.											4									
Acessos Verticais					1	5	2													
Cobertura																				
Decorativo																				
Paredes												1							1.12.azulejos de cor branco acetinado	
Pavimentos												1								
Tetos												1								
Vãos - Portas																				
Vãos - Janelas																				
TOTAL	6	6	6	6	7	15	8	6	6	7	6	14	7	7	6	6	6	7	C 0.6	

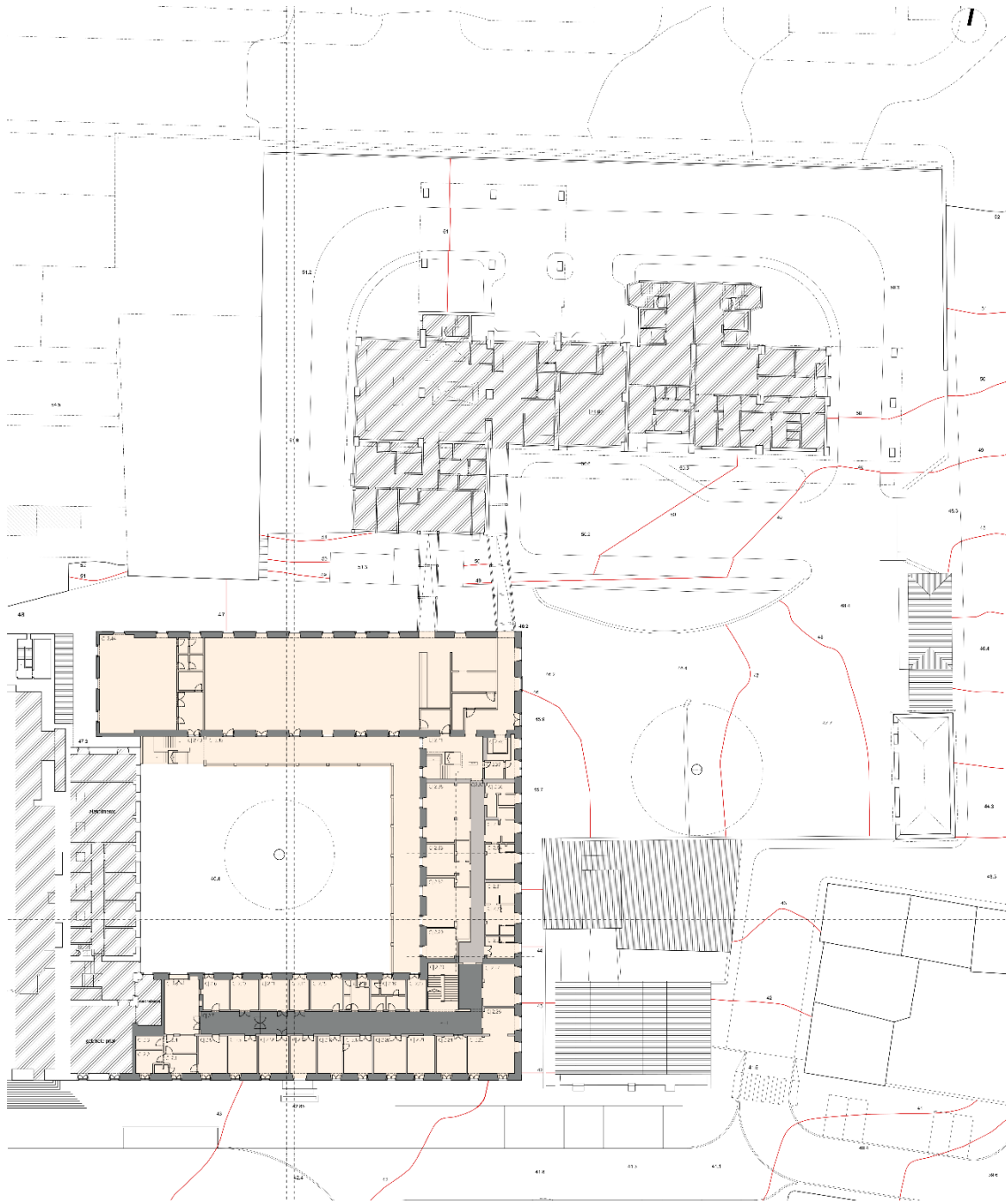
TABELA DE CLASSIFICAÇÃO	
1. Sem valor	
2. Valor reduzido	
3. Com interesse	
4. Importante	
5. Muito importante	

TABELA DE CLASSIFICAÇÃO	
0 - 10	Elementos que comprometam a leitura identitária e histórica do conjunto. Estes elementos devem ser demolidos/substituídos.
11 - 20	Elementos sem valor Patrimonial, material ou estético. Podem ser demolidos ou substituídos.
21 - 30	Elementos com valor estético, material ou construtivo, mas que necessitam de outro enquadramento. Podem ser removidos, substituídos ou reenquadrados.
31 - 40	Elementos considerados de índole patrimonial. Devem ser preservados na sua situação atual.



VALOR	COMPARTIMENTO																								OBSERVAÇÕES																							
	Piso 1																																															
Histórico	11	12	13	14	15	16	17	18	19	10	111	112	113	114	115	116	117	118	119	120	121	122	123	124	125	126	127	128	129	130	131	132	133	134	135	136	137	138	139	140	141	142						
Convento																																																
Hospital Regimento Inf. Nº1	1	5	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	5	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1				
Hospital Militar de Belém																																																
Tipológico																																																
Estrutura Principal	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5		
Estrutura Secundária	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
Estrutura do Pátio		5	5		5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5		
Estrutura Corredores Circ.	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4		
Acessos Verticais																1	5	1																														
Cobertura																																																
Decorativo																																																
Paredes																	1	4	1																													11 azulejos azuis figurativos 12 arcos de pedra embutidos na parede 138 azulejos figurativos
Pavimentos																																																
Tetos																																																
Vãos - Portas	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2			
Vãos - Janelas	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5		
TOTAL	18	20	23	23	18	18	23	15	23	20	20	21	23	40	24	13	23	23	23	13	23	13	18	18	18	18	18	18	18	18	18	19	24	18	19	24	19	24	23	18	27	26	18	18	23	27	C114	

VALOR	COMPARTIMENTO																								OBSERVAÇÕES																							
	Piso 1																																															
Histórico	1.43	1.44	1.45	1.46	1.47	1.48	1.49	1.50	1.51	1.52	1.53	1.54	1.55	1.56	1.57	1.58	1.59	1.60	1.61	1.62	1.63	1.64	1.65	1.66	1.67	1.68	1.69	1.70	1.71	1.72	1.73	1.74	1.75	1.76	1.77	1.78	1.79	1.80	1.81	1.82	1.83							
Convento																																																
Hospital Regimento Inf. Nº1																																																
Hospital Militar de Belém	1																																															
Tipológico																																																
Estrutura Principal	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5			
Estrutura Secundária	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1			
Estrutura do Pátio		5																																														
Estrutura Corredores Circ.	4	4																																														
Acessos Verticais	1	5																																														
Cobertura																																																
Decorativo																																																
Paredes																																															177 azulejos figurativos e de cor branco acetinado	
Pavimentos																																																
Tetos																																																
Vãos - Portas	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1				
Vãos - Janelas		5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5			
TOTAL	11	20	17	12	13	8	13	3	13	13	13	3	13	13	8	8	3	8	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	13	29	6	11	11	6	C177



VALOR	COMPARTIMENTO																							OBSERVAÇÕES																														
	Piso 2																																																					
Histórico	21	22	23	24	25	26	27	28	29	210	211	212	213	214	215	216	217	218	219	220	221	222	223	224	225	226	227	228	229	230	231	232	233	234	235	236	237	238	239	240	241	242	243	244										
Convento																																																						
Hospital Regimental Inf. Nº1																																																						
Hospital Militar de Belém	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1				
Tipológico																																																						
Estrutura Principal	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5				
Estrutura Secundária	1	1	1	1	1	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4				
Estrutura do Pátio																																																						
Estrutura Corredores Circ.																																																						
Acessos Verticais																																																						
Cobertura																																																						
Decorativo																																																						
Paredes																																																						
Pavimentos																																																						
Tetos																																																						
Vãos - Portas	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1			
Vãos - Janelas	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5			
TOTAL	13	13	8	7	18	25	14	20	20	25	25	20	23	25	25	23	20	22	22	20	20	28	17	23	23	20	20	18	17	18	17	17	18	18	17	17	17	17	17	17	21	17	21	9	10	21								

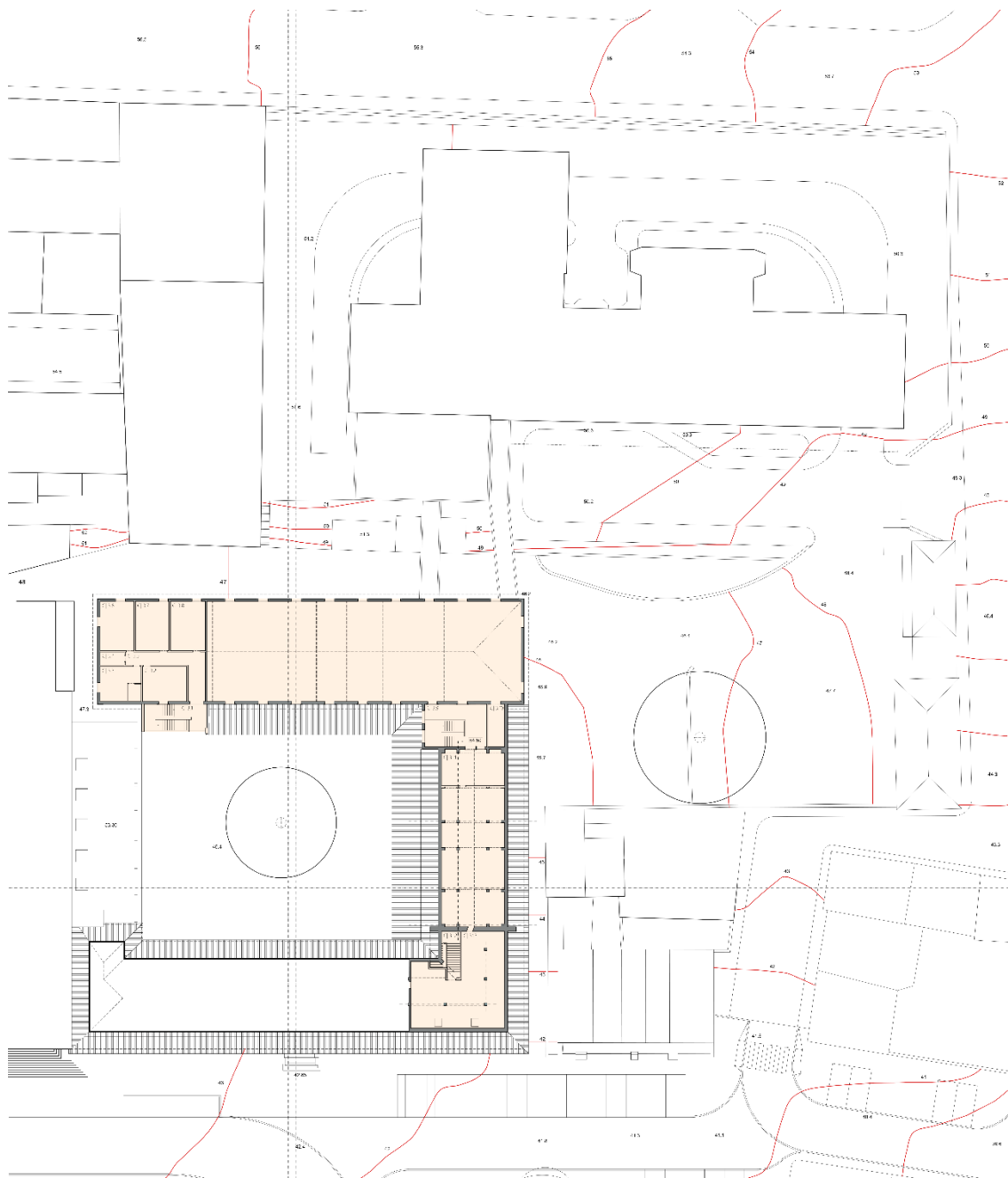

























TABELA DE CLASSIFICAÇÃO	VALOR	COMPARTIMENTO													OBSERVAÇÕES
		Piso 3													
	3.1	3.2	3.3	3.4	3.5	3.6	3.7	3.8	3.9	3.10	3.11	3.12	3.13		
Histórico															
Convento															
Hospital Regimental Inf. Nº1															
Hospital Militar de Belém	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
Tipológico															
Estrutura Principal	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5	5		
Estrutura Secundária	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
Estrutura do Pátio															
Estrutura Corredores Circ.					1										
Acessos Verticais	1								1			1			
Cobertura										4			4		
Decorativo															
Paredes									1						
Pavimentos									1						
Tetos									1						
Vãos - Portas									1						
Vãos - Janelas									5						
TOTAL		8	7	7	7	8	7	7	7	17	11	7	8	11	

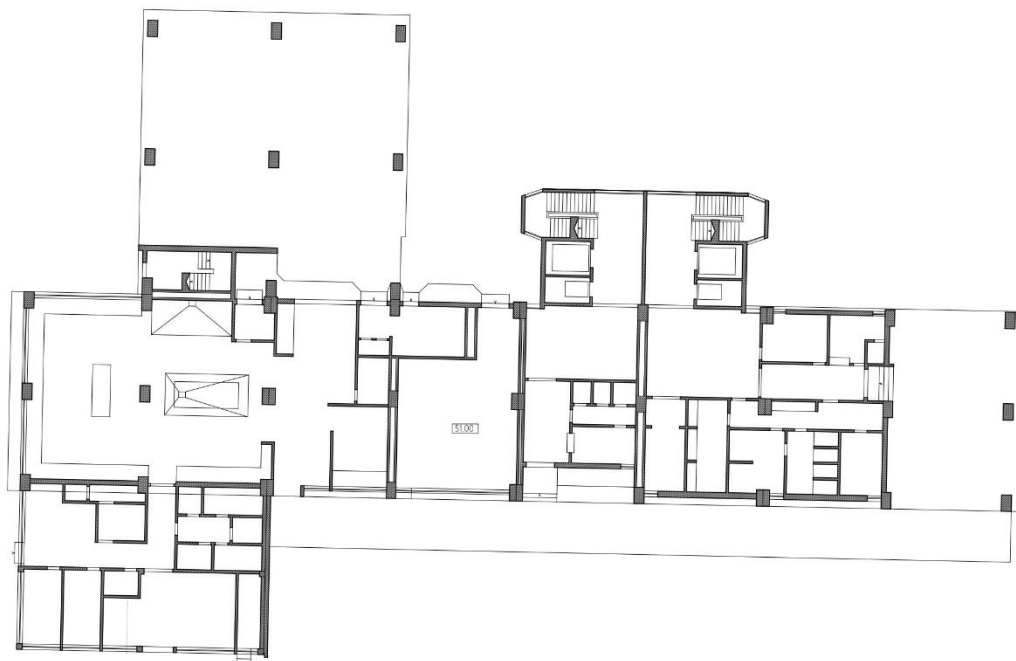
Anexo B14. Tabelas de Casos de Referência de Conventos

Fonte: Autora, 2022

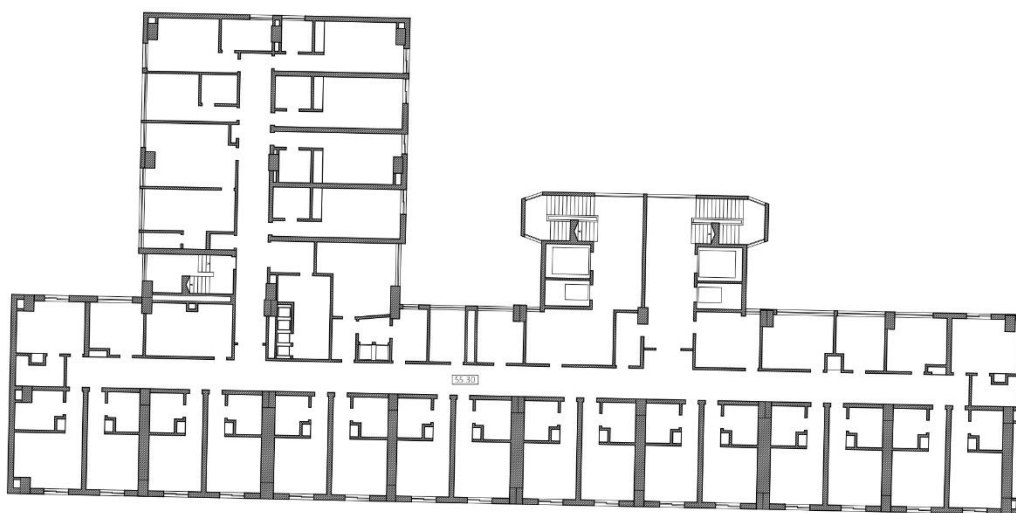
CONVENTO DA BOA HORA	CONVENTO DAS CHAGAS DE CRISTO	CONVENTO DA GRAÇA	CONVENTO DE JESUS	CONVENTO DE SÃO JOÃO NOVO													
ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO LOCAL	ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO LOCAL	ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO LOCAL	ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO LOCAL	ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO LOCAL													
Século XVIII	Séculos XVII e XX Évora	XVI e XVIII	Séculos XV, XVI e XVIII Setúbal	Séculos XVI e XVIII Porto													
AUTOR	AUTOR	AUTOR	AUTOR	AUTOR													
Eugénio dos Santos	D. Jaime 4.º duque de Bragança	Manuel da Costa Negreiros	Diogo Boitaca	Frei António de Sousa													
ORDEM RELIGIOSA	ORDEM RELIGIOSA	ORDEM RELIGIOSA	ORDEM RELIGIOSA	ORDEM RELIGIOSA													
Agostinhos Calçados	Santa Clara	Agostinianos Eremitas	Santa Clara	Agostinhos Calçados													
ASPETOS ARQUITETÓNICOS	ASPETOS ARQUITETÓNICOS	ASPETOS ARQUITETÓNICOS	ASPETOS ARQUITETÓNICOS	ASPETOS ARQUITETÓNICOS													
<p>Convento de planta quadrada definido por três alas de forma retangular em torno de um claustro</p> <p>O Convento dispõem-se em quatro níveis</p> <p>A organização das alas nascente e sul divide-se em compartimentos "tipo cela" e a ala norte em espaços de maior dimensão</p> <p>No interior todos os espaços são acedidos através de uma galeria ao eixo, à exceção da ala norte</p> <p>Os acessos verticais acontecem nos extremos da aula nascente e a norte através do claustro</p>	<p>Convento de planta retangular irregular</p> <p>A volumetria do Convento define um claustro quadrangular de dois e três pisos</p> <p>O Convento organiza-se em quatro alas e dois pisos</p> <p>O interior do Convento apresenta espaços de diversas dimensões, construídos consoante as necessidades ao longo dos anos</p> <p>Os acessos verticais estão distribuídos pelas quatro alas. No piso 2 concentram-se mais na ala norte</p>	<p>Convento de planta rectangular irregular</p> <p>Desenvolve-se em torno de dois claustros quadrados e é definido por 4 alas de diferentes dimensões</p> <p>O Convento é composto por 5 pisos</p> <p>No interior os espaços são antecedidos por antecámaras nos extremos e pelo claustro central</p> <p>Os dormitórios organizam-se numa ala comprida com um corredor central e um conjunto de celas em ambos os lados</p>	<p>Convento de planta quadrada definida por quatro alas, 3 pisos e pela igreja orientada de nascente para poente</p> <p>O claustro dispõe de uma planta também quadrada de quatro alas e dois pisos</p> <p>A organização interior do Convento divide-se em compartimentos</p> <p>Os compartimentos interiores são acedidos pelo claustro, por corredores estreitos e por outros compartimentos</p> <p>Os acessos verticais estão dispostos em dois pontos opostos no piso 0 e três nos pisos 1 e 2</p>	<p>O Convento possui um claustro retangular de 3 pisos definido por três alas e pela igreja adjacente</p> <p>O Convento assenta em três níveis</p> <p>A organização interior do Convento na sua maioria divide-se em compartimentos de dimensões pequena e média, tendo apenas dois compartimentos de maior dimensão nas aulas a nascente e a sul</p> <p>Os acessos verticais localizam-se em dois extremos opostos nos piso 0 e 3 e no piso 2 três acessos</p>													
DESENHOS TÉCNICOS	DESENHOS TÉCNICOS	DESENHOS TÉCNICOS	DESENHOS TÉCNICOS	DESENHOS TÉCNICOS													
																	
<p>LEGENDA:</p> <table border="0"> <tr> <td></td> <td>Acessos Verticais</td> <td></td> <td>Compartimentos A</td> <td></td> <td>Claustro</td> <td rowspan="2">ESCALA DOS DESENHOS 1:200</td> </tr> <tr> <td></td> <td>Circulações</td> <td></td> <td>Compartimentos B</td> <td></td> <td>Pátio</td> </tr> </table>		Acessos Verticais		Compartimentos A		Claustro	ESCALA DOS DESENHOS 1:200		Circulações		Compartimentos B		Pátio				
	Acessos Verticais		Compartimentos A		Claustro	ESCALA DOS DESENHOS 1:200											
	Circulações		Compartimentos B		Pátio												

Anexo B15. Edifício do bloco hospitalar de 1972

Fonte: Autora, 2022, desenhos baseados num levantamento disponibilizado pelo GEDEM (Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar)



Piso 0



Piso 1



Alçado Sul



Alçado Norte

Anexo B16. Ficha de Caracterização dos Edifícios

Fonte: Autora, 2022

Ficha 01



IDENTIFICAÇÃO

Nome: bloco hospitalar

Localização: Travessa do Guarda-Jóias, Ajuda, Portugal

Uso: hospital

Ano de construção: 1972

Descrição: O edifício do bloco hospitalar foi construído em 1972 (na zona onde foram construídas três enfermarias em 1911), com o intuito de dar apoio ao hospital, no combate a doenças infecciosas. O bloco desenvolve-se em seis pisos, no piso térreo dispõe de um

estacionamento, e de uma ligação direta à ala norte, do piso 2, através de duas pontes. O edifício encontra-se num bom estado de conservação, apresentando alguns indícios de falta de manutenção.



IDENTIFICAÇÃO

Nome: conjunto de edifícios adjacentes ao Convento

Localização: Largo da Boa Hora, Ajuda, Portugal

Uso: devoluto

Ano de construção: pré-terramoto, possivelmente século XVIII

Descrição: Os edifícios junto ao hospital, cuja fachada principal está orientada para o Largo da Boa Hora à Ajuda, constam na cartografia histórica de Lisboa de 1807 (Duarte Fava), o que permite concluir que já existiam antes do terramoto, logo antes da construção do antigo convento. Não há informação exata das funções, no entanto, uma vez que funcionam autonomamente (tendo o acesso separado da restante envolvente) e não há registos

associado às funções do hospital, afirma-se terem sido habitações. Atualmente são edifícios devolutos e encontram-se em mau estado de conservação. Os restantes edifícios, acima, são de apoio ao hospital (receção e arrumos), uma vez que surgem, pela primeira vez, na cartografia histórica de Lisboa de 1950.



IDENTIFICAÇÃO

Nome: morgue de apoio ao Hospital Militar de Belém

Localização: Travessa Nova de Dom Vasco, Ajuda, Portugal

Uso: hospitalar

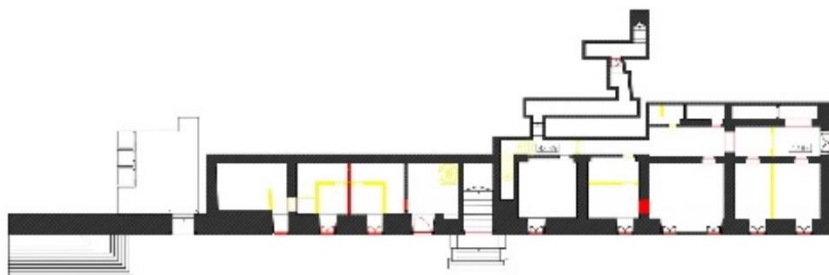
Ano de construção: 1970

Descrição: Os armazéns geminados ao bloco hospitalar, a poente, que fecham a Travessa Nova de Dom Vasco, surgem na cartografia histórica de 1970. No entanto, existe registo da construção de outros edifícios nesta zona anteriormente. Estes foram construídos para acolher a morgue, onde eram armazenado os corpos, que saiam do hospital. Atualmente são

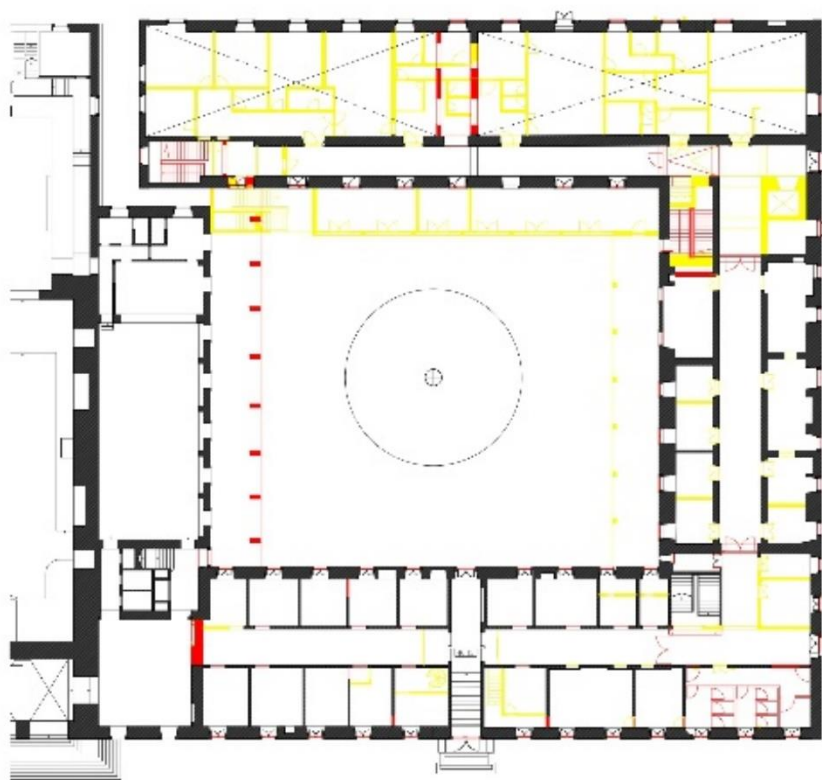
armazéns devolutos e apresentam um estado de conservação razoável. Os armazéns a poente, que fecham a Travessa Nova de Dom Vasco, têm saída (à parte e distante do restante complexo), pela travessa do Guarda-Jóias.

Anexo B17. Vermelhos e Amarelos

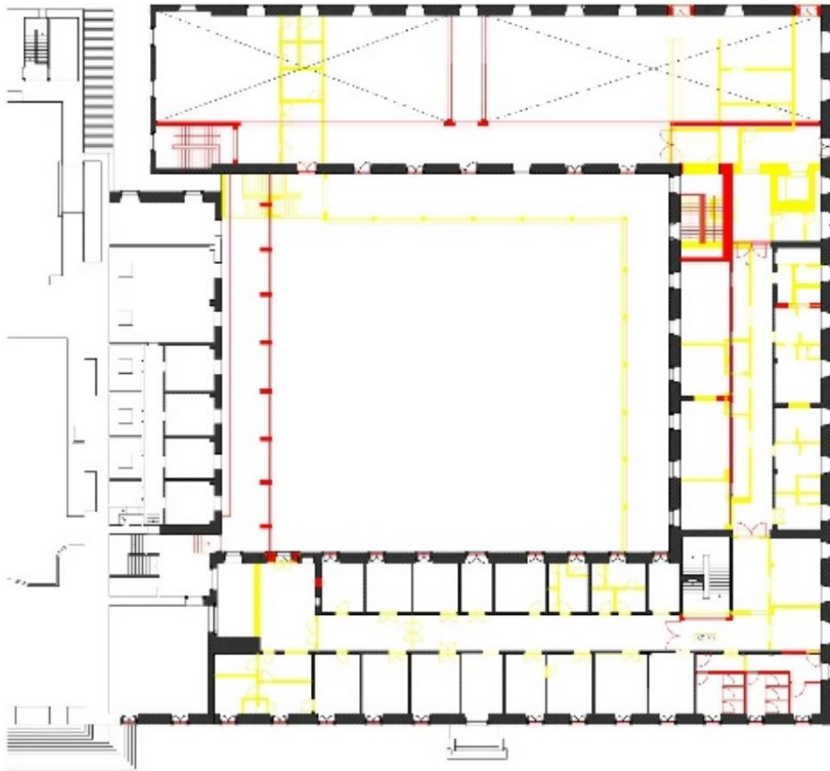
Fonte: Autora, 2022



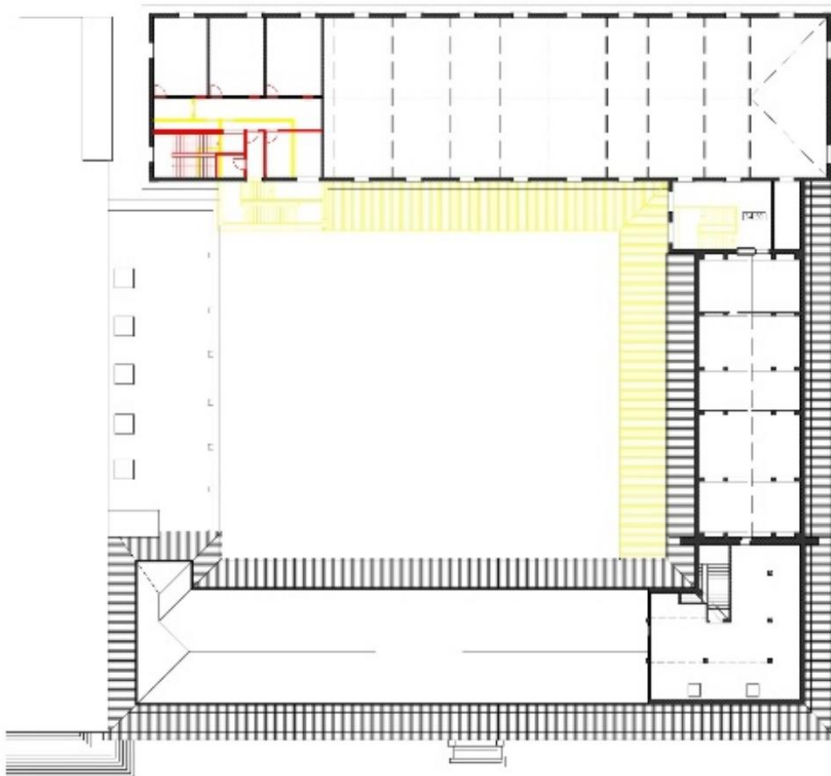
Piso 0



Piso 1



Piso 2



Piso 3



Piso 0

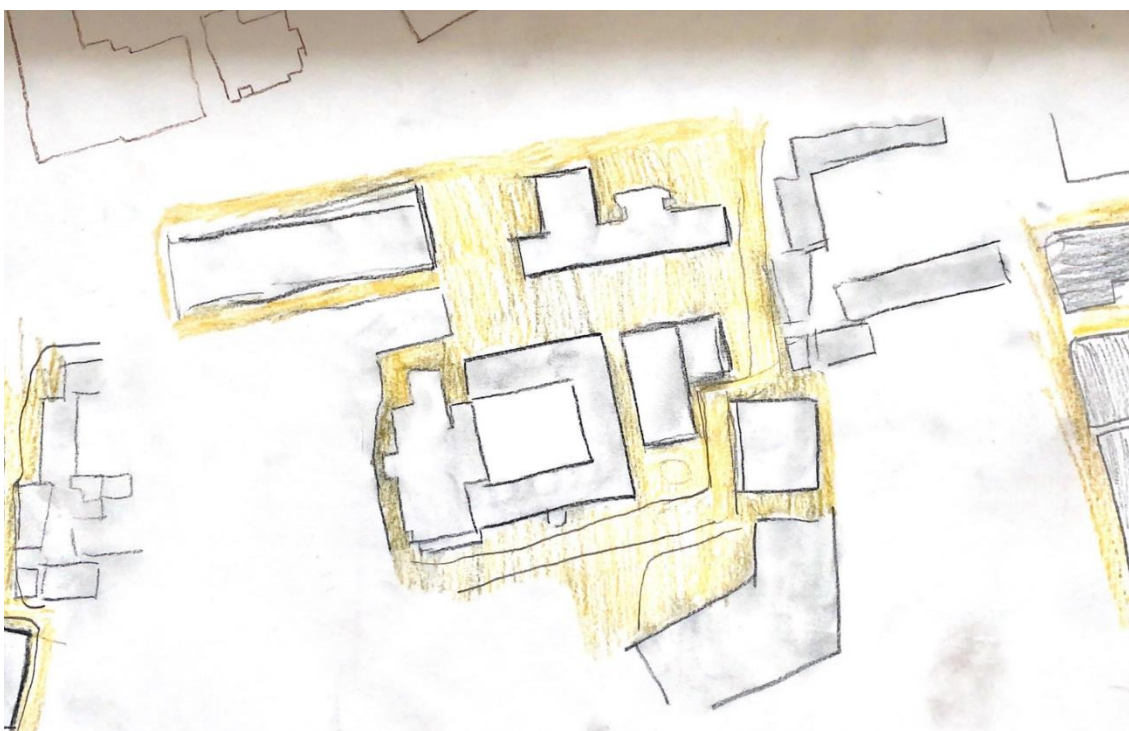
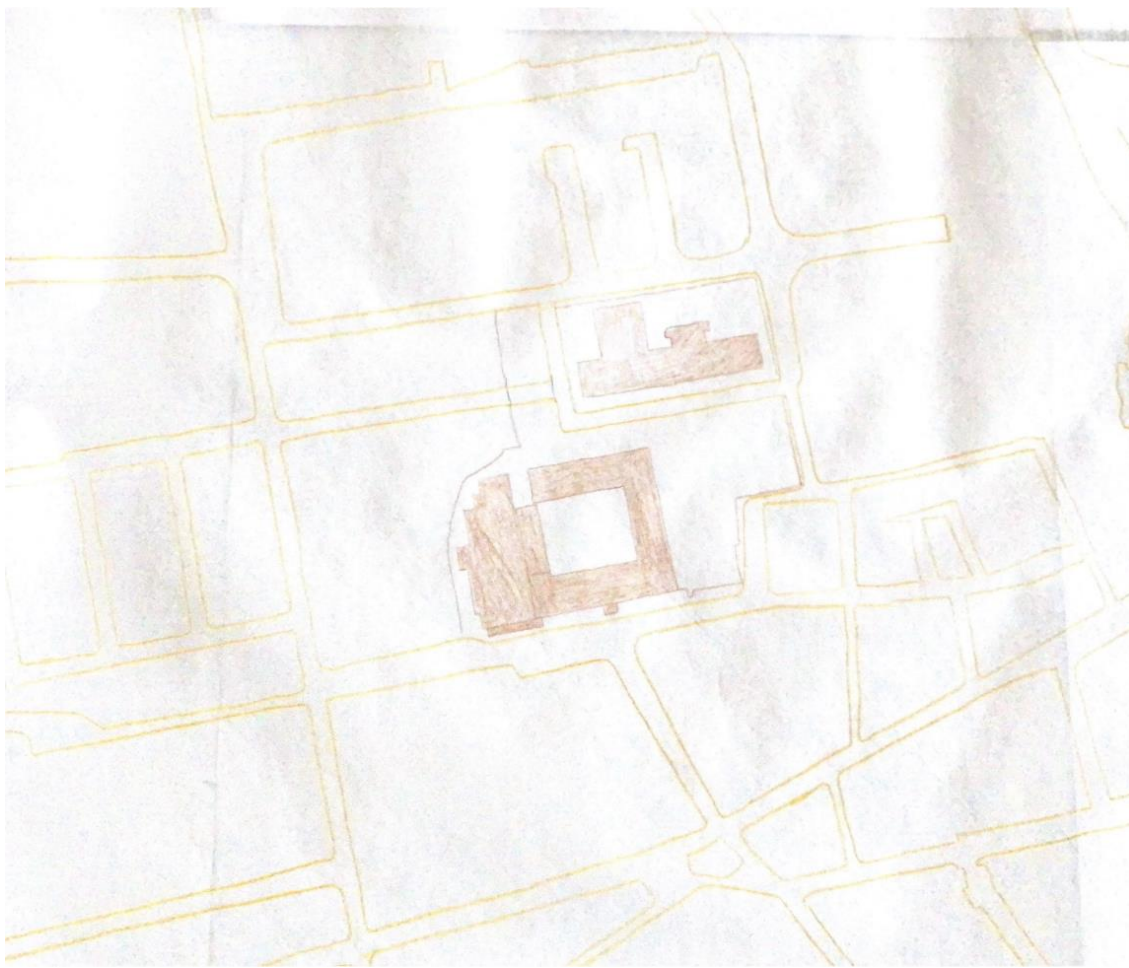


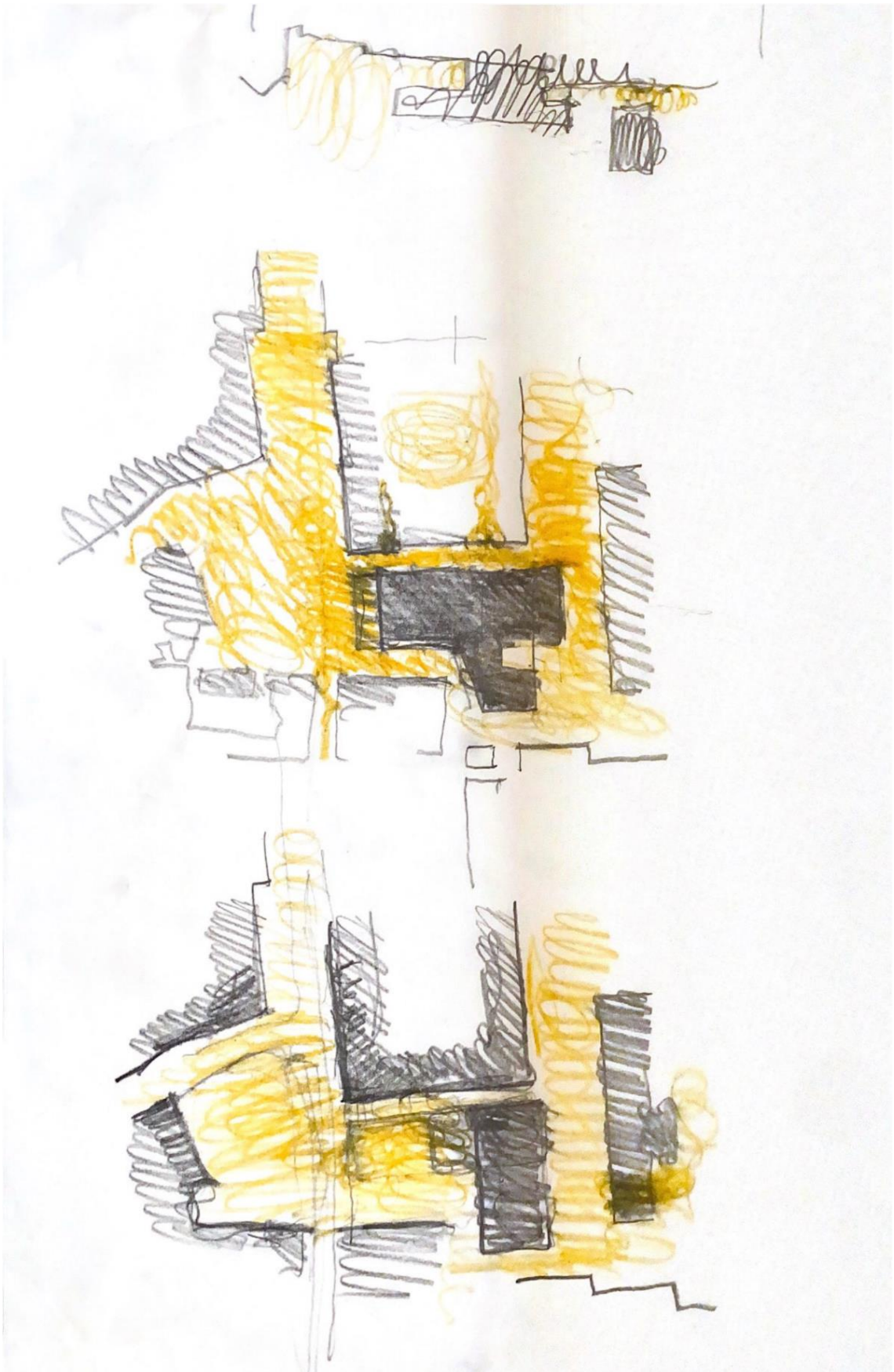
Piso 1

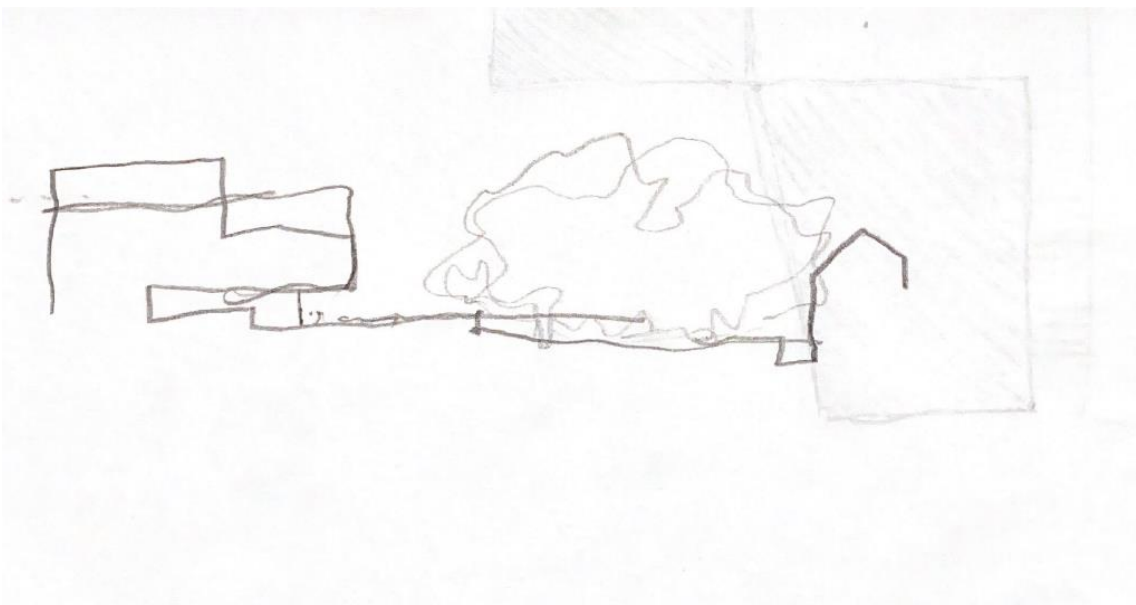
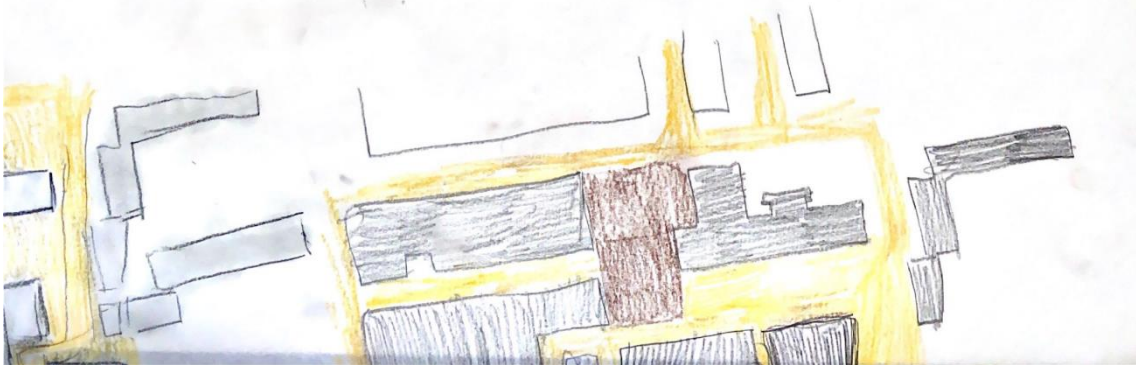
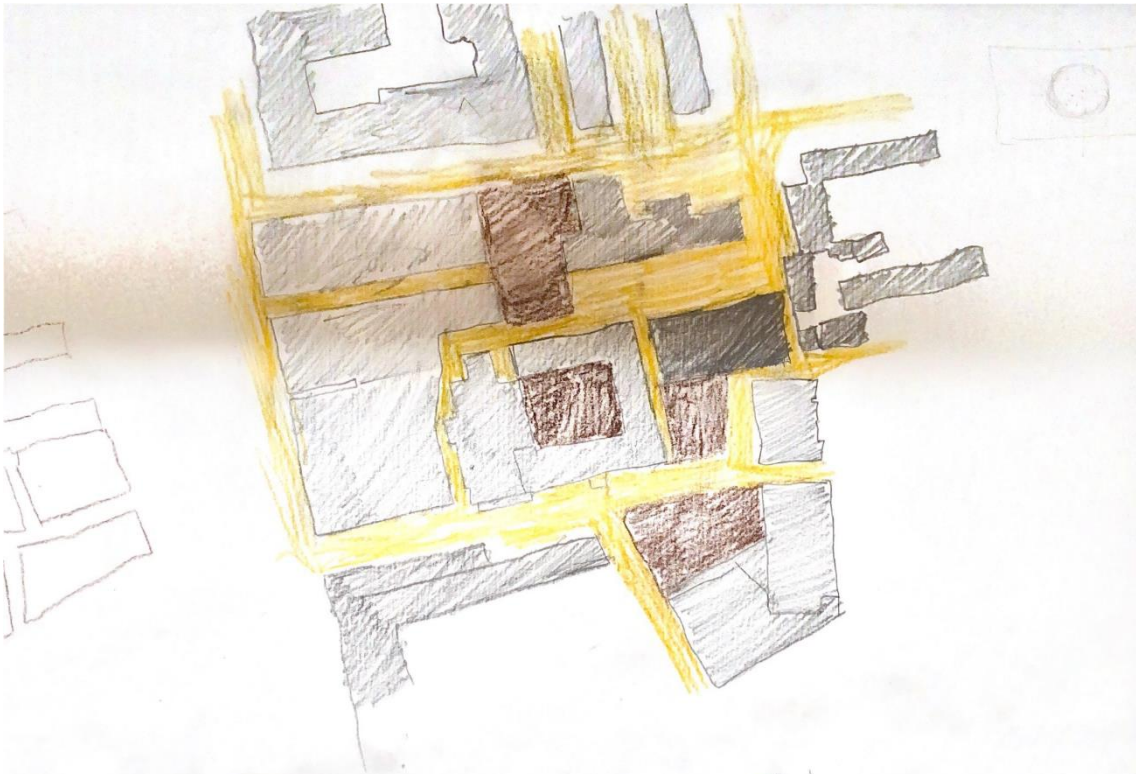
Anexo C. Novo Centro de Artes Criativas da Boa Hora

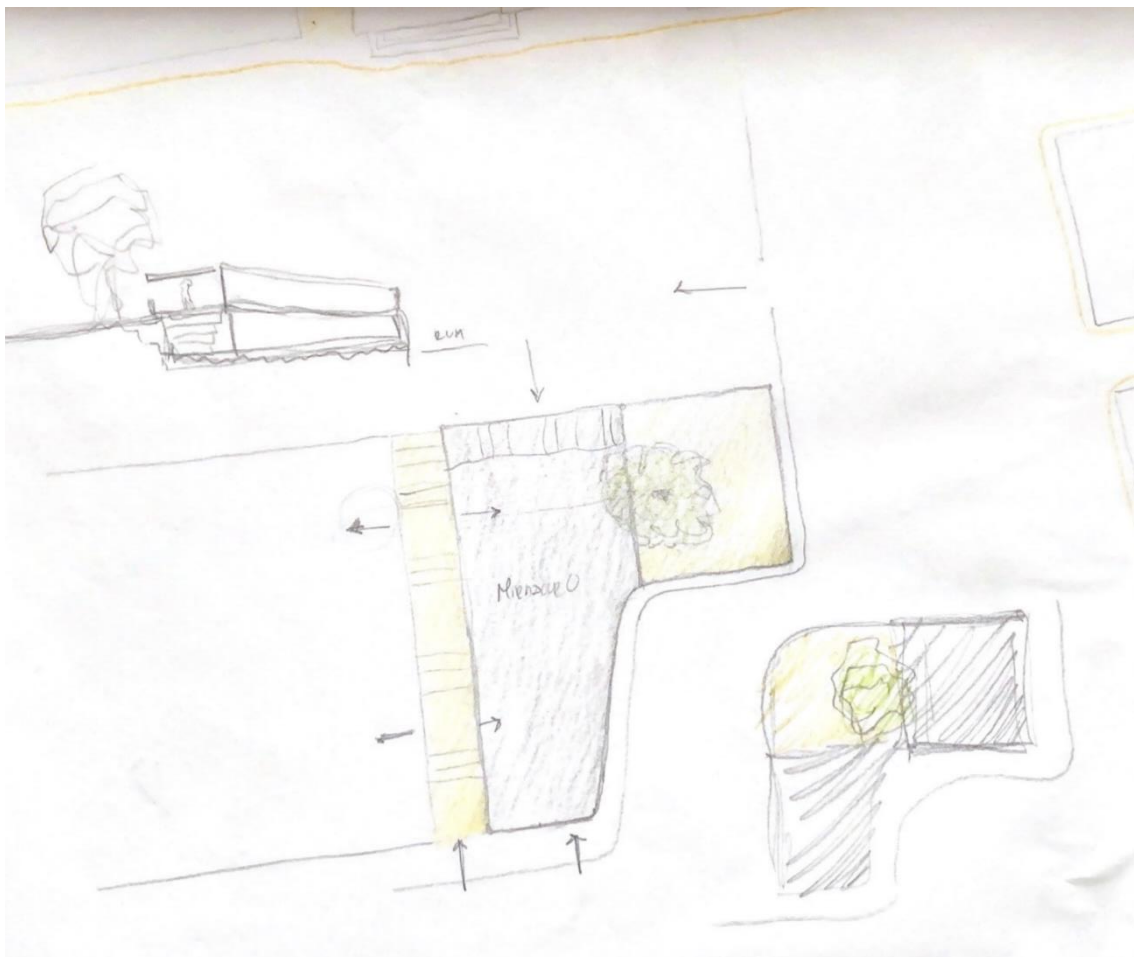
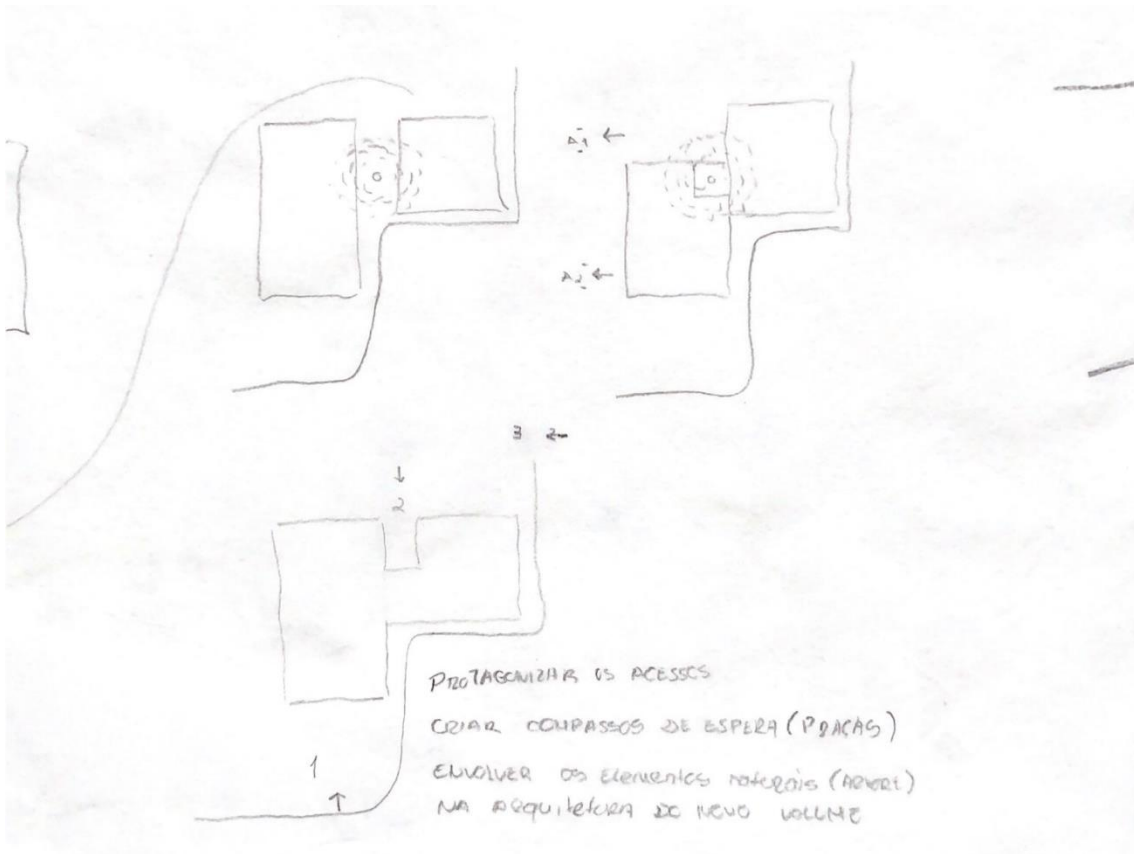
Anexo C1. Esquissos estratégia Urbana

Fonte: Autora, 2022/2023

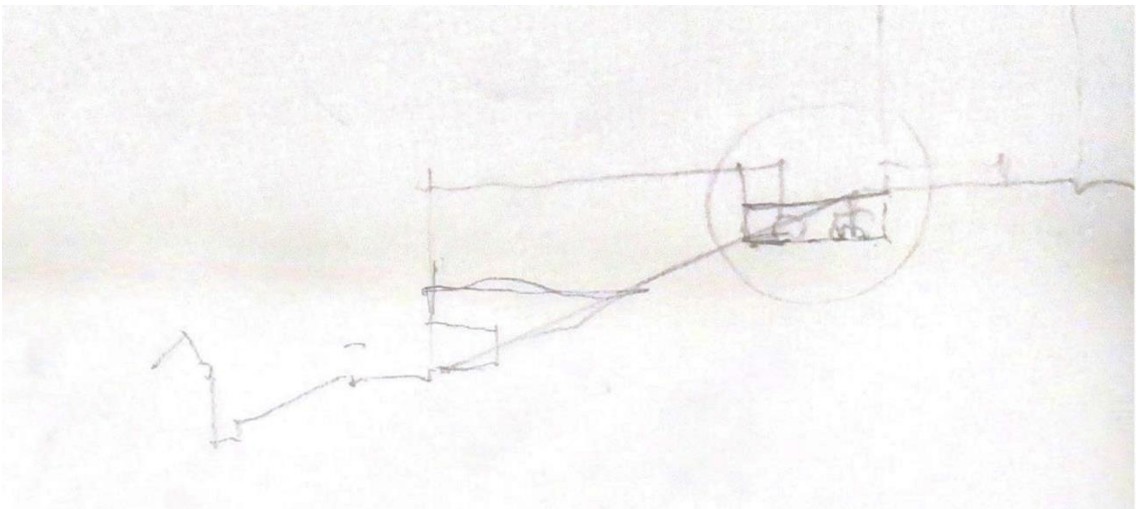


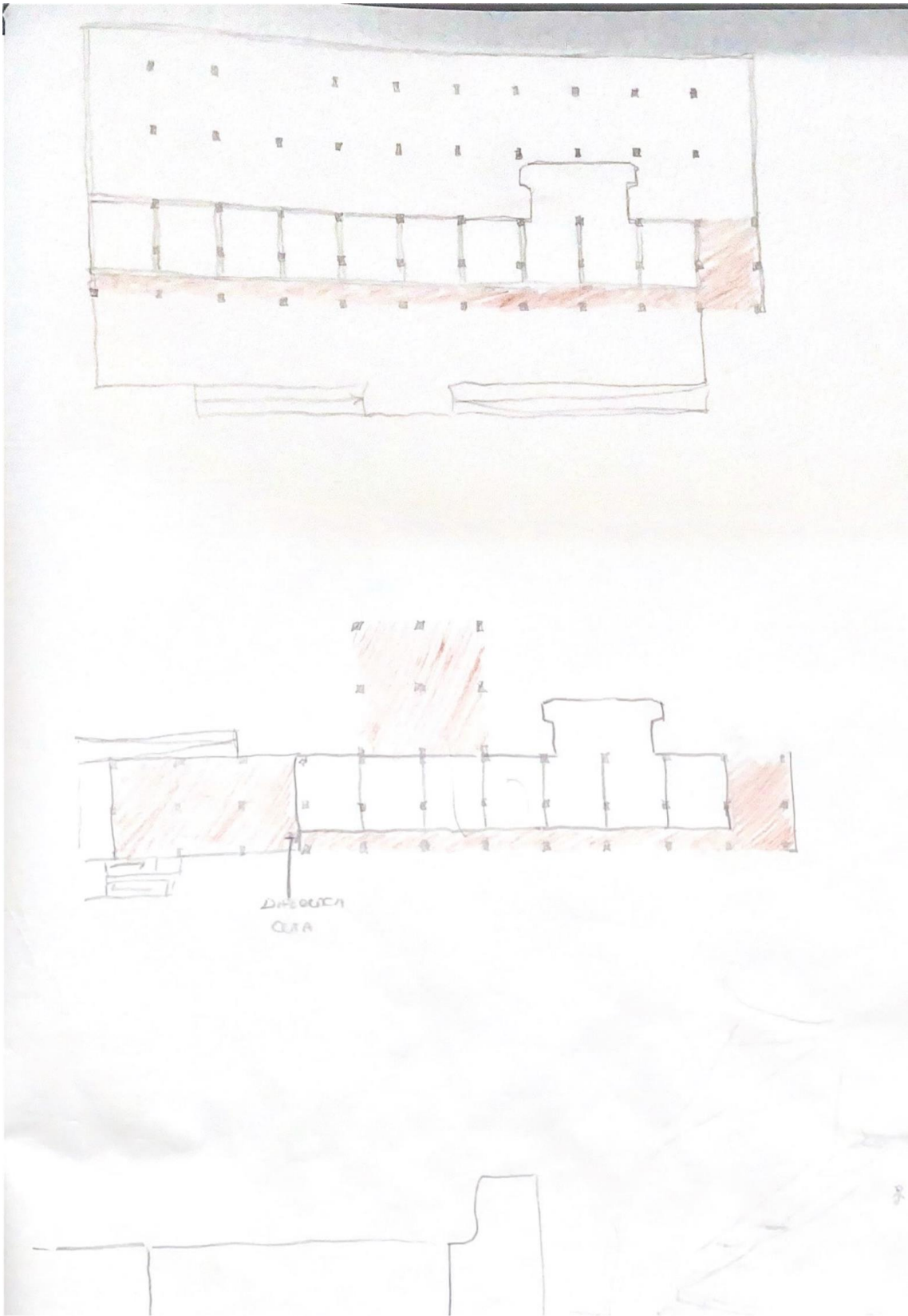


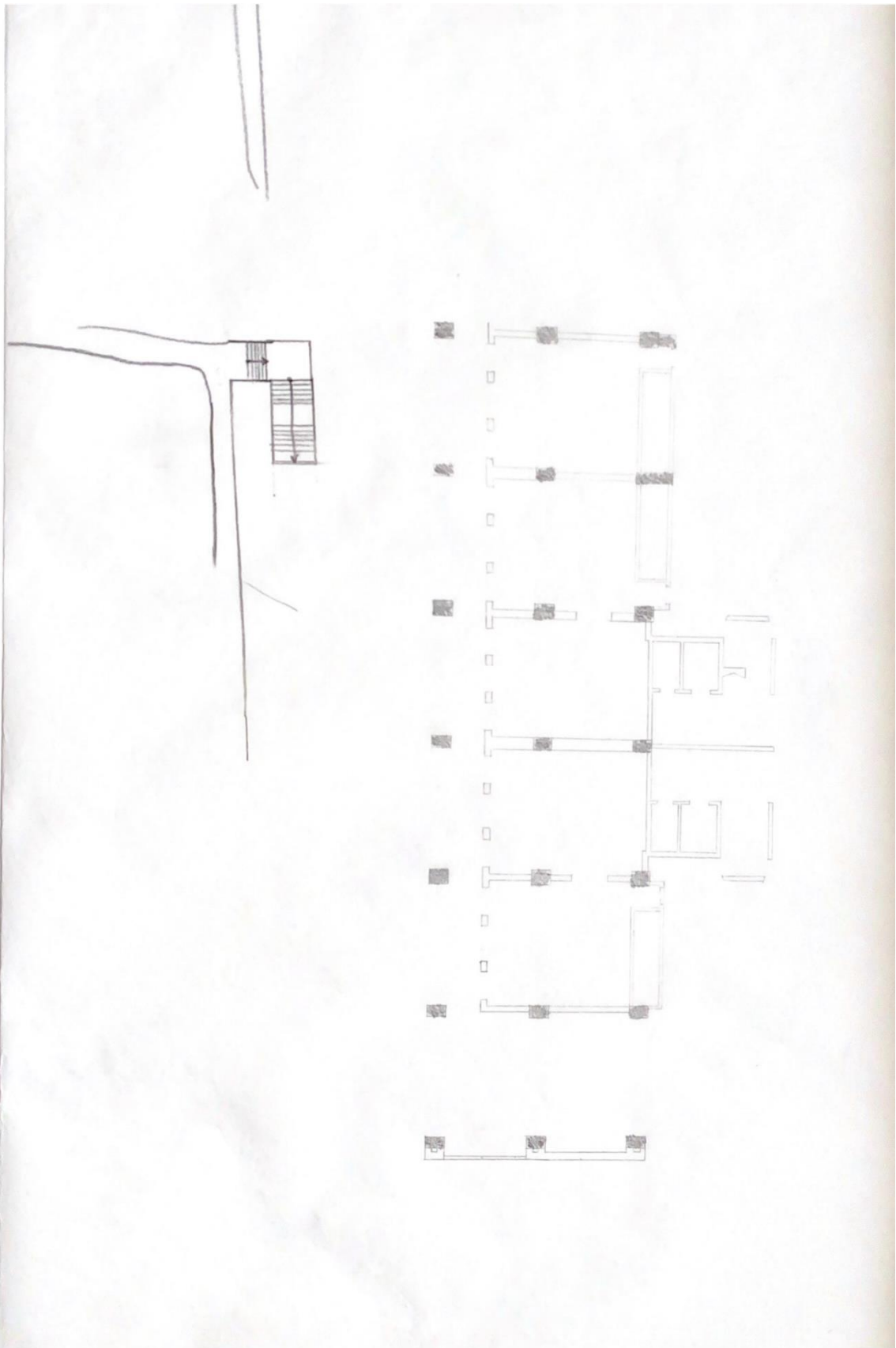


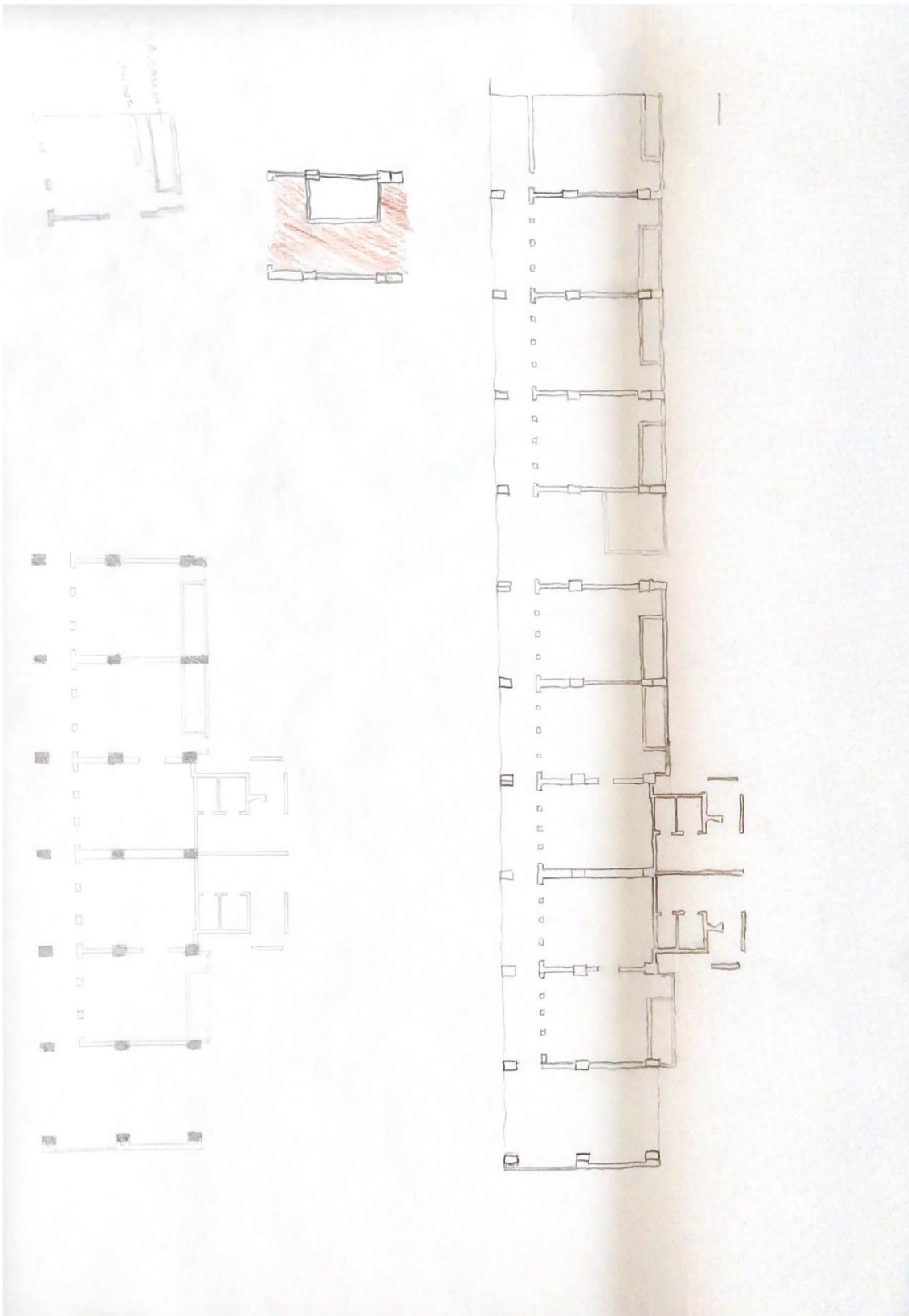


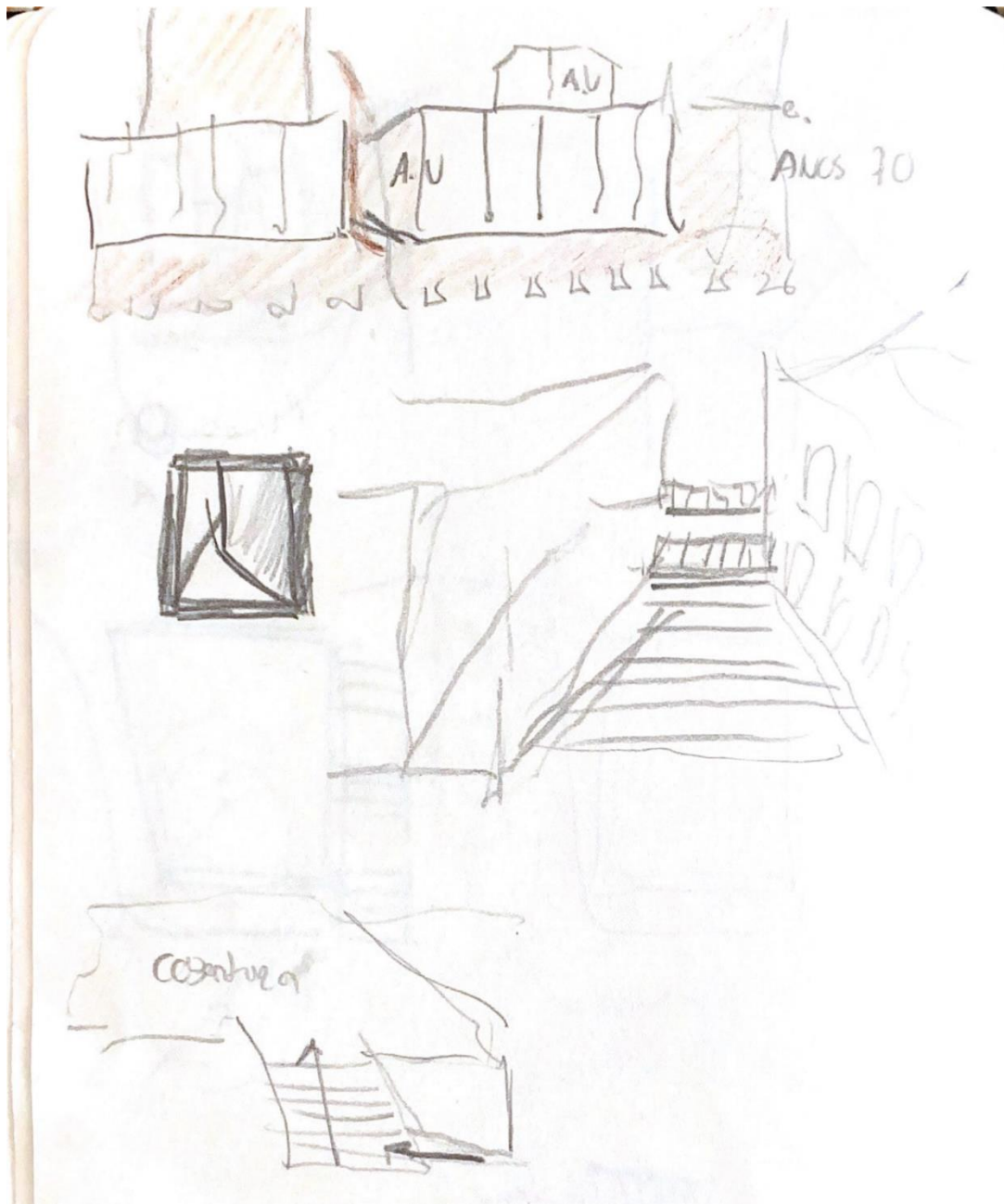


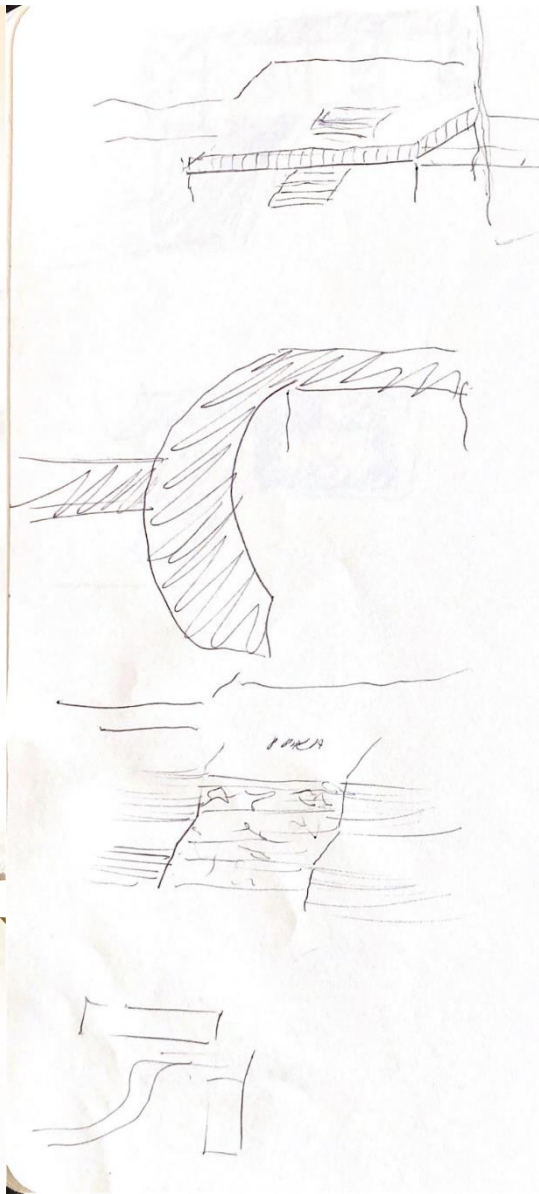
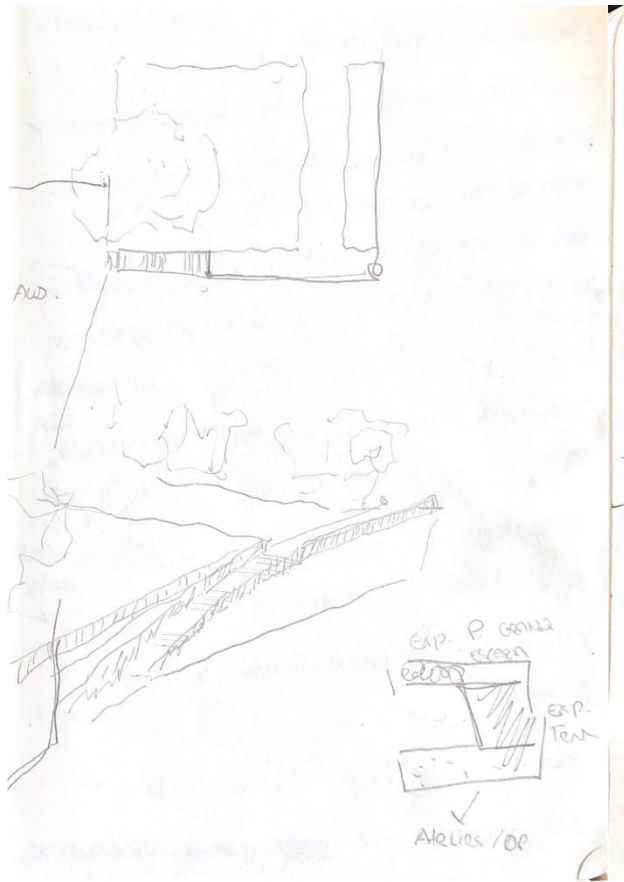


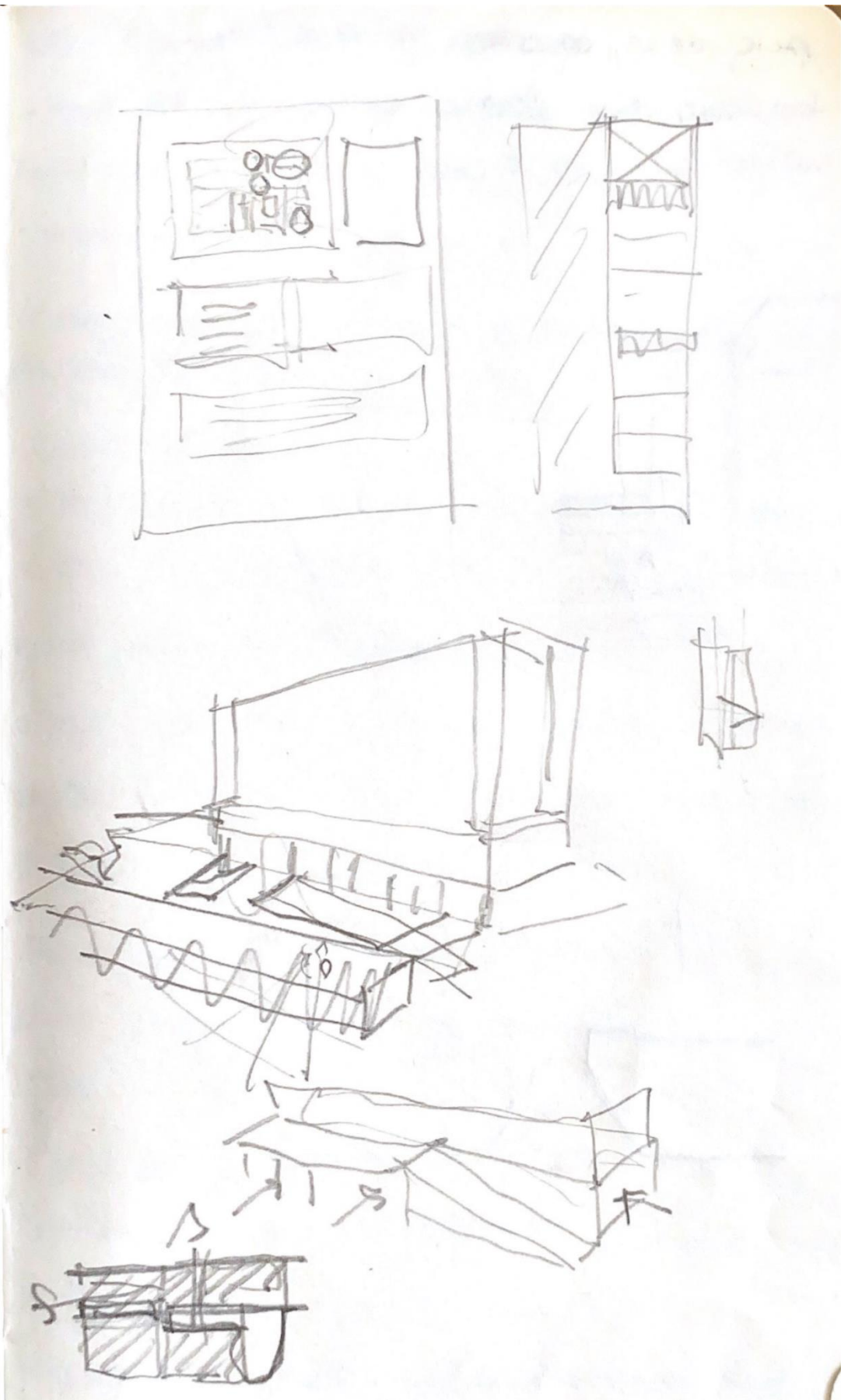


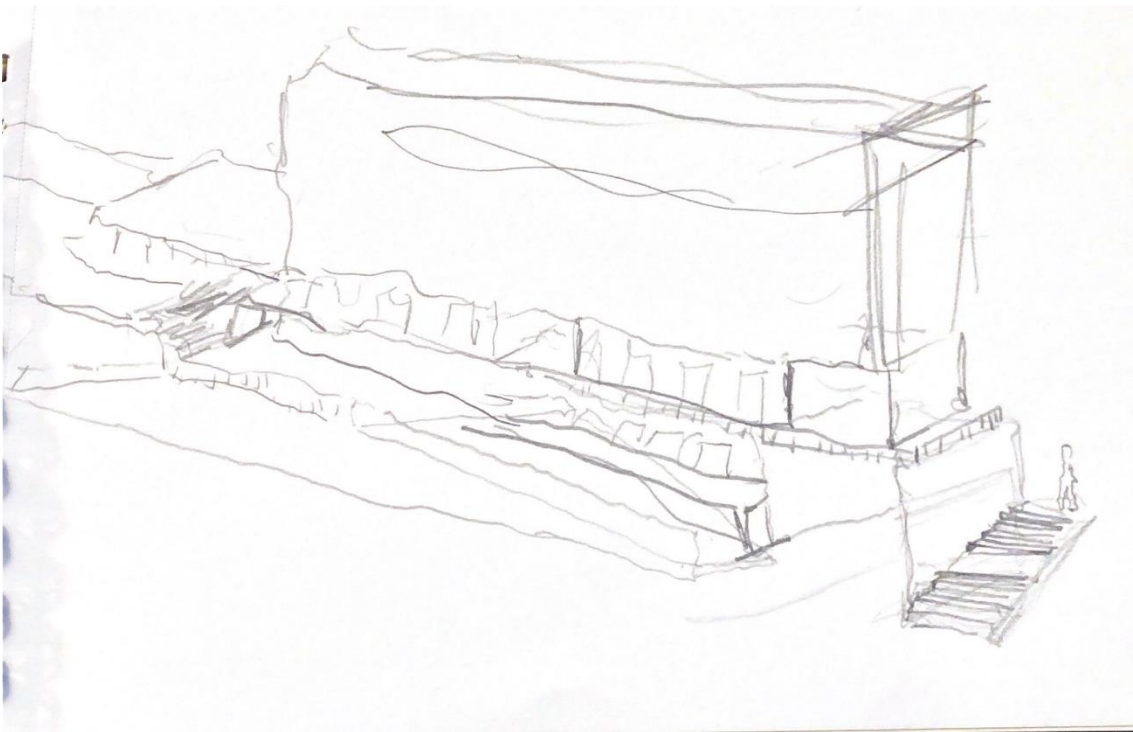
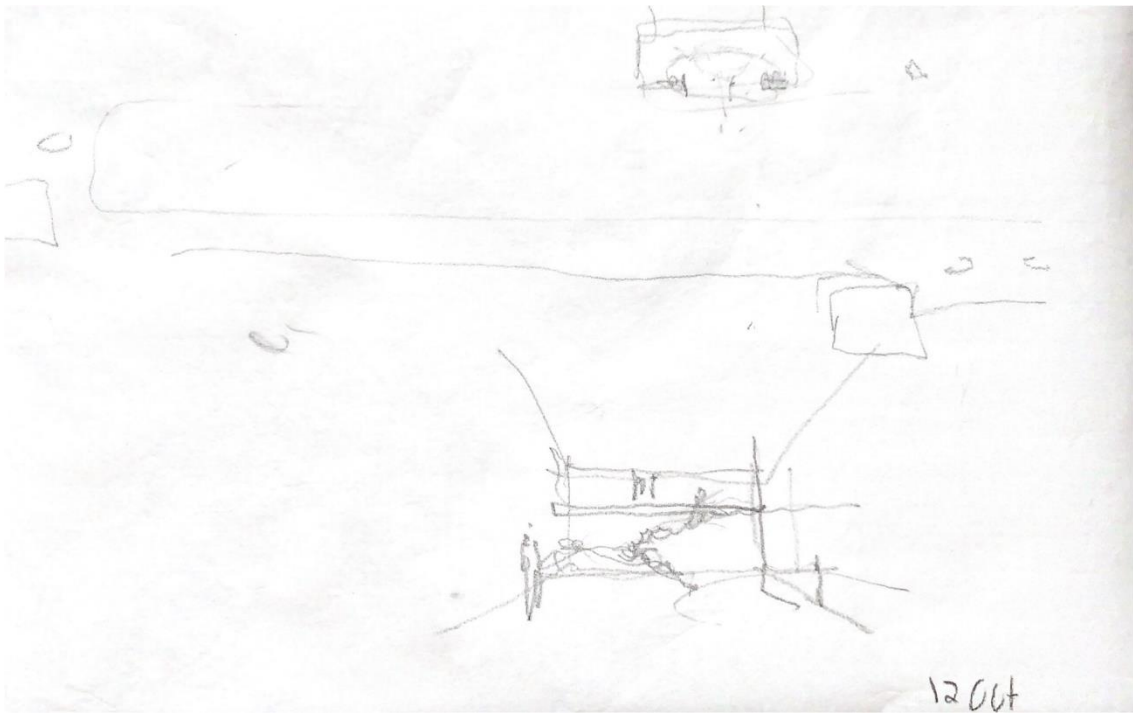


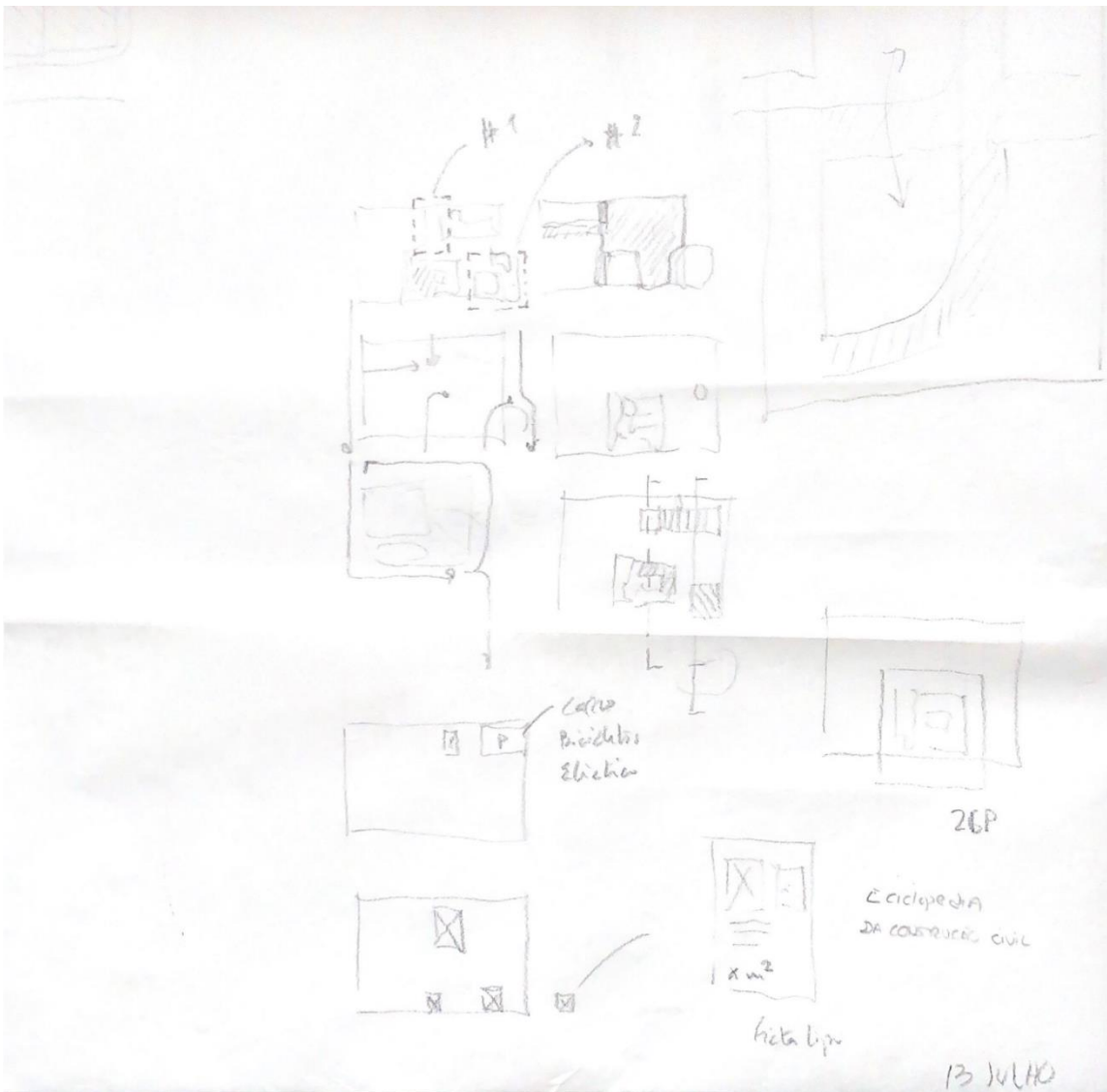
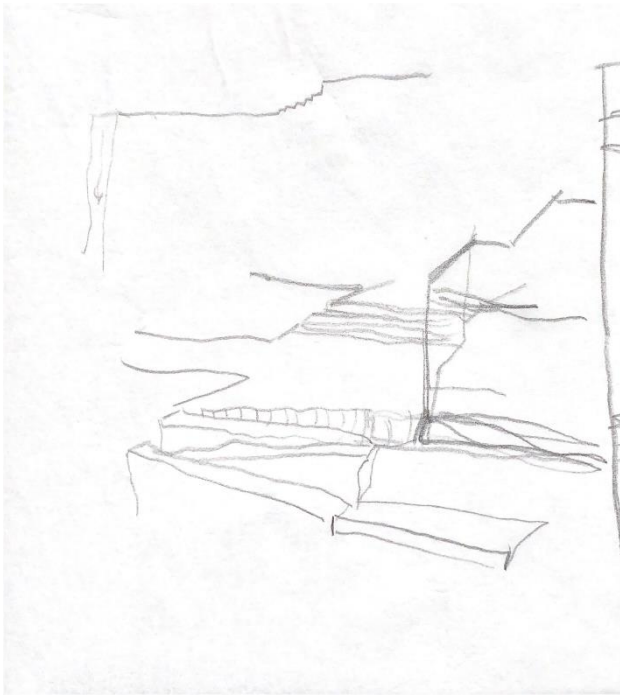






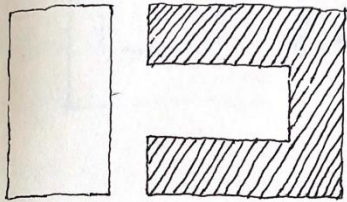






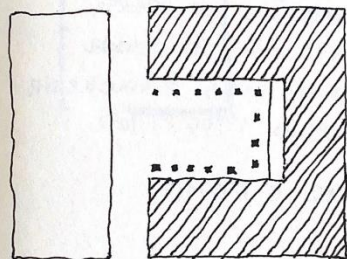
Fonte: Autora, 2022/2023

Teoria de valor
Continuidade e Contraste

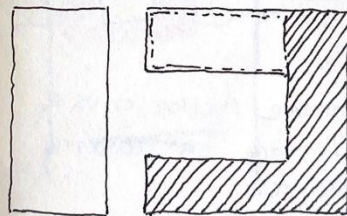


■ Natureza tipológica e
"O que é que o edifício
quer ser?"

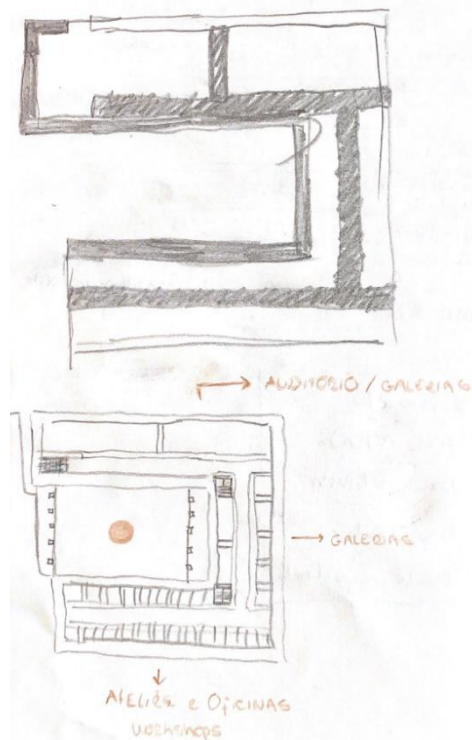
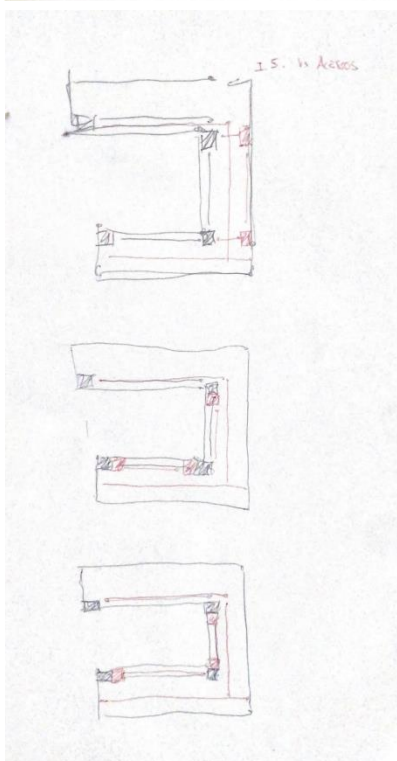
Em que momento se col
esta questão? No presente
na origem do edifício
em ambos?

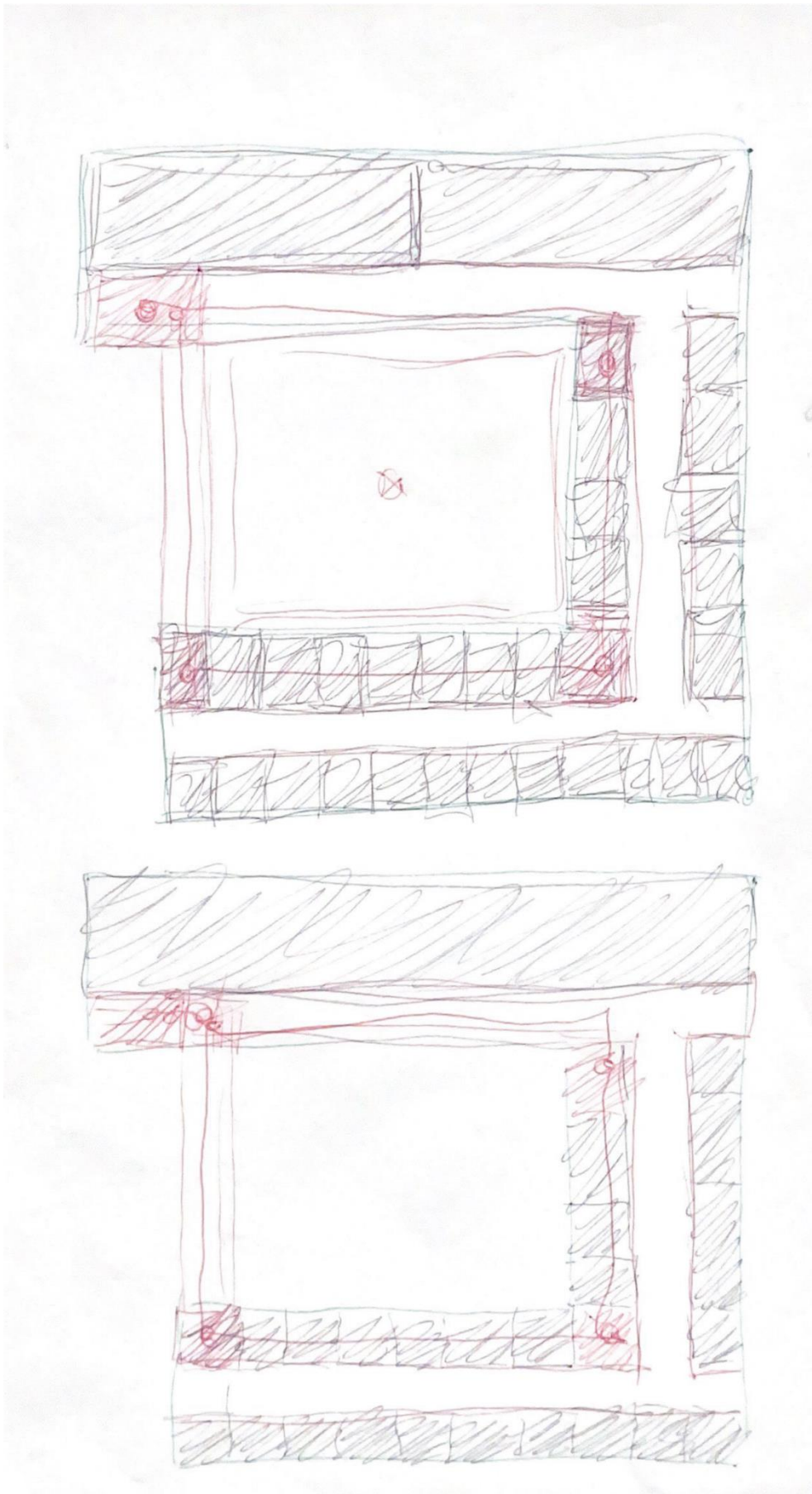


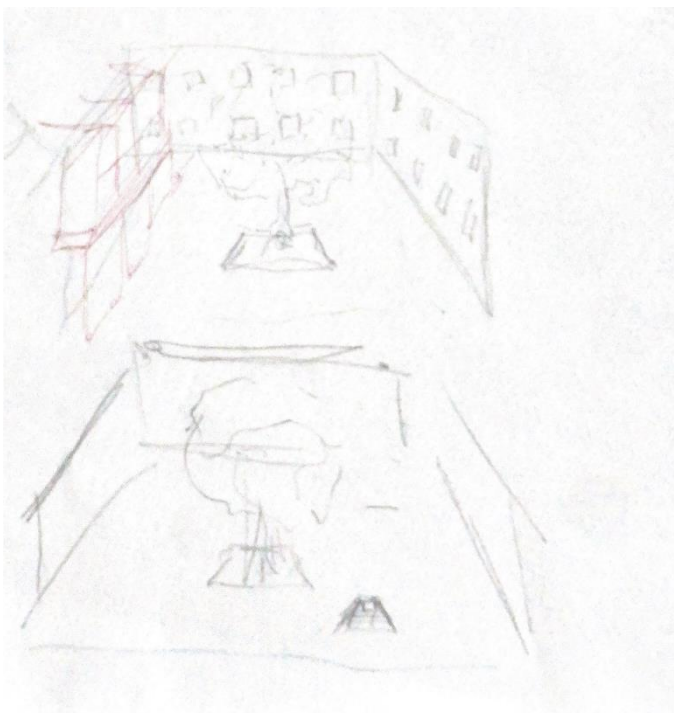
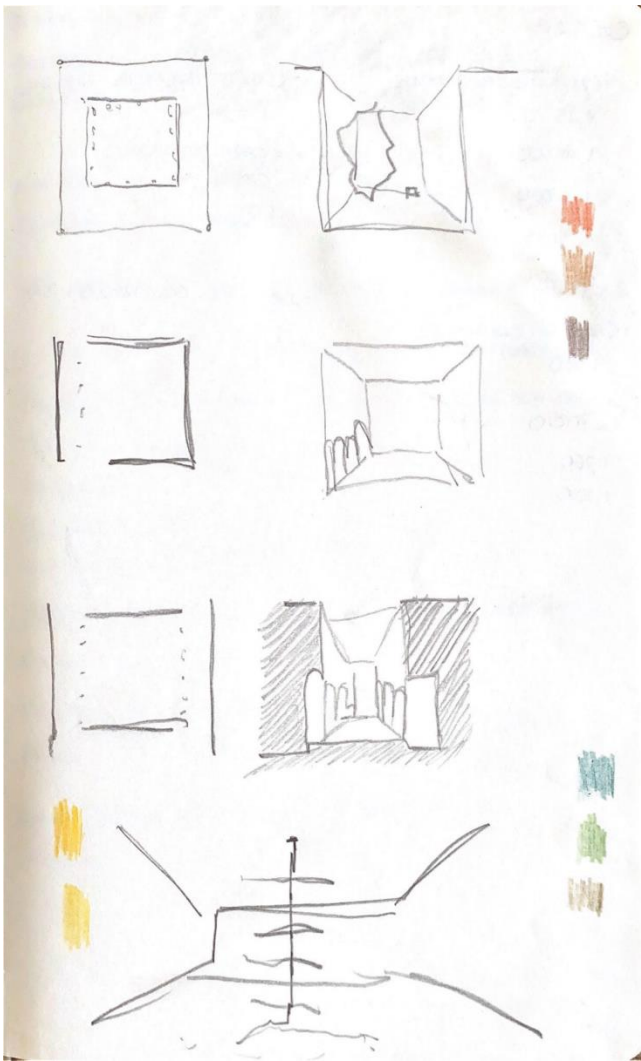
Um patio ou um claust
Este edifício talvez
tenha chegado a ser
"quase ser"

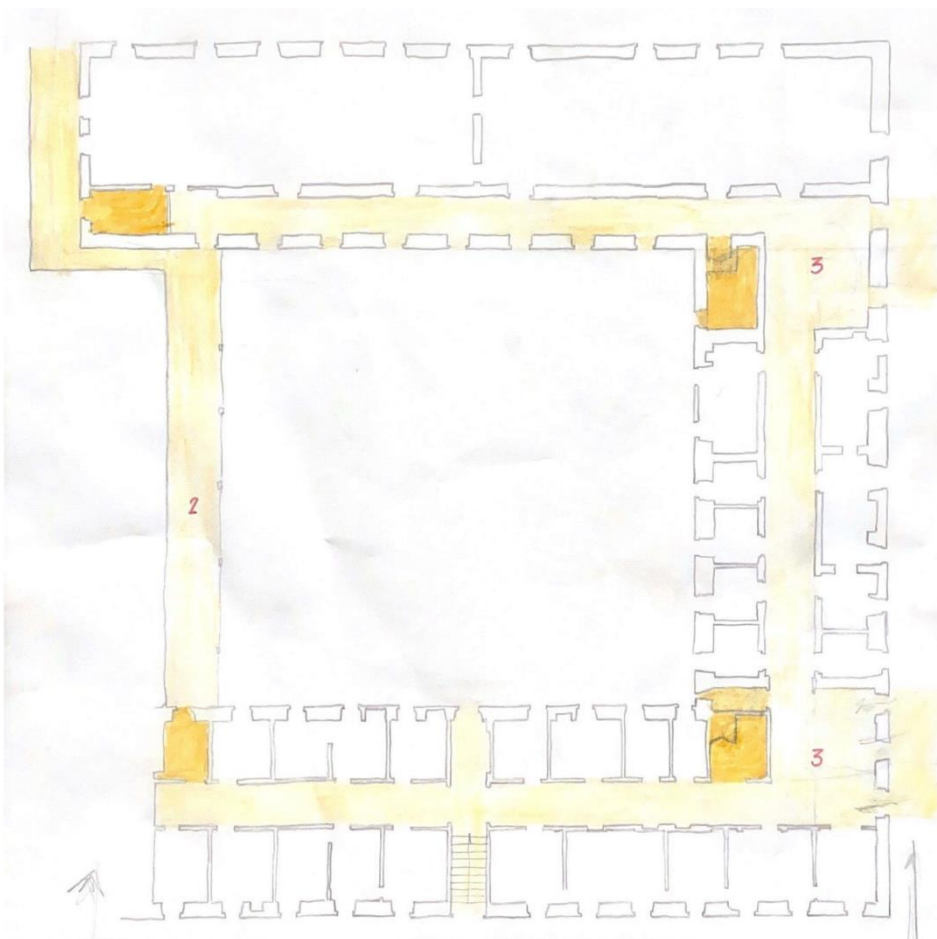
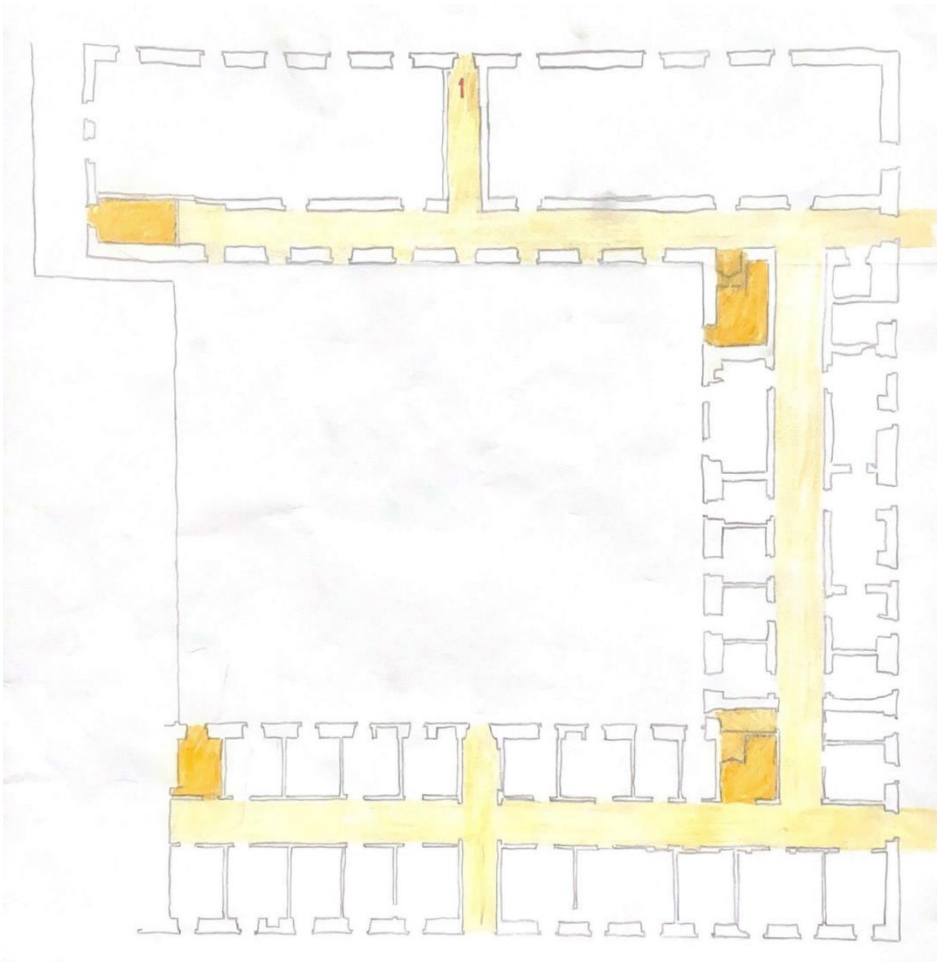


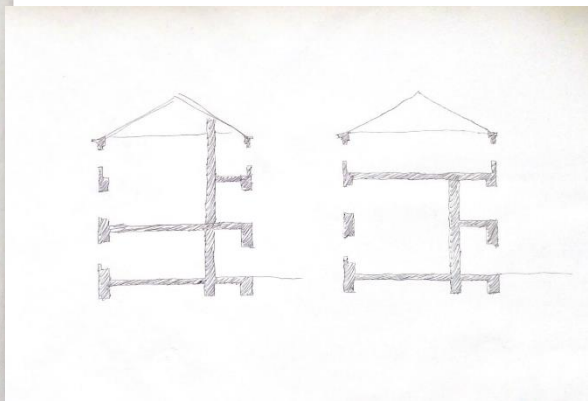
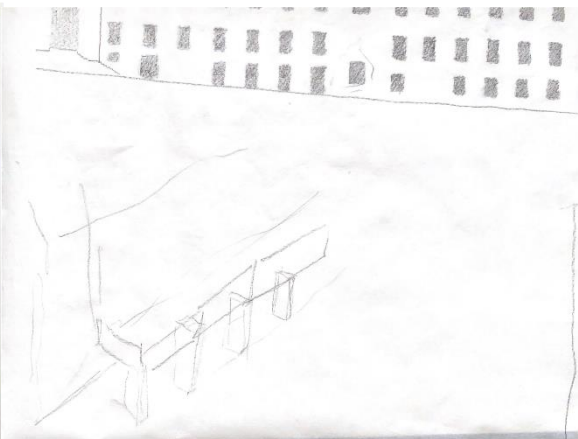
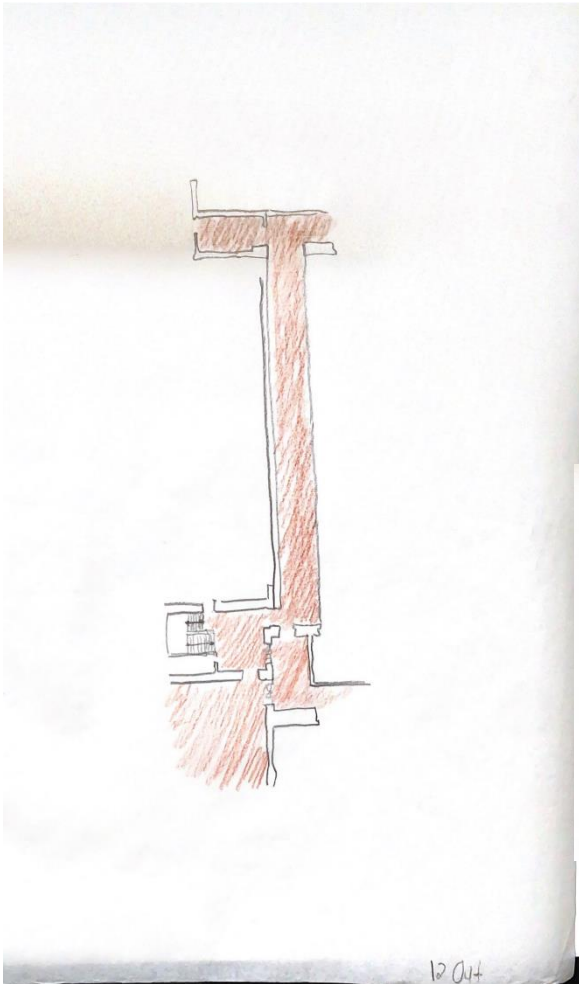
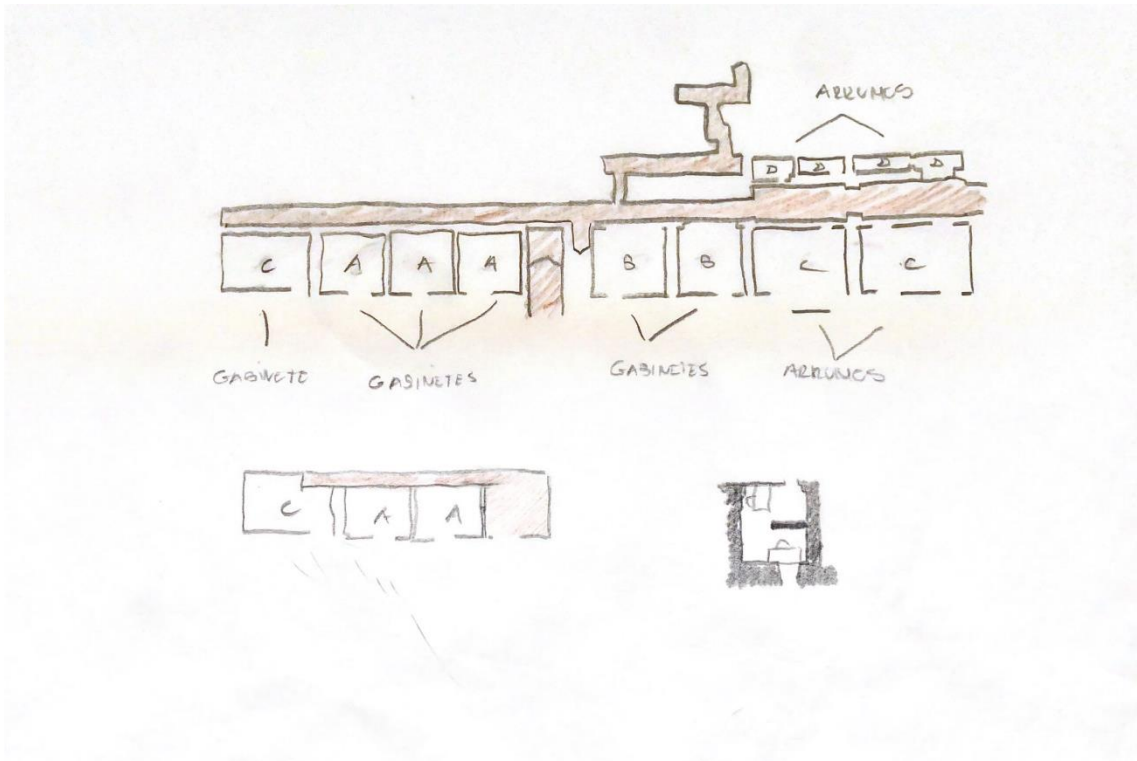
Talvez nunca tenha
um edifício notável, r
na origem, nem depois
que dele possam fare
o longo do tempo.



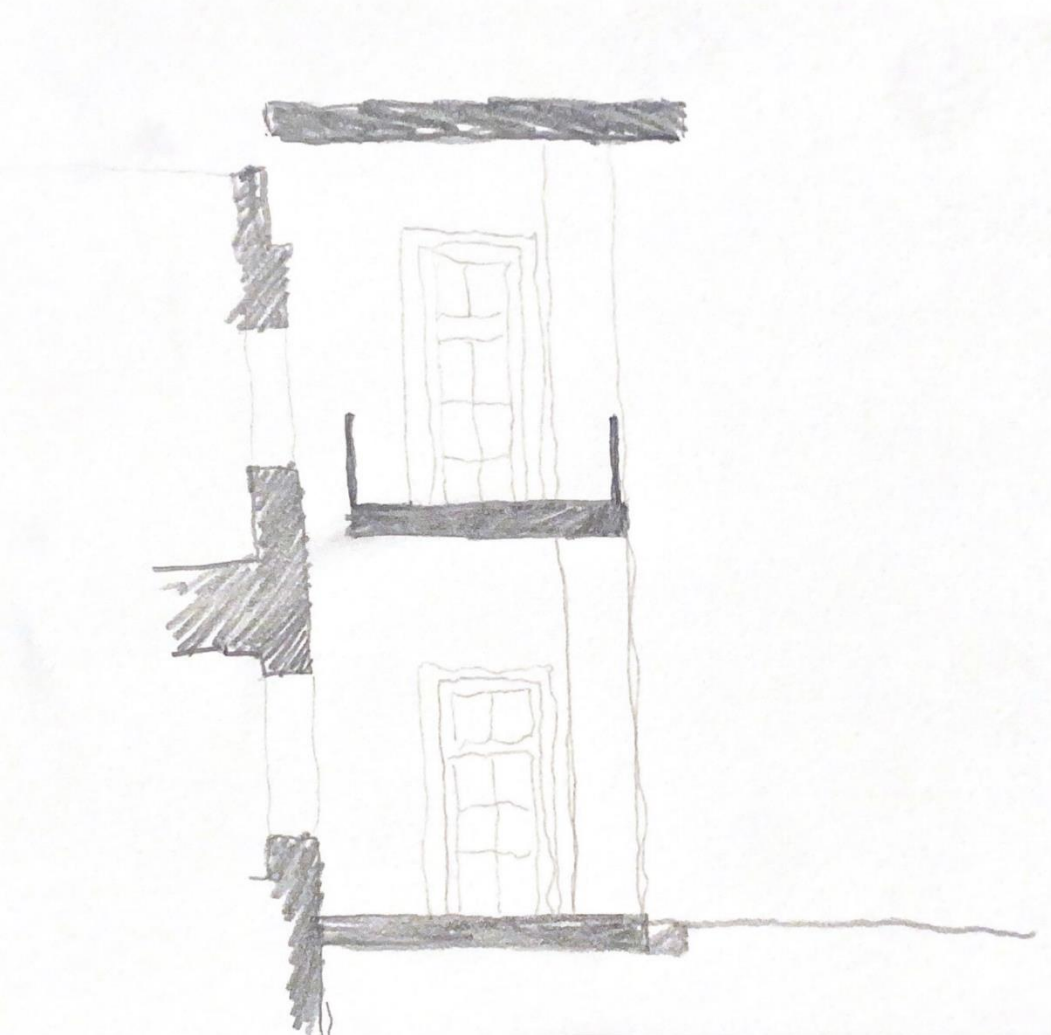
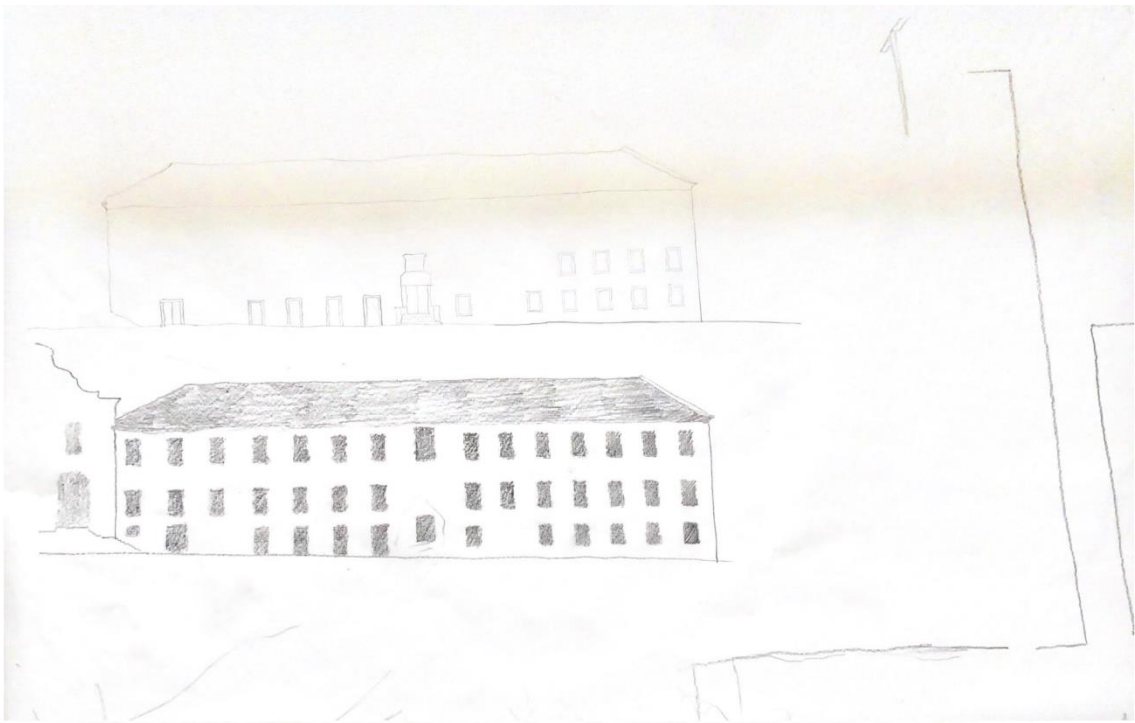


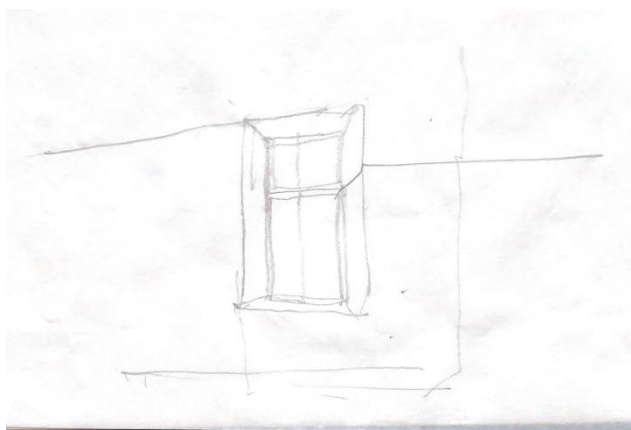
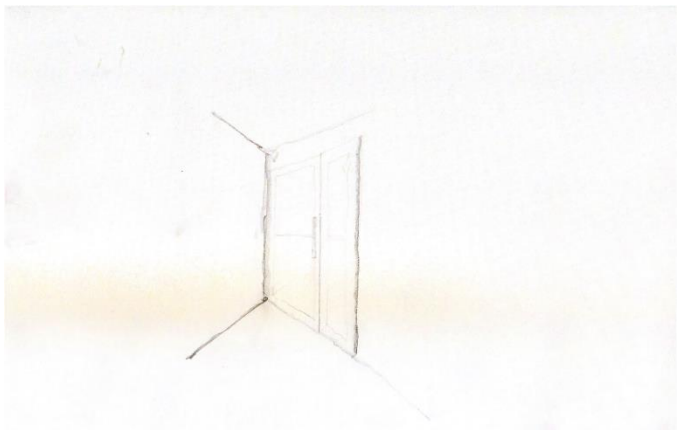
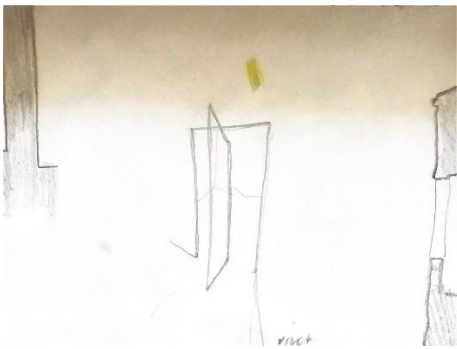


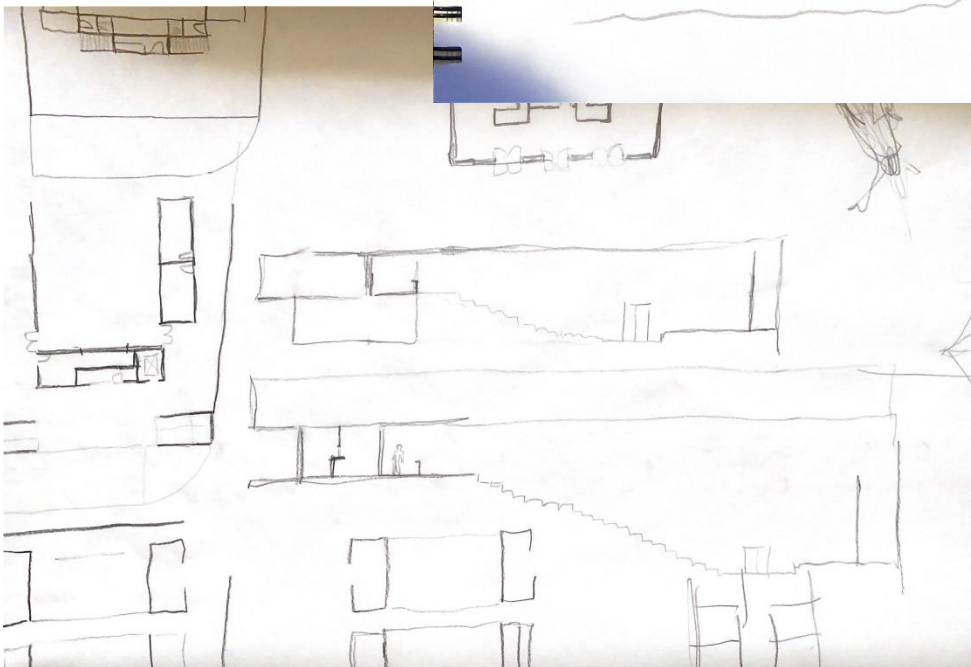
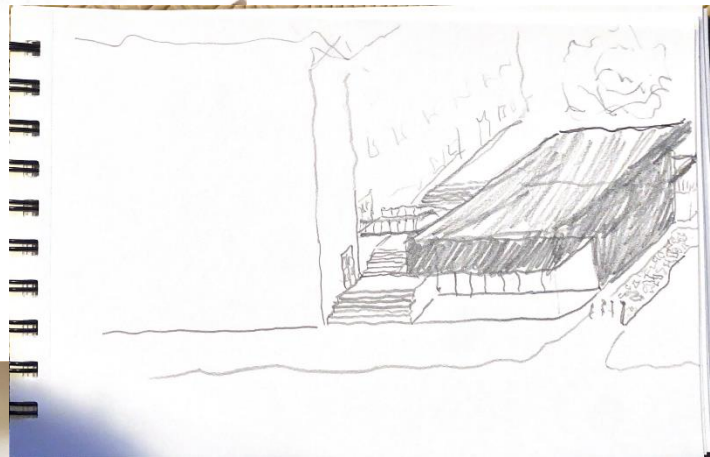
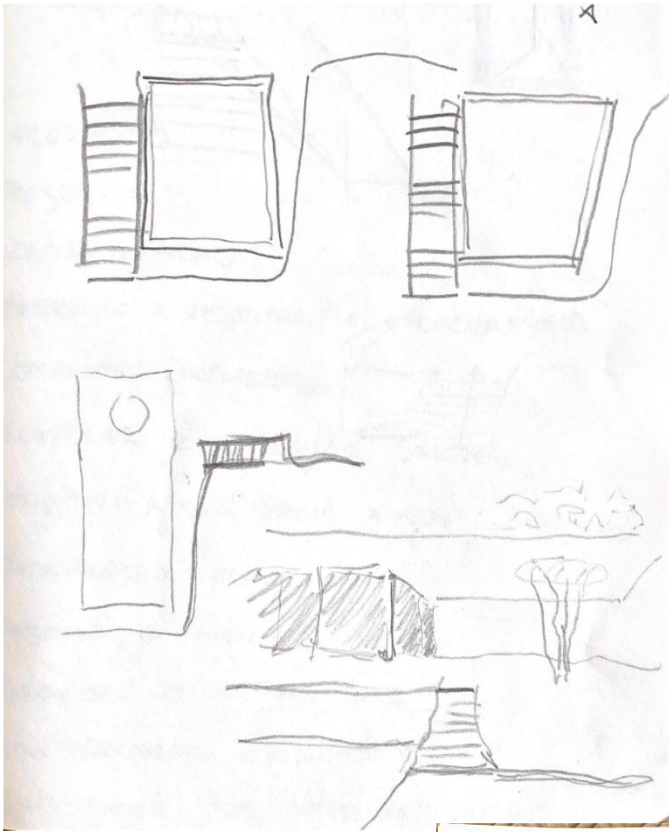




1204








Anexo C3. Tabelas de Casos de Referência do Programa Funcional

Fonte: Autora, 2022

CONVENTO DE SÃO FRANCISCO	HOSPITAL DE SAN SEBASTIAN	MUSEU MUNICIPAL ABADE PEDROSA	ARQUIPÉLAGO CENTRO DE ARTES	CENTRO GRAÇA MORAIS
ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO LOCAL	ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO LOCAL	ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO LOCAL	ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO LOCAL	ÉPOCA DE CONSTRUÇÃO LOCAL
Século XVII / 2016 Coimbra	Século XVIII / 2021 Espanha	Século XVIII Santo Tirso	2014 Açores	XVII / 2004 Bragança
AUTOR	AUTOR	AUTOR	AUTOR	AUTOR
Vicenzo Cazale / João Carrilho da Graça	Nicolás de Morales / José María Sánchez García	Frei Cipriano da Cruz / Eduardo Souto Moura	João Mendes Ribeiro	Eduardo Souto Moura
PROJETO	PROJETO	PROJETO	PROJETO	PROJETO
Centro Cultural e de Congressos	Centro	Museu Contemporâneo	Centro de Artes Contemporâneas	Centro de Arte Contemporânea
ASPETOS ARQUITETÔNICOS	ASPETOS ARQUITETÔNICOS	ASPETOS ARQUITETÔNICOS	ASPETOS ARQUITETÔNICOS	ASPETOS ARQUITETÔNICOS
A intervenção teve em conta a inserção do edifício na cidade e a manutenção do mesmo	A intervenção procurou como base a compreensão do antigo Hospital enquanto espaço urbano capaz de manter a actividade da cidade no interior do edifício	O edifício no qual está instalado o Museu apresenta uma planta retangular, de desenvolvimento longitudinal	A intervenção procura unir as diferentes escalas e memórias das suas partes	O projeto consiste na recuperação e ampliação de um antigo edifício solarengo do século XVII
Avanço da fachada principal	As fachadas e volumes originais são inteiramente preservados. Nas áreas interiores, os volumes existentes das salas abobadadas são recuperados	Os objetivos principais da intervenção foram preservar as características arquitetónicas do edifício existente e repor os elementos que devolvam a sua composição original	As construções existentes são marcadas pela alvenaria de pedra vulcânica e os novos edifícios são caracterizados por uma forma abstrata	O edifício é composto por três corpos distintos: o 1º o Solar já existente foi em parte demolido, o 2º faz a ligação entre o solar e a principal sala de exposições, e o 3º é uma construção de raiz e corresponde à principal nave de exposições temporárias
Conservação da morfologia da fachada principal e dos espaços interiores	As instalações rectangulares, dispostas em torno dos pátios, permitem uma fácil utilização, gerando um tecido dinâmico em que tanto o mercado gourmet como os espaços polivalentes emergem	A definição do novo volume proposto resultou da intenção de delimitar o Largo de acesso ao novo e simultaneamente ao Antigo Museu	O novo programa reinventa o edifício existente, tornando-se um espaço significativo numa região periférica no meio do Oceano Atlântico	
O espaço exterior foi repensado e redesenho em dois níveis, de forma a responder ao novo programa				
Estrutura original do convento				
O novo volume localizado a norte de forma retangular				
DESENHOS TÉCNICOS	DESENHOS TÉCNICOS	DESENHOS TÉCNICOS	DESENHOS TÉCNICOS	DESENHOS TÉCNICOS
				
LEGENDA:				ESCALA DOS DESENHOS 1:400
A Espaços Administrativos	B Espaços de Apoio	C Espaços Comuns	D Espaços de Programa	
A1. Gabinetes e salas	B1. Carregamento/Recolha	C1. Átrio	D1. Galerias de Exposição	
A2. Corredor Administrativo	B2. Armazém/Dispensa	C2. Acessos	D2. Auditório	
	B3. Zona Técnica	C3. Recepção	D3. Ateliés/Oficinas de trabalho	
		C4. Instalação Sanitária		
		C5. Bar/Café		
		C6. Loja/Livraria		
		C7. Corredor Administrativo		

Anexo C4. Ambientes do Programa

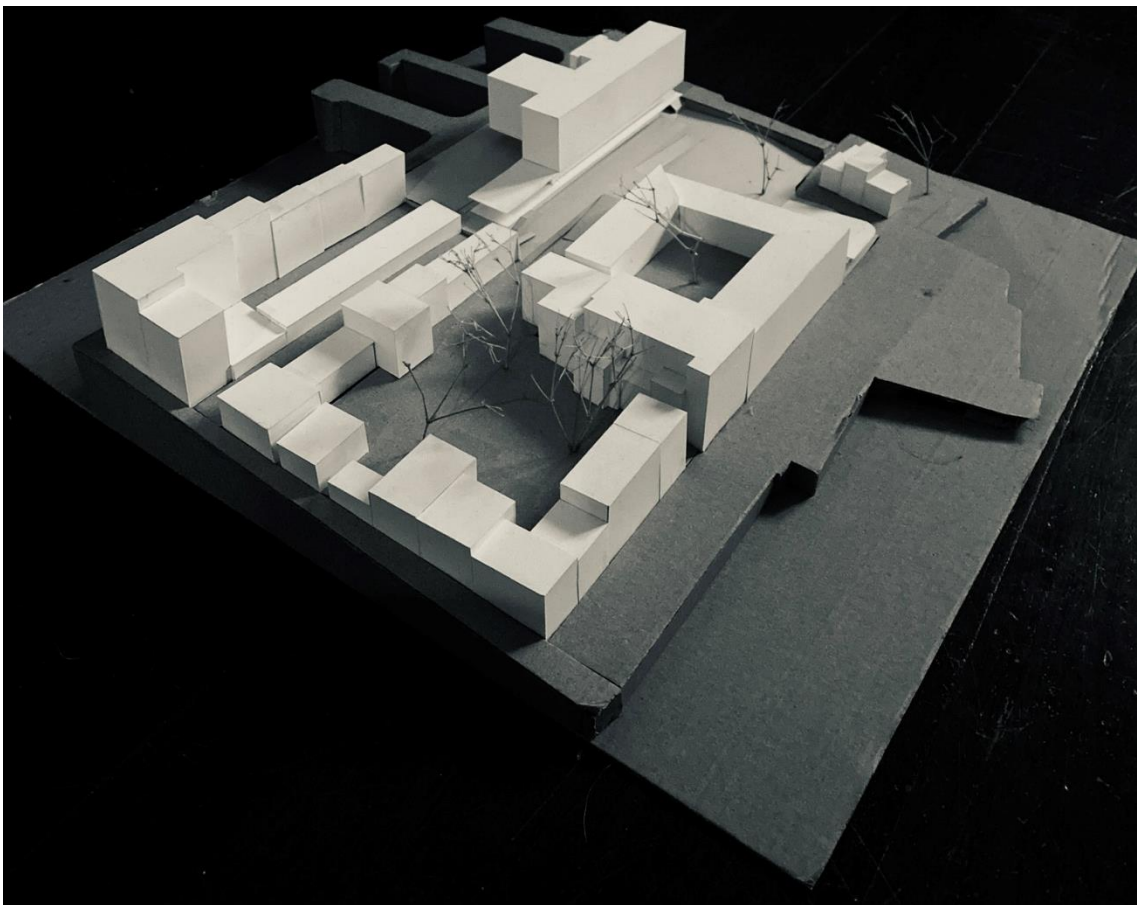
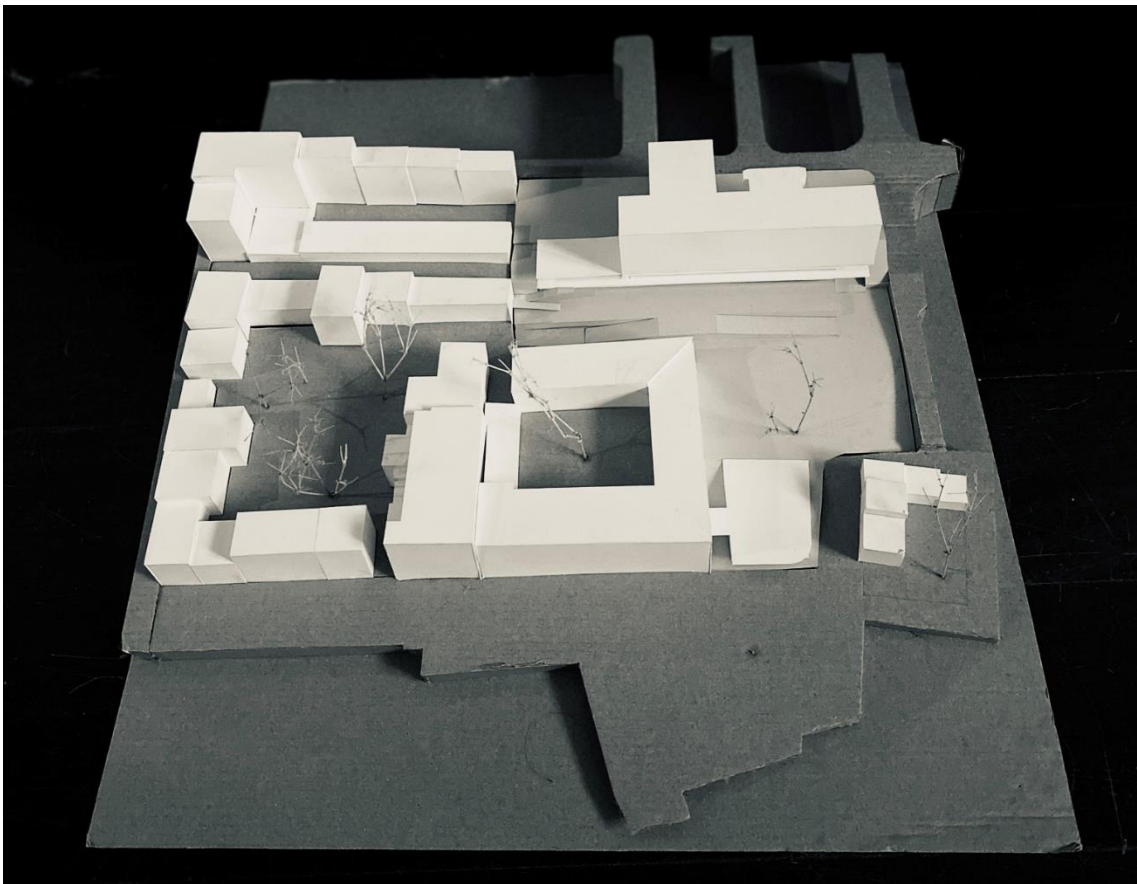
Fonte: Autora, 2022

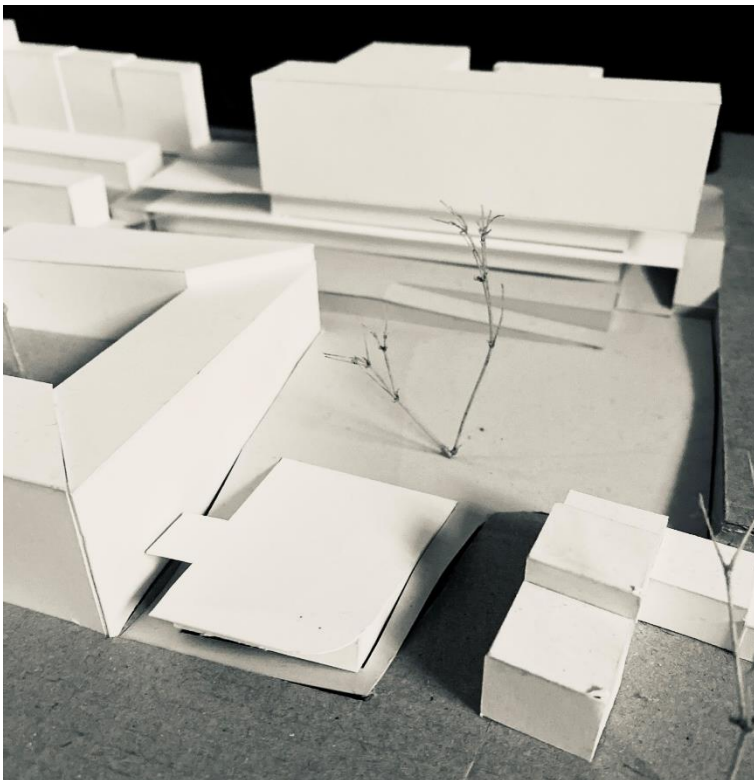
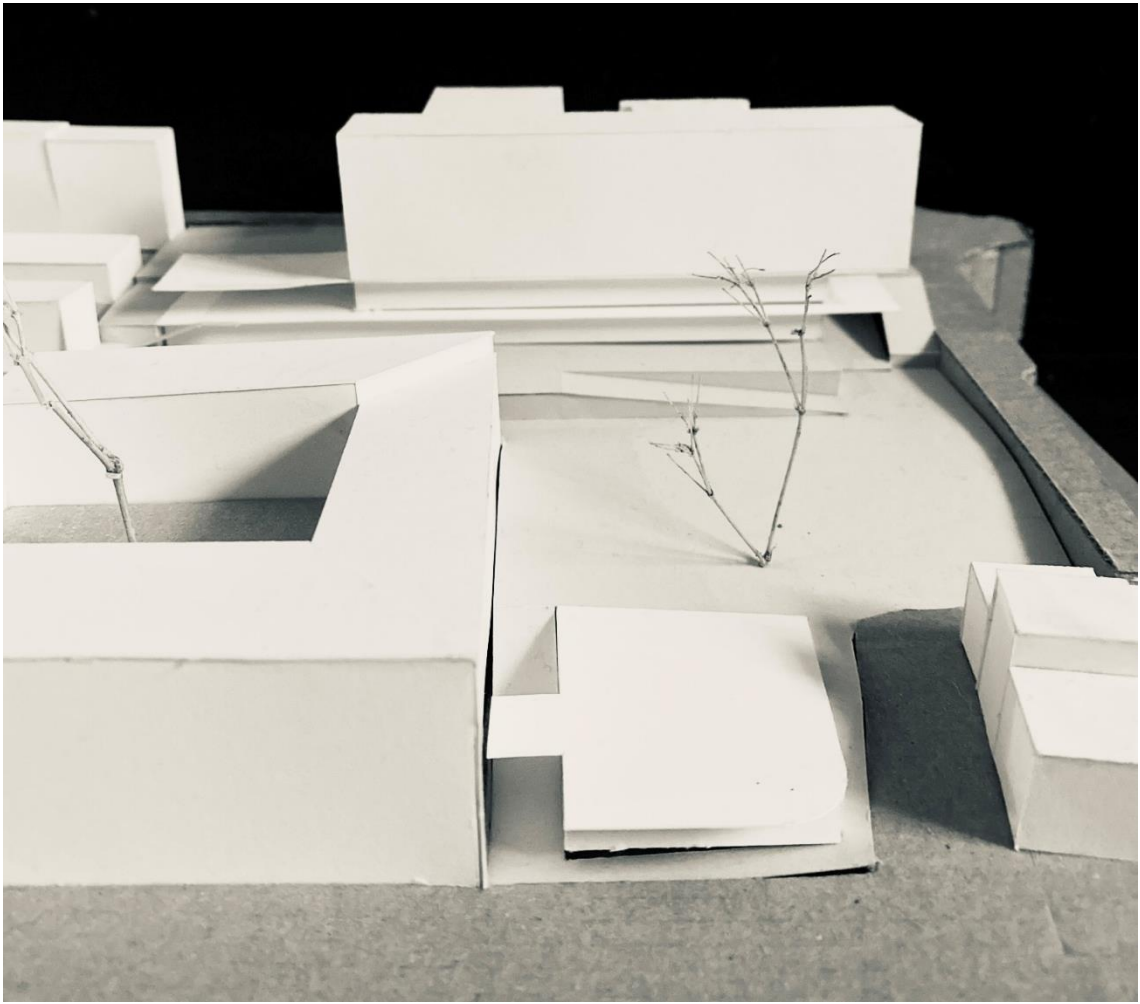


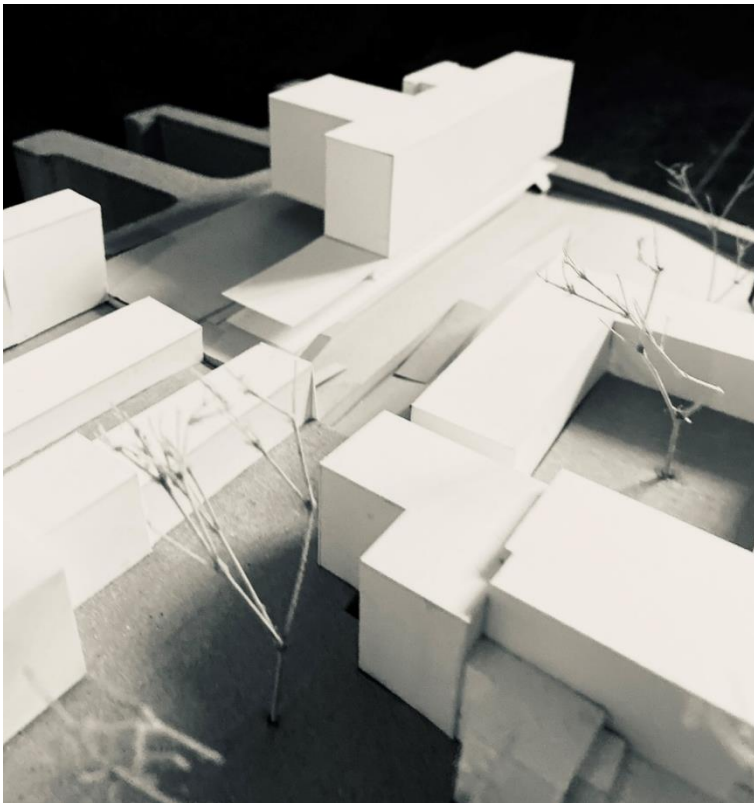
Anexo D. Maquetes de estudo

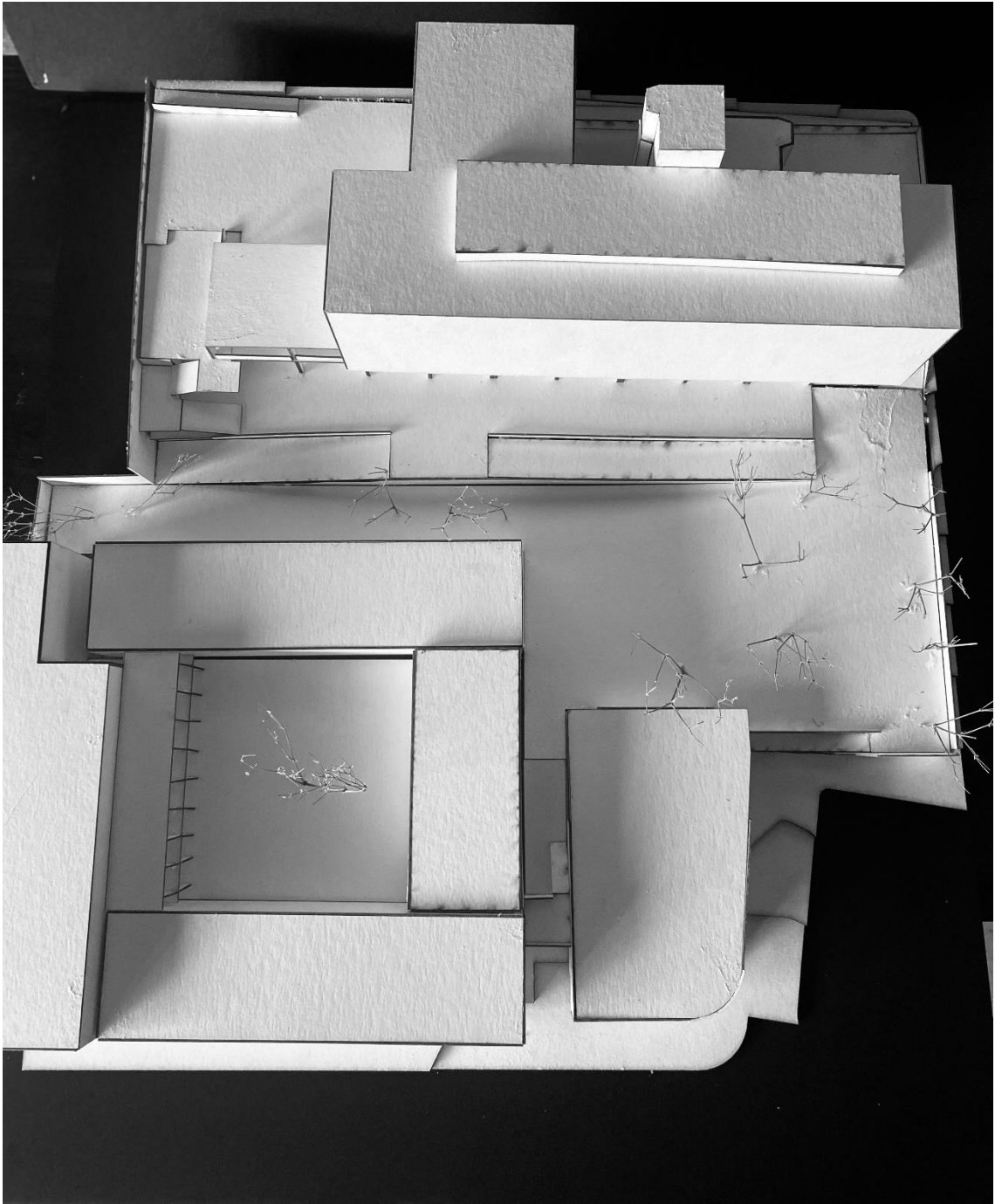
Fonte: Autora, 20022

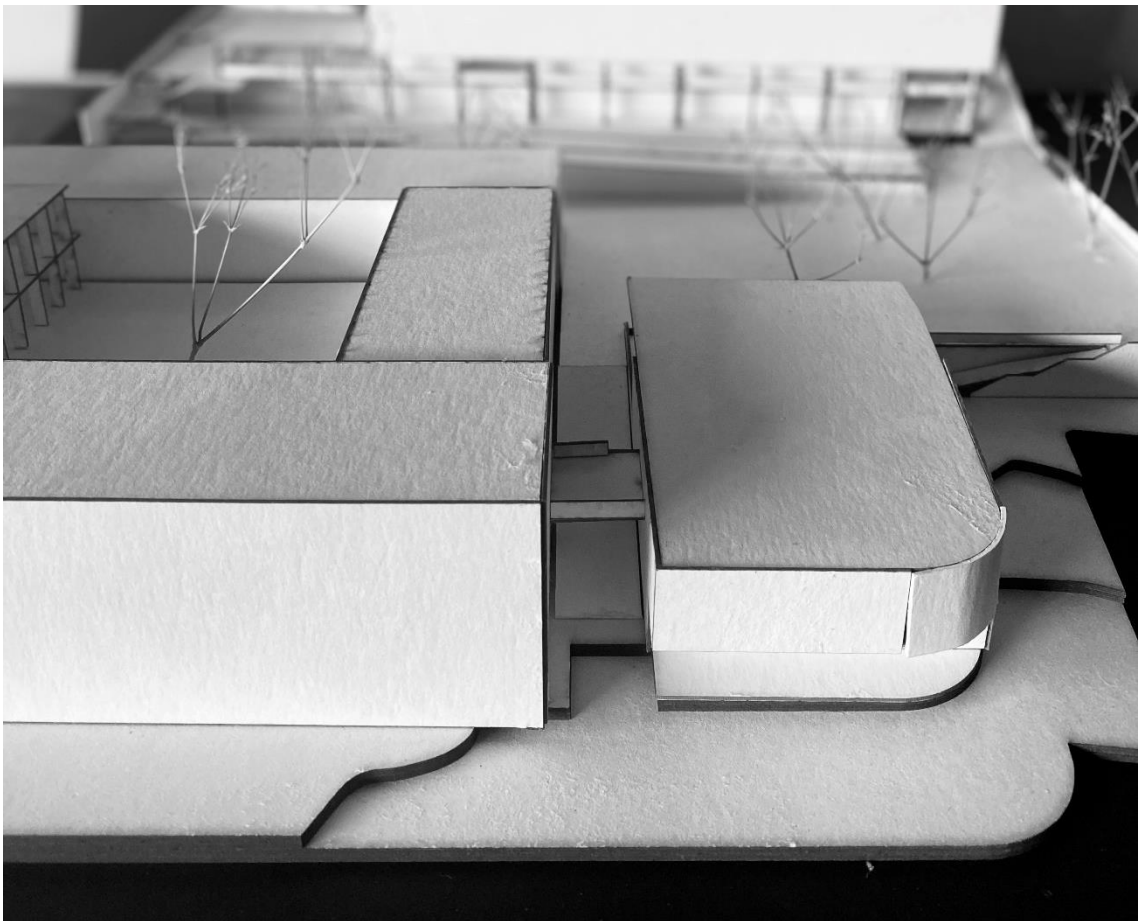
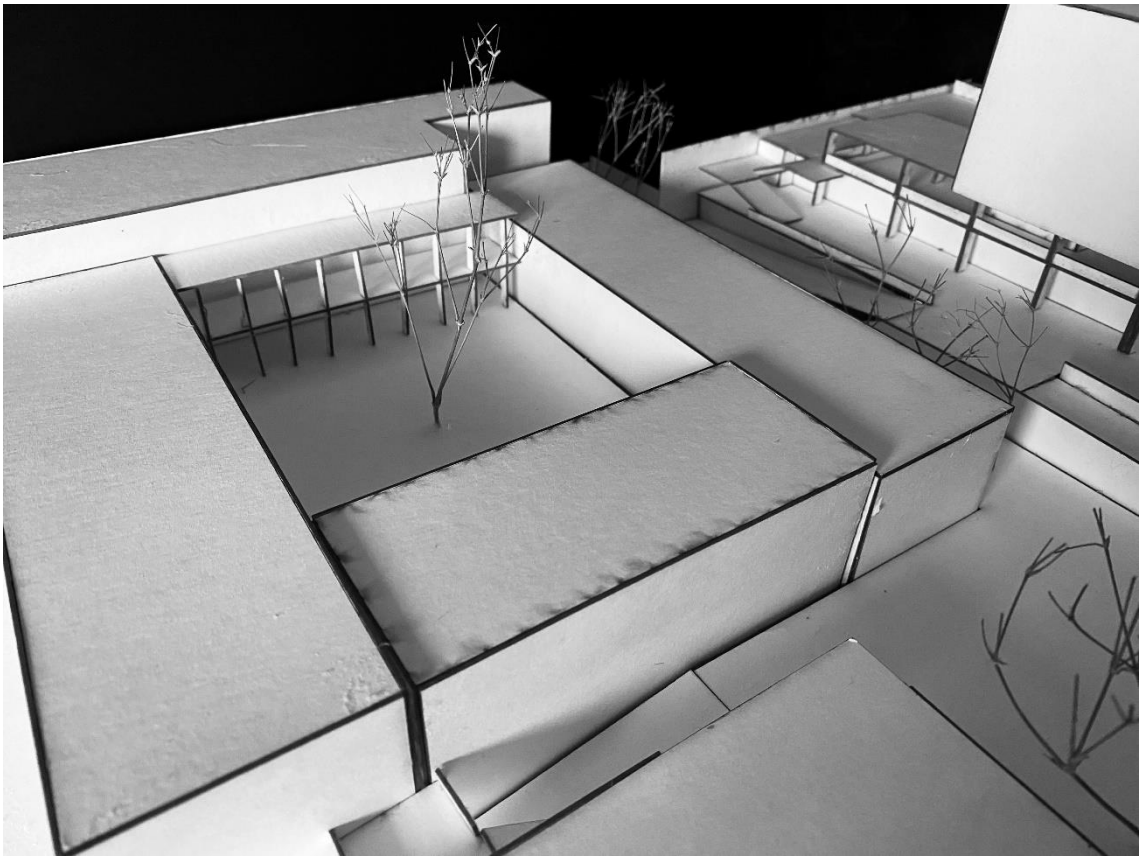


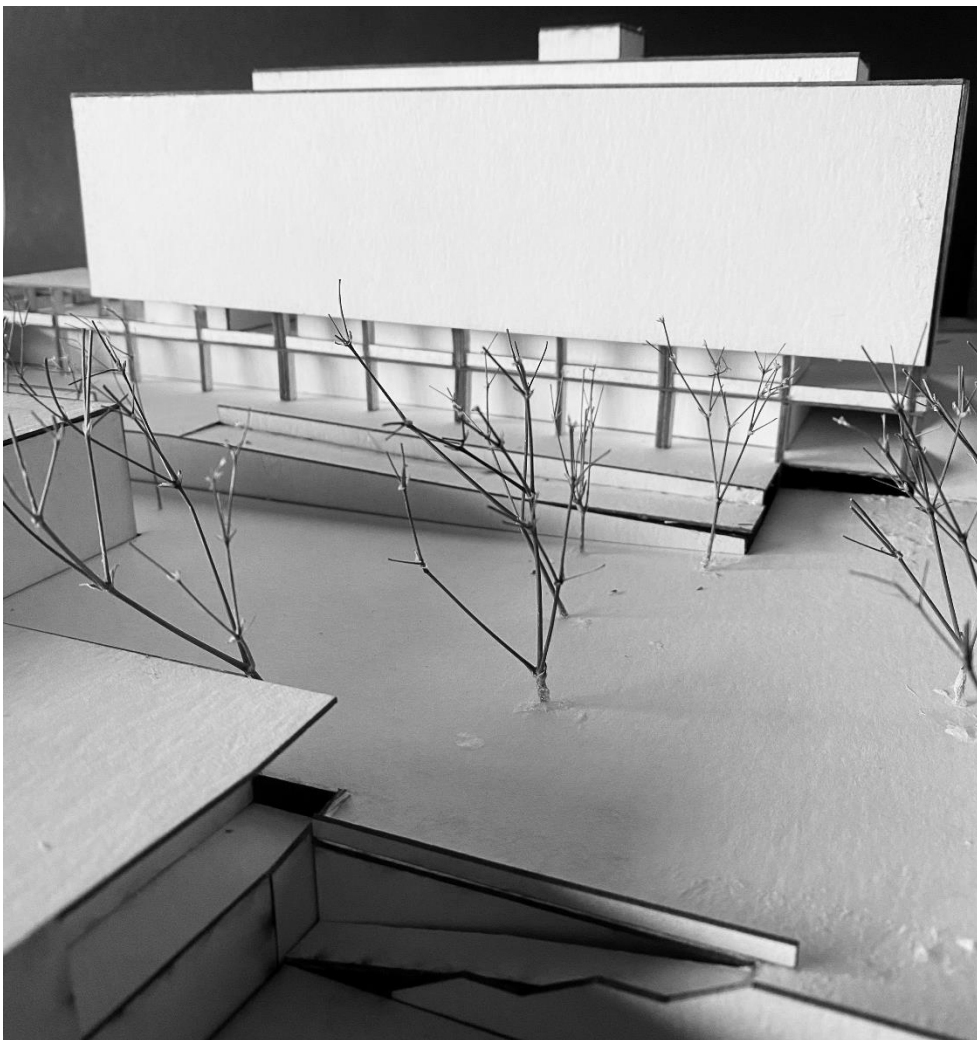
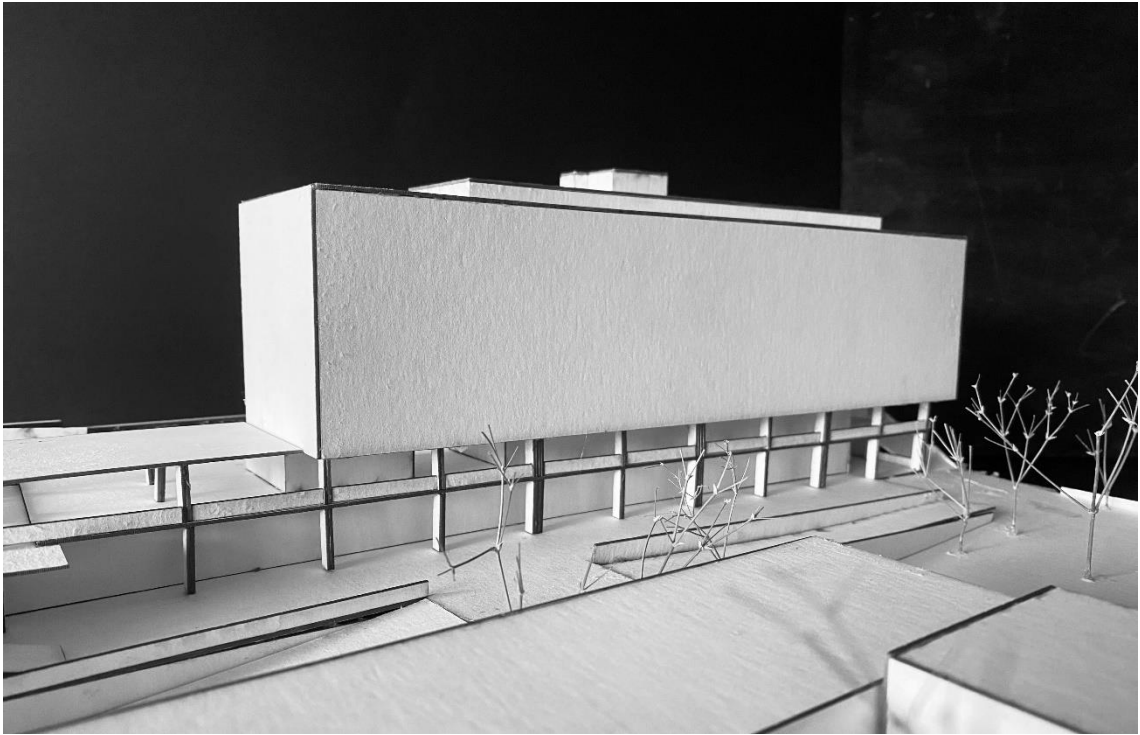






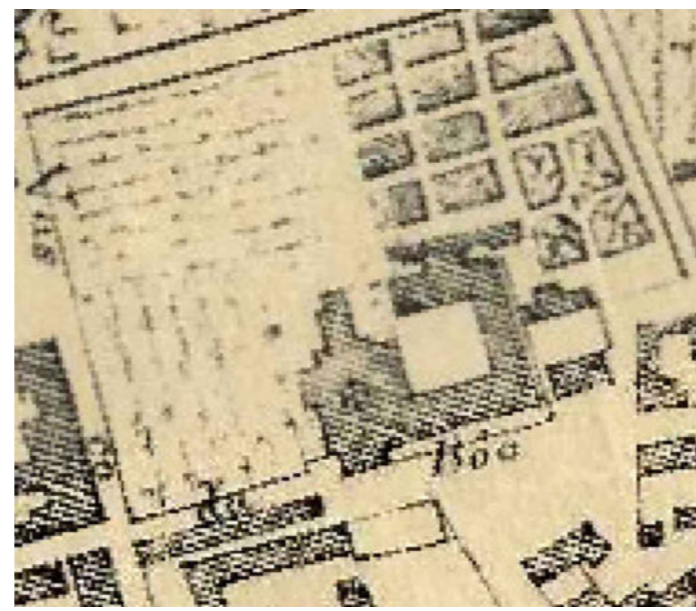




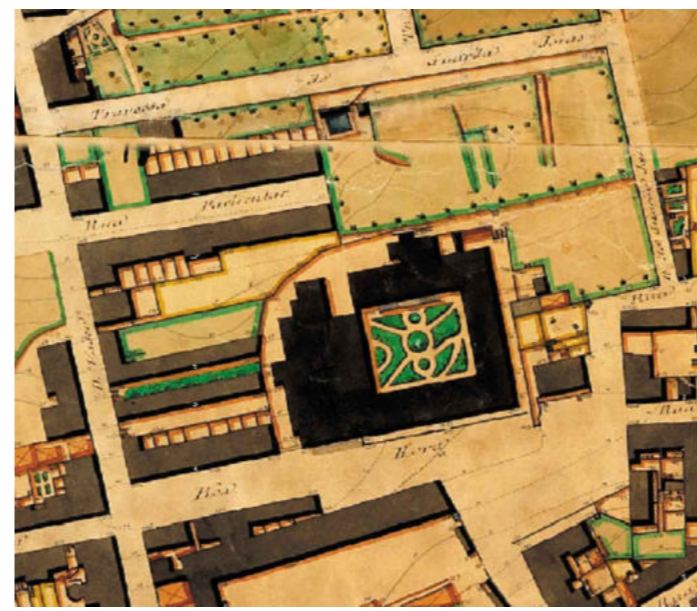


Anexo E. Painéis Finais

Fonte: Autora, 2022



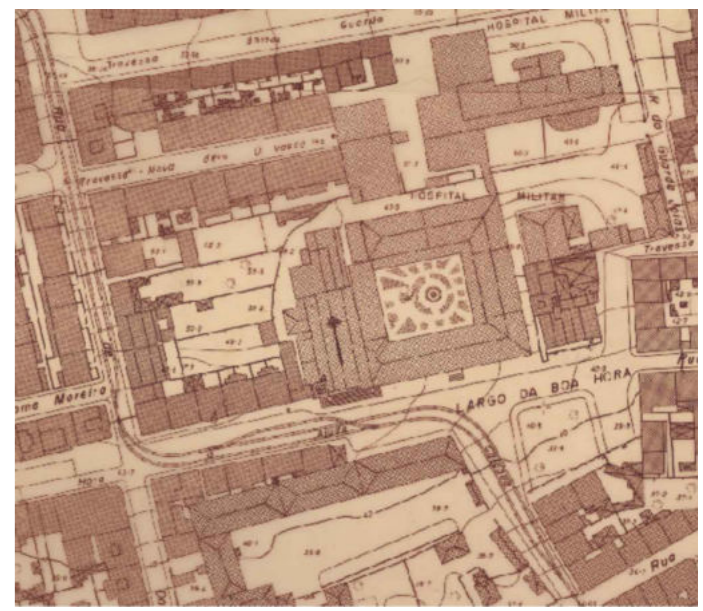
Cartografia Histórica de Lisboa, Duarte Fava, 1807 CML



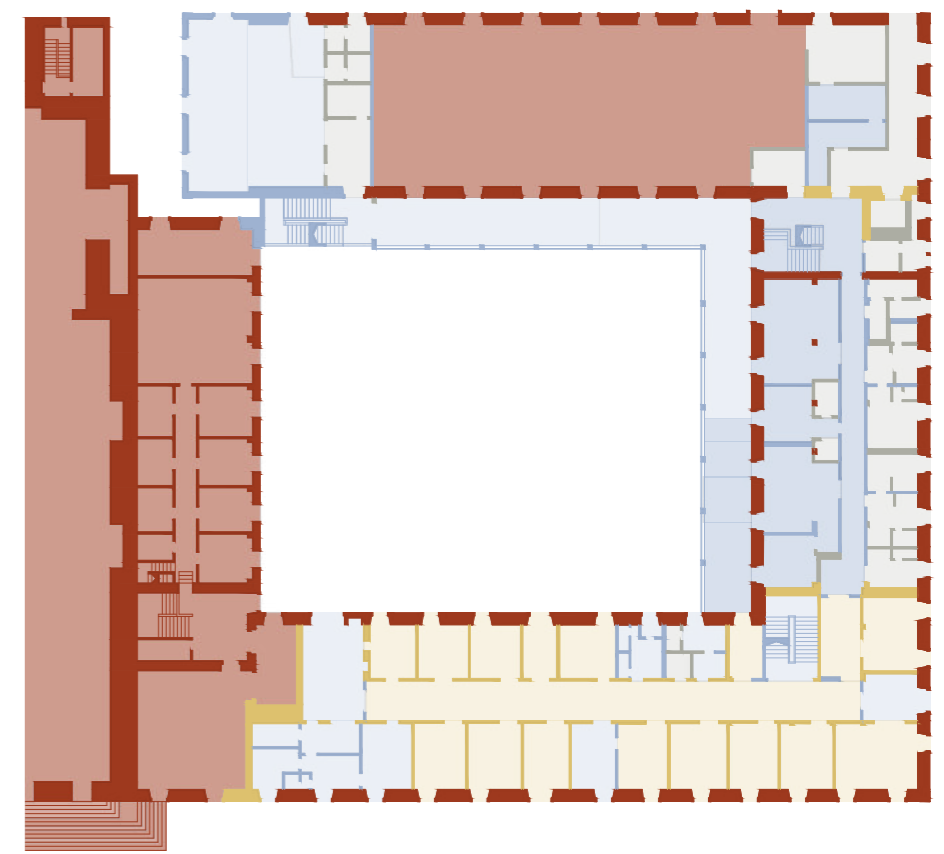
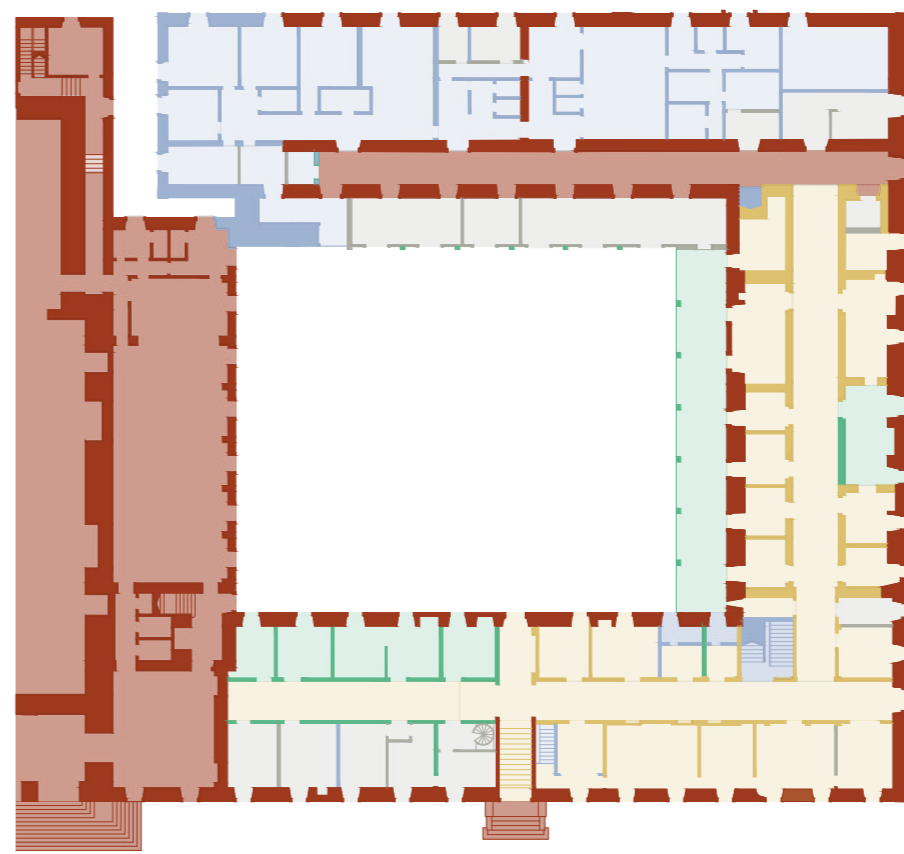
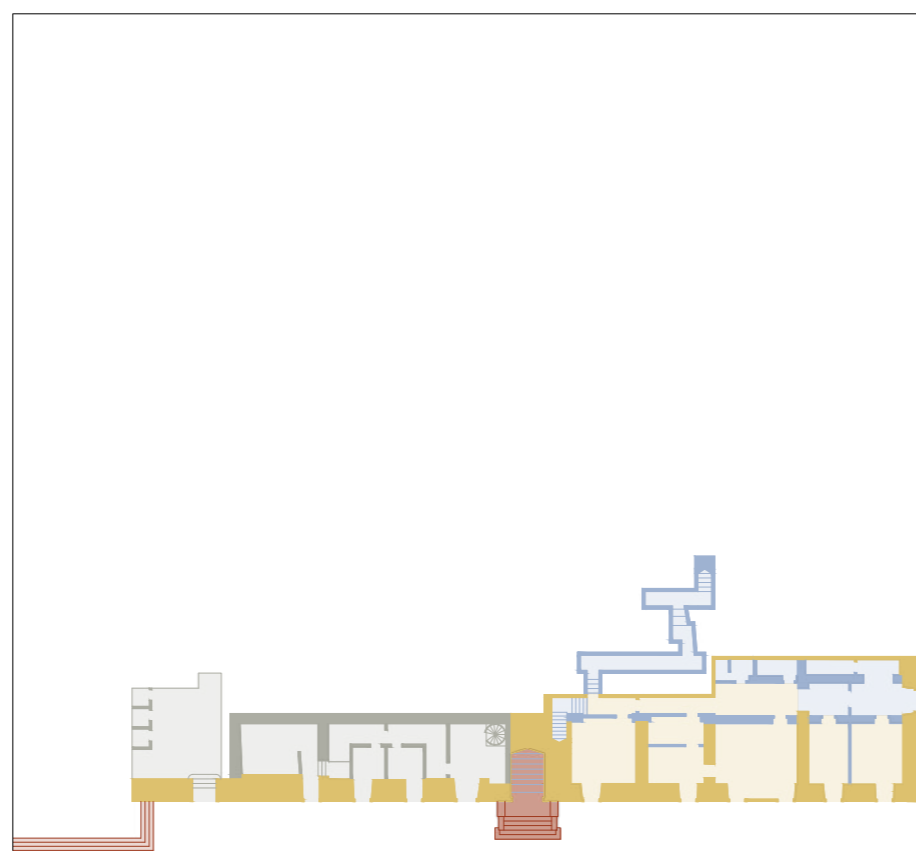
Cartografia Histórica de Lisboa, Silva Pinto, 1911 CML



Cartografia Histórica de Lisboa, 1950 CML



Cartografia Histórica de Lisboa, 1970 CML



TOPOGRAFIA E TRAÇADO

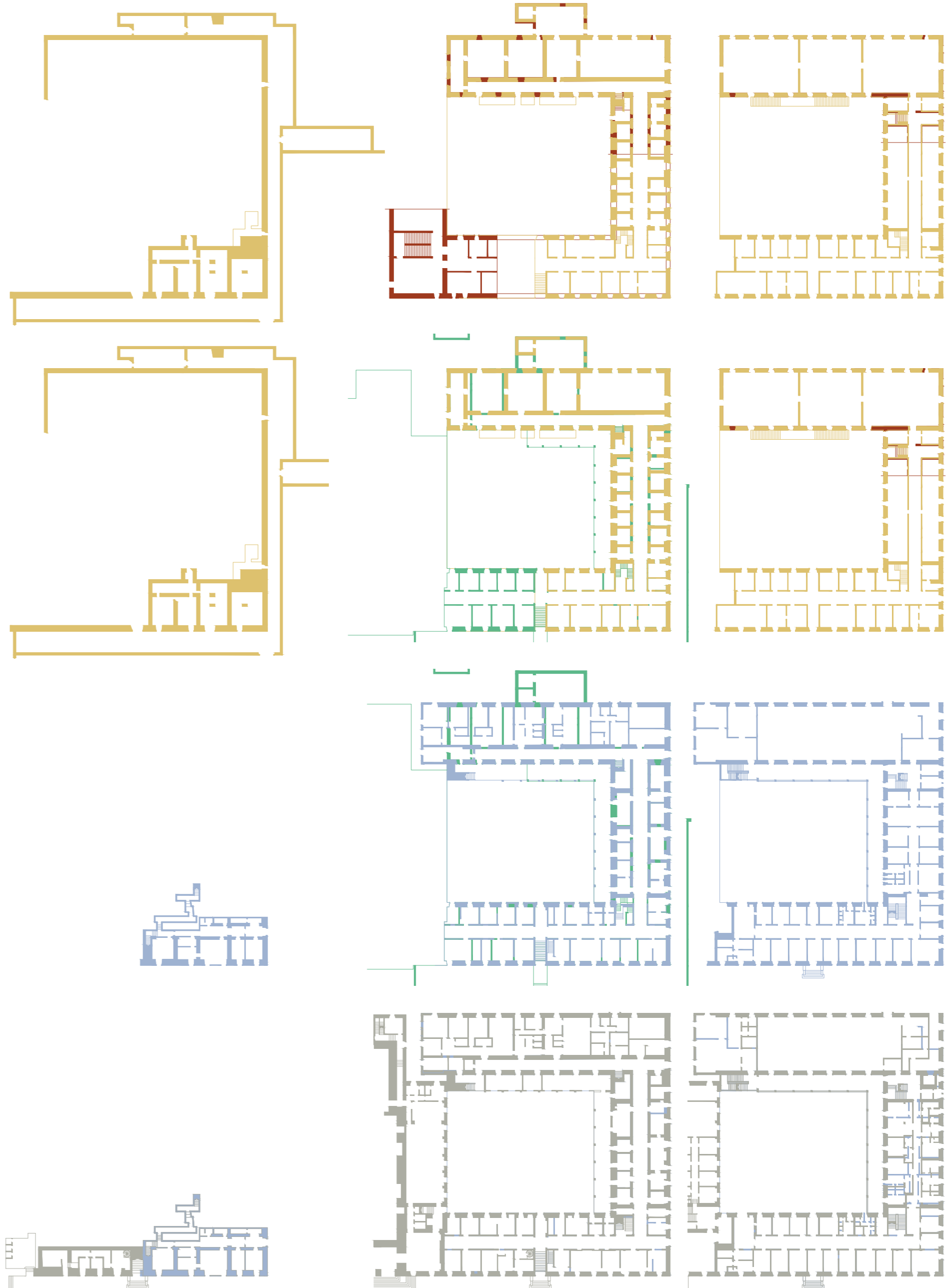
- Traçado urbano
- Espaços construídos

EVOLUÇÃO DA HISTÓRIA URBANA

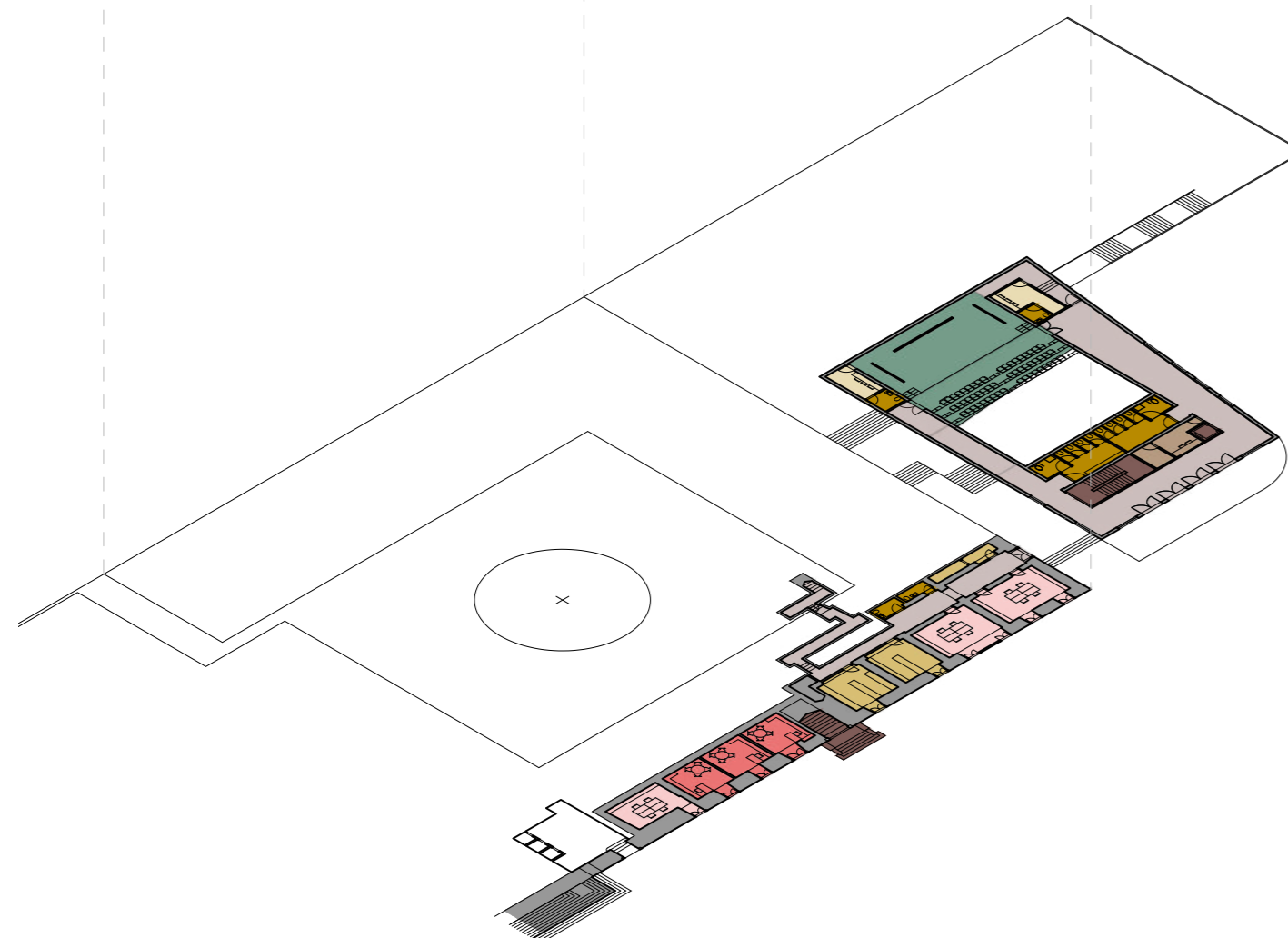
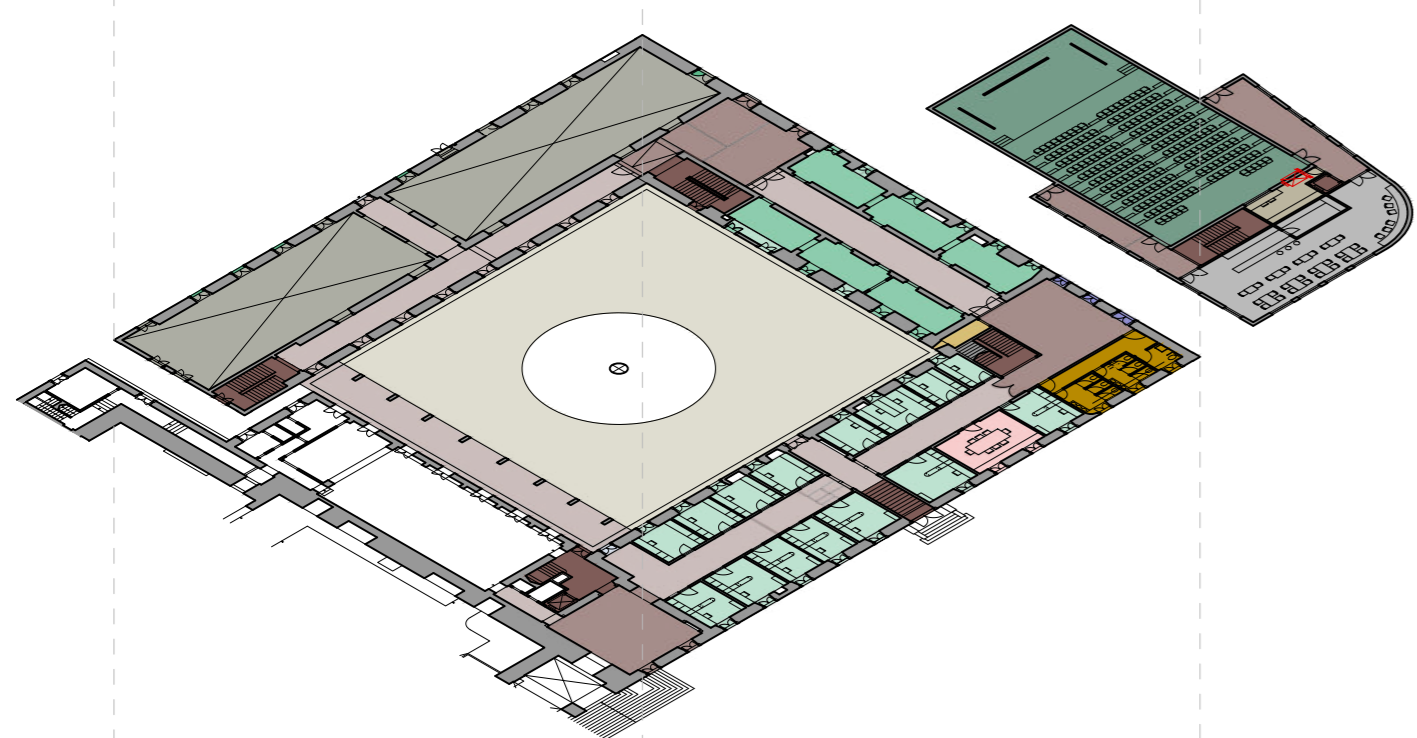
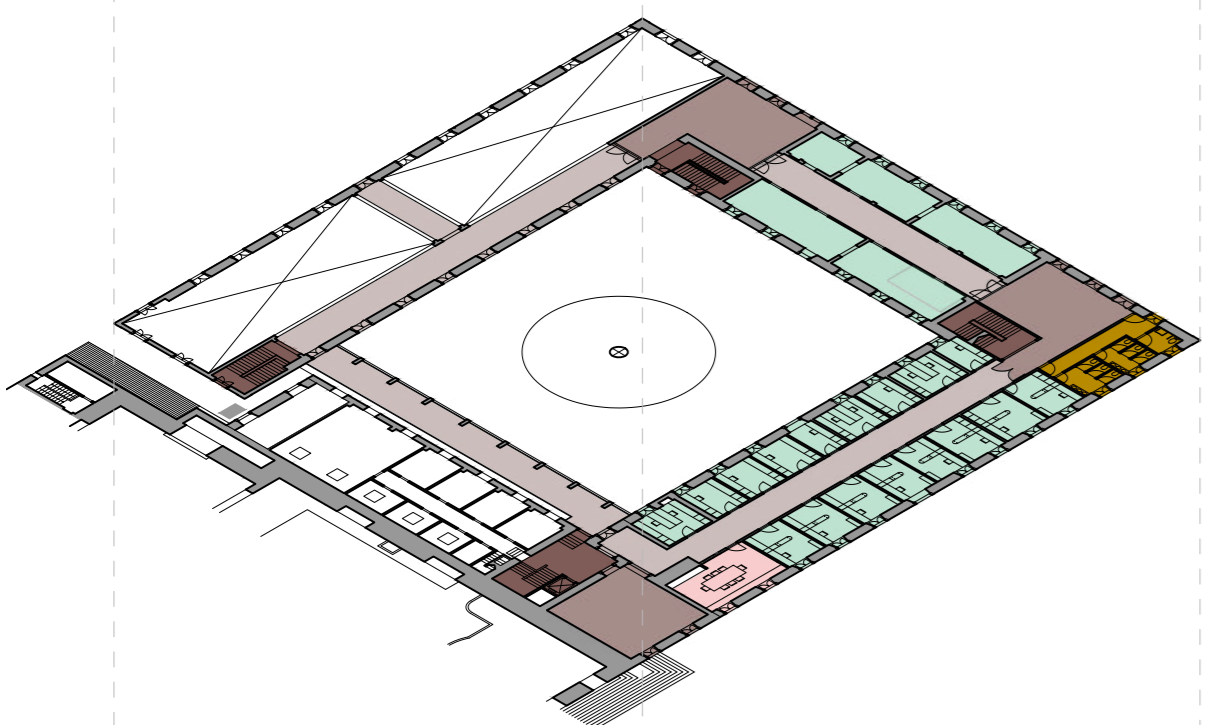
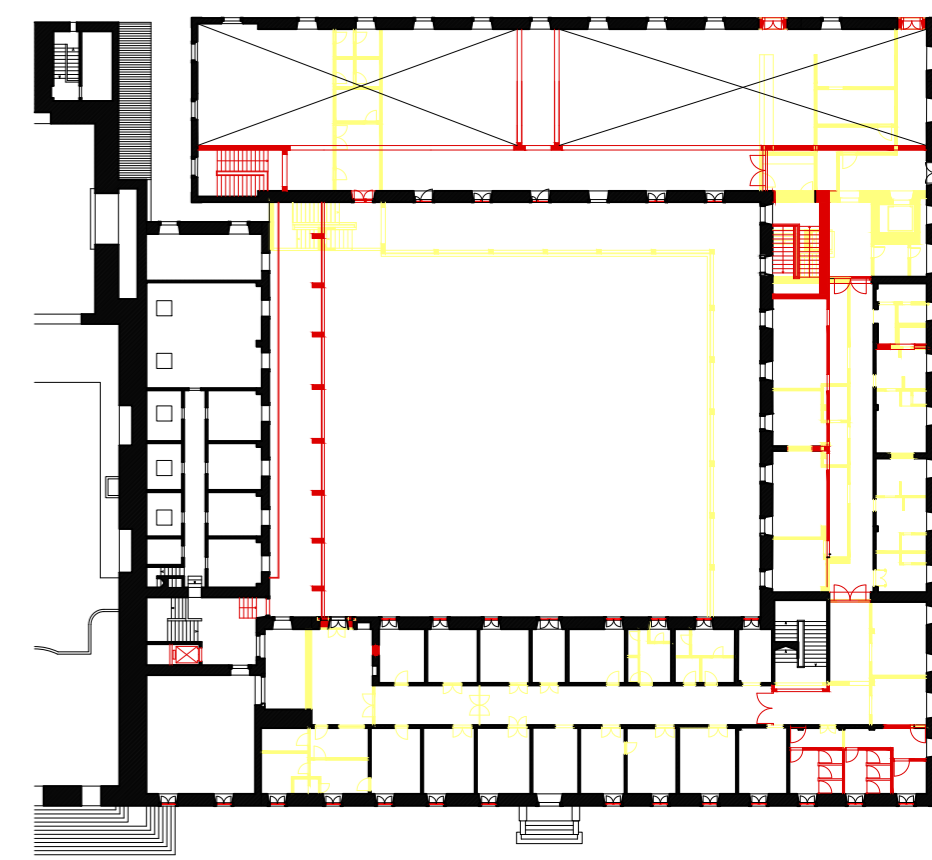
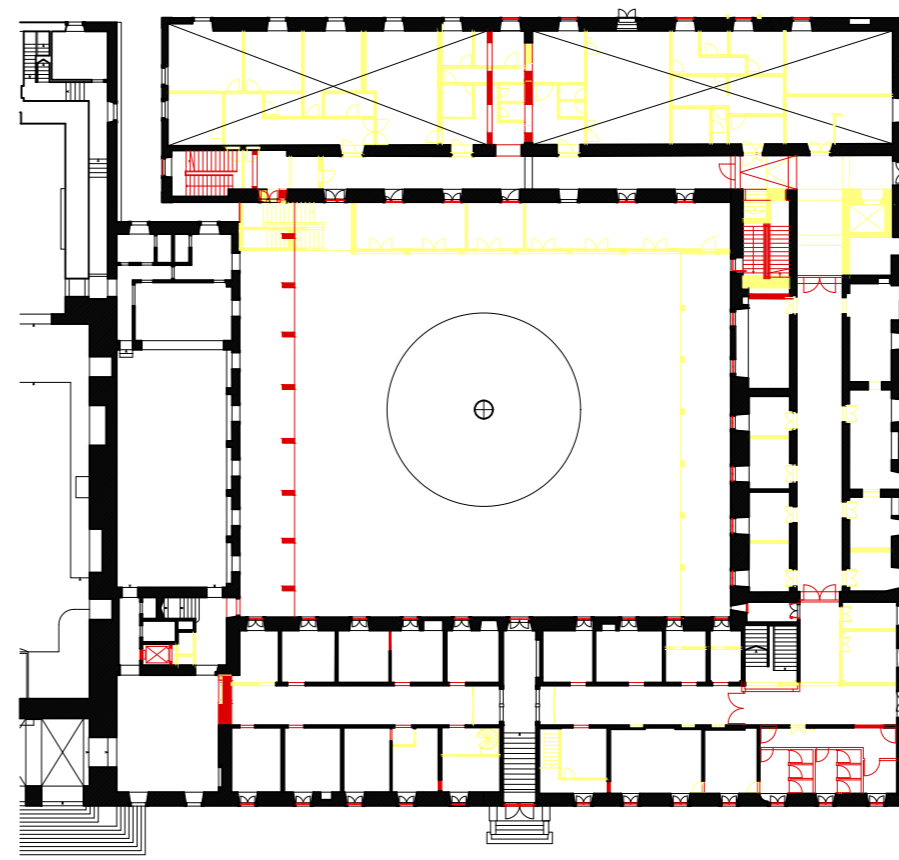
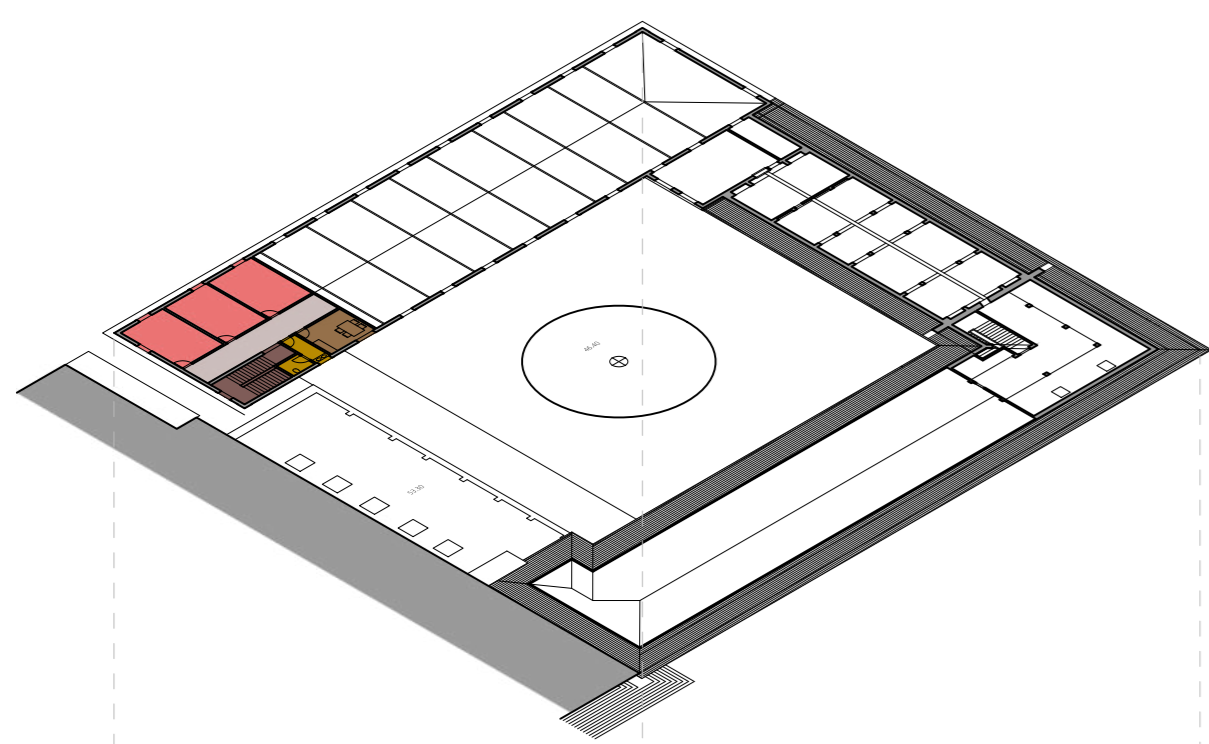
- até 1807 | Cartografia Duarte Fava
- até 1856 | Cartografia Filipe Folque
- até 1911 | Cartografia Silva Pinto
- até 2021 | Atualidade

SOBREPOSIÇÃO DAS PLANTAS DE 1852 A 2022

- 1852 | presumível estrutura original do edifício pertencente ao antigo convento de 1758
- 1895 | a estrutura secundária sofre alterações por parte dos militares. Parte do desenho do edifício começa a aparecer nas plantas
- 1934 | enquanto hospital militar, os compartimentos do piso 2 e a galeria da ala este sofrem adaptações
- 1997 | mantendo a tipologia hospitalar, o edifício passa por bastantes alterações, com destaque para a ala norte no piso 2 e a ala este no piso 1
- 2022 | estado atual da estrutura do edifício hospitalar



PLANTA DO PISO TÉRREO, 1 E 2
Amarelos e encarnados



DISTRIBUIÇÃO PROGRAMÁTICA

A. Espaços Administrativos

- Gabinetes
- Sala de reuniões

B. Espaços de Apoio

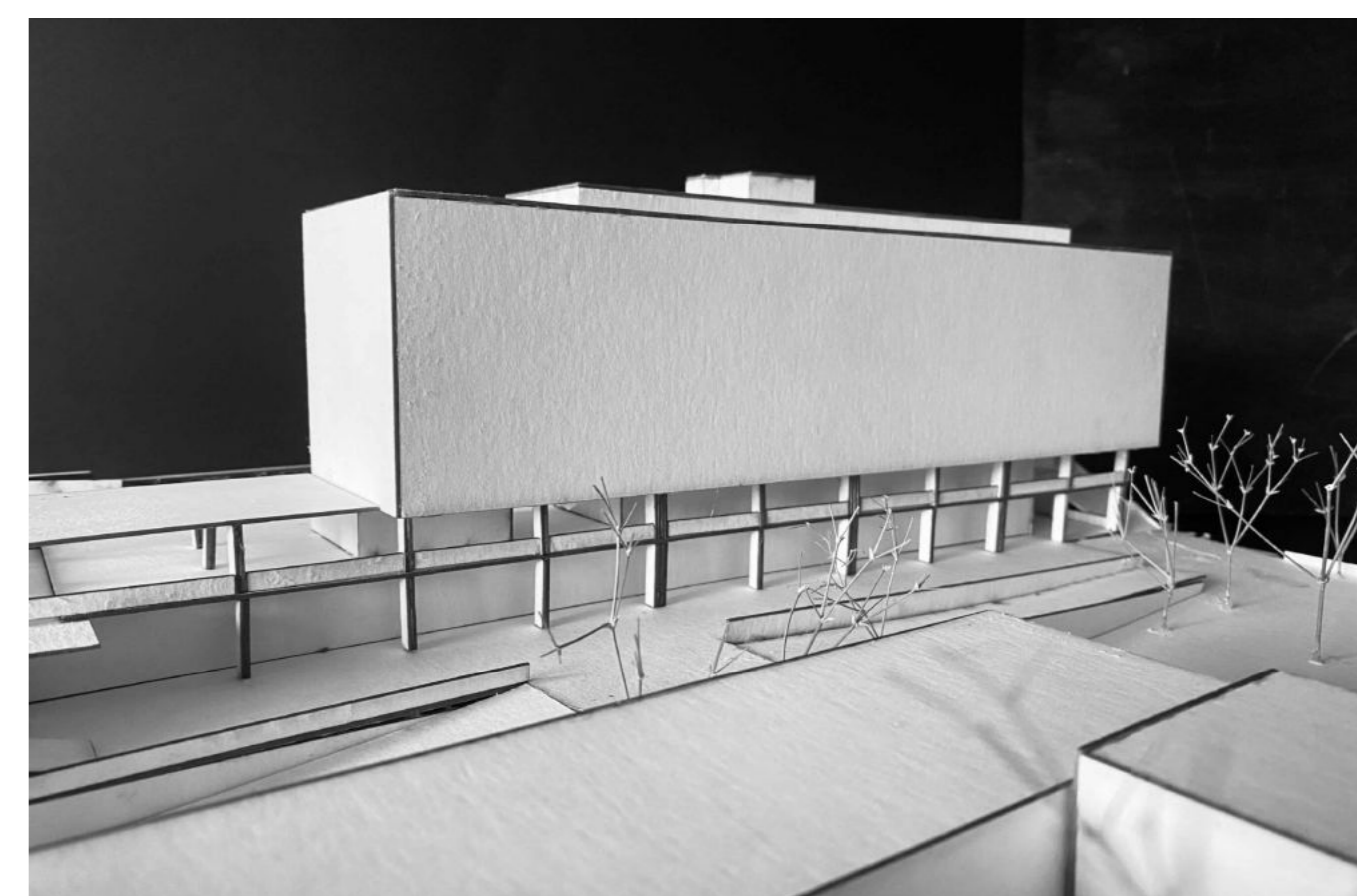
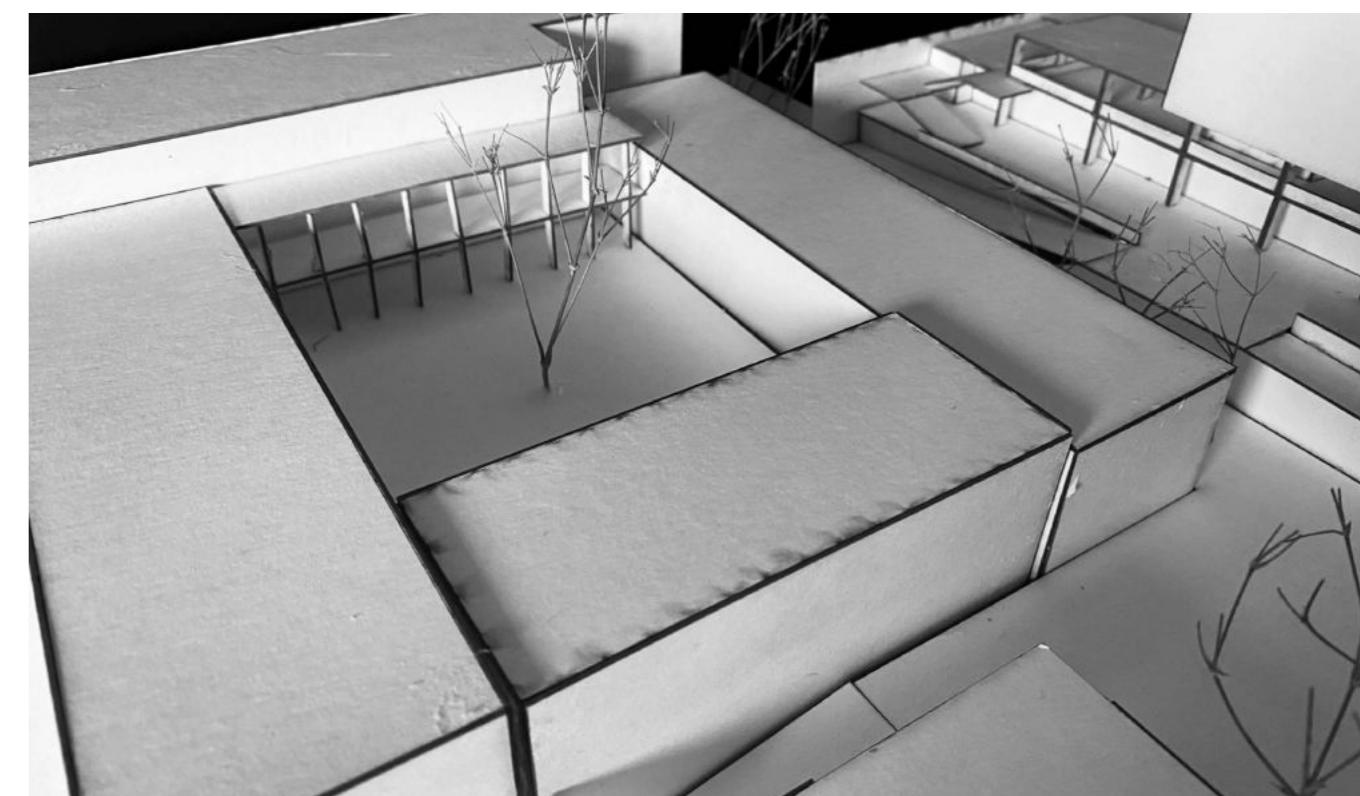
- Arrumos
- Zona técnica
- Copa
- Camarins

C. Espaços Comuns

- Acessos
- Átrio
- Corredores de circulação
- Instalações sanitárias
- Recepção e Bengaleiro
- Cafeteria

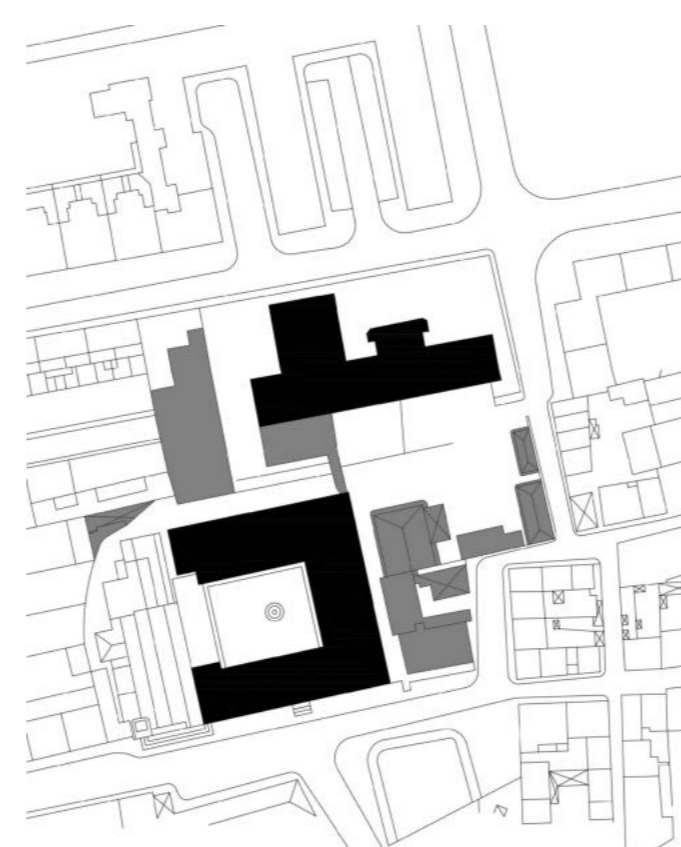
D. Espaços do Programa

- Auditório
- Salas de exposição de grande escala
- Salas de exposição temporária
- Ateliês e Oficinas de trabalho
- Pátio

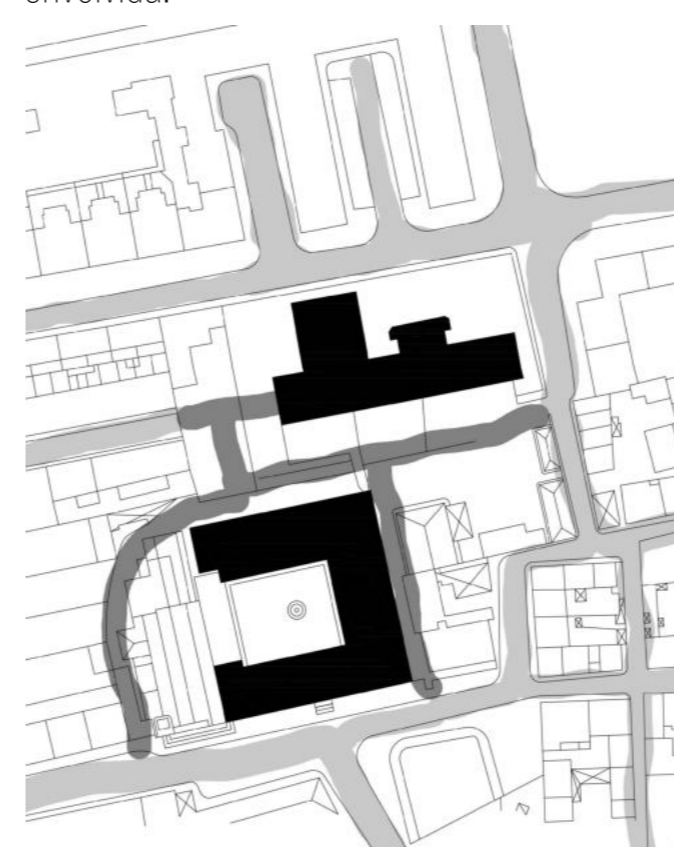


PRINCÍPIOS DE INTERVENÇÃO E PERMEABILIDADES ESTABELECIDAS

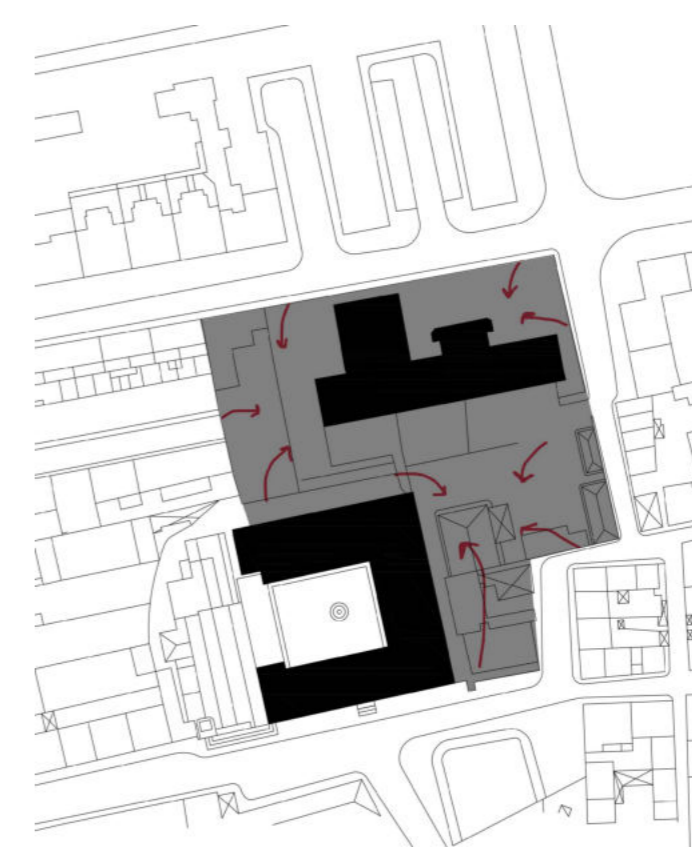
Proposta de demolição dos edifícios no local de estudo



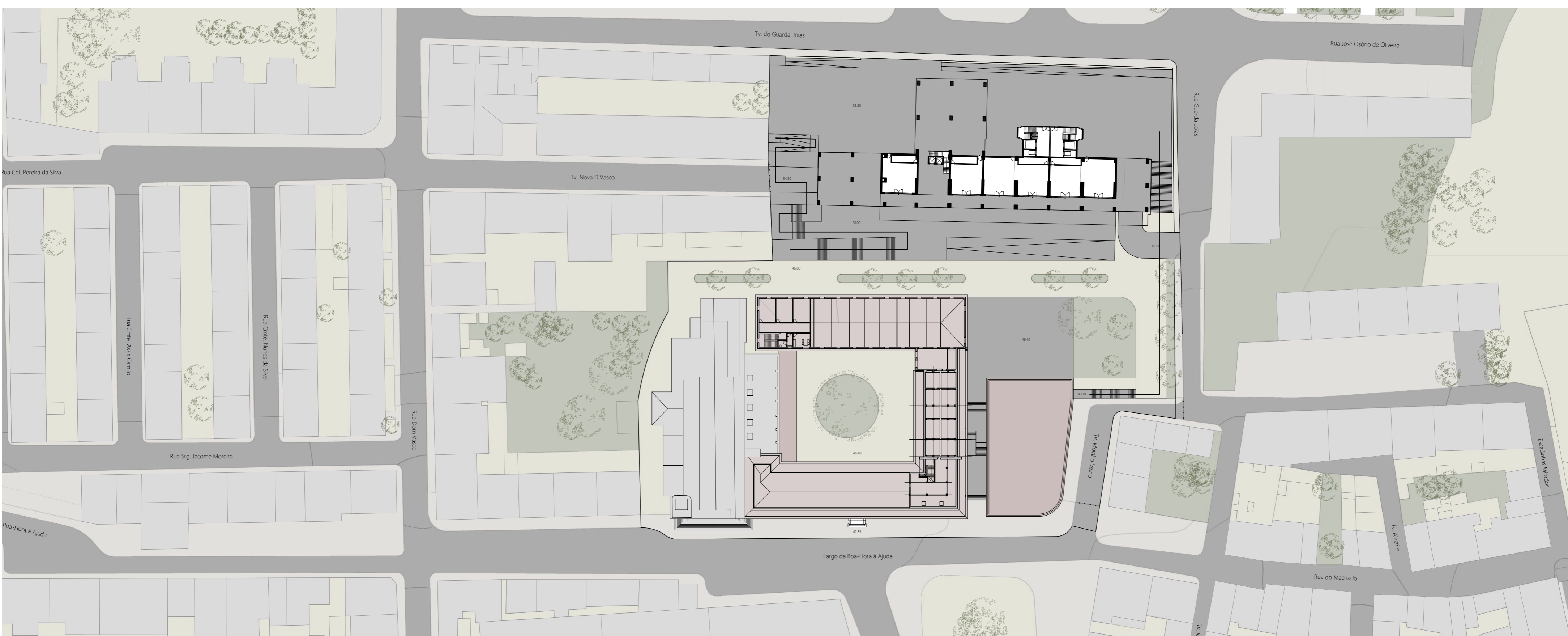
Criação de percursos e ligações que visam abrir este lugar à restante área envolvida.



Proposta de novas inter-relações que a área de intervenção pode vir a oferecer

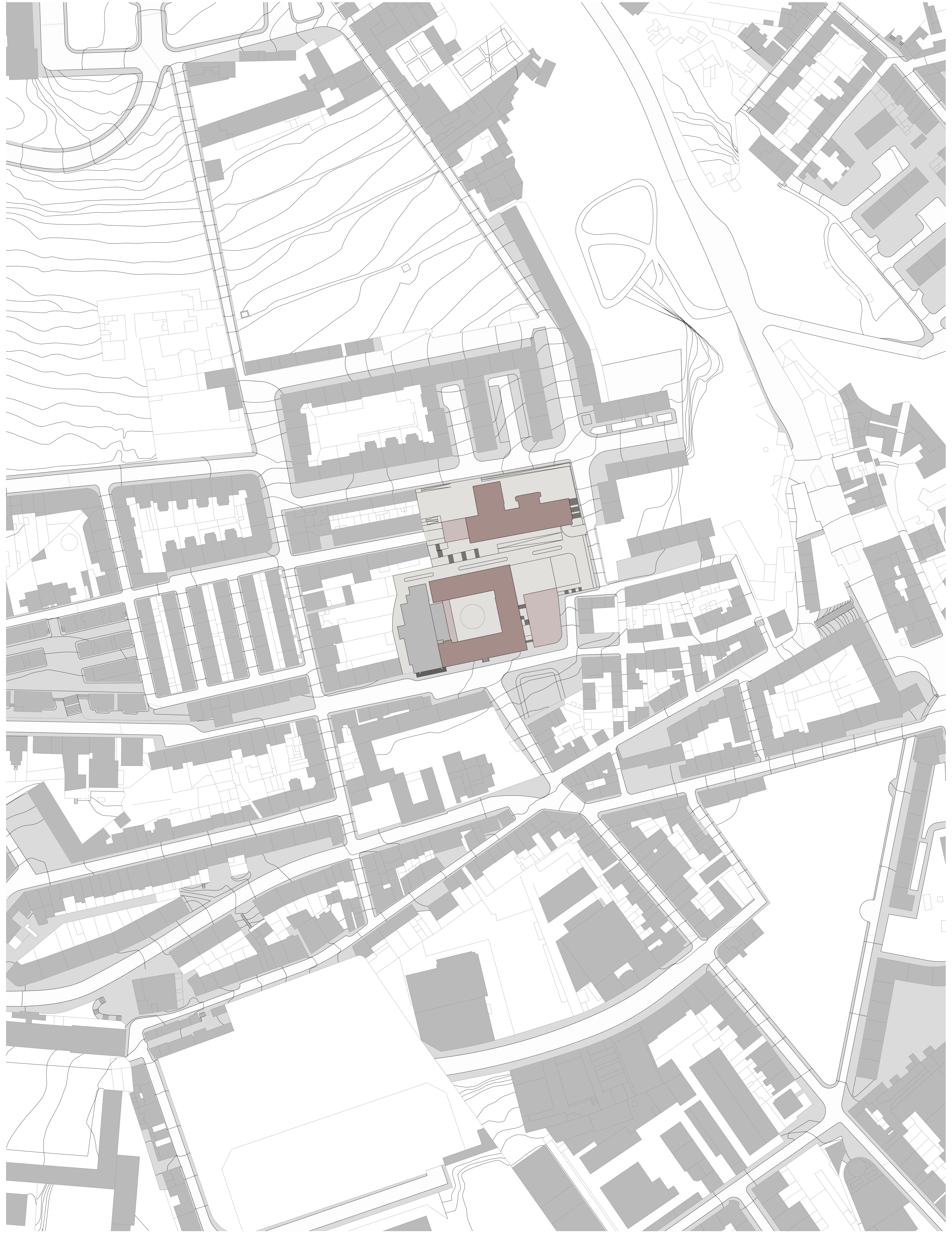


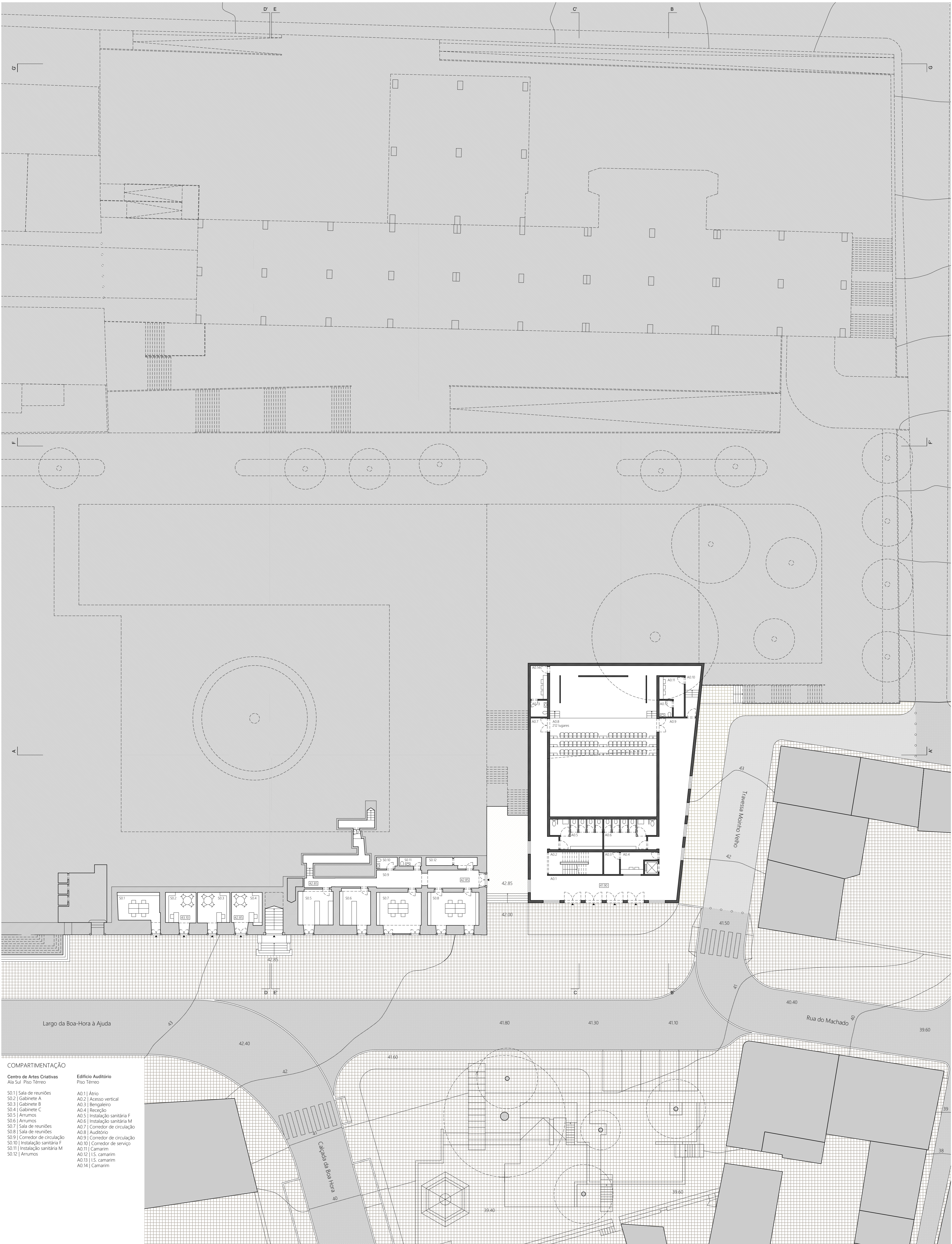
Proposta de intervenção



CENTRO DE ARTES CRIATIVAS DA BOA HORA
REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL DE BELÉM / CONVENTO DA BOA-HORA





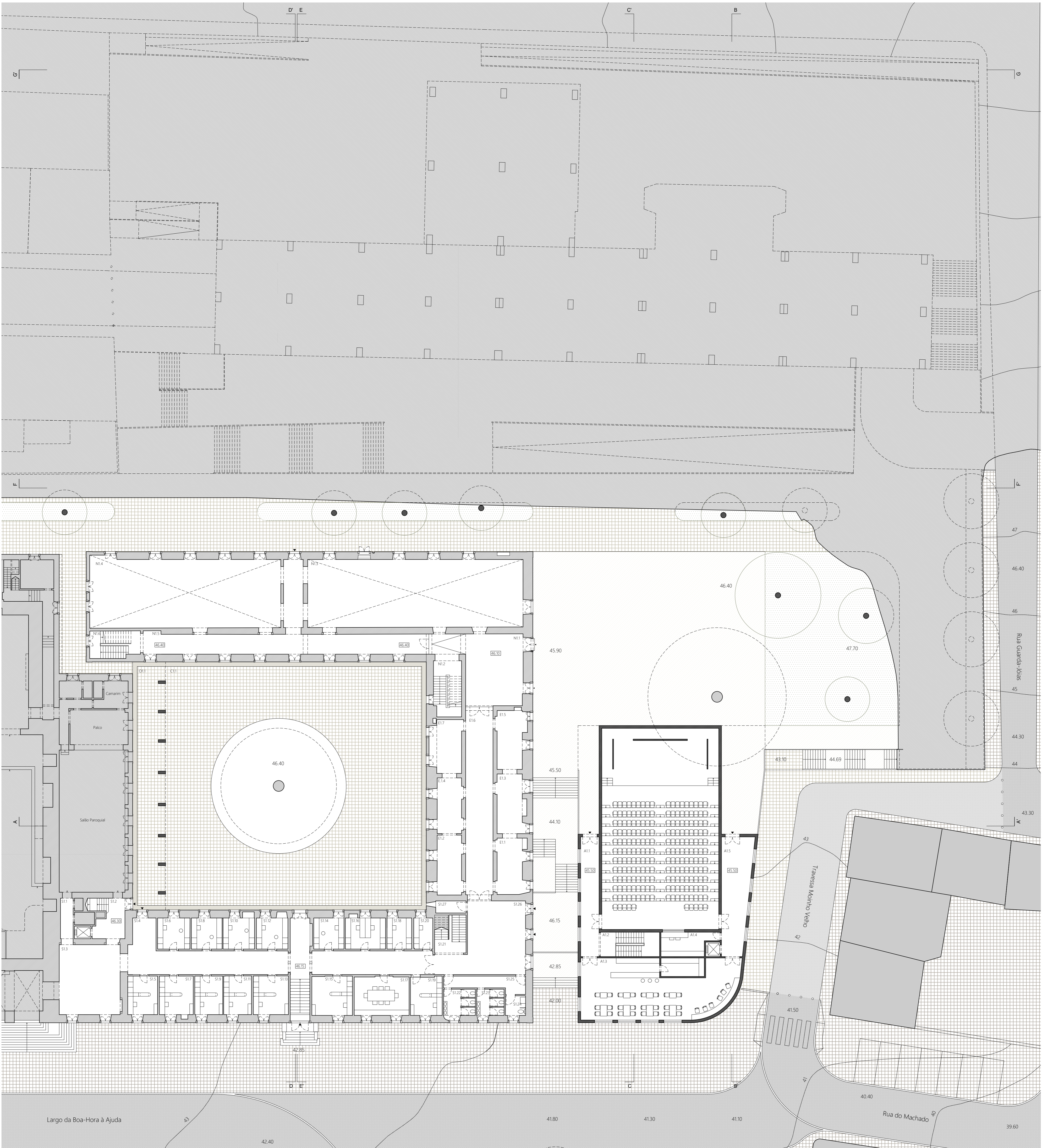


COMPARTIMENTAÇÃO

- | | |
|-----------------------------------------------------------|------------------------------------------|
| Centro de Artes Criativas
Ala Sul - Piso Térreo | Edifício Auditório
Piso Térreo |
| S0.1 Sala de reuniões | A0.1 Atrio |
| S0.2 Gabinete A | A0.2 Acesso vertical |
| S0.3 Gabinete B | A0.3 Bengaleiro |
| S0.4 Gabinete C | A0.4 Recepção |
| S0.5 Arrumos | A0.5 Instalação sanitária F |
| S0.6 Arrumos | A0.6 Instalação sanitária M |
| S0.7 Sala de reuniões | A0.7 Corredor de circulação |
| S0.8 Sala de reuniões | A0.8 Auditório |
| S0.9 Corredor de circulação | A0.9 Corredor de circulação |
| S0.10 Instalação sanitária F | A0.10 Corredor de serviço |
| S0.11 Instalação sanitária M | A0.11 Camarim |
| S0.12 Arrumos | A0.12 I.S. camarim |
| | A0.13 I.S. camarim |
| | A0.14 Camarim |

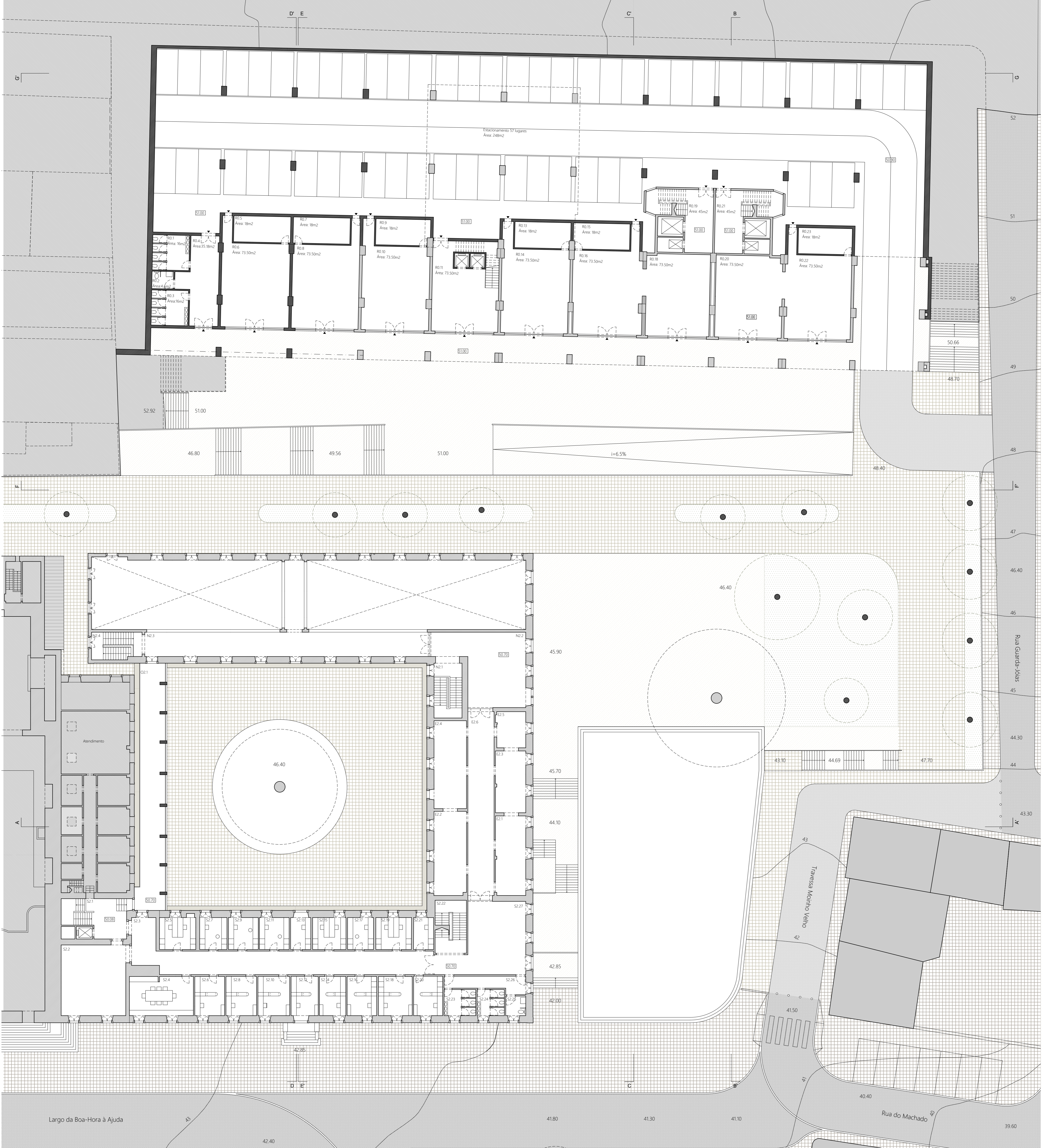
- Pavimento existente | Calçada portuguesa branca
- Pavimento proposto | Calçada portuguesa branca
- Pavimento existente | Alcatraz existente
- Pavimento proposto | Calçada portuguesa cinzento escuro
- Pavimento proposto | Lajetas de betão branco





- COMPARTIMENTAÇÃO**
- | | | |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Centro de Artes Criativas
Ala Sul - Piso 1</p> <ul style="list-style-type: none"> S11 Corredor de circulação S12 Acesso vertical Igreja S13 Atrio S14 Corredor de circulação S15 Oficina de trabalho S16 Ateliê de trabalho S17 Oficina de trabalho S18 Ateliê de trabalho S19 Oficina de trabalho S19 Ateliê de trabalho S111 Oficina de trabalho S112 Ateliê de trabalho S113 Oficina de trabalho S114 Ateliê de trabalho S115 Oficina de trabalho S116 Ateliê de trabalho S117 Sala de reuniões S118 Ateliê de trabalho S119 Oficina de trabalho S120 Ateliê de trabalho S121 Acesso vertical S122 Instalação sanitária F S123 Instalação sanitária M S124 Instalação sanitária MR S125 Corredor de circulação I.S. S126 Atrio S127 Arrumos | <p>Centro de Artes Criativas
Ala Este - Piso 1</p> <ul style="list-style-type: none"> E11 Sala de exposições E12 Sala de exposições E13 Sala de exposições E14 Sala de exposições E15 Sala de exposições E16 Corredor de circulação E17 Sala de exposições <p>Centro de Artes Criativas
Ala Norte - Piso 1</p> <ul style="list-style-type: none"> N1.1 Atrio N1.2 Acesso vertical N1.3 Sala de exposições N1.4 Sala de exposições N1.5 Corredor de circulação N1.6 Acesso vertical <p>Centro de Artes Criativas
Ala Oeste - Piso 1</p> <ul style="list-style-type: none"> O1.1 Galeria de circulação exterior <p>Centro de Artes Criativas
Centro - Piso 1</p> <ul style="list-style-type: none"> C1.1 Pátio | <p>Edifício Auditório
Piso 1</p> <ul style="list-style-type: none"> A1.1 Atrio A1.2 Acesso vertical A1.3 Cafeteria A1.4 Zona técnica A1.5 Atrio |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

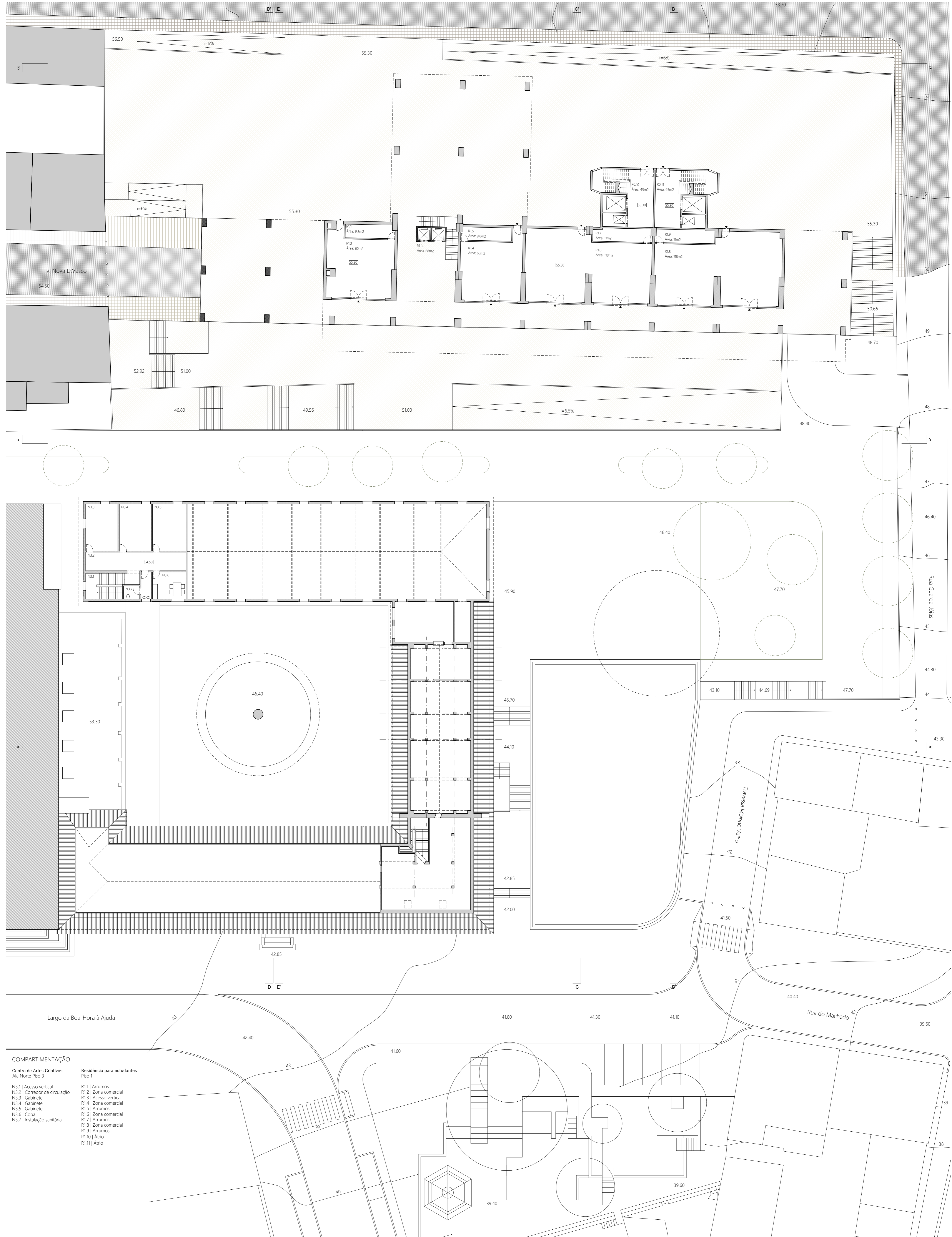
CENTRO DE ARTES CRIATIVAS DA BOA HORA
REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL DE BELÉM / CONVENTO DA BOA-HORA



COMPARTIMENTAÇÃO

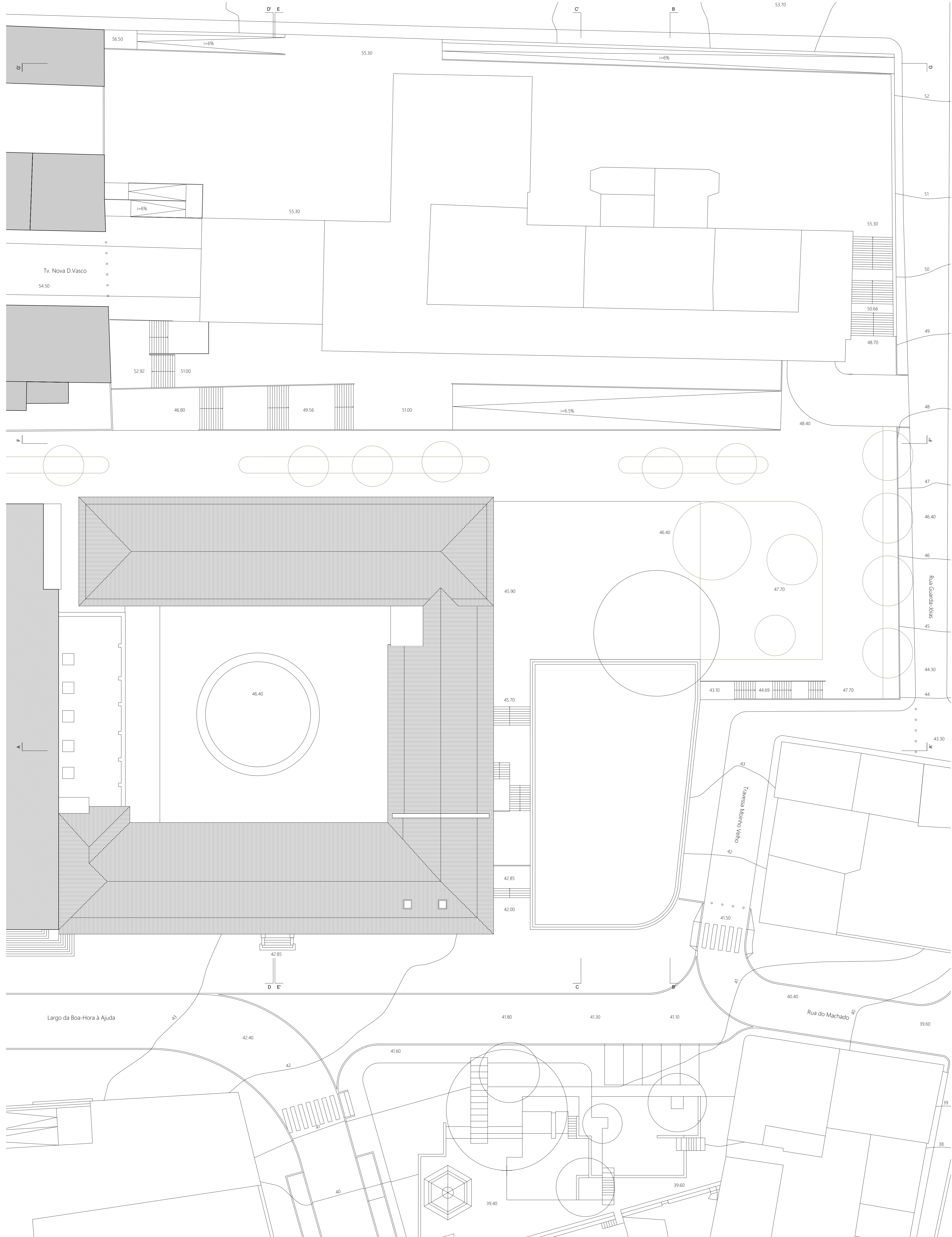
- Centro de Artes Criativas**
Ala Sul - Piso 2
 - S2.1 | Acesso vertical Igreja
 - S2.2 | Atrio
 - S2.3 | Corredor de circulação
 - S2.4 | Sala de reuniões
 - S2.5 | Ateliê de trabalho
 - S2.6 | Oficina de trabalho
 - S2.7 | Ateliê de trabalho
 - S2.8 | Oficina de trabalho
 - S2.9 | Ateliê de trabalho
 - S2.10 | Oficina de trabalho
 - S2.11 | Ateliê de trabalho
 - S2.12 | Oficina de trabalho
 - S2.13 | Ateliê de trabalho
 - S2.14 | Oficina de trabalho
 - S2.15 | Ateliê de trabalho
 - S2.16 | Sala de reuniões
 - S2.17 | Ateliê de trabalho
 - S2.18 | Oficina de trabalho
 - S2.19 | Ateliê de trabalho
 - S2.20 | Oficina de trabalho
 - S2.21 | Ateliê de trabalho
 - S2.22 | Acesso vertical
 - S2.23 | Instalação sanitária F
 - S2.24 | Instalação sanitária M
 - S2.25 | Instalação sanitária MR
 - S2.26 | Corredor de circulação I.S.
 - S2.27 | Atrio
- Centro de Artes Criativas**
Ala Este - Piso 2
 - E2.1 | Sala de exposições
 - E2.2 | Sala de exposições
 - E2.3 | Sala de exposições
 - E2.4 | Sala de exposições
 - E2.5 | Sala de exposições
 - E2.6 | Corredor de circulação
- Centro de Artes Criativas**
Ala Norte - Piso 2
 - N2.1 | Acesso vertical
 - N2.2 | Atrio
 - N2.3 | Corredor de circulação
 - N2.4 | Acesso vertical
- Centro de Artes Criativas**
Ala Oeste - Piso 2
 - O2.1 | Galeria de circulação exterior
- Residência para estudantes**
Piso 2
 - R0.1 | Instalação sanitária M
 - R0.2 | Instalação sanitária MR
 - R0.3 | Instalação sanitária F
 - R0.4 | Corredor de circulação I.S.
 - R0.5 | Arrumos
 - R0.6 | Zona comercial
 - R0.7 | Arrumos
 - R0.8 | Zona comercial
 - R0.9 | Arrumos
 - R0.10 | Zona comercial
 - R0.11 | Acesso vertical
 - R0.12 | Zona comercial
 - R0.13 | Arrumos
 - R0.14 | Zona comercial
 - R0.15 | Arrumos
 - R0.16 | Zona comercial
 - R0.17 | Zona comercial
 - R0.18 | Zona comercial
 - R0.19 | Atrio
 - R0.20 | Zona comercial
 - R0.21 | Atrio
 - R0.22 | Zona comercial
 - R0.23 | Arrumos

- Pavimento existente | Calçada portuguesa branca
- Pavimento proposto | Calçada portuguesa branca
- Pavimento existente | Alcatrão existente
- Pavimento proposto | Calçada portuguesa cinzento escuro
- Pavimento proposto | Lajetas de betão branco



- COMPARTIMENTAÇÃO**
- | | |
|------------------------------------------------------|---------------------------------------------|
| Centro de Artes Criativas
Ala Norte Piso 3 | Residência para estudantes
Piso 1 |
| N3.1 Acesso vertical | R1.1 Arrumos |
| N3.2 Corredor de circulação | R1.2 Zona comercial |
| N3.3 Gabinete | R1.3 Acesso vertical |
| N3.4 Gabinete | R1.4 Zona comercial |
| N3.5 Gabinete | R1.5 Arrumos |
| N3.6 Copa | R1.6 Zona comercial |
| N3.7 Instalação sanitária | R1.7 Arrumos |
| | R1.8 Zona comercial |
| | R1.9 Arrumos |
| | R1.10 Átrio |
| | R1.11 Átrio |

CENTRO DE ARTES CRIATIVAS DA BOA HORA
REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL DE BELÉM / CONVENTO DA BOA-HORA





ALÇADO NORTE



ALÇADO SUL



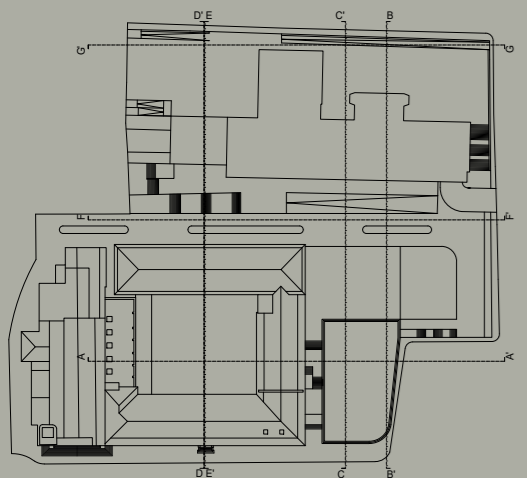
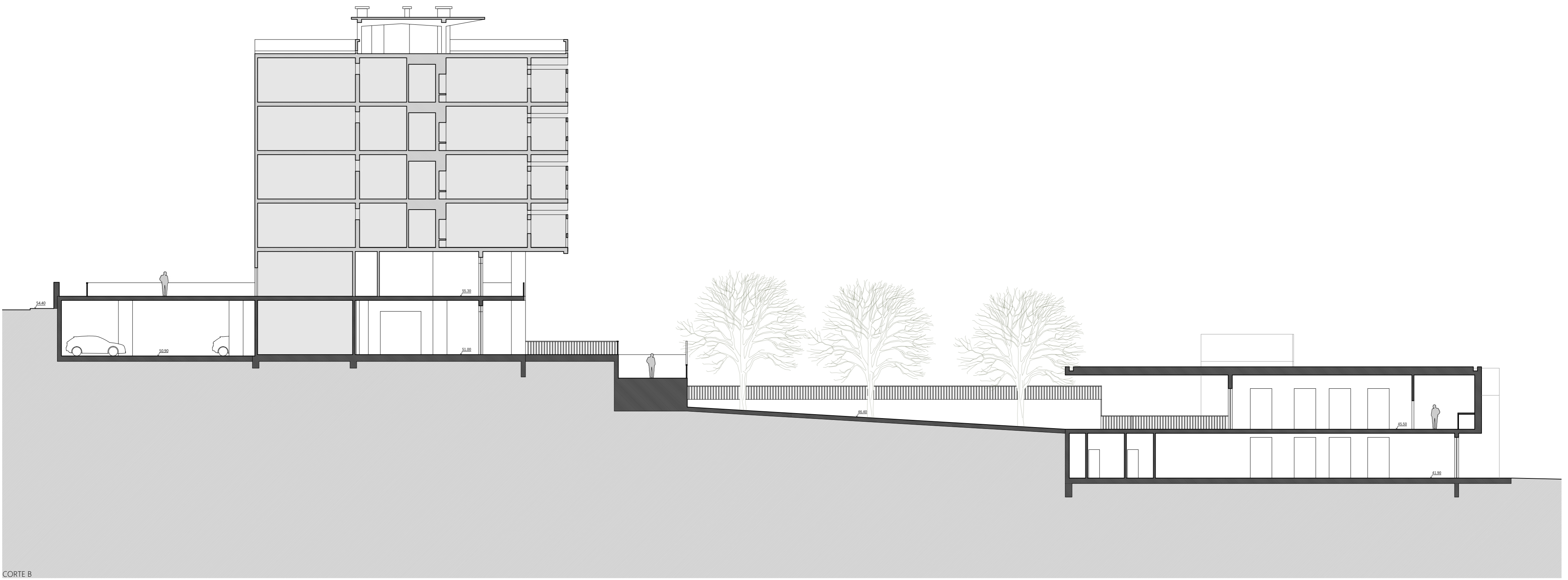
CORTE A

CENTRO DE ARTES CRIATIVAS DA BOA HORA
REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL DE BELÉM / CONVENTO DA BOA-HORA



MARIA HORÁK 20171277
PROJETO FINAL PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFÍCIO
ORIENTADORES: Professor Doutor Nuno Miguel Arenga Reis | Professor Doutor José Maria Lobo de Carvalho

UM EDIFÍCIO DEVOLVIDO À CIDADE
ALÇADO NORTE, SUL E CORTE A
ESCALA 1:200

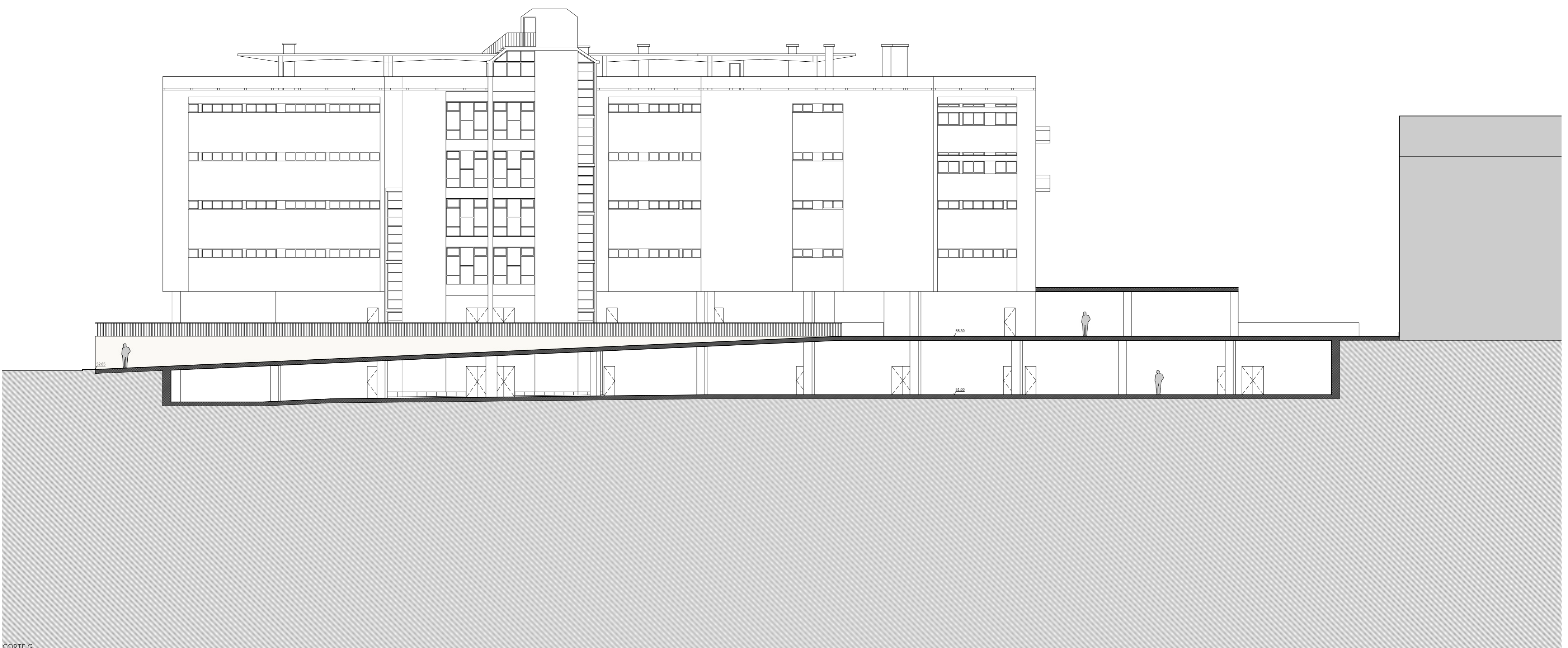




CORTE E



CORTE F



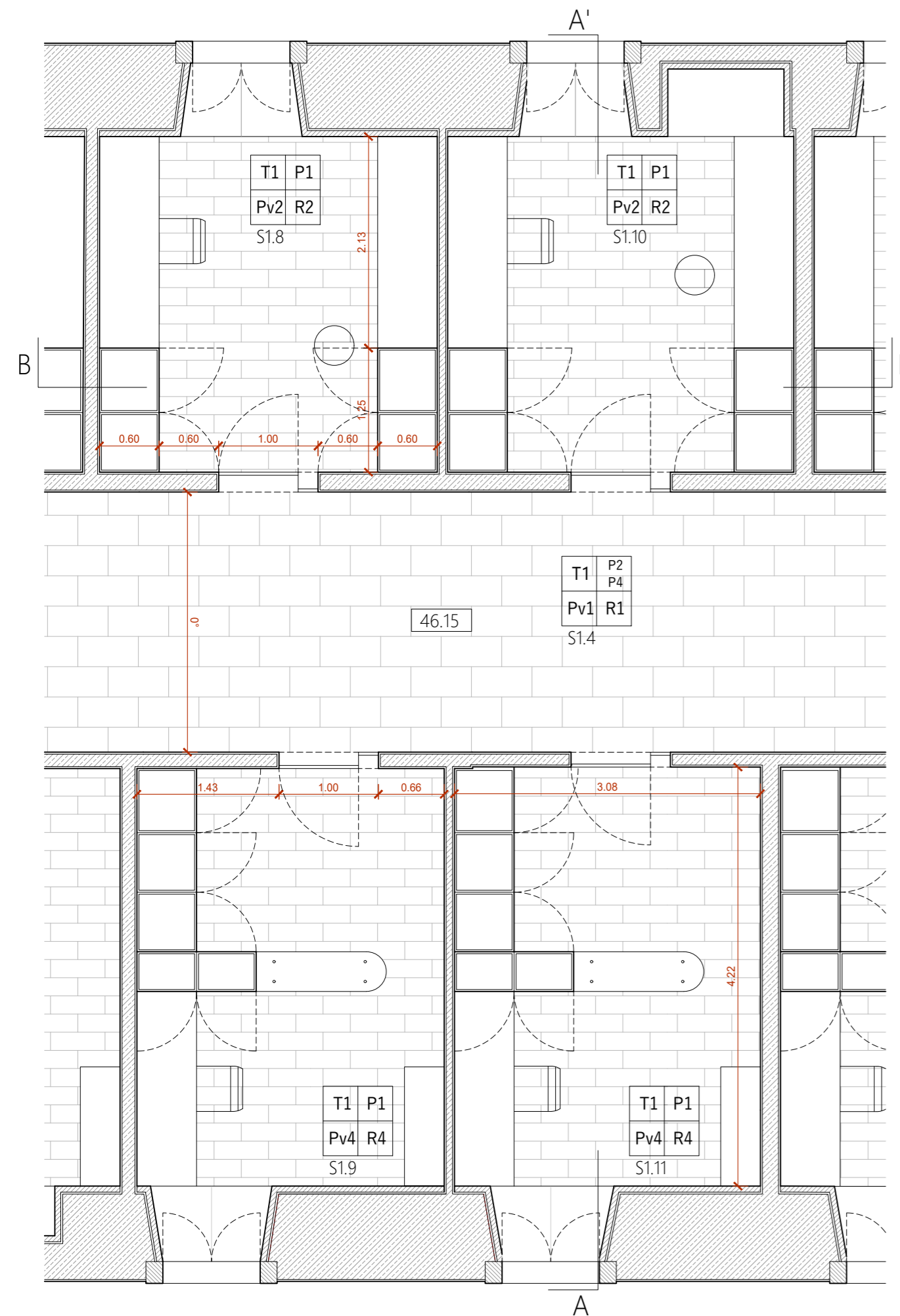
CORTE G

CENTRO DE ARTES CRIATIVAS DA BOA HORA
 REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL DE BELÉM / CONVENTO DA BOA-HORA

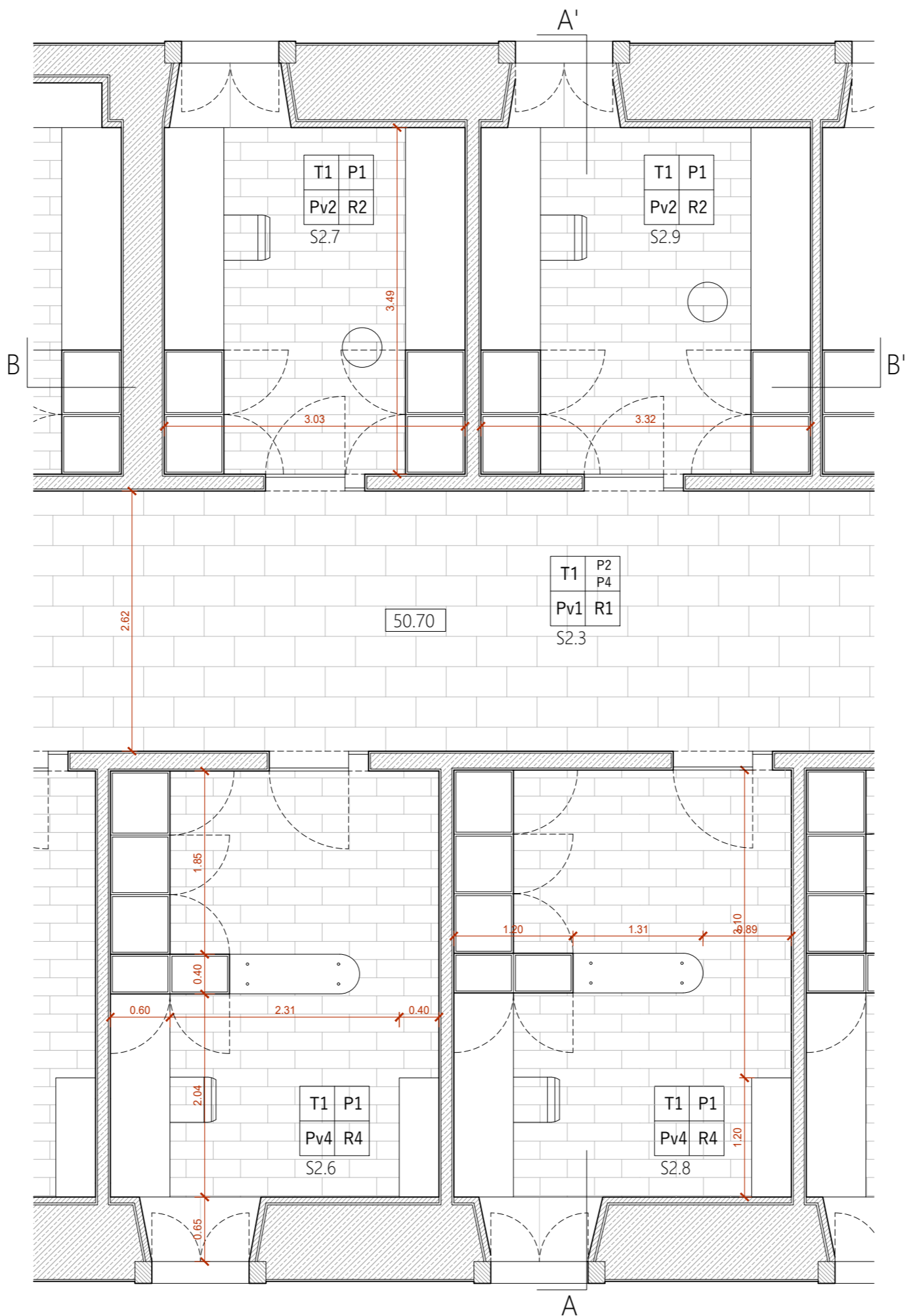


MARIA HORÁK 20171277
 PROJETO FINAL PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM ARQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO
 ORIENTADORES: Professor Doutor Nuno Miguel Arenga Reis | Professor Doutor José Maria Lobo de Carvalho

UM EDIFÍCIO DEVOLVIDO À CIDADE
 CORTES E, F E G
 ESCALA 1:200



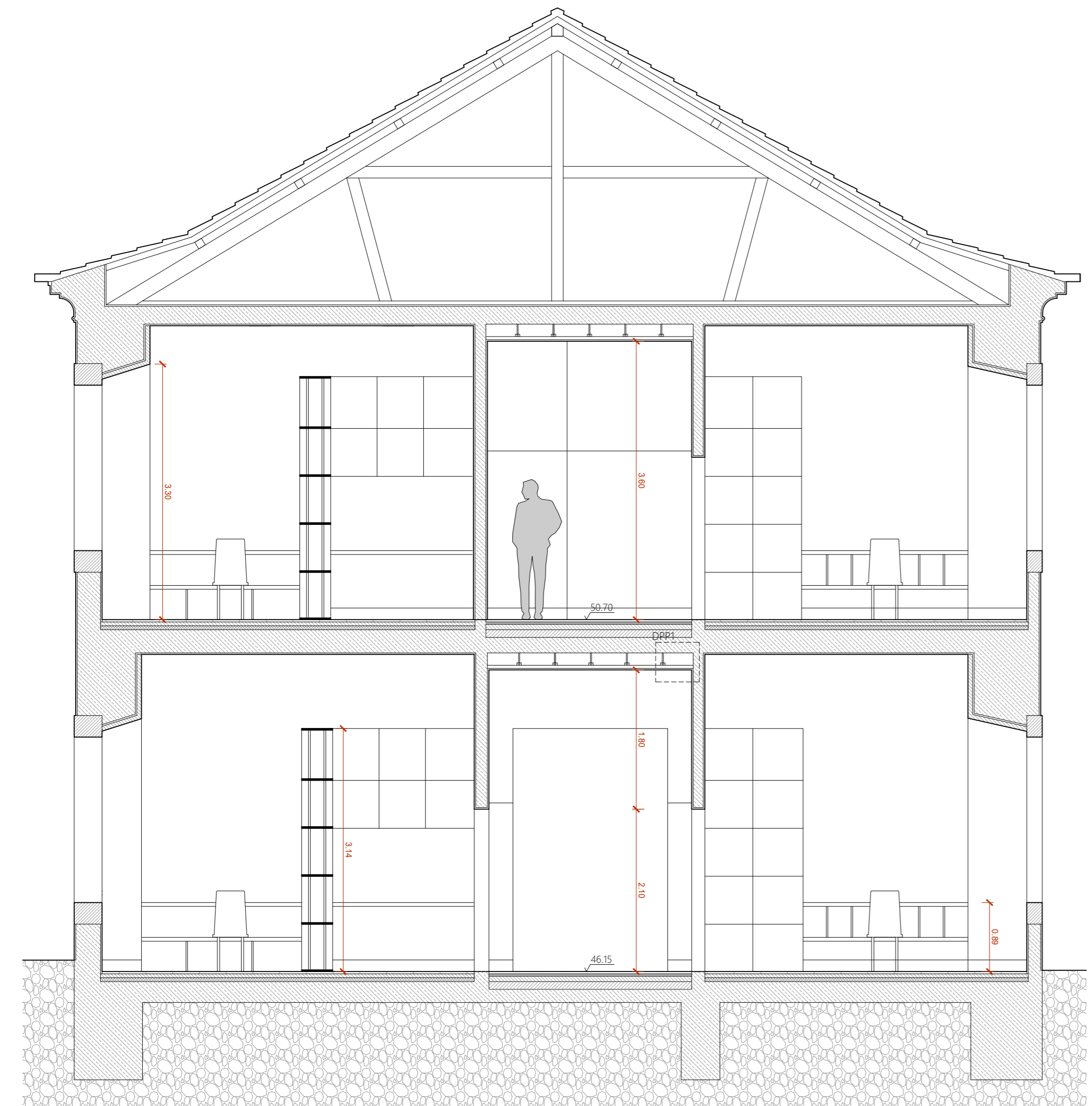
PLANTA PISO 1



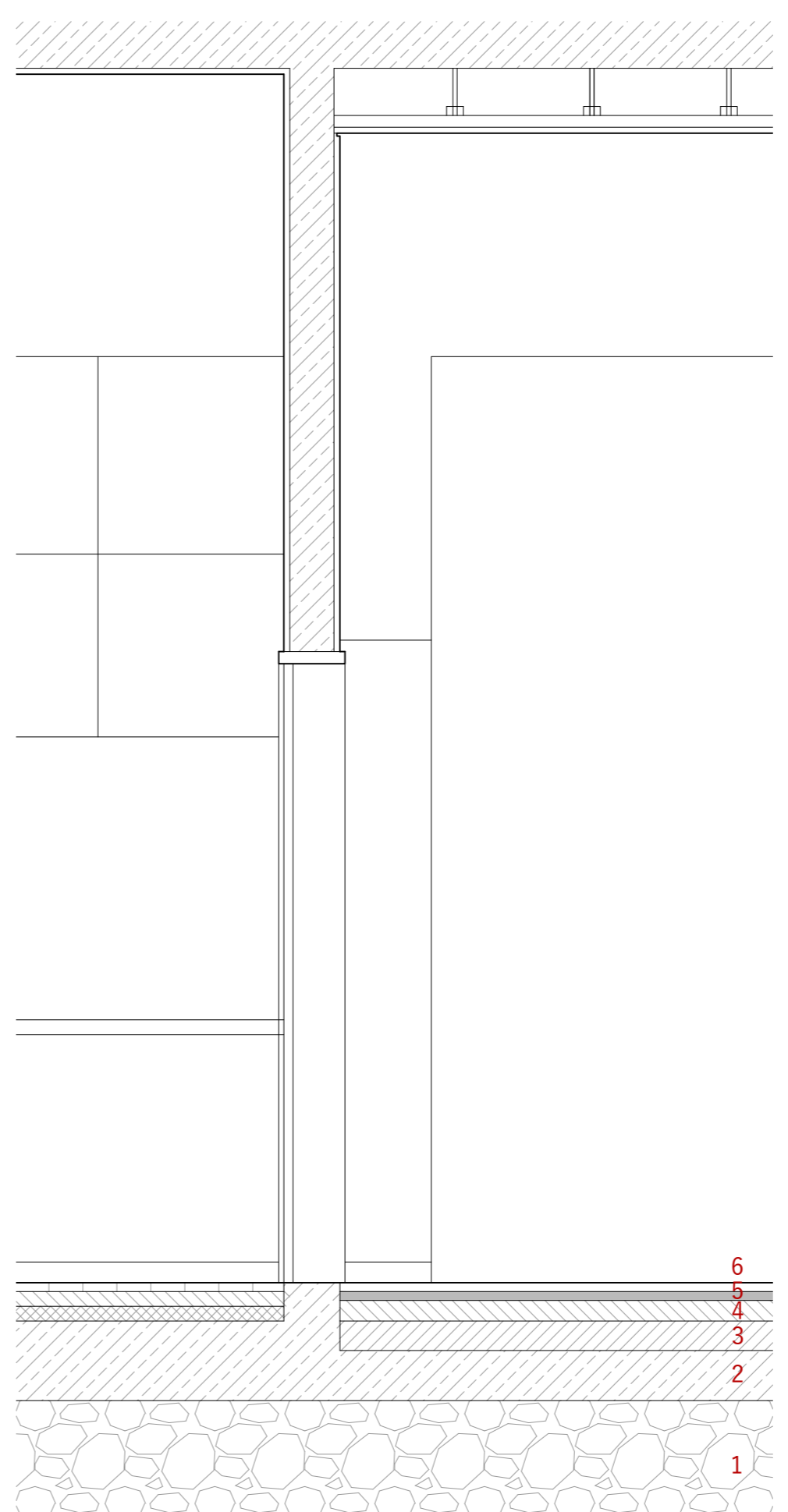
PLANTA PISO 2



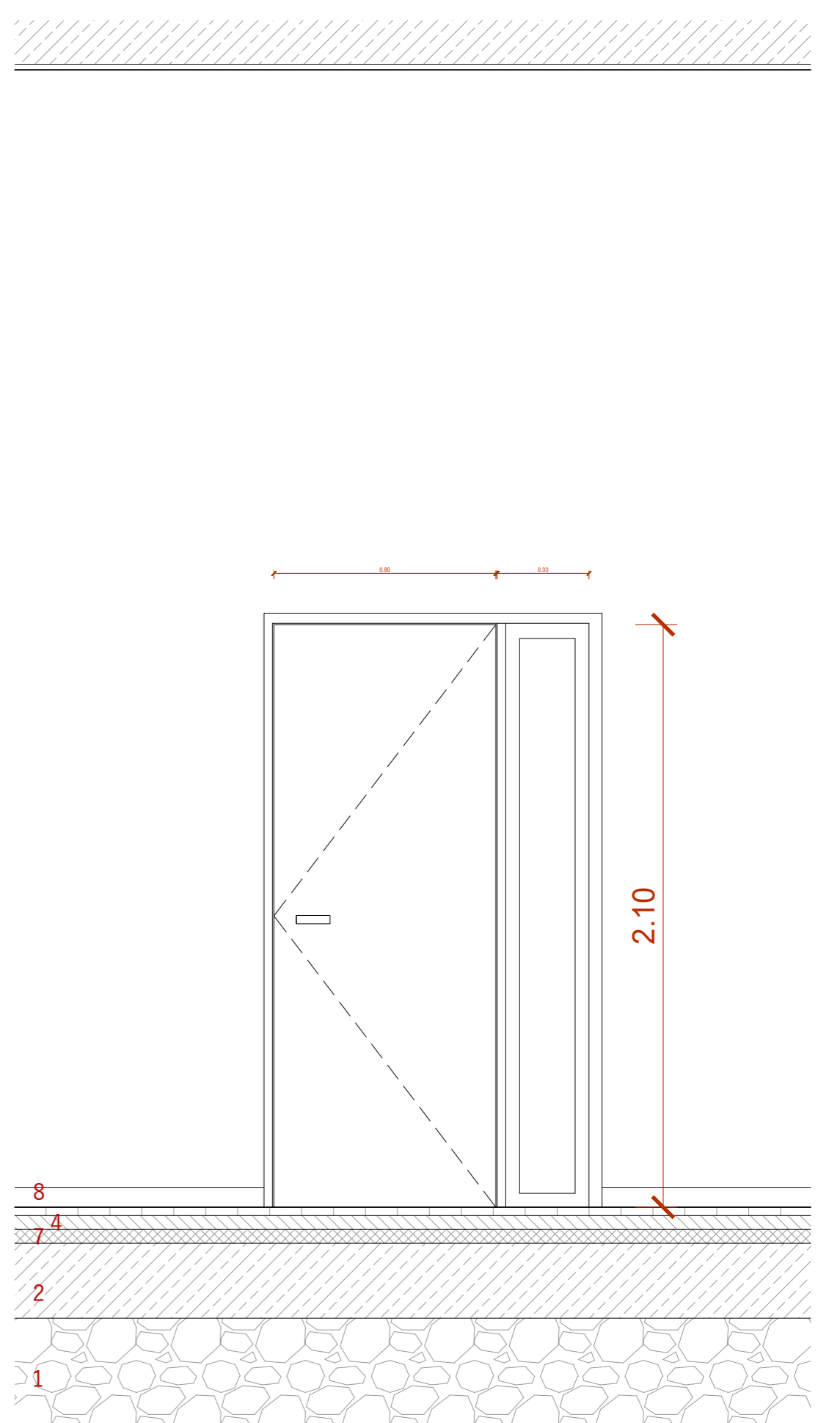
CORTE BB'



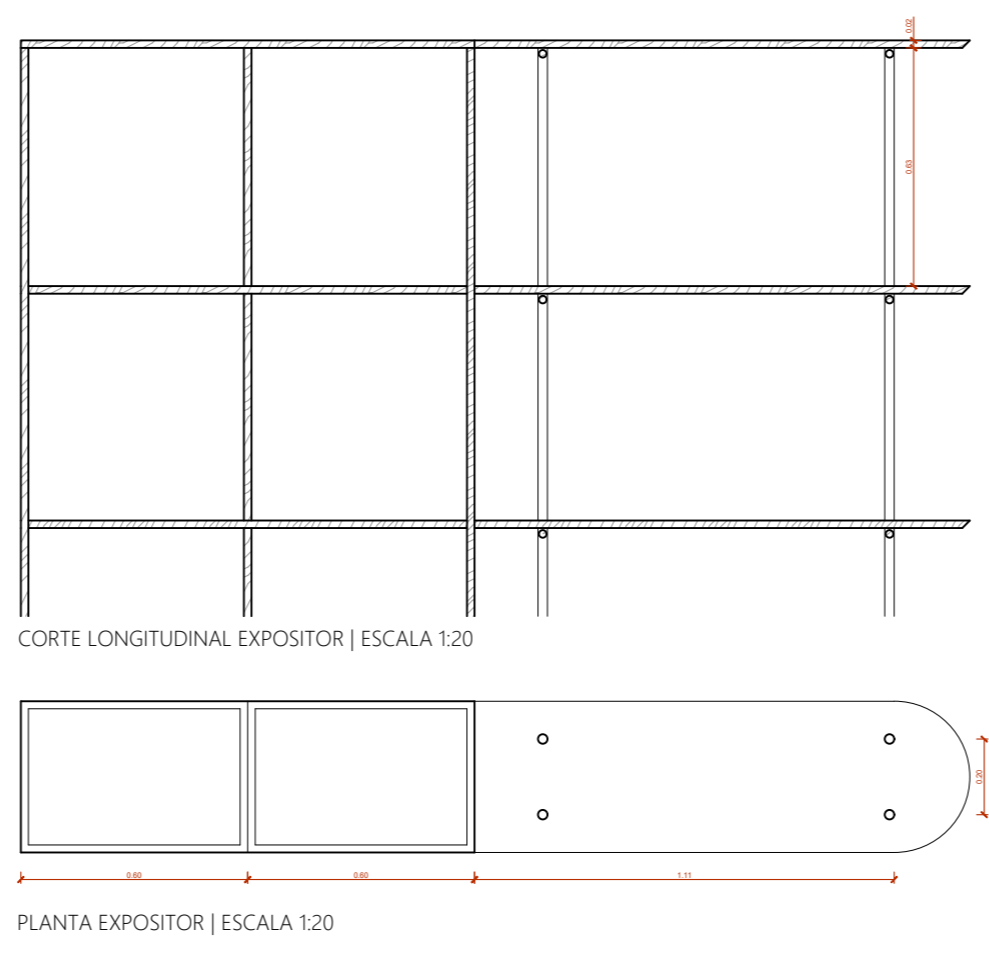
CORTE AA'



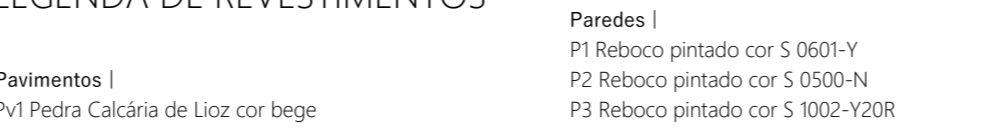
CORTE TRANSVERSAL PORTA INTERIOR | ESCALA 1:20



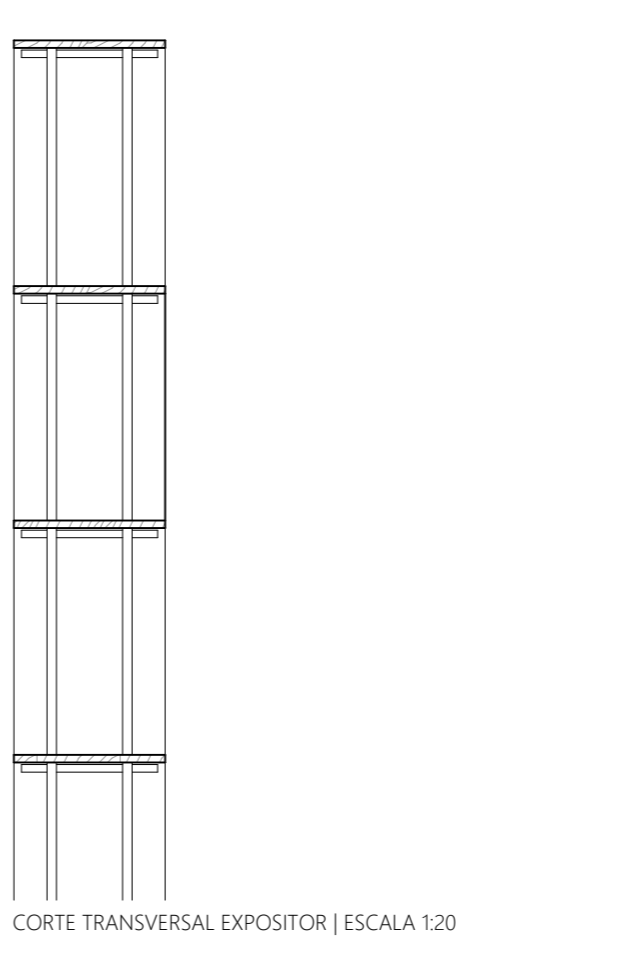
ALÇADO PORTA INTERIOR | ESCALA 1:20



CORTE LONGITUDINAL EXPOSITOR | ESCALA 1:20



PLANTA EXPOSITOR | ESCALA 1:20



CORTE TRANSVERSAL EXPOSITOR | ESCALA 1:20

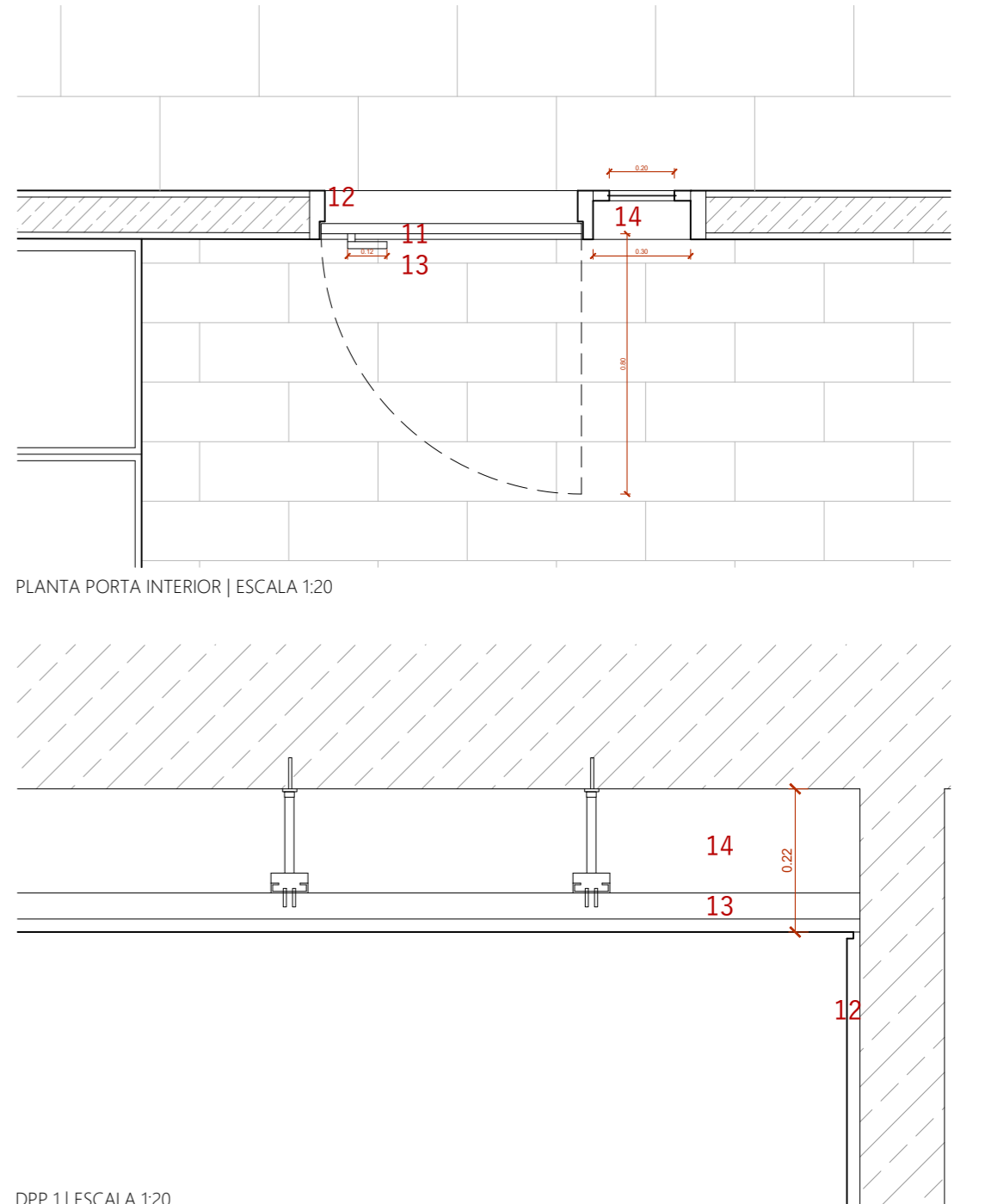
LEGENDA DE REVESTIMENTOS

- Pavimentos |**
 Pv1 Pedra Calcária de Lioz cor bege
 Pv2 Soalho de Madeira Carvalho
 Pv3 Pavimento Cerâmico cinza cor S 1001-G
 Pv4 Pavimento Cerâmico mate cor S 2005-Y50R
- Rodapés |**
 R1 Pedra Calcária de Lioz cor bege
 R2 tabuado de Madeira de Carvalho
 R3 Cerâmico cinza cor S 1001-G
 R4 Cerâmico mate cor S 2005-Y50R

- Paredes |**
 P1 Reboco pintado cor S 0601-Y
 P2 Reboco pintado cor S 0500-N
 P3 Reboco pintado cor S 1002-Y20R
 P4 Reboco pintado cor S 1505-R20B
 P5 Reboco pintado cor S 4020-Y70R
- Tetos |**
 T1 Reboco pintado cor S 0500-N
- Estrutura |**
 Alvenaria mista
 Alvenaria em tijolo

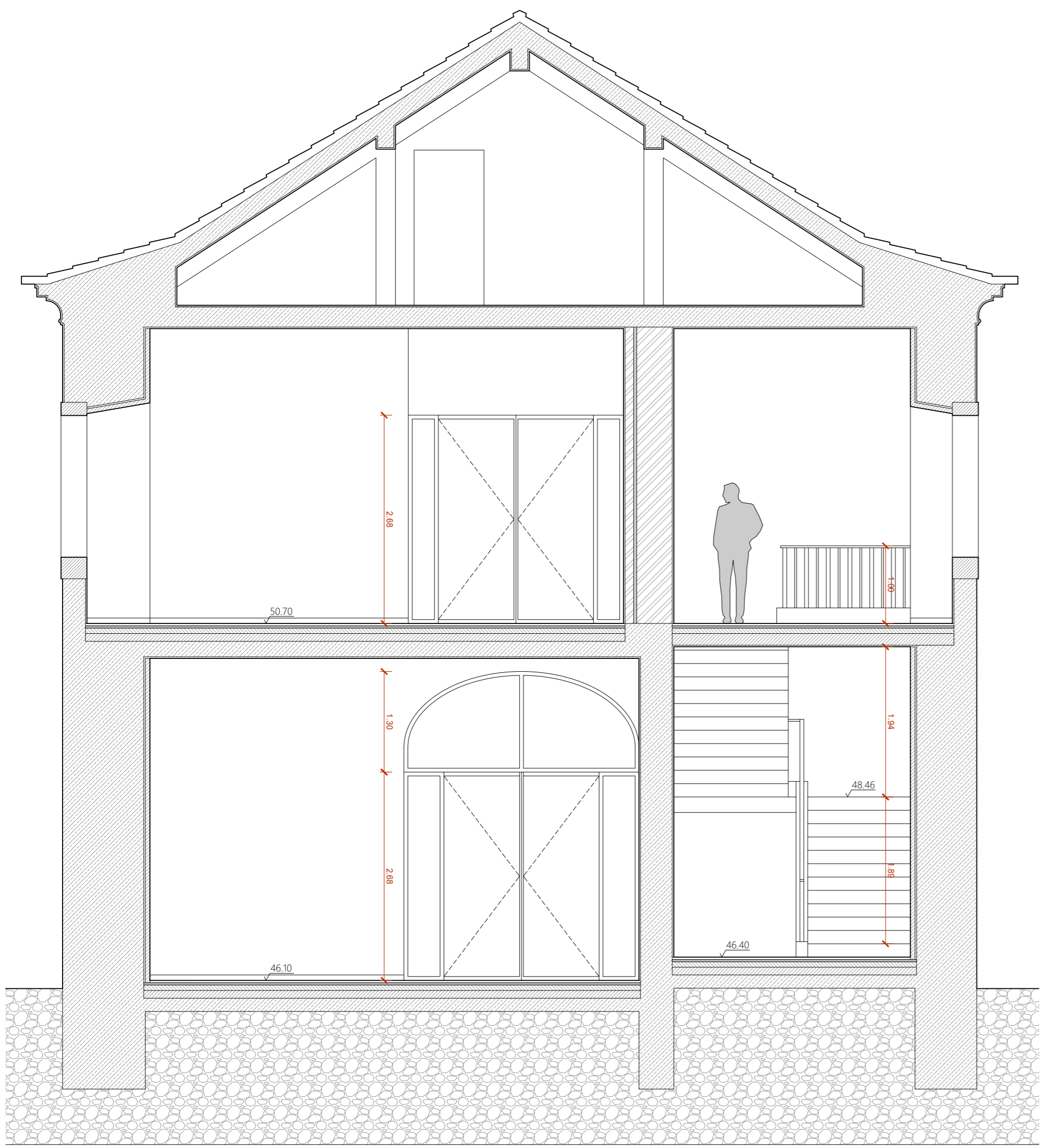
LEGENDA

- Enrocamento
- Laje de Betão
- Camada de betonilha
- Camada de regularização
- Argamassa de assentamento
- Revestimento em pedra calcária de lioz
- Isolamento em lâ mineral de rocha
- Soalho de Madeira de Carvalho
- Vara de Madeira de pinho 2 mm
- Tabuado de Madeira de pinho
- Folha da porta de madeira de Carvalho
- Guarnição em alumínio
- Puxador em alumínio
- Argamassa de assentamento
- Caixilho em alumínio + vidro 2 mm
- Reboco de cal hidráulica
- Placa Simples de Gesso Cartonado
- Caixa de ar
- Chapa metálica
- Guarda em alumínio 5x5 mm

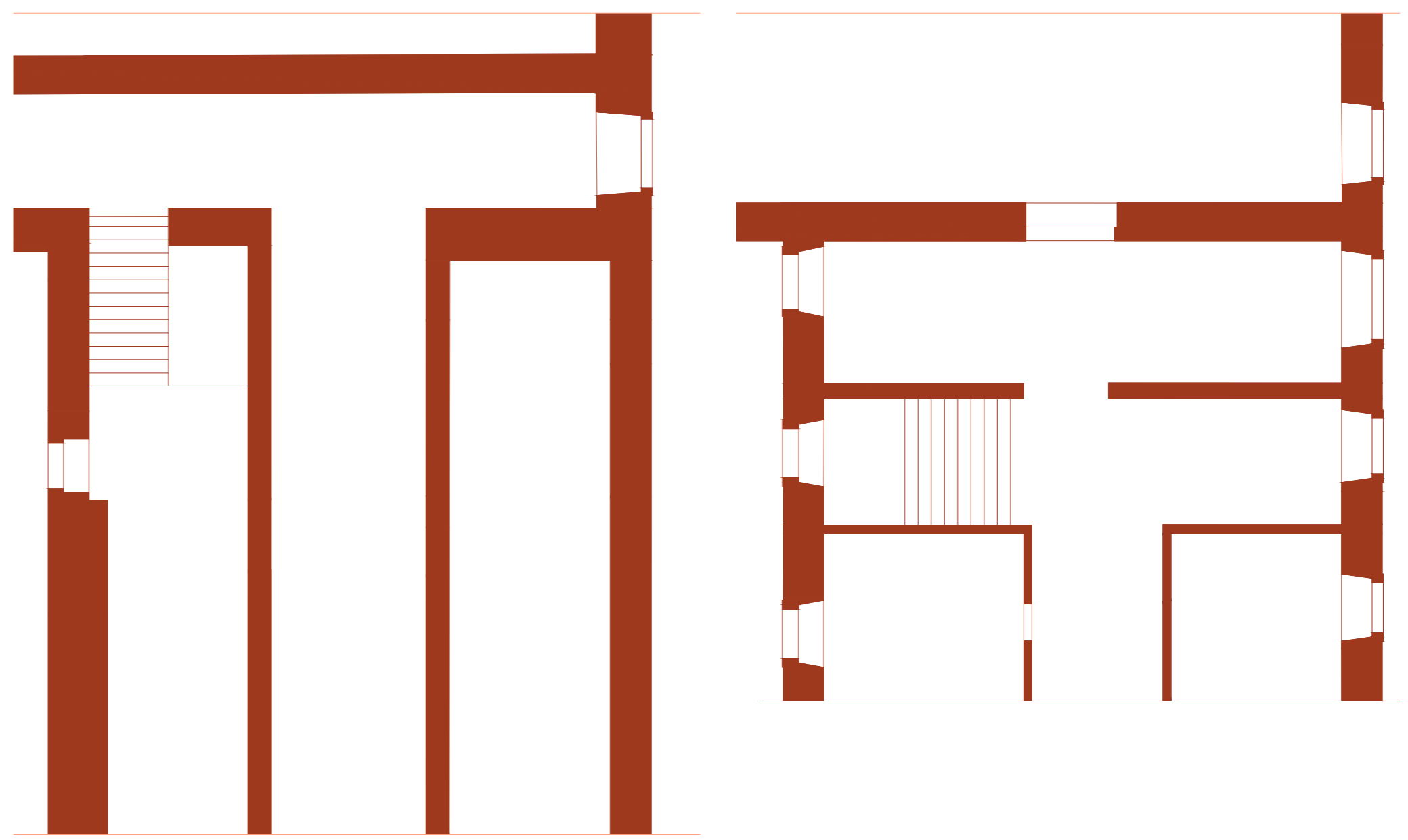


PLANTA PORTA INTERIOR | ESCALA 1:20

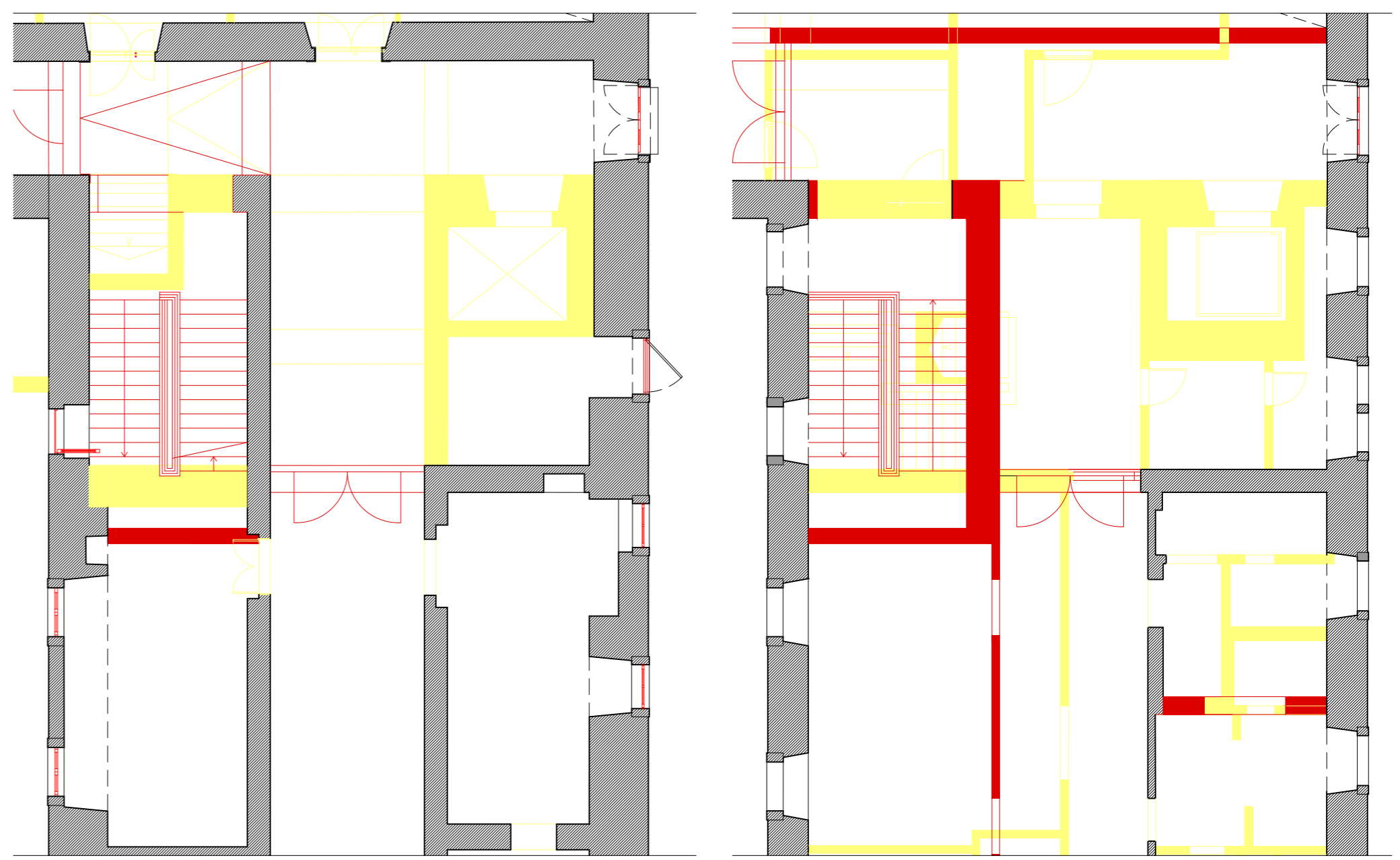
DPP | ESCALA 1:20



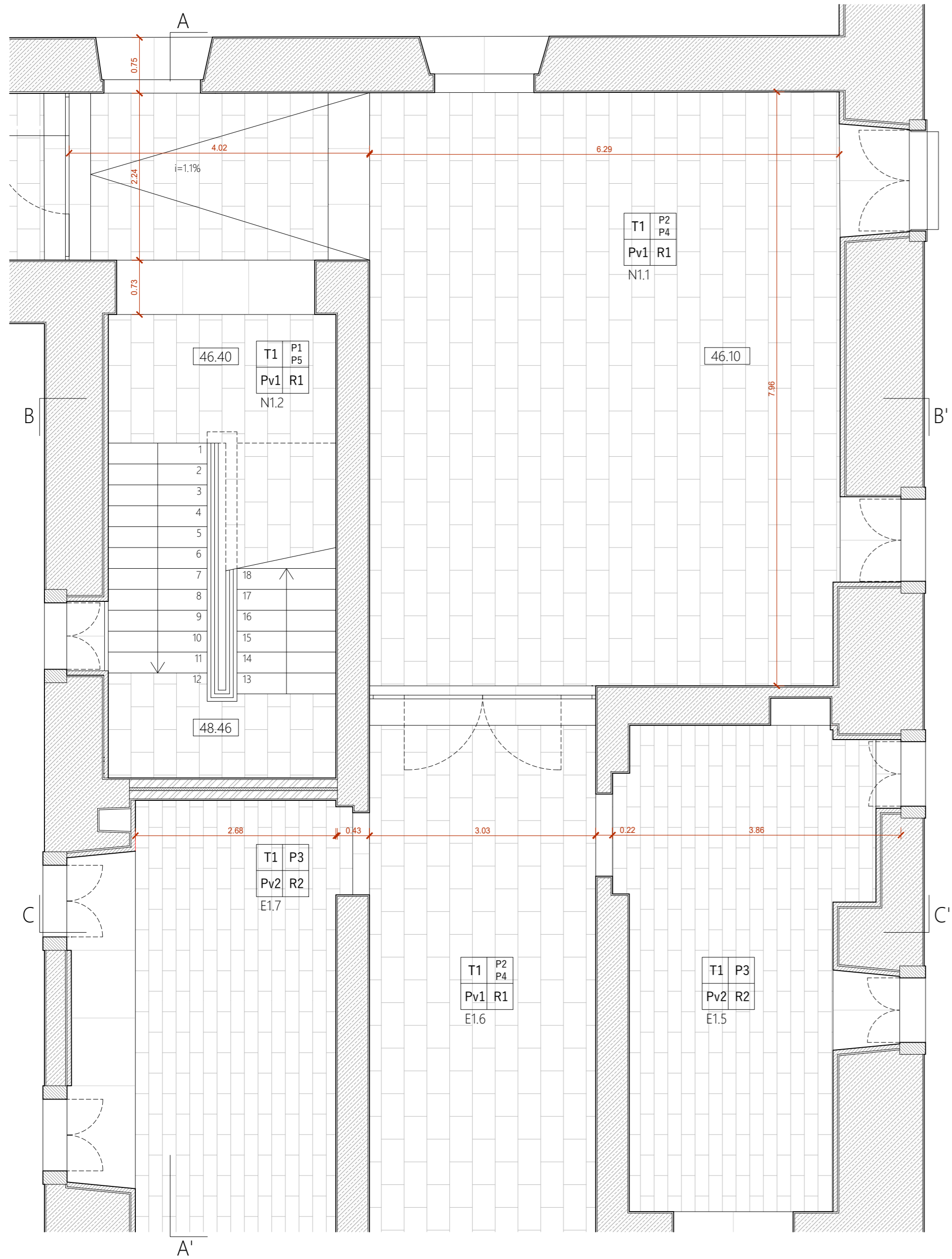
CORTE BB'



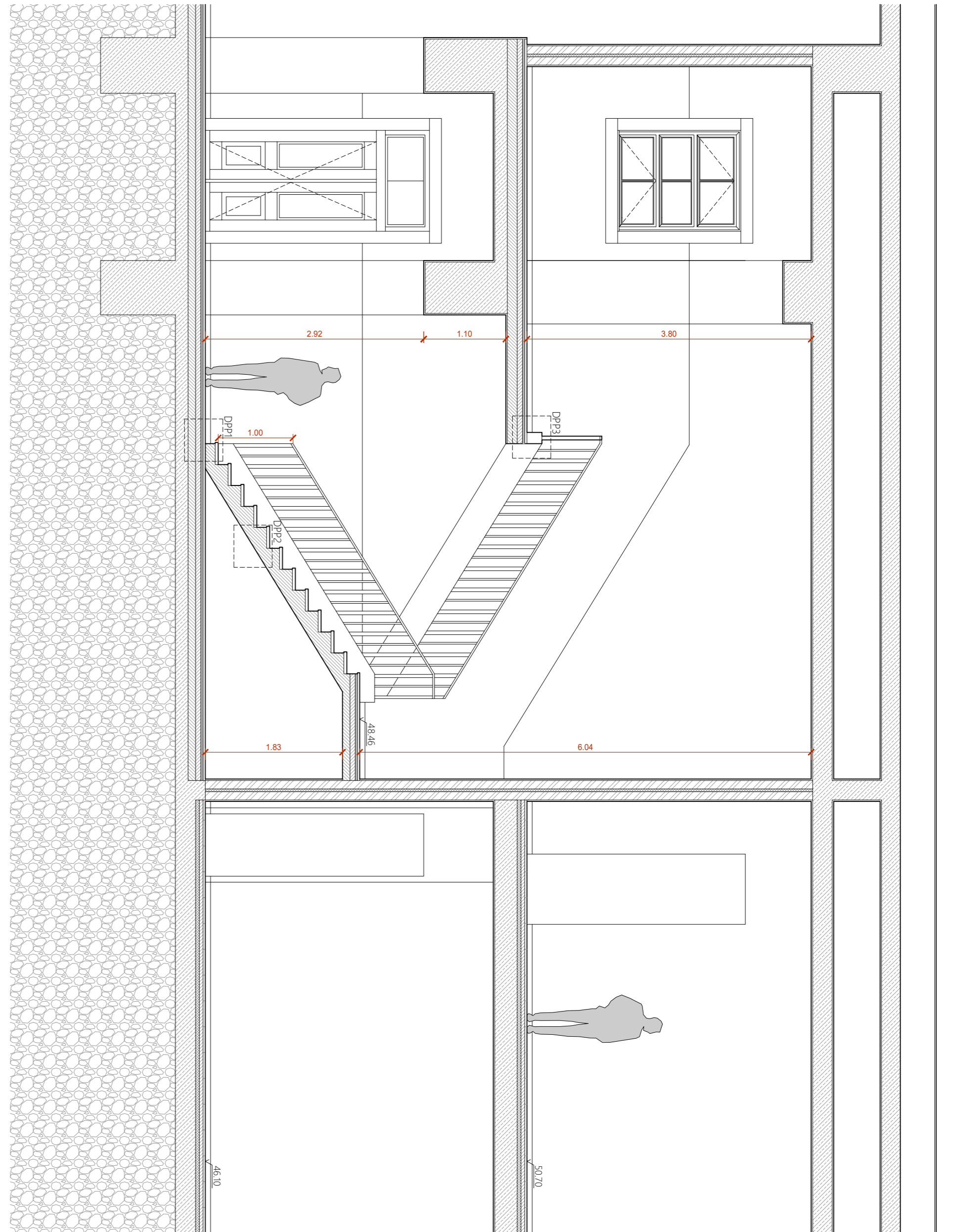
PLANTA HISTÓRICA DE 1852 | PLANTA PISO 1 E 2



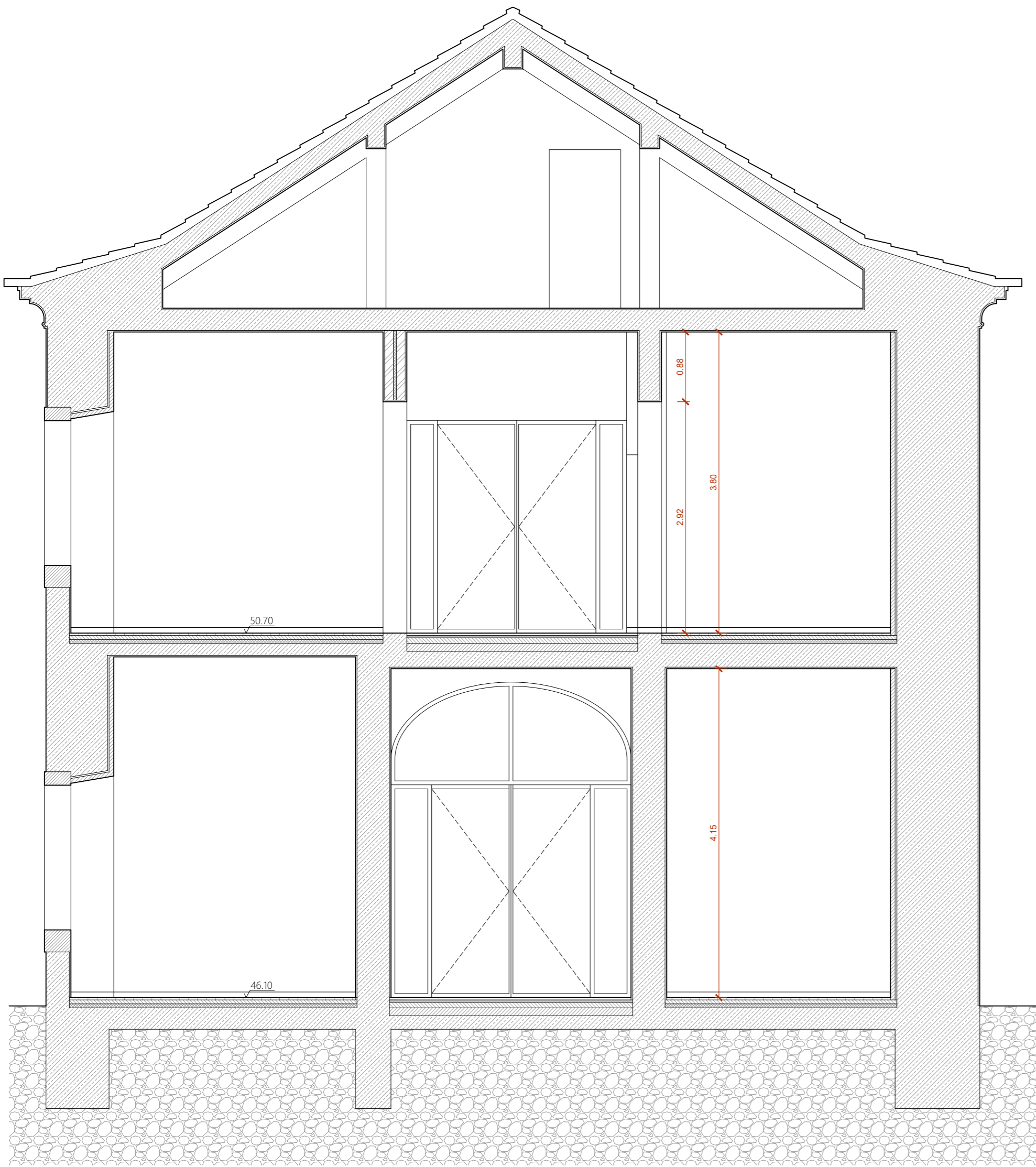
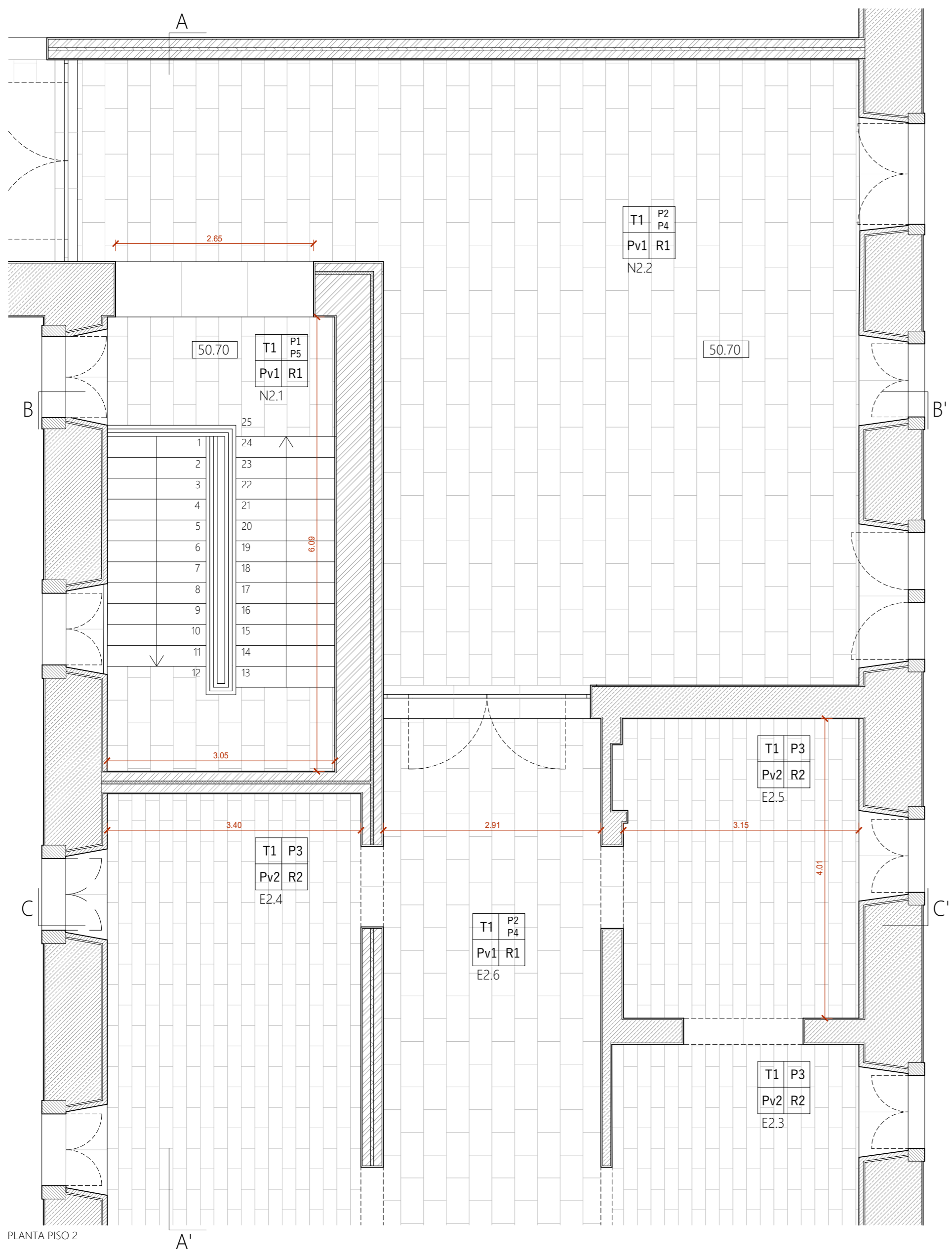
AMARELOS E ENCARNADOS 2022 | PLANTA PISO 1 E 2



PLANTA PISO 1



CORTE AA'



LEGENDA

- 1. Enrocamento
- 2. Laje de Betão
- 3. Camada de regularização
- 4. Camada de betonilha
- 5. Argamassa de assentamento
- 6. Revestimento em pedra calcária de lioz
- 7. Isolamento em lâ mineral de rocha
- 8. Soalho de Madeira de Carvalho
- 9. Vara de Madeira de pinho 2 mm
- 10. Tabuado de Madeira de pinho
- 11. Folha da porta de madeira de Carvalho
- 12. Guarnição em alumínio
- 13. Puxador em alumínio
- 14. Caixa em alumínio + vidro 2 mm
- 15. Reboco de cal hidráulica
- 16. Placa Simples de Gesso Cartonado
- 17. Caixa de ar
- 18. Chapa metálica
- 19. Guarda em alumínio 5x5 mm

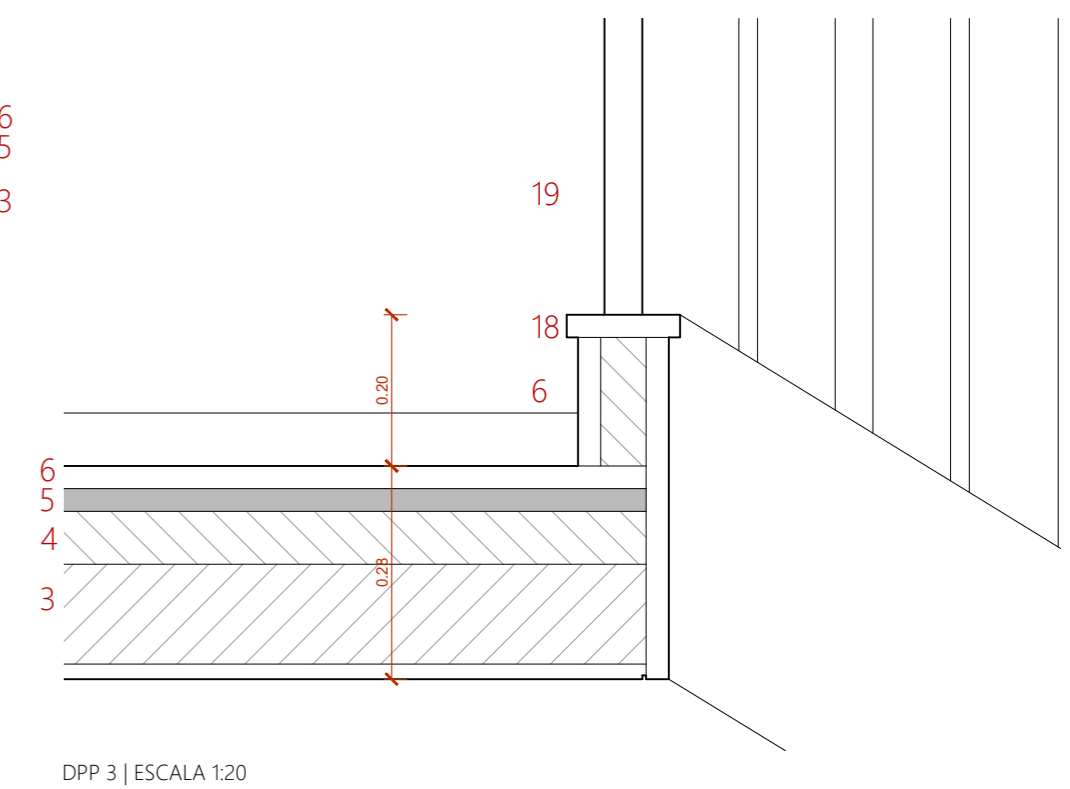
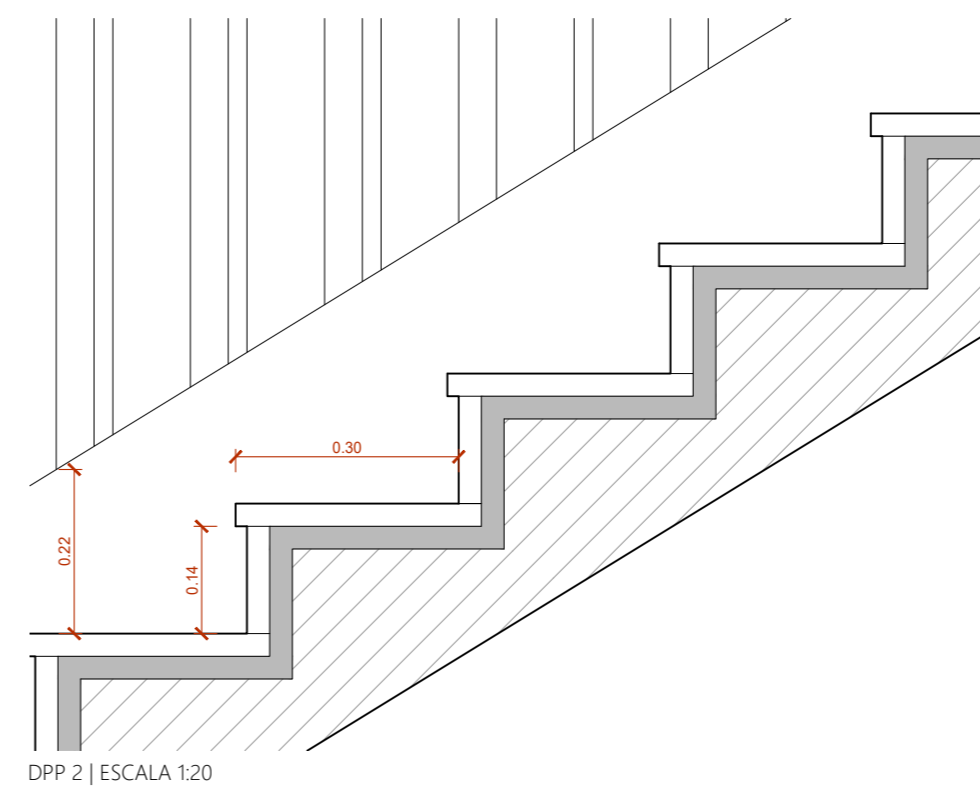
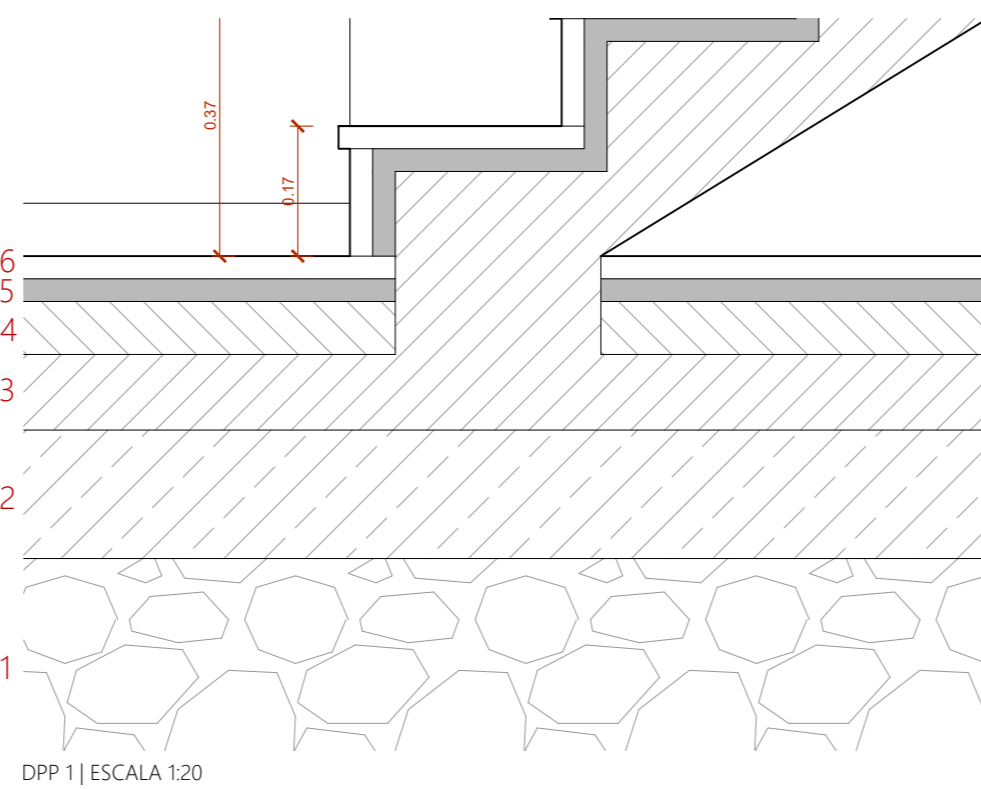
LEGENDA DE REVESTIMENTOS

- Pavimentos |**
- Pv1 Pedra Calcária de Lioz cor bege
 - Pv2 Soalho de Madeira Carvalho
 - Pv3 Pavimento Cerâmico cinza cor S.1001-G
 - Pv4 Pavimento Cerâmico mate cor S.2005-Y50R
- Rodapés |**
- R1 Pedra Calcária de Lioz cor bege
 - R2 tabuado de Madeira de Carvalho
 - R3 Cerâmico cinza cor S.1001-G
 - R4 Cerâmico mate cor S.2005-Y50R

- Paredes |**
- P1 Reboco pintado cor S.0601-Y
 - P2 Reboco pintado cor S.0500-N
 - P3 Reboco pintado cor S.1002-Y20R
 - P4 Reboco pintado cor S.1505-R20B
 - P5 Reboco pintado cor S.4020-Y70R

- Tetos |**
- T1 Reboco pintado cor S.0500-N

- Estrutura |**
- A1 Alvenaria mista
 - A2 Alvenaria em tijolo



CENTRO DE ARTES CRIATIVAS DA BOA HORA
REABILITAÇÃO DO ANTIGO HOSPITAL DE BELÉM / CONVENTO DA BOA-HORA